

Online ISSN 2447-4878

Revista  
**ENSAIOS  
TEOLÓGICOS**

Vol. 7 ▪ n. 1 ▪ Junho | 2021

Faculdade Batista  
**Pioneira**

ISSN 2447-4878

# REVISTA ENSAIOS TEOLÓGICOS

Bíblia – Teologia – Prática

Volume 07 – Número 01 – Junho / 2021

## Missão

Proporcionar espaço para compartilhamento  
dos saberes teológicos em construção

Projeto de Iniciação Científica

**Faculdade Batista**  
**Pioneira**



---

R454 Revista Ensaios Teológicos: Bíblia, teologia, prática /  
Faculdade Batista Pioneira; editora responsável Marivete Zanoni Kunz  
v. 07, n. 01, Jun. 2021. - Ijuí: Faculdade Batista Pioneira, 2021. -  
183 p.

Semestral  
ISSN 2447-4878

1. Bíblia. 2. Teologia. 3. Prática. 4. Ministério. 5. Igreja. I. Faculdade Batista Pioneira. II. Kunz, Marivete Zanoni. III. Título. IV. Título: Bíblia, teologia, prática.

CDU : 2(05)

---

Aline Morales dos Santos Theobald

CRB10/1879

Site: [ensaiosteologicos.fbp.edu.br](http://ensaiosteologicos.fbp.edu.br)

Projeto de Iniciação Científica

Os pontos de vista expostos nos artigos são de inteira responsabilidade de seus autores, e não necessariamente refletem a opinião do editor ou da instituição.

Solicita-se permuta / We request exchange  
Wir erbitten Austausch / Se pide cambio



Ensaios Teológicos está licenciada com uma Licença Creative Commons  
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

Indexador



**Faculdade Batista**  
**Pioneira**

Rua Dr. Pestana, 1021 – Centro – Ijuí / RS – 98700-000  
(55) 3332-2205 – [faculdade@batistapioneira.edu.br](mailto:faculdade@batistapioneira.edu.br)  
[www.batistapioneira.edu.br](http://www.batistapioneira.edu.br)

# REVISTA ENSAIOS TEOLÓGICOS

## Direção Geral

Dr. Claiton André Kunz

## Editora Responsável

Dr<sup>a</sup> Marivete Zaroni Kunz

## Conselho Editorial

Dr. Alcir Souza (Seminário Teológico Batista de Queluz / Portugal)

Dr<sup>a</sup>. Analzira Nascimento (Faculdade Batista de SP)

Dr. Claiton André Kunz (Faculdade Batista Pioneira)

Dr. Claus Schwambach (Faculdade Luterana de Teologia)

Dr. David Bledsoe (Southeastern Baptist Theological Seminary)

Dr. Gleyds Silva Domingues (Faculdades Batista do Paraná)

Dr<sup>a</sup>. Madalena Molochenco (Faculdade Evangélica de São Paulo)

Dr<sup>a</sup>. Monica Pinz Alves (Faculdade Batista Pioneira)

Dr. Rogel Esteves de Oliveira (Faculdade Batista Pioneira)

Dr. William Lacy Lane (Faculdade Teológica Sul Americana)

## Comissão Consultiva

Me. Anderson Guimarães Cavalcanti (Seminário Teológico Batista de São Luís)

Me. Carlos Alberto Bezzerá (Faculdade Batista do Cariri)

Me. Cleison R. R. Mlanarczyki (Regent College / Canadá)

Me. Edmar Pedrosa (Faculdade Teológica Batista de Campinas)

Me. Efstathios Tsotsos (Faculdade Teológica Batista de SP)

Me. Gabriel Giroto Lauter (Séminaire Baptiste Évangélique du Québec / Canadá)

Ma. Harriet Wondracek Krüger (Faculdade Batista Pioneira)

Dr. Igor Pohl Baumann (Durham University / Inglaterra)

Dr. Josemar Valdir Modes (Faculdade Batista Pioneira)

Dr. Reginaldo P. de Moraes (Faculdades Batista do Paraná)

Dr<sup>a</sup> Sandra Fátima Krüger Gusso (Faculdades Batista do Paraná)

Dr. Vitor Hugo Schell (Faculdade Luterana de Teologia)

Me. William Tenório Quintela (Faculdade Teológica Batista de SP)

## Revisão

Ma. Juliana Scheibner Dellafavera

## Revisão do Abstract

Bernardo Stollmeier Kuss

## Diagramação e Editoração Eletrônica

Dr. Claiton André Kunz

## Capa

Delize Grando



## LEMA

Vocação levada a sério.

## VISÃO

Ser referência no Brasil pela qualidade no ensino teológico,  
tendo a Bíblia como Palavra de Deus.

## MISSÃO

Formar teólogos capazes de aplicar o conhecimento para melhorar a  
qualidade de vida espiritual, política, econômica e social.

## VALORES

Bíblia como Palavra de Deus  
Amor a Deus e ao próximo na prática  
Cristo como único Senhor e Salvador  
Teoria aliada à prática ministerial  
Excelência no ensino acadêmico  
Estímulo ao senso crítico  
Atitude de cooperação  
Integridade de vida  
Visão Missionária

## SUMÁRIO

|                           |    |
|---------------------------|----|
| <b>Apresentação</b> ..... | 08 |
|---------------------------|----|

### ARTIGOS

#### **O NOVO ESTADO DE ISRAEL: UM FENÔMENO HISTÓRICO SEM PRECEDENTES**

The new State of Israel: an unprecedented historical phenomenon

|                                       |   |
|---------------------------------------|---|
| <i>Bernardo Stollmeier Kuss</i> ..... | 9 |
|---------------------------------------|---|

#### **OS DOIS DEVEDORES: UMA ANÁLISE DO TEXTO DE LUCAS 7.36-50 COM UM OLHAR SOBRE OS ELEMENTOS CULTURAIS**

The two debtors: an analysis of the text of Luke 7:36-50 with a look over the cultural elements

|                         |    |
|-------------------------|----|
| <i>Bruno Litz</i> ..... | 42 |
|-------------------------|----|

#### **A HUMANIDADE DE JESUS NA PERSPECTIVA DA EPÍSTOLA AOS HEBREUS E SUAS IMPLICAÇÕES NA VIDA DO CRISTÃO**

The humanity of Jesus from the epistle's perspective to the Hebrews and their implications in the life of the christian

|  |    |
|--|----|
| <i>Francis Natan Gonçalves Martins</i> ..... | 52 |
|--|----|

#### **CRISTIANISMO CONSUMISTA: INFLUÊNCIAS DO CONSUMISMO À IGREJA CRISTÃ Consumerist Christianity: influences of consumerism to the christian church**

|                                |    |
|--------------------------------|----|
| <i>Guilherme Wurster</i> ..... | 62 |
|--------------------------------|----|

#### **A KENŌSIS DE JESUS EM FILIPENSES 2.5-8 COMO EXORTAÇÃO À HUMILDADE**

The kenosis of Jesus in Philippians 2.5-8 as an exhortation to humility

|  |    |
|--|----|
| <i>Lucas Rangel de Castro Soares</i> ..... | 75 |
|--|----|

#### **O TESOURO LITERÁRIO E TEOLÓGICO DAS 7 FRASES DA CRUZ**

The literary and theological treasury of the 7 phrases of the cross

|                              |    |
|------------------------------|----|
| <i>Rodrigo Lucheta</i> ..... | 94 |
|------------------------------|----|

#### **UMA INVESTIGAÇÃO E EXPLANAÇÃO DA TEOLOGIA PAULINA A PARTIR DE GÁLATAS 3.26-29, 1 CORÍNTIOS 11-14 E 1 TIMÓTEO 2.8-15 SOBRE A ATUAÇÃO DA MULHER NA SOCIEDADE E NO TRABALHO MINISTERIAL**

An investigation and explanation of the pauline Theology based on Galatians 3.26-29, 1 Corinthians 11-14 and 1 Timothy 2.8-15 on the performance of women in society and in ministerial work

|                                       |     |
|---------------------------------------|-----|
| <i>Whitson Ribeiro da Rocha</i> ..... | 105 |
|---------------------------------------|-----|

**EPÍSTOLA AOS ROMANOS: AUXÍLIOS PARA A IGREJA – NOÇÕES INTRODUTÓRIAS**

Epistle to the Romans: support for the church - introductory notions

*Flaviano Nogueira Siedeliske* ..... 120

**A INFLUÊNCIA DA PÓS-MODERNIDADE E O DESAFIO DE PASTOREAR**

The influence of post-modernity and the challenge of shepherding

*Leandro Hins de Brito* ..... 131

**AO RESGATE DA ARTE: EM BUSCA DE UMA NOVA SIGNIFICÂNCIA DA ARTE PARA O CRISTIANISMO BRASILEIRO**

To the rescue of art: looking for a new meaning for art into the Brazilian Christianity

*Letícia Caroline Mantelli Kuss*..... 147

**RESENHAS**

**A NECESSIDADE DO EVANGELHO PARA OS SURDOS**

*Eduardo Leimann Balaniuk*..... 174

**A IMPORTÂNCIA DO PLANEJAMENTO PRÁTICO PARA EDUCAÇÃO CRISTÃ BÍBLICA NA IGREJA**

*Jucineuza de Alencar Pereira Chaves Cavalcanti*..... 177

**Normas para publicação** .....182

## APRESENTAÇÃO

Prezados Leitores da revista **Ensaio Teológico**,

Com alegria, apresentamos nesta edição a redação de 10 artigos e 2 resenhas. Os recortes destes textos trazem contribuições direcionadas a prática da Vida Cristã, ao Trabalho Pastoral e Bíblico Teológico. As temáticas desenvolvem questões diversificadas, tais como: O novo estado de Israel: um fenômeno histórico sem precedentes (Bernardo Stollmeier Kuss); Os dois devedores: uma análise do texto de Lucas 7.36-50 com um olhar sobre os elementos culturais (Bruno Litz); A humanidade de Jesus na perspectiva da epístola aos Hebreus e suas implicações na vida do cristão (Francis Natan Gonçalves Martins); O cristianismo consumista: as influências à igreja cristã (Guilherme Wurster); A kenosis de Jesus em Filipenses 2.5-8 como exortação à humildade (Lucas Rangel de Castro Soares); O tesouro literário e teológico das 7 frases da cruz (Rodrigo Lucheta); Uma investigação e explanação da teologia paulina a partir de Gálatas 3.26-29, 1Coríntios 11-14 e 1Timóteo 2.8-15 sobre a atuação da mulher na sociedade e no trabalho ministerial (Whitson Ribeiro da Rocha); Epístola aos Romanos: auxílios para igreja – noções introdutórias (Flaviano Nogueira Siedeliske); A influência da Pós-modernidade e o desafio de pastorear (Leandro Lins Britto) e Ao resgate da arte: em busca de uma nova significância da arte para o cristianismo brasileiro (Letícia C. M. Kuss). As resenhas oferecem aos leitores ocasião de conhecimento de obras importantes e atuais no meio teológico.

Agradecemos à todos os leitores e colaboradores por fazerem parte desse projeto. É sempre bom ter a participação de todos, seja na forma de escrita ou na utilização da leitura de diferentes formas. Que nosso Deus continue abençoando sua vida e que esse conteúdo sirva para crescimento espiritual de todos.

Dr<sup>a</sup>. *Marivete Zanoni Kunz*  
Editora Responsável



# Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878



Ensaio Teológico está licenciada com uma Licença Creative Commons  
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

## O NOVO ESTADO DE ISRAEL: UM FENÔMENO HISTÓRICO SEM PRECEDENTES The new State of Israel: an unprecedented historical phenomenon

Bernardo Stollmeier Kuss<sup>1</sup>

### RESUMO

O artigo analisa a formação e manutenção da nação de Israel em 1948 como fenômeno histórico sem precedentes. São expostos o antijudaísmo e a perseguição histórica aos judeus, que culminaram no Holocausto na Segunda Guerra Mundial, mas que existiram tanto antes quanto muito depois desse período. Como continuação do antijudaísmo, são observadas as duas primeiras guerras do conflito Árabe-israelense, desencadeado com a declaração de independência de Israel.

**Palavras-chave:** Israel. Judeus. Perseguição. Holocausto. Árabes.

### ABSTRACT

The present article analyzes the formation and the maintenance of the nation of Israel in 1948 as a non-preceded historical phenomenon. The anti-Judaism and the historical persecution of the Jews, which culminated on the World War 2 Holocaust, but took place before as much as after this period, were exposed. The two first wars of the Arab-Israeli conflict are observed as a continuation of the anti-Judaism, initiated by the Israeli declaration of independence.

**Keywords:** Israel. Jews. Persecution. Holocaust. Arabs.

---

<sup>1</sup> Bacharelado em Teologia pela Faculdade Batista Pioneira. E-mail: [bernkuss@hotmail.com](mailto:bernkuss@hotmail.com)

## INTRODUÇÃO<sup>2</sup>

O presente artigo tem por título “O Novo Estado de Israel: um fenômeno histórico sem precedentes”, atém-se ao chamado “Fenômeno Israel”, ocorrido no século XX. A nação de Israel tem sido protagonista de acontecimentos raramente antes vistos com outros povos, no decorrer da história. Um deles é o fato de ter sido expulsa da Palestina grande parte da sua população, a qual foi espalhada pelo mundo. Aliado a isso, há o fato dessa população ter não só asilo rejeitado por inúmeros países, mas ter sido em vários deles perseguida e até alvo de tentativa de extermínio (antisemitismo, Holocausto). Por fim, esse povo retorna ao Oriente Médio, sua terra de origem, e forma o Novo Estado de Israel, fervilhando antissionismo<sup>3</sup> à sua volta.

Por meio da observação de fatos ocorridos com o povo judeu durante os períodos da história (Idade Antiga, Média, Moderna e Contemporânea) e dos principais eventos do séc. XX, percebe-se que a perseguição é algo constante. Tanto mais estranho é o milagre histórico da formação do Estado de Israel, depois do Holocausto, a sua defesa e consolidação ante os conflitos a que foi exposto tão logo formado. Para melhor examinar isso, este artigo abordará apenas as duas primeiras guerras enfrentadas por Israel, a saber: a Guerra de Independência e a Campanha do Sinai. Isso tudo será investigado de forma a dar o contexto geral do que tem acontecido com o povo judeu, em especial no que tange à perseguição que vem sofrendo e à sua sobrevivência com o passar dos séculos. Serão verificadas fontes históricas sobre o Novo Estado de Israel e a história dos judeus, como as obras de Avi Shlaim, Benny Morris e Ari Shavit, na tentativa de responder ao questionamento: *por que o Novo Estado de Israel pode ser considerado um milagre histórico?*

É necessário definir algumas palavras utilizadas no artigo. O termo *judeu* (do Hebraico *Yehudi*) vem do nome Judá, um dos patriarcas das 12 tribos de Israel e filho de Jacó. Originalmente descrevia qualquer habitante de Judá. Judaísmo, por sua vez, é a religião dos Judeus. De forma geral, na expressão comum, “judeu” é usado para se referir aos descendentes físicos e espirituais de Jacó (também chamado Israel, na Bíblia). Inclusive, à época do Novo Testamento, “judeus” era uma referência a todos os israelitas.<sup>4</sup> Até a Idade Média e século XX, os judeus eram considerados constituintes de uma nação particular, por causa de sua cultura e língua, e que se espalhou pelo mundo depois da destruição de Jerusalém em 70 d.C. O centro da sua cultura é a religião, a qual determina a alimentação, calendário e é o que preservou sua língua, o Hebraico. Mesmo tendo surgido como uma etnia,

<sup>2</sup> Este artigo está baseado no Trabalho de Conclusão de Curso do curso de Bacharel em Teologia realizado na Faculdade Batista Pioneira em Ijuí, em 2021.

<sup>3</sup> Antissionismo é a oposição ao movimento de criação e manutenção de um Estado judeu no Oriente Médio, o qual é o Israel moderno. BBC News. **What's the difference between anti-Semitism and anti-Zionism?** [S. l.]: BBC, 29 abr. 2016. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/magazine-36160928>. Acesso em: 10 nov. 2021.

<sup>4</sup> AMERICAN ISRAELI COOPERATIVE ENTERPRISE. Judaism: Who Is a Jew? In. *Jewish Virtual Library*. Chevy Chase: [S.n., 20-?]. Disponível em: <https://www.jewishvirtuallibrary.org/who-is-a-jew>. Acesso em: 22 mar. 2021; WISEMAN, D. J. Judeu. In. DOUGLAS, J. D. (org.) **O novo dicionário da Bíblia**. Traduzido por João Bentes. São Paulo: Vida Nova, 1995, p. 885.

o judaísmo não mais é considerado assim. Agora, pode ser definido ao mesmo tempo como religião, nacionalidade e cultura.<sup>5</sup> Por abordar diferentes períodos históricos, sempre que se utilizar o termo judeu, o presente trabalho refere-se tanto aos que descendem etnicamente do povo israelita, quanto aos fiéis ao judaísmo, quanto aos cidadãos do Estado de Israel. O contexto os definirá.

*Árabe*, grosso modo, é alguém cuja língua nativa é o árabe.<sup>6</sup> Até a expansão do Islã e da língua árabe com ele, os árabes eram uma tribo semita habitante da Península Arábica. Hoje, com árabe são englobados todos os povos falantes dessa língua e que habitam desde a região da Mauritânia, na África Atlântica, até o sudoeste do Irã.<sup>7</sup> Aos nativos da Palestina de fala árabe e àqueles nativos das nações que a circundam (a saber: Egito, Arábia Saudita, Jordânia, Iraque, Síria e Líbano) é que se faz referência, aqui, como árabes.

*Palestina*, no seu sentido histórico, é o território chamado de Terra Santa.<sup>8</sup> A Enciclopédia Britânica a define como a “área da região leste do Mediterrâneo, que abrange partes do Israel moderno e os territórios palestinos da Faixa de Gaza (ao longo da costa do Mar Mediterrâneo) e da Margem Leste (a área a oeste do Rio Jordão)”.<sup>9</sup> Morris define as fronteiras nos quatro pontos cardeais: a norte, uma cadeia de colinas logo ao sul do rio Litani, do Líbano. Ao sul, seu limite é o Golfo de Eilate (ou Golfo de Ácaba). Ao leste, o Rio Jordão, Mar Morto e Vale de Arabá, e a oeste o Mar Mediterrâneo.<sup>10</sup> Esse é o sentido adotado no presente trabalho.

A formação do Estado de Israel e os conflitos em que ele se envolveu são um assunto muito amplo. É necessário cuidado para não perder a linha de pesquisa. Por isso, é indispensável aqui apenas conhecê-los e ver um panorama deles.

## 1. JUDEUS: UMA SINA DE PERSEGUIÇÃO

“A sobrevivência judaica é tanto mais estranha, quanto mais constatamos que se trata de povo perseguido”.<sup>11</sup> Em todos os períodos da História, os judeus foram, de alguma forma, vítimas de violência. Em alguns momentos, violência velada, discriminação não explícita. Sayão chama o fenômeno de “racismo *a priori*” e exemplifica o sentimento comum através da história: se um alemão trabalha e ganha dinheiro, muito bem; se um americano o faz, ótimo,

<sup>5</sup> AMERICAN ISRAELI COOPERATIVE ENTERPRISE. Judaism: Are Jews a Nation or a Religion? In. *Jewish Virtual Library*. Chevy Chase: [S.n., 20-?]. Disponível em: <https://www.jewishvirtuallibrary.org/are-jews-a-nation-or-a-religion>. Acesso em: 22 mar. 2021. Judeu. In. SACCONI, Luiz A. **Grande dicionário Sacconi**: da língua portuguesa: comentado, crítico e enciclopédico. São Paulo: Nova Geração, 2010, p. 1226.

<sup>6</sup> DOLAN, 1993, p. 53.

<sup>7</sup> ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA. **Arab**. [S.l.: s.n.], 2020. Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/Arab>. Acesso em: 26 mar. 2021.

<sup>8</sup> DOLAN, 1993, p. 82.

<sup>9</sup> “Area of the eastern Mediterranean region, comprising parts of modern Israel and the Palestinian territories of the Gaza Strip (along the coast of the Mediterranean Sea) and the West Bank (the area west of the Jordan River)”. ALBRIGHT, William Foxwell (et al.). Palestine. In. **Encyclopaedia Britannica**. [S.l.: s.n.], 2020. Disponível em: <https://www.britannica.com/place/Palestine>. Acesso em: 26 mar. 2021.

<sup>10</sup> MORRIS, Benny. **Righteous victims**: a history of the Zionist-Arab conflict, 1881-2001. Nova York: Vintage, 2001, p. 3.

<sup>11</sup> FERREIRA, 1987, p. 18.

é um empreendedor; se qualquer outro o faz, tudo certo; mas se um judeu trabalha e prospera, “tem alguma coisa errada nisso aí”.<sup>12</sup> Em outros momentos, foram alvos de perseguição física, morte e destruição.

Os judeus foram definitivamente expulsos de sua pátria, Israel (no atual Oriente Médio), em 135 d.C. Esse acontecimento é chamado de Diáspora e foi perpetrado pelo Império Romano como retaliação após a derrota de uma série de revoltas judaicas. A última delas teve por líder o judeu Bar Kochba e se deu entre 132 e 135 d.C. Tendo sido derrotada, a cidade de Jerusalém foi renomeada como *Aelia Capitolina*, em homenagem ao imperador romano *Aelius Adrianus* (Adriano) e ao deus pagão Júpiter Capitolino. A população da Judéia foi então massacrada, vendida como escrava ou expulsa dos limites da região. E essa, por sua vez, passou a ser colonizada por estrangeiros que se tornaram maioria demográfica ali, até 1948.<sup>13</sup>

A partir dessa ocasião, os judeus tornaram-se uma nação desalojada e espalharam-se pelo mundo – em especial, na Europa. Morris descreve que um fator constante na história dos judeus é que eles sempre foram visitantes, estrangeiros em todo lugar, e em lugar nenhum estavam em casa. Enquanto estivessem na Diáspora, sempre seriam alvos do antissemitismo, o qual “sempre existiu e sempre existirá, primeiramente porque a condição dos judeus era inatural e anormal: sem território, eles não tinham substância [...]”.<sup>14</sup>

Durante muitos séculos, eles tiveram que suportar o ódio religioso e as perseguições pelas próprias igrejas cristãs e seus fiéis, em especial na Europa, mas não apenas.<sup>15</sup> Eles eram culpados pelo assassinato de Cristo e por constantemente repelirem a conversão ao cristianismo, o que fazia o ódio contra eles crescer dia a dia. Foram retratados como filhos do Diabo, acusados de matar crianças em rituais, expulsos de suas residências, entre outras demonstrações de repulsa. Mais tarde, passaram a sofrer antissemitismo econômico e social.<sup>16</sup> Isso se perpetuou, chegando até o presente século. Podendo soar incrível, sabe-se que há, ainda hoje, grupos que se opõem ideológica e economicamente a Israel e os judeus, e há até quem queira assumidamente exterminá-los.<sup>17</sup>

Mais de um milênio antes de Hitler estar no poder, já havia perseguição e assassinato de judeus na Europa, por parte dos cristãos. De fato, nessa época todos que se opusessem à Igreja eram punidos, mas a nada se equiparou a profundidade do ódio e a violência dedicados aos judeus.<sup>18</sup> No entanto, não há dúvidas de que foi no Holocausto nazista que o ódio antissemita teve seu ápice na história mundial.

<sup>12</sup> SAYÃO, Luiz. **A importância de Israel**. São Paulo: Vida Nova, 30 nov. 2018, vídeo. Disponível em: <https://youtu.be/LdDOLDOyWxA>. Acesso em: 12 mar. 2021.

<sup>13</sup> KERSTEIN, Benjamin. The Bar-Kochba Revolt. In. **World History Encyclopedia**. Canadá, 30 ago. 2018. Disponível em: [https://www.ancient.eu/The\\_Bar-Kochba\\_Revolt](https://www.ancient.eu/The_Bar-Kochba_Revolt). Acesso em: 12 mar. 2021.

<sup>14</sup> “It always existed and always would, primarily because the Jews’ condition was unnatural and abnormal: lacking territory, they lacked substance [...]”. In. MORRIS, 2001, p. 17 *apud* VITAL, 1975, p. 179.

<sup>15</sup> GUTTERMAN, Bella; SHALEV, Avner (edit.). **Para que los sepan las generaciones venideras: la recordación del Holocausto en Yad Vashem**. Jerusalém: Yad Vashem, 2008. P. 28.

<sup>16</sup> GUTTERMAN, SHALEV, 2008, p.38-39, 54.

<sup>17</sup> MCDERMOTT, 2018, p. 168.

<sup>18</sup> DOLAN, 1993, p. 35.

Junto do Holocausto, a Idade Contemporânea teve um quê de especial (negativamente falando), ao que se refere a essa violência, se comparada aos outros períodos históricos. Antes do massacre nazista, no século XIX, houve uma crescente nos ataques em massa às comunidades judaicas, em especial no leste europeu.<sup>19</sup> Depois dele, é gritante a atitude (melhor, a falta dela) das demais nações após a Segunda Guerra Mundial, diante da necessidade de acolhimento dos judeus sobreviventes, como se verá adiante. As consequências desses eventos tiveram papel de maior destaque em relação à formação do novo Estado de Israel em 1948.

Décadas depois ainda eram presentes manifestações violentas e constantes de ódio aos judeus. Nos anos 1980 e 1990, em certas regiões dos EUA, estavam fortes e bem atuantes grupos como a Nação Ariana, que perseguiram e atacavam judeus, assim como ameaçavam aqueles que se opunham e/ou denunciavam isso – existindo, no entanto, desde bem antes.<sup>20</sup> McDermott comenta que há hoje, em Universidades, um movimento que se chama BDS: boicotes, desinvestimentos e sanções a Israel, sem explicações.<sup>21</sup> De forma alguma os justificando, há de se convir, no entanto, que não são esses os piores movimentos de ódio antisemita que tomaram lugar nos últimos dois séculos. Antes deles, destacam-se as ondas de *pogroms* no leste europeu, no século XIX, a instituição do Nazismo, nos anos 1940 com o sequente Holocausto, além das atitudes antisemitas de inúmeras nações ocidentais nesse período. A esses acontecimentos será voltado o foco agora, visto que eles são, talvez, as mostras mais evidentes de antisemitismo violento do período.

### 1.1 Pogroms, a partir do século XIX

*Pogrom* é uma palavra russa que significa “causar estragos, destruir violentamente”. O primeiro caso registrado como *pogrom* foi um tumulto antisemita em Odessa, Ucrânia, em 1821.<sup>22</sup> Por sua vez, foi adotada como descrição desse tipo de ataque a judeus, inclusive aqueles que aconteceram antes do termo ser cunhado.

Num primeiro momento, pode parecer que essas arremetidas foram completamente novas e surpreendentes. Shavit afirma que não pois, segundo ele, essa era uma nova forma de antisemitismo que vinha surgindo no leste da Europa, multiplicando os pogroms na Rússia, Bielorrússia, Moldávia, Romênia e Polônia (principalmente).<sup>23</sup> Morris concorda com Shavit e afirma que “em contínua discriminação e insegurança e ocasional opressão e violência” era a vivência dos judeus na Rússia Imperial, no séc. XIX. Com suas liberdades fortemente reguladas pelo Estado, nesse período os judeus eram submetidos, por exemplo, a serviço militar forçado

<sup>19</sup> UNITED STATES HOLOCAUST MEMORIAL MUSEUM. Pogroms. In. *The Holocaust Memorial Museum*. Washington: [S.n., 20-?]. Disponível em: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/en/article/pogroms>. Acesso em: 25 mar. 2021.

<sup>20</sup> DOLAN, 1993, p. 19-22.

<sup>21</sup> MCDERMOTT, 2018, p. 178.

<sup>22</sup> UNITED STATES HOLOCAUST MEMORIAL MUSEUM. [20-?]. Disponível em: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/en/article/pogroms>. Acesso em: 25 mar. 2021.

<sup>23</sup> SHAVIT, Ari. *Minha Terra Prometida: o triunfo e a tragédia de Israel*. Traduzido por Alexandre Morales. São Paulo: Três Estrelas, 2016, p. 20, 44, 45.

de vinte anos, além de tentativas forçadas de conversão ao cristianismo por parte das autoridades. O ápice (ou seria o declínio?) da situação deu-se em 1881, quando o assassinato do Czar Alexandre II, perpetrado por revolucionários, foi imputado aos judeus. Isso desencadeou uma onda de pogroms por todo o império, em especial na Ucrânia, com espancamentos, estupros, matança e destruição de bairros judeus,<sup>24</sup> até mesmo de vilas e aldeias inteiras (um desses massacres foi grande o suficiente para que os órfãos deixados por ele preenchessem as vagas de uma escola inteira, tempo depois<sup>25</sup>). Essa principal onda de pogroms, seguiu de modo intervalado por, pelo menos, mais duas décadas. Em 1923, houve outra explosão de violência contra os judeus na Rússia, causando 70 mil mortes.<sup>26</sup>

O escopo geral sobre os judeus era que:

Na Rússia, eles são perseguidos. Na Polônia são discriminados. Nos países islâmicos são um “povo protegido”, vivendo como cidadãos de segunda categoria. Mesmo nos Estados Unidos, na França e na Grã-Bretanha essa emancipação é meramente um atributo legal. O antissemitismo está crescendo.<sup>27</sup>

Como se isso não bastasse, seguiram-se várias leis e editos que institucionalizaram a discriminação aos judeus - a ponto de eles serem considerados “nada além de vadios e parasitas, fora da proteção da lei”.<sup>28</sup> Como não é de surpreender, toda essa situação tensa e sensível piorou terrivelmente a crise existencial e a falta enorme de segurança às quais os judeus estavam sujeitos.<sup>29</sup>

## 1.2 Regime Nazista e Holocausto

Pelo panorama histórico, viu-se que o ódio antissemita não é algo novo. Se bem que “não foram apenas nazistas que mataram judeus; cidadãos comuns da Europa com frequência se prontificavam a fazer o mesmo”, é notável que no século XX tal ódio teve seu clímax no nazismo, com o Holocausto.<sup>30</sup>

O Holocausto, que pode ser considerado o pior pogrom de todos, foi a tentativa alemã nazista de fazer desaparecer totalmente os onze milhões de judeus que habitavam a Europa. Foi iniciado por inúmeros boicotes e leis que rebaixaram os judeus a cidadãos de segunda classe, e que culminou com a aprovação da “Solução Final”, a qual consistia no envio e extermínio sistemático de judeus em campos prisionais próprios para isso.<sup>31</sup> O Nazismo foi um movimento totalitarista idealizado e liderado por Adolf Hitler na Alemanha, entre os anos 1920 e 1945. O termo nazismo vem de Nazi, a redução do nome do Partido Nacional Socialista

---

<sup>24</sup> “[...] *one of continue discrimination and insecurity and occasional oppression and violence*”. In. MORRIS, 2001, p. 15.

<sup>25</sup> SHAVIT, 2016, p. 124.

<sup>26</sup> DOLAN, 1993, p. 82, 94.

<sup>27</sup> SHAVIT, 2016, p. 20.

<sup>28</sup> MORRIS, 2001, p. 16-17.

<sup>29</sup> GUTTERMAN; SHALEV, 2008, p. 28.

<sup>30</sup> MCDERMOTT, 2018, p. 178.

<sup>31</sup> GILBERT, Martin. **A Segunda Guerra Mundial**: os 2174 dias que mudaram o mundo. Traduzido por Ana L. Faria e Miguel S. Pereira. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2014, p. 365-366.



dos Trabalhadores Alemães (*Nationalsozialistische Deutsche Arbeitspartei*). É caracterizado por seu fortíssimo nacionalismo e centralidade ditatorial de Hitler, mas, em especial, pela ideologia de extermínio aos inimigos da raça Ariana e da Alemanha. Esses inimigos eram, entre outros, os comunistas, marxistas e bolcheviques, e acima de tudo os judeus.<sup>32</sup>

É importante destacar uma mudança nessa época. Diferente dos *pogroms* que precederam, nesse período a repressão aos judeus já não era pela sua fé religiosa diferente, nem pela sua nacionalidade, mas pela sua raça. Esclarece isso o fato de que na Alemanha da época do regime nazista houve descendentes de judeus que já eram cristãos há tempo e foram enviados mesmo assim a campos de concentração – por causa de sua ascendência.<sup>33</sup>

Não é necessário tentar convencer a ninguém de que Adolf Hitler foi o próprio símbolo do ódio aos judeus e o difusor desse sentimento a grande parte da população alemã da época (e de depois). No entanto, por incrível que possa parecer, antes de chegar às suas conclusões antissemitas, o próprio Hitler comenta que se irritava por serem os judeus perseguidos por causa da sua fé, a qual era o único traço que os distinguia dos alemães.<sup>34</sup> A população judaica na Europa era, então, de aproximadamente 10 milhões de judeus, que contribuíram com as sociedades onde estavam inseridos de todas as formas possíveis.<sup>35</sup>

Mais tarde, porém, Hitler (comentando seu passado, diz que) chegou à conclusão de que com o passar dos séculos “o aspecto do judeu havia-se europeizado e ele tornara-se parecido com um ser humano”. Seu ódio pelos judeus surgiu e cresceu especialmente em Viena, onde Hitler passou certo tempo de sua vida. Ali, observando, ele concluiu que os judeus: eram os dirigentes inescrupulosos e inteligentes da prostituição e exploração de outros vícios da vida noturna; que eles lideravam a social-democracia, da qual Hitler era inimigo mortal, assim como a imprensa socialdemocrata, que veiculava as ideias do movimento. Enfim, que os judeus não eram alemães, mas sim os corruptores do povo. A partir de então ele não parou mais de pensar no “problema judaico”, e em como solucioná-lo. Toda essa trajetória de ódio está registrada no livro *Mein Kampf* (Minha Luta), escrito por Hitler nos anos 1920. É válido demonstrar um pouco dele aqui, com as próprias palavras de Hitler que coroam um trecho do seu discurso insano: “Se o judeu, com o auxílio do seu credo marxista, conquistar as nações do mundo, a sua vitória coroará a marcha fúnebre da raça humana [...]” Mas a natureza não permite que seja roubado seu domínio, prossegue sua ideia. “Por isso,

<sup>32</sup> ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA. *Nazism*. [S.l.: s.n.], 2020. Disponível em: <https://www.britannica.com/event/Nazism>. Acesso em: 23 mar. 2021. MOORHOUSE, Roger. **O Terceiro Reich em 100 objetos**: uma história material da Alemanha Nazi. Traduzido por Miguel Mata. Alfragide: Casa das Letras, 2018, p. 23. GUTTERMAN; SHALEV, 2008, p. 41ss.

<sup>33</sup> GUTTERMAN; SHALEV, 2008, p. 38-39, 54.

<sup>34</sup> HITLER, Adolf. **Mein Kampf**: a minha luta. Lisboa: Guerra e Paz, 2016, p. 137.

<sup>35</sup> 9,5 milhões, segundo o Museu Memorial do Holocausto, e 11 milhões de acordo com Martin Gilbert. UNITED STATES HOLOCAUST MEMORIAL MUSEUM. Remaining Jewish Population of Europe in 1945. In: **The Holocaust Memorial Museum**. Washington: [S.n., 20-?]. Disponível em: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/en/article/remaining-jewish-population-of-europe-in-1945>. Acesso em: 24 mar. 2021; GILBERT, 2014, p. 365.

acredito agora que ajo de acordo com a vontade do Criador Onnipotente (sic): Lutando contra o judaísmo, realizo a obra de Deus”.<sup>36</sup>

Hitler, então, engajou-se numa luta pessoal contra esses inimigos. Essa luta tomou forma legal quando, em março de 1933, logo depois de Hitler assumir o poder na Alemanha, iniciaram-se ataques organizados contra os judeus. Em abril, saiu a primeira lei que excluía os judeus dos cargos públicos, e daí em diante só piorou. O ano de 1938 é tido como decisivo na perseguição pois foi a partir daí que os nazistas passaram a deportar os judeus. Mais especialmente, em 9 e 10 de novembro daquele ano, houve a *Kristallnacht* (Noite dos Cristais), um pogrom ordenado pelo alto escalão nazista e fomentado por suas tropas. Mais de 1400 sinagogas foram incendiadas e cerca de 30 mil judeus foram presos em campos de concentração, na ocasião.<sup>37</sup>

Uma ferramenta muito utilizada para promover o acossamento dos judeus pelo regime nazista foi a propaganda. Moorhouse confirma que já era existente o antissemitismo passivo na Alemanha em 1940, mas que houve a tentativa das lideranças nacionais de, por meio do cinema de propaganda, intensificar tais sentimentos e preparar a aceitação popular a medidas *drásticas* contra os judeus. Por meio de tal propaganda, os judeus foram mais desumanizados e difamados, e sobre eles se reforçaram aqueles diversos mitos antissemitas (além de se criarem outros).<sup>38</sup> As informações veiculadas convenciam muitas pessoas que era verdade aquilo que caracteriza o antissemitismo moderno: contestar o status e avanços econômicos dos judeus. Do desenvolvimento dessa ideia, surgiu o mito de que os judeus tinham um plano secreto para tomar o mundo.<sup>39</sup>

Um caso notável da propaganda nazista foi o filme “O Judeu Eterno”, de 1940. Gilbert comenta que o objetivo do filme era expor ao mundo a devastação que os judeus causavam na história mundial. Que os judeus eram portadores de doenças, imundos, sem valores elevados, avarentos e corrompiam o mundo, era o que a propaganda nazista doutrinava.<sup>40</sup> Em alguns círculos nazistas extremistas, o filme foi aplaudido e houve expressões de profunda gratidão aos que lidavam com o “problema judaico”.<sup>41</sup>

Parte da “solução” desse “problema” foi a adoção da *Judenstern* (estrela judaica), a famigerada insígnia amarela em forma de estrela de Davi que os judeus em áreas ocupadas pelos nazistas foram obrigados a usar, costurada na roupa, a partir de 1941. Nada de muito novo, conforme Moorhouse, que relembra: a estigmatização pública dos judeus vem de muito tempo. “Desde a Idade Média até ao século XVII, de Bagdade (sic) a Berlim, foram obrigados a usar insígnias, chapéus e pendentos para serem identificados em público”.<sup>42</sup> Gutterman e Shalev acrescentam que quem primeiro empregou um método semelhante foram os muçulmanos no século VIII, e depois os cristãos na Europa do século XIII: aqueles, faziam os

---

<sup>36</sup> HITLER, 2016, p. 137, 139, 144.

<sup>37</sup> GUTTERMAN; SHALEV, 2008, p. 44, 47, 56-57.

<sup>38</sup> MOORHOUSE, 2018, p. 177.

<sup>39</sup> GUTTERMAN; SHALEV, 2008, p. 38.

<sup>40</sup> GILBERT, 2014, p. 187.

<sup>41</sup> MOORHOUSE, 2018, p. 177.

<sup>42</sup> MOORHOUSE, 2018, p. 177.



judeus vestirem-se de forma característica; esses, impuseram o uso de chapéus pontiagudos amarelos.<sup>43</sup>

Essas ações, ainda que humilhantes, discriminatórias e violentas, ainda não foram o pior. Os judeus já estavam sendo atacados, linchados, presos e mortos há muito tempo. O pior foi deflagrado em 20 de janeiro de 1942, quando figuras da alta cúpula alemã nazista assinaram a aprovação da “Solução Final”: os judeus, que já eram confinados à força em guetos e campos de concentração com condições desumanas, passaram a ser mortos em câmaras de gás<sup>44</sup>, de forma sistematicamente macabra. Muitos dos campos de concentração, que eram campos prisionais e de trabalhos forçados, foram adaptados para se tornarem campos de extermínio. Por meio de um processo de nível industrial, os presos chegavam por estrada de ferro em vagões de gado, eram descarregados, despídos (seus bens espoliados) e selecionados para o trabalho ou câmaras de gás. Nestas últimas, mais de 80% dos que chegaram encontraram seu fim.<sup>45</sup>

### 1.3 O boicote à imigração e a necessidade de asilo

Engana-se quem pensa que foram os nazistas e seus colaboradores os únicos que odiavam e repulavam os judeus no século XX. Stalin, o ditador soviético, mesmo que tivesse se considerado um sionista, achava que os judeus eram “[...] meio-homens, aproveitadores e parasitas”.<sup>46</sup> Parece que essa opinião era compartilhada por muitas nações na época. Se conscientemente ou não, é difícil dizer.

O que fica óbvio é que diante da erupção insuportável de violência na Alemanha e países anexados, aumentaram drasticamente as tentativas de emigração dos judeus. A maioria dos países, no entanto, fechou-se completamente. Não foram poucas as situações como o deprimente caso do navio St. Louis: saído da Alemanha cheio de refugiados judeus com vistos para entrar em Cuba, teve seu desembarque negado pelo governo cubano, assim como pelo estadunidense logo depois. Foi obrigado a voltar para a Alemanha, onde a maioria dos seus quase mil passageiros morreu depois, pela “Solução Final”.<sup>47</sup>

Com a perseguição nazista legalizada e explícita já acontecendo desde 1933, Dolan registra que, em 1938, deu-se a Conferência de Evian, na França, composta por líderes de grande parte dos países ocidentais. O objetivo deles: restringir o número de refugiados judeus que seriam aceitos em seus territórios. Grupos dos EUA queriam suspender a imigração estrangeira por dez anos; os britânicos queriam evitar um êxodo à Palestina e a consequente tensão com os árabes que isso acarretaria, ainda mais às vésperas da Segunda Guerra.<sup>48</sup> Gutterman e Shalev, com razão, definem essa conferência como um marco de total desinteresse com os refugiados Judeus. Um depois do outro, os representantes dos países fizeram discursos em apoio aos judeus, para então dizer que eles não poderiam ser recebidos.

<sup>43</sup> GUTTERMAN; SHALEV, 2008, p. 84.

<sup>44</sup> SHAVIT, 2016, p. 106.

<sup>45</sup> MOORHOUSE, 2018, p. 224-229.

<sup>46</sup> “[...] *middle-men, profiteers and parasites*”. In. MORRIS, 2001, p. 172.

<sup>47</sup> GUTTERMAN; SHALEV, 2008, p. 59-61.

<sup>48</sup> DOLAN, 1993, p. 108.

Um desses líderes, em especial, disse que não tinha nenhum problema racial verdadeiro em sua terra, portanto não queria importar esse tipo de problema. Assim eram vistos os judeus.

Inclusive mais tarde, quando já estava a pleno acontecimento o extermínio nos campos de concentração, as nações livres tomaram conhecimento disso, mas não interviram. Em especial os líderes americanos e britânicos afirmavam que a ênfase era em ganhar a guerra, e os esforços e recursos deviam ser totalmente para esse fim - não para missões humanitárias. Aliás, os países envolvidos na luta contra o Eixo<sup>49</sup> viam qualquer auxílio enviado às zonas ocupadas como ajuda indireta ao inimigo - e os judeus seguiam sofrendo e sendo assassinados. Percebeu-se, por fim, que o problema não era a Guerra. Mesmo após seu término, e do público conhecimento do Holocausto, os países do mundo continuaram fechados à imigração de judeus. Até mesmo países abertos a imigrantes preferiam os refugiados não judeus.<sup>50</sup>

#### 1.4 Ataques após a Segunda Guerra Mundial

Colocando-se no lugar do povo judeu, muito provavelmente a expectativa que se teria depois do show de horrores do Holocausto seria a paz, a ajuda, o asilo. A busca da população judia era por lugares novos para recomeçar e não precisar lembrar tudo o que aconteceu na Europa, mas, como já se viu, a imigração foi vetada. Restaria, então, o retorno aos países de origem após a Segunda Guerra. No entanto, o que os recebeu ali? Mais pogroms.

Vale a pena citar as impressões de um sobrevivente da perseguição nazista ao retornar à sua cidade de origem:

A Polônia do pós-guerra era pavorosamente antissemita. Ainda que os nazistas tivessem sumido, podia-se farejar o ódio aos judeus em cada esquina. Lembro-me de uma mulher gritando para judeus: 'A gentinha saiu dos buracos... Pena que Hitler não acabou com vocês!' Lembro-me de judeus que retornavam dos campos nazistas ocultando sua identidade e, ao serem descobertos, eram xingados e surrados. Havia constantes rumores sobre pogroms de pós-guerra. Era nítido que os judeus não tinham futuro na Polônia [...] tínhamos de substituir nossa velha identidade amaldiçoada por uma nova.<sup>51</sup>

Dolan destaca que houve ataques em algumas partes da Polônia, por volta de 1946.<sup>52</sup> O motivo aparente é que os habitantes que permaneceram no território, que usurparam as propriedades dos judeus, achavam que eles iriam requerê-las de volta. Resultado: mais 1000 judeus mortos após a libertação dos campos de concentração. Esse era o motivo manifesto. Fica claro, no entanto, que havia o velho antissemitismo por trás, ao se olhar para o pogrom

<sup>49</sup> O Eixo foi uma coalizão militar encabeçada pela Alemanha, Itália e Japão durante a Segunda Guerra Mundial que fez frente às forças Aliadas (lideradas pela Grã-Bretanha, Estados Unidos e União Soviética). O termo foi usado para caracterizar a união entre Roma e Berlim por uma série de tratados, e que a partir de então o mundo iria girar no *eixo Roma-Berlim*. ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA. **Axis Powers: World War II coalition**. [S.l.: s.n.], 2020. Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/Axis-Powers>. Acesso em: 10 nov. 2021.

<sup>50</sup> GUTTERMAN; SHALEV, 2008, p. 205-206, 263.

<sup>51</sup> SHAVIT, 2016, p. 163-164.

<sup>52</sup> DOLAN, 1993, p. 113.

de Kielce, na Polônia, um dentre a série de ataques pós-guerra. Diante do rumor do desaparecimento de uma criança cristã, os judeus foram acusados de matá-la em rituais. A população os atacou e nem a polícia nem o clero fizeram algo para impedir.<sup>53</sup>

Shavit descreve o quadro todo como sendo os judeus, essencialmente, os filhos órfãos da Europa. Filhos, pois dedicaram tudo a ela, amaram-na, contribuíram para desenvolvê-la. Órfãos, pois ela os desprezou, virou a eles as costas, permitiu e acentuou o antissemitismo. De uma forma ou outra, a Europa toda tornara-se perigosa aos judeus. Os demais países fecharam-se a eles. Nem mesmo a América abriria suas portas para acolhê-los. Ficou mais e mais evidente sua urgência por um lugar onde viver. Portanto, a conclusão foi que somente um novo Estado na Palestina supriria essa demanda, e os salvaria.<sup>54</sup>

## 2. FORMAÇÃO DO ESTADO DE ISRAEL EM 1948

A imigração à Palestina cresceu e, conseqüentemente, a população judaica lá, de tal modo que não era mais possível que eles apenas habitassem de forma provisória a região. Incentivados pelo Sionismo mundial e pela sua necessidade de sobrevivência, os judeus formaram o chamado Novo Estado de Israel. Todo esse processo será abordado a seguir.

### 2.1 Início do retorno à Palestina

No final do séc. XIX e início do séc. XX, houve imigrações em massa à Terra Santa, em especial compostas por judeus fugidos. O principal motivo das fugas eram os pogroms.<sup>55</sup> No leste europeu, o sofrimento era agudo. No oeste, não havia assimilação. O povo judeu precisava, sem outra expectativa, de um lugar para recomeçar sua existência.<sup>56</sup> De fato, com o agravo dos ataques, a “vida dos judeus na Rússia não era mais sustentável”, afirma Morris. Isso levou a uma movimentação da população judaica para fora da Europa. Os destinos: América, domínios Britânicos e, em especial, Palestina.<sup>57</sup> Foram “[...]cerca de 54 mil judeus, que chegaram à região entre 1880 e 1921” fugidos “da onda de pogroms que varreu o sul da Rússia entre 1821 e 1906 [...]”.<sup>58</sup> Outro impulso à emigração para a Palestina foi a quebra da bolsa de Nova York em 1929. Isso fomentou os vários movimentos nacionalistas e antissemitas na Europa,<sup>59</sup> fazendo muitos judeus perceberem o perigo e partirem.

Shlaim registra que surgiram até movimentos em prol disso. Em 1881, por exemplo, foi fundado o extremamente prático movimento Amantes de Sião, que a partir daí esteve promovendo imigração e estabelecimento de judeus na Palestina.<sup>60</sup> Além disso, acrescenta

<sup>53</sup> GUTTERMAN; SHALEV, 2008, p. 262.

<sup>54</sup> SHAVIT, 2016, p. 42ss, 73-74.

<sup>55</sup> DOLAN, 1993, p. 82.

<sup>56</sup> SHAVIT, 2016, p. 22.

<sup>57</sup> “*Jewish life in Russia was no longer tenable.*”. In. MORRIS, 2001, p. 17.

<sup>58</sup> FERREIRA, Franklin. A tentação do antissemitismo. **Teologia Brasileira**. São Paulo, 7 ago. 2018. Disponível em: <https://teologiabrasileira.com.br/o-que-foi-o-sionismo>. Acesso em: 10 mar. 2021.

<sup>59</sup> CAMARGO, Cláudio. Guerras árabe-israelenses. In. MAGNOLI, Demétrio (org.). **História das guerras**. São Paulo: Contexto, 2015. P. 430.

<sup>60</sup> SHLAIM, 2004, p. 39.

Morris, essa movimentação rumo a Sião (outro nome para Jerusalém), chamada de *Aliyah*, contou com doações de Judeus ricos do Ocidente, o que possibilitou a compra de terras na Palestina, onde os imigrantes foram se estabelecendo.<sup>61</sup> Fato interessante é que, em grande parte, os territórios comprados pelos judeus não eram terras férteis e habitadas. Como exemplo há o Vale de Hula, na região da Galileia, o qual era pantanoso, infestado de malária e pertencente a latifundiários que moravam em Damasco. Ali, os judeus - que foram vistos como tolos por comprar tais terrenos - estabeleceram-se, drenaram os pântanos e os tornaram cultiváveis.<sup>62</sup> Shavit descreve a região como de “charcos pantanosos dos quais emanam os deletérios vapores de malária [...]”.<sup>63</sup>

Imigrantes de pelo menos oitenta e seis nacionalidades dirigiram-se à Palestina no movimento. Eles formariam a população do Novo Israel, nos seus primeiros vinte anos de existência.<sup>64</sup> Na década de 30, em especial após a legislação racista alemã entrar em vigor, houve várias levas de imigrantes judeus da Europa muito capacitados, como médicos, agrônomos, arquitetos, engenheiros e outros. Isso elevou o nível cultural da colônia na Palestina.<sup>65</sup>

### 2.1.1 Sionismo

Como afirmado acima, surgiram movimentos em apoio à causa judaica, ainda na última década do século XIX. O principal deles, sem dúvida, foi o Sionismo. O termo foi criado ainda em 1885, por Birnbaum.<sup>66</sup> Ele vem de “Sião”, outro nome da cidade de Jerusalém. A ideia do sionismo foi prover uma resposta quanto à dispersão dos judeus por todo o mundo, suprindo-os com uma terra e a possibilidade da existência independente de outros países. A dispersão mostrava-se ainda mais problemática por causa dessa intensificação do antissemitismo, e pela constante não aceitação dos judeus nas nações europeias - acentuada pelos movimentos nacionalistas, que ufanavam o povo nativo e desprezavam as minorias, uma das quais eram os judeus.<sup>67</sup>

Até esse período, como dito acima, os judeus viviam isolados. O isolamento era feito de forma voluntária, por muitos anos, de forma a manter fora da comunidade as influências externas. Isso começou a mudar com o surgimento do Iluminismo e igualitarismo, e como frutos/consequências deles, as ideologias políticas do século XIX. Essas revoluções de pensamento levaram muitos jovens judeus a abandonarem seus lares e tradições. Foi nesse meio tempo, entre os judeus de mente mais “aberta”, normalmente de tendências socialistas, e os demais, de pensamento tradicional e que enfatizavam a lealdade às tradições, que surgiu o movimento Sionista, sofrendo a influência dos dois grupos.<sup>68</sup>

<sup>61</sup> MORRIS, 2001, p. 19.

<sup>62</sup> FERREIRA, 7 ago. 2018. Disponível em: <https://teologiabrasileira.com.br/o-que-foi-o-sionismo>. Acesso em: 10 mar. 2021.

<sup>63</sup> SHAVIT, 2016, p. 47.

<sup>64</sup> DOLAN, 1993, p. 139.

<sup>65</sup> SHAVIT, 2016, p. 76.

<sup>66</sup> Nathan Birnbaum, escritor vienense. SHLAIM, 2004, p. 38.

<sup>67</sup> SHLAIM, 2004, p. 38.

<sup>68</sup> GUTTERMAN; SHALEV, 2008, p. 28, 31.

Quem idealizou e fundou o movimento foi Herzl,<sup>69</sup> por meio da publicação em 1896 de um livro onde expunha suas ideias.<sup>70</sup> Algo que influenciou muito na formação do movimento, deixando explícita a discriminação europeia dos judeus, foi o Caso Dreyfus. Alfred Dreyfus era um alto oficial militar francês que estava sendo alvo de uma “sutil política de discriminação”, tendo sido acusado de traição militar (cf. Camargo, injustamente acusado de traição, condenado e desterrado<sup>71</sup>). Herzl, que era correspondente jornalístico cobrindo o caso, percebeu ali que as pessoas nutriam um ódio ferrenho aos judeus. O que ouviu foi que os franceses não consideravam Dreyfus “um ser humano, mas unicamente um judeu”.<sup>72</sup> Esse caso foi talvez o exemplo mais gritante do antissemitismo na Europa Ocidental e estopim do movimento sionista, de acordo com Camargo.<sup>73</sup>

Foi na mesma época, no final do século XIX e início do XX, que a Europa viu ascender verticalmente os movimentos nacionalistas, como Fascismo, Nazismo e outros. Shavit afirma que o sionismo era um movimento nacionalista como qualquer outro, além de reafirmado pela urgência,<sup>74</sup> com o que Camargo concorda, afirmando que o sionismo era nacionalista, uma vez que exaltava a nação judaica e o estabelecimento de um Estado independente para ela.<sup>75</sup>

Foi por iniciativa sionista que se estabeleceu o *Keren Kayemet Le-Israel* (Fundo Perpétuo para Israel), cujo objetivo era a aquisição de terras no território palestino para estabelecer os colonos judeus que migrassem. Esse fundo contou com generoso auxílio da comunidade judaica mundial,<sup>76</sup> a ponto de terem sido comprados cerca de 200 milhões de metros quadrados de terra Palestina até o ano de 1900 – logo no início do movimento. Já em 1908, a soma total beirava os 400 milhões de metros quadrados, colocando em prática o conceito de que a compra de terra era o alicerce do movimento sionista.<sup>77</sup>

### 2.1.2 Declaração de Balfour

A Declaração de Balfour é muito importante na compreensão do conflito pelo que segue. No início da Primeira Guerra Mundial, a Turquia tinha aproximações com a Alemanha e controlava grande parte do Oriente Médio – inclusive a Palestina. A Grã-Bretanha percebeu a importância da região e do canal de Suez como corredor de ligação com seus domínios na Índia, passando a exercer maior interesse e influência ali. Para tanto, a Coroa Britânica acreditava que se possuísse e protegesse uma colônia - ou Estado livre - judaica ali, esta

<sup>69</sup> Theodor Herzl, jornalista austríaco e fundador do movimento Sionista. BEN-GURION, David. *Thodor Herzl: Austrian Zionist Leader*. [S.l.: s.n.], 2020. Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Theodor-Herzl>. Acesso em: 10 nov. 2021.

<sup>70</sup> DOLAN, 1993, p. 88.

<sup>71</sup> CAMARGO, 2015, p. 427-428.

<sup>72</sup> LAILA, Sâmia. O que foi o Sionismo? *Teologia Brasileira*. São Paulo, 7 ago. 2018. Disponível em: <https://teologiabrasileira.com.br/o-que-foi-o-sionismo>. Acesso em: 10 mar. 2021.

<sup>73</sup> CAMARGO, 2015, p. 427-428.

<sup>74</sup> SHAVIT, 2016, p. 72.

<sup>75</sup> CAMARGO. In. MAGNOLI, 2015, p. 428.

<sup>76</sup> LAILA, 7 ago. 2018. Disponível em: <https://teologiabrasileira.com.br/o-que-foi-o-sionismo>. Acesso em: 10 mar. 2021.

<sup>77</sup> MORRIS, 2001, p. 19, 38.

ajudaria a manter o Canal de Suez<sup>78</sup> “que era vital para a sobrevivência do Império Britânico no Oriente”, conforme Chapman<sup>79</sup>, sob domínio britânico. Não só isso, mas também como o próprio Lorde Balfour, um diplomata britânico, comentou, os britânicos granjeariam apoio da vasta maioria dos judeus na Rússia e América, e afastariam os franceses da Palestina.<sup>80</sup>

Com essa motivação, é expedida em 1917 aquela que Morris chama de “a garantia internacional crucial ao Sionismo, a Declaração de Balfour”, e assim ela foi compreendida pelos judeus: a colocação de apoio internacional mais importante que eles haviam recebido até então. Ela foi expedida sem terem sido consultados os árabes, então aliados britânicos, os quais sentiram-se muito ultrajados. Agora, eles é que seriam vistos como os usurpadores, e os judeus como donos da terra por direito.<sup>81</sup>

## 2.2 Atritos entre árabes e judeus

É visto, pelo exposto até então, que desde os primeiros momentos houve atritos entre os Palestinos, árabes nativos e os imigrantes judeus. Faz-se apropriado descrever mais alguns detalhes dessa sensível e tensa relação. Serão observados quais são as origens das tendências ao atrito entre ambos os povos, as primeiras mostras organizadas de insatisfação Palestina e um pouco do seu ponto de vista, além da importância que a religião islâmica tem no quadro geral das animosidades.

Pode ser que a rusga entre árabes e judeus remonte ao retorno desses últimos do exílio babilônico, no séc. V e VI a.C., conforme os comentários no relato de Esdras e Neemias dos inimigos árabes que se opunham e tentavam minar a reconstrução de Jerusalém e de seus muros (cf. Ne 4), como afirma Dolan.

Talvez de forma semelhante aos tempos bíblicos, Dolan diz, então, que os judeus, que no início do séc. XX retornaram à Palestina, “eram vistos como uma ameaça cultural das maiores para as conservadoras comunidades islâmicas e cristãs” que estavam na região. Líderes árabes da época diziam que os judeus planejavam vingar-se deles, por causa das perseguições de séculos.<sup>82</sup> Nesse misto de sentimentos, houve hostilidades árabes contra os judeus desde os primeiros momentos. A princípio, apenas estranhamento e ojeriza à distância; depois, passou-se a agressões físicas.<sup>83</sup>

Nos primórdios do movimento sionista e da imigração à Palestina, Herzl, sendo europeu, deixou isso claro na sua visão dos palestinos, considerando-os primitivos e atrasados, confiando que todos eles veriam o estabelecimento judeu na região como algo benéfico, gerador de avanços econômicos e de direitos civis. Os prováveis problemas que surgiriam

<sup>78</sup> MORRIS, 2001, p. 67-68.

<sup>79</sup> CHAPMAN, Colin. Liberdade para expressar opiniões diferentes. **Martureo**, São Paulo, 13 set. 2019. Disponível em <https://www.martureo.com.br/liberdade-para-expressar-opinioes-diferentes>. Acesso em: 10 mar. 2021.

<sup>80</sup> MORRIS, 2001, p. 71, 74; CHAPMAN, 13 set. 2019. Disponível em <https://www.martureo.com.br/liberdade-para-expressar-opinioes-diferentes>. Acesso em: 10 mar. 2021.

<sup>81</sup> “*The crucial international warrant for Zionism, the Balfour Declaration.*”. In. MORRIS, 2001, p. 73, 75-76.

<sup>82</sup> DOLAN, 1993, p. 53, 97.

<sup>83</sup> SHAVIT, 2016, p. 46 et seq.

entre os nativos e os judeus imigrantes foram subestimados em sua seriedade.<sup>84</sup> Shavit concorda e acrescenta que o ponto de vista dos primeiros sionistas era que os judeus europeus, letrados, iriam civilizar os nativos Palestinos, que ainda não tinham cultura política madura, nem sentimento nacionalista algum.<sup>85</sup>

De certa forma, ingenuamente, o movimento era realmente bem-visto pelos nativos – ou pelo menos era visto com indiferença. Por sua vez, os *olim*, imigrantes judeus europeus normalmente mais ricos e instruídos, viam os árabes da região da mesma forma que a maioria dos demais europeus da época viam os povos das colônias na África e Ásia: “[...] primitivos, desonestos, fatalistas, preguiçosos, selvagens [...]”. Além disso, levando em conta todo o quadro de rejeição aos judeus, até mesmo lideranças muçulmanas palestinas aparentemente apoiaram a causa dos imigrantes. Por exemplo, o chefe muçulmano de Jerusalém, Ysuf al-Khalidi, escreveu em 1899, diante das primeiras levas de imigrantes judeus, que a ideia do Sionismo era completamente natural e justa - em teoria. Na prática, no entanto, Khalidi clamava ao bom senso dos organizadores sionistas, sabendo e prevendo que somente pela guerra a Palestina seria obtida. Desde essa época até 1948, o medo da desapropriação e do deslocamento territorial foi o que fomentou a oposição árabe ao Sionismo. Como previsto por Khalidi, a partir da chegada dos primeiros grupos judeus, iniciaram-se os desentendimentos e até hostilidades.<sup>86</sup> Tais desentendimentos chegaram ao ponto de se organizarem revoltas e lutas armadas por ambos os lados. Uma das primeiras revoltas organizadas foi a Revolta Árabe de 1936.

### 2.2.1 Revolta árabe de 1936

Pouco antes do período da assinatura da Declaração de Balfour, os britânicos haviam prometido aos palestinos o estabelecimento de um estado árabe independente depois da Primeira Guerra Mundial, para ter o apoio deles. Ao mesmo tempo, e em segredo, eles acordaram em 1916 que dividiriam o domínio da região com a França, além de, como dito acima, garantirem aos sionistas, por meio da declaração Balfour em 1917, a formação de um estado independente judeu na mesma região.<sup>87</sup>

Obviamente, essa jogada política com a promessa do mesmo território a três partes diferentes e conflitantes não gerou paz na região. Após a Declaração de Balfour, como era de se esperar, os atritos entre árabes e judeus foram crescendo e se tornando mais comuns, não somente por causa do Sionismo, mas também por desentendimentos entre os árabes e potências europeias dominantes - em relação às quais os judeus davam apoio ou ficavam neutros.<sup>88</sup>

Com o passar dos anos, por causa das promessas britânicas não cumpridas, o líder muçulmano de Jerusalém, Hussein, liderou uma revolta que eclodiu em 1936, contra os

<sup>84</sup> SHLAIM, 2004, p. 40.

<sup>85</sup> SHAVIT, 2016, p. 30.

<sup>86</sup> “[...] primitive, dishonest, fatalistic, lazy, savage [...]”. In. MORRIS, 2001, p. 43, 37, 42-66.

<sup>87</sup> SHLAIM, 2004, p. 44.

<sup>88</sup> MORRIS, 2001, p. 88-120.



britânicos e judeus.<sup>89</sup> Depois da escalada de agitação, e para dar fim a ela, os britânicos aceitaram algumas exigências dos revoltosos, a saber: a cessação da imigração de judeus e da compra de terras por eles, e um estado árabe independente. Para oficializar, foi expedida a Carta Branca, em maio de 1939. Nela foi proposto um teto de 75 mil imigrantes judeus nos próximos cinco anos, severas limitações à compra de terras, entre outros.<sup>90</sup>

Tão logo que a Alemanha se tornou nazista, uma pátria aos judeus tornou-se evidentemente necessária, como diz Shavit.<sup>91</sup> Logicamente, o Holocausto gerou nos judeus ambos os sentimentos: de desespero e necessidade de um refúgio, assim como a certeza de que a sua causa é que era justa, na reivindicação da Palestina.<sup>92</sup> Isso posto, é fácil imaginar o impasse, sendo que os britânicos, em cumprimento à Carta Branca, bloquearam severamente a imigração judaica à Palestina.

### **2.2.2 Ponto de vista Palestino**

Dolan, tendo vivido vários anos (nas décadas de 1970 e 1980) em Israel e região, viu de perto e comenta a frustração dos palestinos que habitavam Israel. Os palestinos que habitam território israelense dependem da aprovação desses para quase qualquer movimentação. Dolan cita também a raiva e sentimento de ofensa e humilhação dos palestinos, por estarem constantemente sob suspeita das patrulhas israelenses, sendo interrogados e revistados enquanto vão até mesmo para sua própria cidade natal.<sup>93</sup> Não é difícil compreender tais sentimentos, colocando-se no lugar de quem os sofre. Não se quer cair aqui em um anacronismo. Dessa forma, vale observar que, muito provavelmente, esse mesmo sentimento que tantos anos depois ainda se nutria pelos judeus teve origem lá, quando eles começaram a despontar como usurpadores da terra nativa dos palestinos. Com isso corroboram relatos como o de Shavit. Ele registra que, tendo crescido o movimento nacionalista Palestino, junto dele cresceu a exigência que parasse completamente a imigração judaica. O movimento de libertação árabe queria expulsar os judeus das terras onde haviam se assentado.<sup>94</sup>

Tal desejo de expulsão deu-se também pelo crescimento dos sionistas. Eles eram, com razão, um grupo crescente. No intervalo entre 1923-1929, a população judaica aumentou em 77 mil pessoas, e aumentou ainda mais dramaticamente na década seguinte. O problema foi que, além de crescente, os árabes passaram a vê-los como aqueles que roubariam as áreas sagradas ao Islã.<sup>95</sup> Portanto, vale frisar a importância que essa religião teve nas ações hostis contra os judeus.

---

<sup>89</sup> CAMARGO. *In*. MAGNOLI, 2015, p. 430.

<sup>90</sup> MORRIS, 2001, p. 157-158.

<sup>91</sup> SHAVIT, 2016, p. 72.

<sup>92</sup> SHLAIM, 2004, p. 62.

<sup>93</sup> DOLAN, 1993, p. 177.

<sup>94</sup> SHAVIT, 2016, p. 96.

<sup>95</sup> MORRIS, 2001, p. 107, 112.



### 2.2.3 Influência do Islã nos conflitos

Não é o objetivo da presente pesquisa a apologética ou crítica à fé islâmica, ou ao Corão, seu livro sagrado. Ainda assim, é necessário citar a importância que ela parece ter na motivação à luta contra Israel e o povo judeu.

Como referido acima, em muitos períodos anteriores, os judeus foram separados e discriminados como sendo de segunda classe e inferiores, nas sociedades muçulmanas. Segundo Morris, o Corão tem muitas referências a como os judeus são alvo da ira de Alá, e marcados pela sua baixa e desgraça. A atitude muçulmana com os judeus teve papel decisivo no desenrolar do conflito. No início, a ideia era de que os judeus, meros objetos subservientes, nada poderiam fazer na Palestina. Depois, com a escalada da agressividade, a justificativa era que os judeus eram amaldiçoados por Deus e só intentavam o mal.<sup>96</sup>

Shavit registra que, ainda em 1930, deu-se o início do treinamento de algumas células terroristas “comprometidas com o Islã, com o sigilo e com a guerra contra os judeus”,<sup>97</sup> as quais fomentaram o crescimento das hostilidades entre judeus e palestinos desde aquela época. Chapman concorda em parte. Para ele, “como muçulmanos, era inevitável que os palestinos apelassem para a história e para a ideologia islâmica para motivá-los em sua luta”. No entanto, a principal motivação para a agressividade não teriam sido “[...] as crenças islâmicas, nem tampouco o ódio contra os judeus, mas sim a sua experiência de desapropriação”. Sem dúvida, a desapropriação do território (mesmo que, nesse período, ele tivesse sido comprado) foi um fator muito importante no processo. Ainda assim, observa Dolan, “o islamismo sempre desempenhou um papel importante na luta da OLP [Organização pela Libertação da Palestina, a ser fundada em 1964] a fim de libertar a Palestina [...] observando ainda que os ensinamentos islâmicos são o solo de onde se origina grande parte da maneira de pensar e das normas daquela organização”. A OLP, aqui, foi onde culminaram muitos anos de conflito dos árabes e palestinos com seu inimigo em comum, o judeu. Portanto, segundo o referido autor, o sistema religioso e as escrituras sagradas islâmicas incitam o escárnio, se não o ódio, e exaltam a guerra aos judeus.<sup>98</sup>

## 3. CONFLITO ÁRABE-ISRAELENSE

É assunto muito sensível, ainda no cenário atual, o conflito árabe-israelense (ou israelo-árabe, ou israelo-palestino). Nesse ponto, já pode-se considerar lugar comum que, desde a chegada dos primeiros judeus no século XIX, houve atritos entre eles e os palestinos que estavam ali. É difícil afirmar que houve, em especial nos períodos entre as guerras que serão analisadas a seguir, algum momento de completa ausência de hostilidades. Assim, mesmo com os armistícios e tratados de cessar fogo, havia tensão e ataques esporádicos.<sup>99</sup>

Para se ter noção da situação complicada com que o conflito pode ser comparado, cita-se a ilustração que Camargo traz em sua obra:

<sup>96</sup> MORRIS, 2001, p. 9, 13.

<sup>97</sup> SHAVIT, 2016, p. 80.

<sup>98</sup> DOLAN, 1993, p. 191, 245.

<sup>99</sup> DOLAN, 1993, *passim*.

Um homem pula do teto de uma casa em chamas, na qual muitos de sua família já morreram. Consegue salvar-se, mas na queda atinge uma pessoa, quebrando-lhe braços e pernas. Não havia escolha para o que saltou, mas o que ficou ferido culpa o outro por sua desgraça; e este, temendo vingança, surra-o cada vez que o encontra.<sup>100</sup>

Em face do escopo atual, ainda poderia ser acrescentado ao final da ilustração: o surrado, de tempos em tempos chama seus parentes e surra aquele que o feriu, em um ciclo de vinganças. Os judeus, em sua situação de apossados pelo antissemitismo, estavam como que no “teto de uma casa em chamas”. Sua opção? Pular para se salvar, caindo na Palestina – atingindo os nativos de lá. Assim, dá-se início ao decurso de vinganças e ataques preventivos, seja por árabes e palestinos, seja por judeus.

É frequente a acusação de que a ocupação israelense roubou terras dos árabes. Dolan explica que não, lembrando que os judeus compraram as terras legalmente quando possível – além de as tomarem na guerra de 1948-1949 e as recolonizarem. Isso, obviamente, gerou revolta nos palestinos que antes as possuíam (esse foi o impacto sofrido pela pessoa atingida no “pulo do telhado”, na ilustração acima). Por um lado, é importante lembrar que os árabes é que declararam guerra contra o recém-criado estado judeu, depois de rejeitarem o plano de divisão da região.<sup>101</sup> Por outro lado, os judeus não são “santos”. Camargo é alguém que afirma que “o terrorismo [...] nunca foi instrumento exclusivo dos árabes e palestinos”,<sup>102</sup> assim como Shavit, que traz relatos muito crus de violência e abusos israelenses, sem diferenciar terroristas de civis palestinos, ainda em 1948, e antes.<sup>103</sup>

Num primeiro momento, e como uma ante conclusão, Shavit afirma que Israel é ao mesmo tempo a única nação do Ocidente que mantém outro povo sob ocupação e intimidação, e cuja existência está ameaçada.<sup>104</sup> Dolan confirma, afirmando que é mentiroso negar que os cidadãos árabes que vivem em Israel sofrem qualquer tipo de discriminação da parte dos judeus.<sup>105</sup> Tanto a intimidação, quanto a constante ameaça à própria existência, conforme Shavit, são pilares do Israel atual. Isso torna a sua condição peculiar e complexa. Não há resposta simples ao conflito árabe-israelense.<sup>106</sup>

Passa-se agora à descrição breve dos dois primeiros conflitos maiores que ocorreram na Guerra Árabe-israelense. O primeiro, a Guerra de Independência, constituiu o clímax das hostilidades iniciais entre judeus e palestinos desde a chegada daqueles. O segundo foi a Campanha do Sinai, que aparentemente consolidou o território de Israel e sua posição como Estado independente. Por questões de volume, serão abordados aqui apenas esses dois primeiros conflitos, pois são considerados, para a formação e manutenção do Estado de Israel,

---

<sup>100</sup> CAMARGO. *In.* MAGNOLI, 2015, p. 426 *apud* DEUTSCHER, 1970, p. 16.

<sup>101</sup> DOLAN, 1993, p. 243.

<sup>102</sup> CAMARGO. *In.* MAGNOLI, 2015, p. 434.

<sup>103</sup> SHAVIT, 2016, p. 122ss.

<sup>104</sup> SHAVIT, 2016, p. 14-15.

<sup>105</sup> DOLAN, 1993, p. 261.

<sup>106</sup> SHAVIT, 2016, p. 14-15.

os mais importantes: “a vitória decisiva na guerra de 1948 gerou a nação, e a vitória decisiva na campanha do Sinai de 1956 a estabilizou”.<sup>107</sup>

### 3.1 Guerra de Independência (1947-1949)

É importante ter em mente que, cronologicamente, os acontecimentos relatados aqui se deram logo depois e em conexão à Revolta Árabe de 1936. É praticamente impossível ver todos os detalhes e pontos de vista de qualquer situação. É mais difícil ainda ver todos os detalhes de uma situação tão complexa como a que segue. Portanto, é dada aqui apenas uma visão geral.

Foi relatado o surgimento de células terroristas por parte dos palestinos, ao que os judeus responderam com a criação de grupos armados de defesa como a Haganah e o Irgun – que mais tarde se tornariam as forças regulares do Estado de Israel.<sup>108</sup> Na escalada dos ataques e contra-ataques, o número de vítimas árabes ultrapassou o de judeus em pouco tempo. A diferença principal: as lideranças árabes incentivaram os ataques a civis judeus, ao passo que as lideranças judaicas reprovaram os ataques a civis árabes, que eram feitos normalmente por grupos armados judeus independentes.<sup>109</sup> Isso, obviamente, fez a tensão regional aumentar exponencialmente.

A Grã-Bretanha, que controlava a Palestina antes e durante os anos da Segunda Guerra Mundial, agora era alvo de severa pressão. Por um lado, a pressão por parte dos árabes a quem os britânicos estavam comprometidos depois da Revolta de 1936. Aos revoltosos estava prometido que a imigração judaica à região seria controlada, e era o que a Coroa Britânica vinha fazendo durante toda a Segunda Guerra, e continuava após ela. Por outro lado, diversas nações do mundo, inclusive os EUA, criticaram esse posicionamento, chamando-o de desumano, em vista da necessidade de um lugar para que os judeus fossem acolhidos da perseguição na Europa, a qual gerou uma crescente simpatia por eles, afirma Morris. Além do mais, “centenas de milhares de sobreviventes judeus recusaram-se a permanecer em qualquer lugar perto dos campos de extermínio, os países do Oeste europeu e os EUA não queriam os aceitar, e os sionistas os queriam na Palestina”.<sup>110</sup>

Diante dessa pressão, a Grã-Bretanha decidiu retirar suas forças da Palestina. Pode ser citada ainda outra fonte de incômodo: a certeza que os britânicos tinham, se não retirassem suas forças logo, de que os judeus dali se revoltariam logo após o fim da Segunda Guerra. Era uma revolta que vinha sendo adiada desde 1939. A ameaça era séria, os judeus estavam armados (com armas roubadas ou compradas ilegalmente) e treinados (pelos próprios

<sup>107</sup> SHAVIT, 2016, p. 187. LORCH, Netanel. The Arab-Israeli Wars. In. *Israel Ministry of Foreign Affairs*. [S.l.: s.n.], 2013. Disponível em: <https://mfa.gov.il/mfa/aboutisrael/history/pages/the%20arab-israeli%20wars.aspx>. Acesso em: 30 mar. 2021.

<sup>108</sup> LAPIDOT, Yehuda. Irgun Tz'va'i Le'umi (Etzel): The Establishment of the Irgun. In. *Jewish Virtual Library*. Chevy Chase: [S.n., 20-?]. Disponível em: <https://www.jewishvirtuallibrary.org/the-establishment-of-the-irgun>. Acesso em: 30 mar. 2021.

<sup>109</sup> SHAVIT, 2016, p. 98-99.

<sup>110</sup> “Hundreds of thousands of Jewish survivors refused to remain anywhere near the killing fields, the Western European countries and the United States were unwilling to take them in, and the Zionists wanted them in Palestine.”. In. MORRIS, 2001, p. 170.

Aliados, aos quais muitos judeus se juntaram para lutar contra o Eixo).<sup>111</sup> “Enquanto isso, vários países árabes anunciaram que atacariam e destruiriam o estado judeu no instante em que os ingleses abandonassem a região”.<sup>112</sup>

Além de retirar suas forças da região, por causa das tensões diversas, o Reino Unido passou o encargo da resolução do problema aos EUA. Shavit coloca de uma forma mais pessimista, dizendo que, saturado com o conflito entre árabes e judeus, o governo real britânico abandona tudo aos cuidados da ONU, ao que segue o início da guerra em 1947.<sup>113</sup> Antes da guerra, no entanto, houve um passo muito importante: o Plano de Partilha proposto pela ONU.

### 3.1.1 Plano de Partilha da ONU em 1947

Assim, foi formado o comitê do qual surgiu a ideia da partilha da Palestina entre judeus e árabes, a qual foi aprovada em uma votação entre os Estados membros da ONU, em 18 de novembro de 1947,<sup>114</sup> após o presidente Truman ter apoiado o plano em discurso.<sup>115</sup> É dito que esse plano de partilha foi, de certo modo, uma tentativa da civilização ocidental de remediar sua falta de ação para prevenir ou impedir o massacre dos judeus na Segunda Guerra.<sup>116</sup> Talvez por essa razão tantas nações prontamente o apoiaram naquele momento. O Plano propunha que a Palestina fosse dividida entre dois Estados, um árabe e um judeu, com a cidade de Jerusalém sendo um *corpus separatum* (entidade separada) sob governo internacional.

Pelos judeus essa resolução foi vista como base legal para o estabelecimento do Estado de Israel. Para os árabes, foi uma afronta.<sup>117</sup> Shlaim diz que foi com tristeza que os líderes judeus aceitaram o Plano de Partilha da ONU em 1947, pois, além de não ficarem com Jerusalém e dependerem das fronteiras da ONU, “eles não gostaram da ideia de um estado palestino independente [...]”.<sup>118</sup> Dolan diz o contrário: os judeus, segundo ele, concordaram e se alegraram com a solução. Já os árabes juraram destruir o estado judeu. É consenso, por sua vez, que houve hostilidades esparsas partindo dos árabes, às quais os judeus, armados, responderam,<sup>119</sup> logo após a votação e aprovação do Plano.<sup>120</sup>

### 3.1.2 As duas etapas da guerra

Após a assinatura da Resolução de Partilha diversos ataques esparsos a ônibus e lojas, por parte dos árabes, iniciaram as hostilidades do primeiro período do conflito. Este

<sup>111</sup> MORRIS, 2001, p. 170, 174, 176.

<sup>112</sup> DOLAN, 1993, p. 120.

<sup>113</sup> SHAVIT, 2016, p. 130.

<sup>114</sup> MORRIS, 2001, p. 176, 186.

<sup>115</sup> DOLAN, 1993, p. 120.

<sup>116</sup> MORRIS, 2001, p. 186.

<sup>117</sup> ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA. *United Nations Resolution 181*. [S.l.: s.n.], 2020. Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/United-Nations-Resolution-181>. Acesso em: 30 mar. 2021.

<sup>118</sup> SHLAIM, 2004, p. 65, 69.

<sup>119</sup> DOLAN, 1993, p. 120.

<sup>120</sup> DOLAN, 1993, p. 120; SHLAIM, 2004, p. 69; ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA, [S.l.: s.n.], 2020. Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/United-Nations-Resolution-181>. Acesso em: 30 mar. 2021.

caracterizou-se por ações de guerrilha entre a comunidade judaica e a palestina.<sup>121</sup> O segundo período ou etapa do conflito teve como característica uma guerra a nível internacional, envolvendo as forças regulares de algumas nações árabes, e não apenas milícias palestinas (por mais que Lorch divida o conflito em *quatro*, não *duas* fases, a diferença entre a primeira e segunda metades da guerra é notável. Essa última divisão é adotada aqui).<sup>122</sup>

Na comparação de forças da primeira metade do conflito, ao menos teoricamente, a batalha parecia muito desigual. Os palestinos somavam quase o dobro de população que os judeus (1,2-1,3 milhão para 650 mil), além de contarem com o apoio de todas as nações árabes ao seu redor, enquanto os judeus contavam com o restante da Diáspora, muito mais distante, espalhada e impedida de auxiliá-los pelo até então vigente bloqueio britânico. Por sua vez, Israel era superior em organização, união e comando nacional, tendo altíssima sua motivação. A desigualdade se esclarece pelas palavras de Morris: “o confronto em 1947-48 foi entre uma sociedade altamente motivada, literata, organizada e semi-industrial [a judaica], e outra retrógrada, grandemente iliterata, desorganizada e agrícola [a palestina]”.<sup>123</sup>

O auxílio dado pelas nações árabes às milícias palestinas foi menos organizado e bem menos generoso, comparado com aquele dado pela Organização Sionista Mundial, no momento de necessidade dos seus apoiados. Mesmo que a Haganah contasse com povoados muito bem fortificados, até mesmo com cercas de arame farpado e alguns campos minados, seus equipamentos eram precários. Eles não possuíam artilharia, nem tanques de guerra, nem aviões de combate. Em lugar disso, tinham alguns carros blindados improvisados, uns poucos aviões civis e muito pouca munição. Os ataques palestinos não foram uma campanha militar, senão ataques esparsos e independentes a veículos, bairros e agrupamentos judeus, dos quais a Haganah se defendia. A contenda aumentou quando a Haganah, tendo organizado melhor suas forças, partiu para a ofensiva - com contra-ataques propensos a serem desproporcionais aos árabes.<sup>124</sup>

Ben-Gurion, um judeu nascido na Polônia, era um dos fundadores e membros veteranos dos Amantes de Sião. Ele serviu no exército britânico e desde os primórdios do Sionismo foi um líder influente no movimento. Até sua morte em 1973, Ben-Gurion exerceu papel de profunda influência no Estado israelense. Em 1946, ele assumiu a pasta da defesa da Agência Nacional Judaica, pela qual esteve responsável durante todo o conflito.<sup>125</sup> Shlaim comenta que, aos olhos de Ben-Gurion, esses ataques iniciais de guerrilheiros árabes foram “meramente um prelúdio de um amplo conflito militar com os exércitos regulares dos estados árabes vizinhos”, o que se provou verdade.<sup>126</sup> Morris acrescenta que era justamente esse

<sup>121</sup> MORRIS, 2001, p. 190-191; SHLAIM, 2004, p. 69.

<sup>122</sup> LORCH, 2013. Disponível em: <https://mfa.gov.il/mfa/aboutisrael/history/pages/the%20arab-israeli%20wars.aspx>. Acesso em: 30 mar. 2021.

<sup>123</sup> “Facing off in 1947-48 were a highly motivated, literate, organized, semi-industrial society and a backward, largely illiterate, disorganized, agricultural one.”. In. MORRIS, 2001, p. 192.

<sup>124</sup> MORRIS, 2001, p. 193-194, 196-197, 199, 205, 223.

<sup>125</sup> ISRAEL MINISTRY OF FOREIGN AFFAIRS. *Zionist Leaders*: David Ben-Gurion 1886-1973. [S.l.: s.n.], 2013. Disponível em: <https://mfa.gov.il/MFA/AboutIsrael/History/Zionism/Pages/Zionist%20Leaders-%20David%20Ben-Gurion.aspx>. Acesso em: 31 mar. 2021.

<sup>126</sup> SHLAIM, 2004, p. 69.

ataque em maior escala o medo de Ben-Gurion, antes das forças de Israel terem sido provadas em combate.<sup>127</sup>

Em janeiro de 1948 foi o ápice da luta: grupos árabes armados passaram a controlar várias estradas palestinas, e árabes sírios atacaram a região da Galileia, no norte. Em março, mais guerrilheiros árabes sírios e iraquianos juntaram-se à luta. No sul, guerrilheiros egípcios atacaram colônias e estradas judaicas na região do Neguebe.<sup>128</sup>

No início de abril de 1948, chegou o primeiro carregamento expressivo de armas (leves, apenas fuzis, metralhadoras e munição) para a Haganah, comprado da Tchecoslováquia. Tal suporte fomentou a mudança da defensiva para a ofensiva israelense, a qual, bem-organizada e com toda força, desmantelou as formações inimigas. Essa vitória da Haganah foi decisiva na moral das tropas israelenses, que viram e creram no seu potencial e habilidades - algo que uma parcela ínfima dos exércitos árabes possuía.<sup>129</sup> Foi nesse ponto, com a virada do combate pela ofensiva israelense, que se deu o fim da primeira e o início da segunda metade dos combates.<sup>130</sup>

“Oficiais do governo, em Washington, pensavam que as chances de sobrevivência do estado judeu, se fosse proclamado, não eram muito boas”.<sup>131</sup> Mas os judeus queriam pagar para ver. Em 14 de Maio de 1948, houve a Declaração de Independência do Estado de Israel, e a partir de 15 de Maio de 1948, o conflito tomou proporções nacionais.<sup>132</sup> Na noite de 14 de Maio, as forças árabes se preparavam para atacar; no dia seguinte, tal ataque se concretizou, em pelo menos três frentes diferentes e simultâneas: ao oeste, norte e sul.<sup>133</sup> A oposição foi entre “os exércitos da Síria, Jordânia, Egito, Líbano e Iraque, e pequenas forças expedicionárias de um número de outros países árabes, inclusive Iêmen e Arábia Saudita”<sup>134</sup> e a Haganah israelense. Essa, até então paramilitar, fora reformulada e rebatizada de Forças de Defesa de Israel (FDI), nome mantido até hoje.<sup>135</sup>

Na comparação de forças da segunda metade da guerra, vê-se que nesse período Israel tinha melhor se armado, no entanto, de forma ainda precária. Por exemplo, na sua força aérea, contavam com alguns aviões leves que foram armados com metralhadoras e usados como bombardeiros provisórios. Em maio de 1948, tinham à ação quatro caças de origem Tcheca.<sup>136</sup> Pode-se entender que “os israelenses se sentiam fortemente pressionados em

<sup>127</sup> MORRIS, 2001, p. 189.

<sup>128</sup> DOLAN, 1993, p. 121.

<sup>129</sup> MORRIS, 2001, p. 205-223.

<sup>130</sup> LORCH, 2013. Disponível em: <https://mfa.gov.il/mfa/aboutisrael/history/pages/the%20arab-israeli%20wars.aspx>. Acesso em: 30 mar. 2021.

<sup>131</sup> DOLAN, 1993, p. 122 *apud* LAQUEUR, 1972, p. 585.

<sup>132</sup> MORRIS, 2001, p. 191.

<sup>133</sup> DOLAN, 1993, p. 125, 131.

<sup>134</sup> “The armies of Syria, Jordan, Egypt, Lebanon and Iraq, and small expeditionary forces from a number of other Arab countries, including Yemen and Saudi Arabia.”. In. MORRIS, 2001, p. 191.

<sup>135</sup> AMERICAN ISRAELI COOPERATIVE ENTERPRISE. The Haganah. In. *Jewish Virtual Library*. Chevy Chase: [S.n., 20-?]. Disponível em: <https://www.jewishvirtuallibrary.org/the-haganah>. Acesso em: 31 mar. 2021. LORCH, 2013. Disponível em: <https://mfa.gov.il/mfa/aboutisrael/history/pages/the%20arab-israeli%20wars.aspx>. Acesso em: 30 mar. 2021.

<sup>136</sup> MORRIS, 2001, p. 215-216.



todas as frentes da guerra, visto que os exércitos invasores contavam com o apoio de uma força aérea, de artilharia e de tanques de guerra, ao passo que os judeus não dispunham ainda desse armamento” devido ao bloqueio britânico, afirma Dolan.<sup>137</sup>

Ambos os lados tendiam a exagerar a força do oponente, e em nenhum momento os árabes mobilizaram todas as suas tropas. Pelo fim de maio de 1948, as tropas árabes somavam cerca de 28 mil, e as forças de Israel, 38 mil. Enquanto Israel já era quase autossuficiente na produção de armamento leve e treinamento de pessoal, além de terem recebido cerca de 129 milhões de dólares em auxílio da comunidade judaica do exterior, os Estados árabes não possuíam fontes alternativas a que recorrer, sendo que seus exércitos passaram, em Julho de 1948, a se defrontar com “severa escassez de armamento, munição e peças sobressalentes”.<sup>138</sup> Nesse período, Israel capturou as cidades de Ramle e Lida, além de novas áreas na região da Galileia. A parte antiga de Jerusalém, no entanto, sob controle árabe, continuou assim.<sup>139</sup>

Também nesse período, por obra dos próprios judeus, ocorreu o famigerado Massacre de Deir Yassin, onde mais de cem palestinos foram mortos na aldeia com esse nome, por milícias do Irgun e Stern. Esse abuso não foi apoiado pela administração da Agência Judaica, e é tido como uma ação terrorista israelense.<sup>140</sup> No mesmo ensejo, em Lida houve muitas mortes de civis palestinos pelas mãos dos judeus. Shavit descreve o quadro acontecido em Lida de uma forma muito pessoal e crua, baseado em relatos orais dos próprios soldados judeus da época. Lá, no massacre, houve como que um extravasar de emoções dos judeus: tanto raiva pelos ataques que vinham sofrendo há anos pelos terroristas palestinos, assim como euforia por perceberem que tinham capacidade militar e moral.<sup>141</sup> Em julho de 1949, completaram-se os armistícios e o conflito terminou.<sup>142</sup>

### 3.1.4 Resultados

O desfecho do conflito foi uma inegável vitória de Israel. Mesmo tendo sofrido sérias baixas, como seria de se esperar, Israel suportou o ataque e parou os avanços inimigos em suas quatro frentes (egípcia, síria, jordaniana e iraquiana). Mais ainda, os judeus partiram para a ofensiva também na segunda parte do conflito, expulsando os invasores e conquistando algum território.<sup>143</sup> No Plano de Partilha, 55% do território da Palestina foi dado a Israel. Por meio da ofensiva na Guerra de Independência, eles passaram a controlar 79% do território.<sup>144</sup>

O resultado gerou um impacto no mundo árabe que ressoaria por muito tempo: um estado judeu bem no meio do mundo muçulmano. Para Israel, as vantagens foram maiores

<sup>137</sup> DOLAN, 1993, p. 131.

<sup>138</sup> “[...] severe shortages in weapons, ammunition, and spare parts”. In. MORRIS, 2001, p. 215-218.

<sup>139</sup> DOLAN, 1993, p. 133.

<sup>140</sup> CAMARGO. In. MAGNOLI, 2015, p. 432.

<sup>141</sup> SHAVIT, 1026, p. 122ss.

<sup>142</sup> DOLAN, 1993, p. 134; LORCH, 2013. Disponível em: <https://mfa.gov.il/mfa/aboutisrael/history/pages/the%20arab-israeli%20wars.aspx>. Acesso em: 30 mar. 2021.

<sup>143</sup> MORRIS, 2001, p. 235, 249.

<sup>144</sup> CAMARGO. In. MAGNOLI, 2015, p. 435.

que as perdas. À guerra, seguiu-se grande revolução agrária e demográfica que dobrou os assentamentos em cinco anos, assim como impulsionou seu setor industrial.<sup>145</sup> Esses serão abordados mais adiante, ao serem observados os precedentes da Campanha do Sinai de 1956. Shlaim ainda acrescenta que “Israel emergiu da guerra economicamente exaurido, mas com organização e moral elevados, um tremendo senso de realização e uma perspectiva confiante no futuro”.<sup>146</sup>

### 3.1.4 Considerações sobre o conflito

Os comentários são, e não é difícil entender o porquê, que o primeiro objetivo da política de relações externas de Israel foi a sobrevivência. Praticamente metade da força israelense nesse período era composta por sobreviventes do Holocausto.<sup>147</sup> Portanto, não é de surpreender a gana de sobrevivência israelense tanto na área política quanto literalmente.

Podendo ser considerado como revisionista, Camargo afirma que esse conflito não foi, como os historiadores israelenses oficiais registraram, “uma luta de Davi contra Golias”. Na realidade, o que se pôde observar foi um equilíbrio militar na maior parte do conflito.<sup>148</sup> Shlaim também contradiz o discurso da esmagadora superioridade numérica dos árabes. Segundo ele, em todas as etapas da guerra, a FDI foi superior aos árabes. Como resultado, a vitória de Israel mostrou o prevaletimento do lado mais forte, e não um milagre.<sup>149</sup> Ao que as fontes indicam, de fato Israel vinha se preparando há tempo com medo do conflito, e contou com a ajuda da comunidade judaica mundial.

Ao mesmo tempo, Morris lembra que, diante da possibilidade de o Plano de Partilha ser aprovado, os delegados árabes ameaçaram que qualquer esforço nessa direção levaria à guerra. Ainda em 1946, a Liga Árabe enviou fundos, armamentos e voluntários aos palestinos e, em setembro de 1947, ainda antes da assinatura da resolução, essa mesma Liga estabeleceu o Exército de Libertação Árabe, com palestinos e voluntários árabes. Em novembro, o exército Sírio começou a registrar e treinar voluntários. Mais do que isso, os árabes, além de estarem no controle da maior parte das regiões altas da Palestina - que dão vantagem militar - e terem superioridade em armamentos pesados, tinham do seu lado o elemento surpresa, podendo atacar onde e quando quisessem. Mesmo assim, houve a surpreendente vitória Israelense.

Algumas situações de combate causam ainda mais surpresa, levando em conta esses últimos fatores. Por exemplo, a queda de Haifa para os judeus, em 21 de abril de 1947, conforme relatada por Morris. Mesmo contando com número semelhante de soldados, os árabes, desorganizados, sem união e, sentindo-se fracos, viam as forças judaicas como superiores, agressivas e confiantes. As defesas da cidade caíram tão rapidamente que até os comandantes judeus se surpreenderam. Talvez o sentimento de um dos líderes da Liga Árabe resuma o conflito. Ele afirmou que essa guerra seria de extermínio e massacre momentâneo, como foram os ataques Mongóis e as Cruzadas; para a eliminação do estado judeu, afirmou

<sup>145</sup> MORRIS, 2001, p. 235, 249.

<sup>146</sup> SHLAIM, 2004, p. 79.

<sup>147</sup> SHLAIM, 2004, p. 73; GUTTERMAN; SHALEV, 2008, p. 275.

<sup>148</sup> CAMARGO. *In*. MAGNOLI, 2015, p. 432.

<sup>149</sup> SHLAIM, 2004, p. 75.



outro líder. Porém essas afirmações ousadas carregavam profundas dúvidas e divisões entre os Árabes. Para Morris, entre eles não houve concordância sobre os objetivos da guerra, nem unidade no comando militar, nem articulação político-militar.<sup>150</sup>

Essa expectativa e promessa explícita de extermínio aos judeus no discurso de alguns árabes não parou por aí. Justamente esse sentimento foi um dos motivadores dos ataques que, dentre mais fatores, levaram aos combates do próximo conflito do recém-formado Israel: a Campanha do Sinai, em 1956.

### 3.2 Campanha do Sinai (1956)

A situação de Israel até 1951, como descreve Shavit, é a que segue. Havia cerca de 655 mil residentes e 685 mil imigrantes judeus recém-chegados. T tamanha imigração não ajudou o Estado recém-formado porque, além do mais, após a guerra de 1948, Israel enfrentava severa crise econômica devido ao racionamento imposto em 1949. A inflação batia os 30% e o desemprego os 14%. Em 1954, recebendo reparações da Alemanha e vendendo debêntures para os judeus americanos, além de medidas internas tomadas em 1952, a situação reverteu-se. Surpreendente como em 2-3 anos, Israel passou a ter uma taxa de crescimento anual de mais de 10%, e de 1950 a 1959 o PIB israelense cresceu 165%.<sup>151</sup> Ou seja: Israel era uma potência em ascensão.

Do ponto de vista estratégico, por sua vez, Israel estava em uma posição muito complicada. Cercada de inimigos por todos os lados e com todas as suas cidades dentro do alcance da artilharia inimiga, e com um território tão estreito que poderia ser cortado no meio por um avanço blindado decidido. O sentimento era de vulnerabilidade e todo o período de 1949 a 1956 foi de não aparente, mas incessante conflito entre Israel e árabes. Durante essa época, o governo de Israel estava engajado em receber e acolher tantos imigrantes judeus quanto fosse possível. Nas tentativas de negociação entre árabes e Israel, o público israelense não aceitava as demandas árabes, que eram ceder os territórios tomados na guerra e receber de volta os refugiados palestinos.<sup>152</sup>

Para os países árabes, as consequências da derrota para Israel em 1948 foram sentidas de maneira abrupta na política, em especial na Síria e no Egito, onde houve golpes de estado e consequente instauração de regimes militares nacionalistas, em 1949 e 1952, respectivamente. No Egito, destaca-se a figura do coronel Gamal Abdel Nasser, que assumiu o governo e passou a agir como incitador do panarabismo.<sup>153</sup> Nasser tinha tendências marxistas e relações com a União Soviética, que o estava armando, enquanto na época Israel mantinha relações amigáveis com o bloco ocidental.<sup>154</sup> Esse tratado com a União Soviética para fornecimento de armamentos faria a balança pender drasticamente para seu lado.<sup>155</sup> Ao mesmo tempo, assinou um tratado militar com a Síria e anunciava em seus discursos que seria

<sup>150</sup> MORRIS, 2001, p. 186-187, 222, 211, 219.

<sup>151</sup> SHAVIT, 2016, p. 175-176.

<sup>152</sup> MORRIS, 2001, p. 259-269.

<sup>153</sup> CAMARGO. *In*. MAGNOLI, 2015, p. 435-436.

<sup>154</sup> DOLAN, 1993, p. 140-141.

<sup>155</sup> MORRIS, 2001, p. 284.

o líder da nova tentativa de exterminar os judeus.<sup>156</sup> Ben-Gurion não duvidava de que, assim que se achasse devidamente preparado, Nasser destruiria o Estado de Israel.<sup>157</sup>

Nasser bloqueou a saída de Israel ao mar Vermelho em 1954 e no canal de Suez, impedindo suas exportações que passavam por ali para o hemisfério sul e Mediterrâneo.<sup>158</sup> Camargo comenta que, motivados pela ideia de “empurrar os judeus para o mar”, esse bloqueio da saída ao mar fez parte do boicote econômico quase total que os árabes impuseram a Israel.<sup>159</sup>

Uma das ações notáveis e determinantes ao conflito por parte de Nasser foi forçar, diplomaticamente, a Grã-Bretanha a retirar sua força militar do canal de Suez em junho de 1956, de acordo com Morris. Por meio de tentativas de levar o Egito à guerra com as potências ocidentais, Israel ordenou operações secretas que foram rechaçadas pelo Egito, os agentes mortos e os ânimos sobrecarregados. O Egito não ficava para trás, enviando pequenos grupos de agentes que espionavam e atacavam israelenses, em especial civis, às quais Israel respondia militarmente.<sup>160</sup> As tensões obviamente aumentaram a partir desses ataques.<sup>161</sup> Shlaim acrescenta que os conflitos sangrentos ao longo da fronteira com a faixa de Gaza (controlada pelo Egito) foram entendidos como aumento da beligerância egípcia e, conseqüentemente, da fragilização da segurança de Israel.<sup>162</sup>

### 3.2.1 Agressões nas fronteiras e ameaças nos discursos árabes

Os atritos mais perceptíveis eram nas fronteiras, com tentativas de palestinos e árabes de se infiltrar no território israelense. Os principais responsáveis pelos ataques terroristas eram os chamados Fedayin. Os *Fedayin* (“guerreiros da liberdade” ou “mártires”) surgiram como fruto do *Al Nakhba* (“o desastre”), como era chamada a derrota palestina na guerra de 1948. Eram normalmente jovens com sede de vingança. Seus ataques eram voltados a veículos, fazendas e moradias israelenses.<sup>163</sup> Nasser já havia afirmado em 1955 que o Egito enviaria os Fedayin, chamados por ele de “seus heróis [do Egito], discípulos de Faraó e filhos do Islã” para purificarem a terra da Palestina, alcançando sua vingança com a morte de Israel.<sup>164</sup>

Com o passar do tempo, as reações israelenses às infiltrações foram aumentando. Qualquer pessoa que cruzasse a fronteira em direção a Israel era alvo de atiradores militares. Minas terrestres e armadilhas com explosivos se tornaram práticas muito usadas, sendo

<sup>156</sup> DOLAN, 1993, p. 140-141.

<sup>157</sup> SHLAIM, 2004, p. 204.

<sup>158</sup> DOLAN, 1993, p. 140-141.

<sup>159</sup> CAMARGO. In. MAGNOLI, 2015, p. 436; MORRIS, 2001, p. 269.

<sup>160</sup> MORRIS, 2001, p. 281-283.

<sup>161</sup> DOLAN, 1993, p. 140-141.

<sup>162</sup> SHLAIM, 2004, p. 176.

<sup>163</sup> ROBERT, Johnson (et al.). **Para ganhar a guerra**: as 25 melhores táticas de todos os tempos. Traduzido por Alexandre Martins. Rio de Janeiro: Zahar, 2012, p. 233.

<sup>164</sup> “[...] her heroes, the disciples of Pharaoh and the sons of Islam”. In. BARD, Mitchell. **Myths and Facts**: a guide to the Arab-israeli conflict. Chevy Chase: American-Israeli Cooperative Enterprise, 2017, p. 45. Disponível em: <https://www.jewishvirtuallibrary.org/jsource/images/mf2017.pdf>. Acesso em: 19 mar. 2021.

constantes as vítimas árabes, e crescentes as críticas à super-reação de Israel, conforme Morris relata.<sup>165</sup>

Na virada de 1955-56 as infiltrações egípcias cessaram, mas eles passaram a atirar através da fronteira em posições israelenses o tempo todo, além de emboscarem patrulhas israelenses. A isso, Moshe Dayan (então Chefe do Estado Maior Israelense)<sup>166</sup> respondeu com um ataque de raiva, que matou civis também, e foi repreendido depois. Mais além, não são poucos os comentários sobre as expulsões de muitos palestinos supostamente infiltrados, e do tratamento cruel dispensado a eles pelos judeus. Isso tudo, como pode-se imaginar, deixou “todo o Neguebe (a então fronteira entre Israel e Egito) em um estado de tensão, prontidão e pânico”.<sup>167</sup>

Os ataques, seja pelos Fedayin, seja por forças egípcias, seja em boicotes econômicos, foram todos acompanhados constantemente por afirmações de ódio e promessas de extermínio por parte dos líderes árabes, mas em especial por Nasser. Esses líderes e sua mídia falavam constantemente em uma revanche, um segundo round da guerra de 1948 e, obviamente, enfatizavam seu desejo de exterminar qualquer resquício de sionismo. O teor de tais discursos era tão sério que o primeiro-ministro britânico, em reação às falas de Nasser e à nacionalização do Canal, afirmou que ele era um Hitler renascido, e suas agressões deveriam parar.<sup>168</sup>

Em 1954, o Ministro de Relações Exteriores do Egito declarou, sem melindres: “Nós [o povo árabe] não nos satisfaremos a não ser pela obliteração final de Israel do mapa do Oriente Médio”.<sup>169</sup> Levando em conta a tensão fronteiriça e esses discursos de ameaça, entre 1955-56 não se via mais a paz como alternativa. A questão era iniciar logo a guerra, ou primeiro tentar todos os caminhos diplomáticos.<sup>170</sup>

### 3.2.2 Objetivos da Campanha

As infiltrações seguiram, bem como as retaliações, que eram cada vez mais parecidas com operações militares. Seu objetivo era treinar as tropas de Israel e elevar sua moral, além de provocar outro conflito de modo a completar a conquista do território.<sup>171</sup> Era um objetivo explícito de Dayan, que tinha um posicionamento nitidamente belicoso. Para ele, um segundo turno da guerra de 1948 estava apenas sendo prorrogado, mas era inevitável, e Israel devia se preparar para tanto. Ele desejava forçar, para logo, o confronto com o Egito, antes que esse tivesse a dianteira em armamentos. Como tentativa disso, e para preparar as forças de Israel para o confronto, eram feitas represálias aos ataques de fronteira.<sup>172</sup> Camargo também

<sup>165</sup> MORRIS, 2001, p. 269-273.

<sup>166</sup> AMERICAN ISRAELI COOPERATIVE ENTERPRISE. Moshe Dayan (1915-1981). In. *Jewish Virtual Library*. Chevy Chase, [20-?]. Disponível em: <https://www.jewishvirtuallibrary.org/moshe-dayan>. Acesso em: 31 mar. 2021.

<sup>167</sup> “*The whole of the Neguev in a state of tension, readiness and panic.*”. In. MORRIS, 2001, p. 287, 273.

<sup>168</sup> MORRIS, 2001, p. 261, 296.

<sup>169</sup> “*We shall not be satisfied except by the final obliteration of Israel from the map of the Middle East.*”. In. BARD, 2017, p. 45. Disponível em: <https://www.jewishvirtuallibrary.org/jsource/images/mf2017.pdf>. Acesso em: 19 mar. 2021.

<sup>170</sup> SHLAIM, 2004, p. 204.

<sup>171</sup> MORRIS, 2001, p. 276-277.

<sup>172</sup> SHLAIM, 2004, p. 192, 194.

confirma isso: Israel como um todo cria que outra guerra só era questão de tempo.<sup>173</sup> Portanto, um dos objetivos da guerra era parar com os ataques de fronteira feitos pelo Egito e pelos Fedayin.

Como líder muçulmano e árabe, Nasser era quem apoiava política e militarmente os rebeldes na Argélia. Isso já fazia dele um inimigo da França, mas a nacionalização do Canal de Suez foi a gota d'água, atraindo a raiva da França e da Grã-Bretanha. Uma vez que o Egito se armava com a URSS, Israel partiu em busca de um fornecedor que os equipasse e igualasse as chances.<sup>174</sup> Na recusa americana, a França forneceu cerca de 72 aviões de caça e 200 tanques a Israel. Além do mais, a França queria atacar o Egito pelo apoio de Nasser aos guerrilheiros argelinos, que haviam se revoltado contra o controle francês na Argélia.<sup>175</sup> Shlaim concorda que os armamentos, mas em especial o inimigo egípcio em comum aproximou muito Israel da França.<sup>176</sup> Essa aproximação e busca por armamento foi, então, objetivando neutralizar a ameaça egípcia, uma vez que eles prometiam atacar Israel e se armavam fortemente para fazê-lo.

Por fim, outro objetivo foi tomar de volta o canal de Suez e a saída para o mar, ao sul, de forma a recuperar o livre trânsito de embarcações e o fluxo comercial israelense ao mundo.<sup>177</sup>

### 3.2.3 Ação: a Campanha em si

O plano era que a França e a Grã-Bretanha atacassem e retomassem o controle do canal de Suez, restabelecendo suas bases militares lá, enquanto Israel destruiria as bases Fedayin e o exército egípcio na faixa de Gaza e Sinai.<sup>178</sup> De forma muito direta, e uma vez que foi uma Campanha quase que relâmpago, pode-se dizer que o ataque coordenado às posições egípcias aconteceu em 29/10/1956, e elas caíram muito rapidamente.<sup>179</sup>

Israel fintou que o ataque seria à Jordânia, não ao Egito - inclusive anunciando à sua própria população uma mobilização geral das reservas, pois supostas forças iraquianas estavam se movimentando na Jordânia. Seguindo à risca o planejado, Israel se valeu completamente do elemento surpresa, uma vez que o Egito não esperava tamanho ataque e tão rápido na península do Sinai - muito menos um ataque anglo-francês ao canal, logo depois. Morris relata que os egípcios, que estavam entrincheirados e sofreram os ataques israelenses no Sinai, o fizeram de forma completamente passiva, sem esboçar nenhuma iniciativa. Os batalhões lutaram sozinhos, sem coesão geral e com pouco apoio de artilharia, o que seria vital. Eles apenas ofereciam resistência nas suas fortificações até que as FDI os flanqueavam e venciam. O comando em Cairo até enviou três brigadas para reforçar as defesas, a força aérea israelense auxiliada pela francesa dominava os céus, e infligiu muitas baixas às colunas que avançavam. Os caças aliados haviam tirado quase toda a força aérea egípcia de combate

<sup>173</sup> CAMARGO. *In.* MAGNOLI, 2015, p. 436.

<sup>174</sup> MORRIS, 2001, p. 284-185, 288.

<sup>175</sup> CAMARGO. *In.* MAGNOLI, 2015, p. 437.

<sup>176</sup> SHLAIM, 2004, p. 213.

<sup>177</sup> DOLAN, 1993, p. 140-142.

<sup>178</sup> MORRIS, 2001, p. 289.

<sup>179</sup> DOLAN, 1993, p. 141.

muito rapidamente. Logo a ordem às forças egípcias foi de retirarem-se de volta, através do canal. Justamente esse auxílio franco-britânico é que foi visto como decisivo por Morris. A resposta egípcia aos ataques foi confusa e inefetiva.

A defesa da faixa de Gaza foi deixada ao encargo de uma divisão palestina, também sob comando egípcio, e da mesma forma desorientada e desmoralizada. Suas ordens foram de atrasar ao máximo o avanço israelense; mas, em face do ataque, a maioria dos soldados fugiu. A força aérea israelense teve supremacia em toda a campanha, exercendo importantíssimo papel de apoio à tropa em terra - enquanto as missões do mesmo teor pelo egípcio foram em grande parte inefetivas.

É intrigante como se deu a batalha mais sangrenta da guerra se deu no Estreito de Mitla. Havia sido ordenada que fosse feita uma pequena patrulha de reconhecimento israelense às defesas egípcias ali. Em vez disso, o comandante paraquedista Ariel Sharon (que mais tarde se tornaria primeiro-ministro) atacou com um batalhão inteiro (cerca de 600 homens). Os egípcios estavam entinchados e posicionados nos dois lados do desfiladeiro, contando com apoio de morteiros de 120mm, armas antitanque e lança-rojão e ataques de caças. O resultado? “Os paraquedistas israelenses tomaram as posições egípcias uma por uma”. 38 mortos e 120 feridos israelenses, 200 mortos egípcios.<sup>180</sup> Resultado, sem dúvida, nada lógico.

### 3.2.4 Resultados

O fim do conflito deu-se devido às tensões da Guerra Fria e ameaças da URSS para que se atendessem à resolução de cessar fogo da ONU. As forças israelenses retiraram-se e devolveram os territórios conquistados, em 1957.<sup>181</sup> Após o fim da campanha, os blocos Americano e Soviético pressionaram Israel para que retirasse suas tropas do Sinai e da Faixa de Gaza.<sup>182</sup> Mais que apenas pressionar, o governo soviético ameaçou os israelenses: Nikolai Bulganin, premier soviético, em correspondências à França, Grã-Bretanha e Israel prometeu ataques com foguetes contra esse último, e reforços para o exército egípcio por conta da Campanha do Sinai.<sup>183</sup> Interessante notar a contradição da atitude soviética. Em primeiro lugar, o Egito podia bloquear as saídas de Israel para o mar, e ameaçar destruí-los, mas Israel não pôde abrir caminho para fora do bloqueio sem receber ameaças soviéticas. Em segundo lugar, o bloco soviético ameaçou Israel por causa de sua invasão ao Egito, ao mesmo tempo que as tropas soviéticas invadiram a Hungria,<sup>184</sup> em 4 de novembro de 1956, por ocasião da Revolução naquele país.<sup>185</sup>

Como balanço total, do lado de Israel foram cerca de 190 mortos, 20 capturados e 800 feridos. Do lado egípcio, houve muitos milhares de mortos e muita perda de equipamento,

<sup>180</sup> “[...] the Israeli paratroop took one Egyptian position after another.”. In. MORRIS, 2001, p. 290-296.

<sup>181</sup> DOLAN, 1993, p. 140-142.

<sup>182</sup> SHLAIM, 2004, p. 232.

<sup>183</sup> SHLAIM, 2004, p. 232; CAMARGO. In. MAGNOLI, 2015, p. 438.

<sup>184</sup> AMERICAN ISRAELI COOPERATIVE ENTERPRISE. The Sinai-Suez Campaign: Background & Overview. In. *Jewish Virtual Library*. Chevy Chase, [20-?]. Disponível em: <https://www.jewishvirtuallibrary.org/background-and-overview-sinai-suez-campaign>. Acesso em: 19 mar. 2021.

<sup>185</sup> ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA. *Hungarian Revolution*. [S.l.: s.n.], 2018. Disponível em: <https://www.britannica.com/event/Hungarian-Revolution-1956>. Acesso em: 19 mar. 2021.

além de cerca de 4 mil capturados por Israel. Essa campanha significou a redução drástica das tensões fronteiriças entre Israel e Egito e Israel e Jordânia.<sup>186</sup>

De forma estritamente militar, a Campanha teve três objetivos, os quais foram plenamente atingidos. Primeiro: o exército egípcio foi completamente derrotado - só não destruído porque recuou em tempo. Segundo: a navegação israelense não foi mais barrada no mar Vermelho. Por fim, as bases de Fedayin em Gaza foram destruídas e seus ataques a partir dali cessaram. No entanto, no campo governamental, Nasser saiu como derrotado militarmente, mas grande vitorioso político, mostrando que Israel era expansionista e “uma cabeça de ponte do imperialismo ocidental no mundo árabe”.<sup>187</sup> Camargo reitera que os resultados militares foram atingidos, os resultados políticos falidos e o sionismo associado ao imperialismo anglo-francês.<sup>188</sup>

Israel até tentou negociar a paz, mas Nasser negou.<sup>189</sup> Camargo ainda acrescenta que, grandemente prestigiado, Nasser avultou como líder panárabe apto a enfrentar Israel.<sup>190</sup> Morris corrobora que, sem parar após a Campanha, já em 1956, Nasser constantemente citava a necessidade de destruir Israel, assim como os demais líderes árabes, que falavam da necessidade de um terceiro round da guerra. Para Morris, “se a destruição de Israel não foi uma política árabe antes, depois de 1956 ela muito certamente foi”.<sup>191</sup>

Os objetivos foram alcançados. Israel tinha, pelo menos, feito ouvir sua necessidade quanto ao bloqueio marítimo e comercial e mostrado que era capaz militarmente. Porém, o conflito, no escopo geral, estava longe de terminar. Os ataques a Fedayin cessaram, mas alguns anos depois surgiram outras ações semelhantes – inclusive pelo grupo que viria a formar a Organização pela Libertação da Palestina (OLP), ativa até hoje.<sup>192</sup> Por ora, no entanto, é suficiente o relato até aqui.

Como já se afirmou acima, “a vitória decisiva na guerra de 1948 gerou a nação, e a vitória decisiva na campanha do Sinai de 1956 a estabilizou”.<sup>193</sup> Mesmo que tenha sido um conflito que durou apenas cerca de 100 horas, ele foi muito importante para a consolidação de Israel como Estado independente e autônomo.<sup>194</sup>

<sup>186</sup> MORRIS, 2001, p. 296, 301.

<sup>187</sup> SHLAIM, 2004, p. 234-235.

<sup>188</sup> CAMARGO. In. MAGNOLI, 2015, p. 438.

<sup>189</sup> BARD, 2017, p. 47. Disponível em: <https://www.jewishvirtuallibrary.org/jsourc/images/mf2017.pdf>. Acesso em: 19 mar. 2021.

<sup>190</sup> CAMARGO. In. MAGNOLI, 2015, p. 438.

<sup>191</sup> “If the destruction of Israel was not an Arab policy before, after 1956 it most certainly was.”. In. MORRIS, 2001, p. 298, 301.

<sup>192</sup> AMERICAN ISRAELI COOPERATIVE ENTERPRISE, [20-?]. Disponível em: <https://www.jewishvirtuallibrary.org/background-and-overview-sinai-suez-campaign>. Acesso em: 19 mar. 2021.

<sup>193</sup> SHAVIT, 2016, p. 187.

<sup>194</sup> LORCH, 2013. Disponível em: <https://mfa.gov.il/mfa/aboutisrael/history/pages/the%20arab-israeli%20wars.aspx>. Acesso em: 30 mar. 2021.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse artigo foi possível observar que os judeus sempre sofreram perseguição de alguma forma. Em todos os períodos históricos, o povo judeu foi excluído, discriminado ou atacado de alguma maneira.

Os ataques físicos estiveram presentes em vários momentos, mas se intensificaram sobremaneira a partir do século XIX com os *pogroms* e depois com o Holocausto e o consequente assassinato de milhões de judeus. Isso tornou necessário um território de asilo ao povo judeu que estava espalhado pela Europa. Para tanto, eles voltaram à Palestina, seu terreno histórico de habitação, onde constituíram o Novo Estado de Israel, em 1948. Devido aos atritos com os palestinos nativos e ao ódio dispensado contra os judeus (agora chamados também israelenses) pelos árabes, foram deflagrados diversos conflitos armados. Neste artigo, foram analisados os dois primeiros conflitos. Em ambos foi possível observar uma capacidade de superar dificuldades muito maior por parte dos judeus, fosse em conseguir armamentos, em desenvolver estratégias e táticas ou em reestruturar seu território após os embates.

Esses acontecimentos deixam no ar algumas perguntas: sendo uma nação recém-formada, meio esvaçada pelo recente Holocausto, em grande parte refugiada, como Israel conseguiu tais proezas? Isso não é humanamente lógico. Pode ser, então, que o desenrolar do plano de Deus esteja ocorrendo hoje, a olhos vistos? Seriam os eventos atal cumprimentos de profecias bíblicas e mostras do cuidado de Deus com Israel? Esses são questionamentos a serem abordados em pesquisas futuras.

## REFERÊNCIAS

AMERICAN ISRAELI COOPERATIVE ENTERPRISE. *Jewish Virtual Library*. Chevy Chase: [S.n., 20-?]. Disponível em: <https://www.jewishvirtuallibrary.org>. Acesso em: 22 mar. 2021.

BARD, Mitchell. *Myths and Facts: a guide to the Arab-israeli conflict*. Chevy Chase: American-Israeli Cooperative Enterprise, 2017. 400 p. Disponível em: <https://www.jewishvirtuallibrary.org/jsource/images/mf2017.pdf>. Acesso em: 19 mar. 2021.

*BBC News*. [S. l.]: BBC, 29 abr. 2016. Disponível em: <https://www.bbc.com/news>. Acesso em: 10 nov. 2021.

CALDAS AULETE DIGITAL. Rio de Janeiro: Lexicon, [20-?]. Disponível em: <https://www.aulete.com.br>. Acesso em: 22 jun. 2021.

CHAPMAN, Colin. Liberdade para expressar opiniões diferentes. *Martureo*, São Paulo, 13 set. 2019. Disponível em <https://www.martureo.com.br/liberdade-para-expressar-opinioes-diferentes>. Acesso em: 10 mar. 2021.

DOLAN, David. *Guerra Santa para a Terra Prometida*. Traduzido por João M. Bentes. São Paulo: Candeia, 1993.



DOUGLAS, J. D. (org.) **O Novo Dicionário da Bíblia**. Traduzido por João Bentes. São Paulo: Vida Nova, 1995.

**Encyclopaedia Britannica**. [S.l.: s.n.], 2020. Disponível em: <https://www.britannica.com>. Acesso em: 26 mar. 2021.

FERREIRA, Franklin. A tentação do antissemitismo. **Teologia Brasileira**. São Paulo, 7 ago. 2018. Disponível em: <https://teologiabrasileira.com.br/o-que-foi-o-sionismo>. Acesso em: 10 mar. 2021.

FERREIRA, Júlio Andrade de. **Judeu: enigma da história**. Campinas: Luz para o Caminho, 1987.

GILBERT, Martin. **A Segunda Guerra Mundial: os 2174 dias que mudaram o mundo**. Traduzido por Ana L. Faria e Miguel S. Pereira. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2014.

GUTTERMAN, Bella; SHALEV, Avner (edt.). **Para que los sepan las generaciones venideras: la recordación del Holocausto en Yad Vashem**. Jerusalém: Yad Vashem, 2008.

HITLER, Adolf. **Mein Kampf: a minha luta**. Lisboa: Guerra e Paz, 2016.

INTERNATIONAL BIBLE SOCIETY. **Bíblia Sagrada português-inglês**. Nova Versão Internacional. São Paulo: Vida, 2003.

**Israel Ministry of Foreign Affairs**. [S.l.: s.n.], 2013. Disponível em: <https://mfa.gov.il>. Acesso em: 30 mar. 2021.

JOHNSON, Rob; WHITBY, Michael; FRANCE, John. **Para ganhar a guerra: as 25 melhores táticas de todos os tempos**. Traduzido por Alexandre Martins. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

KLEIN, Ralph W. **Israel no exílio: uma interpretação teológica**. Santo André: Academia Cristã, 2012.

LAILA, Sâmia. O que foi o Sionismo? **Teologia brasileira**. São Paulo, 7 ago. 2018. Disponível em: <https://teologiabrasileira.com.br/o-que-foi-o-sionismo>. Acesso em: 10 mar. 2021.

MAGNOLI, Demétrio (org.). **História das guerras**. São Paulo: Contexto, 2015.

MCDERMOTT, Gerald R. **A importância de Israel: porque o cristão deve pensar de maneira diferente em relação ao povo e à terra**. Traduzido por A. G. Mendes. São Paulo: Vida Nova, 2018.

MOORHOUSE, Roger. **O Terceiro Reich em 100 objetos: uma história material da Alemanha Nazi**. Traduzido por Miguel Mata. Alfragide: Casa das Letras, 2018.

MORRIS, Benny. **Righteous victims: a history of the Zionist-Arab conflict, 1881-2001**. Nova York: Vintage, 2001.

SACCONI, Luiz A. **Grande dicionário Sacconi: da língua portuguesa: comentado, crítico e enciclopédico**. São Paulo: Nova Geração, 2010.



SAYÃO, Luiz. **A importância de Israel**. São Paulo: Vida Nova, 30 nov. 2018, vídeo. Disponível em: <https://youtu.be/LdDOLDOyWxA>. Acesso em: 12 mar. 2021.

SHAVIT, Ari. **Minha terra prometida: o triunfo e a tragédia de Israel**. Traduzido por Alexandre Morales. São Paulo: Três Estrelas, 2016.

**The Holocaust Memorial Museum**. Washington: [S.n., 20-?]. Disponível em: <https://encyclopedia.ushmm.org>. Acesso em: 25 mar. 2021.

WESTMINSTER ABBEY. **Anthony Ashley-Cooper, 7th Earl of Shaftesbury**. Londres: [s.n.], 2021. Disponível em: <https://www.westminster-abbey.org/pt/abbey-commemorations/commemorations/anthony-ashley-cooper-7th-earl-of-shaftesbury>. Acesso em: 18 jun. 2021.

**World History Encyclopedia**. Canadá, 30 ago. 2018. Disponível em: <https://www.ancient.eu>. Acesso em: 12 mar. 2021.

# Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878



Ensaio Teológico está licenciada com uma Licença Creative Commons  
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

## OS DOIS DEVEDORES: UMA ANÁLISE DO TEXTO DE LUCAS 7.36-50 COM UM OLHAR SOBRE OS ELEMENTOS CULTURAIS

The two debtors: an analysis of the text of Luke 7.36-50 with a look over the cultural elements

Bruno Litz<sup>1</sup>

### RESUMO

Este artigo concentrou-se na análise do contexto cultural do texto de Lucas 7:36-50 com o objetivo de verificar e comprovar como isso contribui para o entendimento da passagem. Além disso, a pesquisa também abordou os ensinamentos da parábola mencionada por Jesus no relato. Em sua conclusão, o artigo demonstrou as evidências e resultados genuínos do perdão na vida de um pecador, utilizando como exemplo as atitudes da mulher. Além do mais, foi apresentado o caso de Simão, fariseu para quem o perdão não foi concedido, explicando as razões para isso ter ocorrido.

**Palavras-chave:** Contexto Cultural. Parábola. Perdão.

### ABSTRACT

This article has concentrated itself on the analysis of the cultural context of the text of Luke 7:36-50 with the objective of verifying and proving how that contributes to the understanding of the passage. Furthermore, the research also approached the teachings of the parable mentioned by Jesus in the narration. In its conclusion, the article demonstrated the genuine evidences and results of forgiveness in the life of a sinner, utilizing the actions of the woman as an example. Along with that, it also presented the case of Simon, Pharisee to whom forgiveness wasn't given, and explained the reasons for it to had happened.

**Keywords:** Cultural Context. Parable. Forgiveness.

<sup>1</sup> O autor é estudante de Teologia na Faculdade Batista Pioneira. E-mail: [bruno.litz01@gmail.com](mailto:bruno.litz01@gmail.com)

## INTRODUÇÃO

O conhecimento do pano de fundo de uma passagem bíblica é um dos princípios básicos da hermenêutica.<sup>2</sup> Entender o contexto histórico, cultural e social do texto é uma das atividades que o intérprete não pode negligenciar. Desta forma, o presente artigo objetiva analisar o texto de Lucas 7.36-50<sup>3</sup>, levando em consideração o evento em que o relato aconteceu, o jantar na casa de Simão, o significado da falta de hospitalidade do anfitrião e o peso das atitudes da mulher pecadora dentro da cultura judaica do Oriente Médio do primeiro século. Verificar estas informações colabora para a compreensão e interpretação do texto. Após a observação destes elementos, também será apresentada uma análise da parábola mencionada por Jesus e seus ensinamentos.

### 1. O JANTAR: EVENTO EM QUE O RELATO ACONTECE

Alguns detalhes a respeito deste episódio precisam ser esclarecidos para que um leitor ocidental contemporâneo o compreenda. Um deles é a situação em que a história se passa. Em primeiro lugar, é necessário destacar que no Oriente Médio o ato de receber hóspedes era um “negócio público”.<sup>4</sup> Além disso, a hospitalidade era e ainda é vista com muita estima pelo povo judeu, normalmente muito generoso e criterioso em relação às refeições.<sup>5</sup>

Outro fator digno de nota sobre os jantares da época, é de que funcionavam como um ambiente para palestras e discussões. Conforme Bailey, o banquete em questão poderia ser um evento no qual esperava-se que um “sábio visitante”, no caso Jesus, discutisse assuntos teológicos com os intelectuais locais, Simão e os demais fariseus.<sup>6</sup> Naquele contexto, convidar um mestre para jantar era tido como uma ação de grande honra, ainda mais se esse mestre

---

<sup>2</sup> GUSSO, Antônio Renato. **Como entender a Bíblia**: orientações práticas para a interpretação correta das Escrituras Sagradas. 3.ed. Curitiba: ADSantos, 2004, p. 37.

<sup>3</sup> <sup>36</sup> Convidou-o um dos fariseus para que fosse jantar com ele. Jesus, entrando na casa do fariseu, tomou lugar à mesa. <sup>37</sup> E eis que uma mulher da cidade, pecadora, sabendo que ele estava à mesa na casa do fariseu, levou um vaso de alabastro com unguento; <sup>38</sup> e, estando por detrás, aos seus pés, chorando, regava-os com suas lágrimas e os enxugava com os próprios cabelos; e beijava-lhe os pés e os ungiu com o unguento. <sup>39</sup> Ao ver isto, o fariseu que o convidara disse consigo mesmo: Se este fora profeta, bem saberia quem e qual é a mulher que lhe tocou, porque é pecadora. <sup>40</sup> Dirigiu-se Jesus ao fariseu e lhe disse: Simão, uma coisa tenho a dizer-te. Ele respondeu: Dize-a, Mestre. <sup>41</sup> Certo credor tinha dois devedores, um lhe devia quinhentos denários, e o outro, cinquenta. <sup>42</sup> Não tendo nenhum dos dois com o que pagar, perdoou-lhes a ambos. Qual deles, portanto, o amará mais? <sup>43</sup> Respondeu-lhe Simão: Suponho que aquele a quem mais perdoou. Replicou-lhe: Julgaste bem. <sup>44</sup> E, voltando-se para a mulher, disse a Simão: Vês esta mulher? Entrei em tua casa, e não me deste água para os pés; esta, porém, regou os meus pés com lágrimas e os enxugou com os seus cabelos. <sup>45</sup> Não me deste ósculo; ela, entretanto, desde que entrei não cessa de me beijar os pés. <sup>46</sup> Não me ungiste a cabeça com óleo, mas esta, com bálsamo, ungiu os meus pés. <sup>47</sup> Por isso, te digo: perdoados lhe são os seus muitos pecados, porque ela muito amou; mas aquele a quem pouco se perdoa, pouco ama. <sup>48</sup> Então, disse à mulher: Perdoados são os teus pecados. <sup>49</sup> Os que estavam com ele à mesa começaram a dizer entre si: Quem é este que até perdoa pecados? <sup>50</sup> Mas Jesus disse à mulher: A tua fé te salvou; vai-te em paz. (**BÍBLIA Sagrada**. Traduzida em português por João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada no Brasil. 2.ed. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2000).

<sup>4</sup> BAILEY, Kenneth. **As parábolas de Lucas**. 3.ed. São Paulo: Vida Nova, 1995, p. 40.

<sup>5</sup> DANIEL-ROPS, Henri. **A vida diária nos tempos de Jesus**. São Paulo: Vida Nova, 1983, p. 137.

<sup>6</sup> BAILEY, 1995, p.40.

fosse estrangeiro ou se houvesse recentemente ensinado numa sinagoga<sup>7</sup>, características correspondentes ao perfil de Jesus. Estas informações, portanto, apresentam as razões pelas quais Jesus teria sido convidado para o evento e são confirmadas pela maneira que Simão se refere a ele no versículo 40, utilizando a expressão “mestre”.<sup>8</sup>

Também é preciso analisar de que forma a casa do anfitrião e os móveis eram organizados a fim de receber os convidados. Conforme Rops, em um banquete judeu “ninguém comia em pé”.<sup>9</sup> Ao contrário do que acontece na maioria das refeições ocidentais, eram dispostos divãs nos quais os convidados se reclinavam.<sup>10</sup> Ao comer, as pessoas se apoiavam no cotovelo esquerdo e utilizavam a mão direita para alcançar o alimento.<sup>11</sup> Por conta desta forma de se posicionarem, os pés, devido à sua natureza impura e ofensiva na sociedade oriental<sup>12</sup>, sempre ficavam para trás, afastados da comida.

Como fora mencionado, uma refeição era um evento público no qual o anfitrião era notado por toda a comunidade. Numa situação como essa, era comum que as portas ficassem abertas, de maneira que até as pessoas que não foram convidadas tivessem a liberdade de entrar na casa.<sup>13</sup> Rienecker concorda com essa afirmação e comenta que “conforme o costume oriental, também estranhos podiam observar o lauto e solene banquete a partir do pátio”.<sup>14</sup> Desta forma, a mulher que intervém no jantar não é uma invasora, mas uma transeunte que estava perto da casa de Simão.<sup>15</sup>

Ainda a respeito do jantar, é necessário destacar as formalidades exigidas na recepção de um convidado. O padrão era de que:

- 1) O anfitrião colocava as mãos nos ombros do hóspede e lhe dava o beijo da paz. Esse era um sinal de respeito que não podia ser omitido especialmente quando se recebia um distinto rabino.
- 2) Havia, também, o costume de lavar os pés dos hóspedes, haja vista serem as estradas de terra e com muita poeira. Os calçados eram chinelos presos aos pés por tiras e isso fazia os pés suja-rem muito, daí o costume de lavá-los.
- 3) Finalmente, colocava-se um pouco de essência de cheiro de rosas sobre a cabeça do hóspede. Essas três atitudes demonstravam boa educação do anfitrião [...].<sup>16</sup>

O que deve ser destacado na passagem bíblica em questão, é que Simão, o anfitrião, não realizou nenhuma dessas ações. Essas faltas configuram um grande escândalo e uma inaceitável quebra de protocolo. Sobre isso, Bailey comenta que “os rituais aceitos de recepção do hóspede não foram apenas esquecidos na narração da história, mas haviam sido

<sup>7</sup> KEENER, Craig. **Comentário histórico-cultural da Bíblia**: Novo Testamento. São Paulo: Vida Nova, 2017, p. 232.

<sup>8</sup> Sociedade Bíblica do Brasil, 2000.

<sup>9</sup> DANIEL-ROPS, 1983, p. 138.

<sup>10</sup> BAILEY, 1995, p. 40.

<sup>11</sup> DANIEL-ROPS, 1983, p. 138.

<sup>12</sup> BAILEY, 1995, p. 41.

<sup>13</sup> BAILEY, 1995, p. 42.

<sup>14</sup> RIENECKER, Fritz. **Evangelho de Lucas**: comentário Esperança. Curitiba: Esperança, 2005, p. 183.

<sup>15</sup> BAILEY, 1995, p. 41.

<sup>16</sup> FRANKLIM, Wilson. **O Evangelho de Lucas**: a vida de Jesus. Rio de Janeiro: JUERP, 2007, p. 90.

grosseiramente omitidos por um hospedeiro preconceituoso”.<sup>17</sup> Em outra obra, Bailey pontua claramente que “essa cena é cheia de tensão causada pelo que *não aconteceu*”.<sup>18</sup> Essas falhas demonstram um grande hipocrisia por parte de Simão, que se refere a Jesus como mestre, mas não o trata como tal. A falta de um beijo na recepção de um convidado, por exemplo, até hoje é classificada na cultura oriental como um claro ato de desprezo ou uma demonstração de que o hospedeiro é muito mais importante socialmente do que o hóspede.<sup>19</sup> Então, na situação em que Jesus estava sendo publicamente humilhado, uma hóspede indesejada por Simão aparece. Tal hóspede será analisada no próximo tópico.

## 2. UMA HÓSPEDE INDESEJADA: A MULHER PECADORA

Algumas informações a respeito da identidade dessa mulher que surge no relato devem ser consideradas. Apesar das inegáveis semelhanças com os relatos de Mateus 26.6-13, Marcos 14.3-9 e João 12.3-8, ela não pode ser confundida com Maria Madalena ou com Maria de Betânia, irmã de Lázaro.<sup>20</sup> Algo que colabora para que essa diferenciação seja estabelecida é o fato de que os relatos narrados por Mateus, Marcos e João se referem a um incidente ocorrido na última semana da vida de Jesus. Enquanto isso, o relato de Lucas se refere a um acontecimento muito anterior à crucificação.<sup>21</sup>

Por outro lado, é possível, a partir do texto bíblico, deduzir algumas das características dessa mulher. Primeiramente, ela é identificada como uma pecadora conhecida por sua reputação leviana.<sup>22</sup> Desta forma, provavelmente ela era uma prostituta.<sup>23</sup>

Além disso, suas ações permitem entender que ela já havia tido algum tipo de contato com Jesus. Um contato significativo o bastante para fazê-la enxergar o mestre como seu salvador.<sup>24</sup> Como Bailey conclui a respeito da situação:

Fica claro que suas lágrimas não são por seus pecados, mas pela humilhação pública de Jesus. Ela está angustiada, porque, diante de seus olhos, essa pessoa maravilhosa que a libertou com sua mensagem do amor de Deus pelos pecadores está sendo humilhada publicamente.<sup>25</sup>

Rienecker concorda com essa alternativa, dizendo que mesmo que seja impossível determinar o momento em que ela se encontrou com Cristo, “ela já havia recebido dele a grande mensagem do perdão de todos os seus pecados”.<sup>26</sup> Wiersbe, por sua vez, apresenta a possibilidade de que a mulher teria se arrependido e convertido ao ouvir as palavras de Jesus

---

<sup>17</sup> BAILEY, 1995, p. 42.

<sup>18</sup> BAILEY, Kenneth. **Jesus pela ótica do Oriente Médio**: estudos culturais sobre os Evangelhos. São Paulo: Vida Nova, 2016, p. 245.

<sup>19</sup> BAILEY, 1995, p. 42.

<sup>20</sup> RIENECKER, 2005, p. 181.

<sup>21</sup> MORRIS, Leon. **Lucas**: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova e Mundo Cristão, 1983, p. 138.

<sup>22</sup> KEENER, 2017, p. 232.

<sup>23</sup> DANIEL-ROPS, 1983, p. 205.

<sup>24</sup> BAILEY, 2016, p. 250.

<sup>25</sup> BAILEY, 2016, p. 250.

<sup>26</sup> RIENECKER, 2005, p. 184.

registradas em Mateus 11.28-30<sup>27</sup>, opinião também defendida por Ryle.<sup>28</sup> De qualquer maneira, a partir dessas informações é possível compreender a motivação de sua ida até a casa de Simão, demonstrar a sua gratidão a Jesus, o que também permite um entendimento mais profundo de suas atitudes, feitas em compensação às falhas do anfitrião. Tais atitudes serão analisadas no próximo tópico.

### 3. AS ATITUDES DA MULHER E SEUS SIGNIFICADOS

Segundo Bailey, “os atos da mulher não são aleatórios nem totalmente premeditados”.<sup>29</sup> O fato de ela ter levado o unguento (ou perfume<sup>30</sup>) consigo, demonstra certo planejamento, enquanto que o choro é uma demonstração emocional espontânea. Ela provavelmente estava aguardando o cumprimento das cortesias tradicionais de lavar os pés do hóspede. Como isso não acontece, ela se entristece e chora diante da humilhação sofrida por Jesus e da sua impotência em relação a isso, utilizando as próprias lágrimas para lavar os seus pés.<sup>31</sup>

Esta atitude possui um significado muito profundo dentro do contexto judaico. O anfitrião era responsável por fornecer a água em que o hóspede se lavaria. Contudo, a tarefa de lavar os pés de outras pessoas pessoalmente era considerada um ato servil, reservado a escravos ou a uma classe de servos.<sup>32</sup> Morris apresenta a mesma perspectiva, dizendo “que ela o derramou nos pés é provavelmente uma marca de humildade. Tratar dos pés era uma tarefa menial que era atribuída a um escravo”.<sup>33</sup> Dessa forma, ela reconhece a Cristo como seu senhor e se identifica como serva.

Além de chorar, outro ponto a ser destacado é que ela utilizou os próprios cabelos para enxugar os pés de Jesus. Como Morris relata, essa foi “uma ação significativa, porque as senhoras judias não desatavam os cabelos em público”,<sup>34</sup> Muito mais do que uma atitude incomum, estar com os cabelos soltos, para uma mulher da época, era na verdade uma das maiores humilhações.<sup>35</sup>

Bailey traz outras informações muito importantes para um entendimento adequado dessa ação. Os cabelos eram tratados com tamanho cuidado pelas mulheres, que a sua soltura era comparada com o descobrir dos seios.<sup>36</sup> Por outro lado, essa ação não deve apenas ser vista com uma conotação de impureza e imoralidade, porque também “foi um gesto de imensa ternura, pois esperava-se que uma camponesa fizesse isso apenas na presença de seu

---

<sup>27</sup> WIERSBE, Warren W. **Comentário bíblico expositivo**: Novo Testamento: Volume I. São Paulo: Geográfica, 2006, p. 256.

<sup>28</sup> RYLE, John C. **Meditações no Evangelho de Lucas**. 2.ed. São Paulo: Fiel, 2018, p. 171.

<sup>29</sup> BAILEY, 2016, p. 248.

<sup>30</sup> BAILEY, 1995, p. 25.

<sup>31</sup> BAILEY, 2016, p. 249.

<sup>32</sup> KEENER, 2017, p. 343.

<sup>33</sup> MORRIS, 1983, p. 139.

<sup>34</sup> MORRIS, 1983, p. 139.

<sup>35</sup> RIENECKER, 2005, p. 184.

<sup>36</sup> BAILEY, 1995, p. 46.

marido”.<sup>37</sup> Além disso, como o mesmo autor relata em outra obra, o normal era que a noiva apenas mostrasse seus cabelos ao marido na noite de núpcias. Dessa forma, “ao soltar os cabelos, ela está fazendo um tipo de promessa de máxima lealdade a Jesus”.<sup>38</sup>

Outra atitude tomada pela mulher, como o próprio Jesus relatou, foi a de incessantemente beijar-lhe os pés. Essa não foi apenas uma compensação pela falta do ósculo de Simão, mas “um gesto público de grande humildade e devoção”.<sup>39</sup> A respeito disso, Bailey é muito útil em lembrar uma ilustração do Talmude “de um homem acusado de homicídio, que beija os pés do advogado que o absolvera, e desta forma salvara a sua vida”.<sup>40</sup>

Ainda sobre essa atitude, mencionando algumas situações em que era empregada, Rienecker comenta que:

Era assim que os súditos beijavam sua autoridade. Samuel beijou Davi depois de tê-lo ungido rei, para mostrar que ele o havia reconhecido como seu senhor. Era assim que os persas beijavam seus reis, os romanos seus imperadores. Era assim que também os filhos beijavam os pais, Jacó a Isaque, José a Jacó, Tobias a seu pai, o aluno a seu mestre.<sup>41</sup>

Por último, existe ainda mais uma ação da mulher que precisa ser observada: a unção dos pés de Jesus com o unguento ou perfume. Normalmente essa unção era feita com azeite, a utilização de um perfume caro torna-a muito mais valiosa social e financeiramente.<sup>42</sup> Essa hipótese é confirmada por um fato mencionado por Morris, no qual alguns sábios teriam alocado a certa mulher um montante de 400 moedas de prata por um perfume.<sup>43</sup> Rienecker também apresenta a possibilidade de que esse presente poderia até mesmo ter sido comprado com toda a sua fortuna<sup>44</sup>, sendo algo de grande valor.

No contexto judaico, o perfume não era visto com uma conotação negativa. Porém, pela forma que a mulher era conhecida, esse presente poderia ser entendido como impuro e imoral.<sup>45</sup> Pois poderia até mesmo ser um produto adquirido com os ganhos da prostituição.<sup>46</sup>

Bailey apresenta uma perspectiva interessante sobre o assunto, entendendo o perfume não como o produto da vida na prostituição, mas como uma ferramenta para isso. Ele diz que “um frasco com esse perfume era usado pelas mulheres dependurado no peito, de um cordão ao redor no pescoço. Esse perfume era usado tanto para perfumar o hálito quanto a pessoa”.<sup>47</sup> E que, portanto, “não é necessária muita imaginação para entender como esse frasco devia ser importante para uma prostituta”.<sup>48</sup> Dessa forma, o derramar do perfume não se configura

<sup>37</sup> BAILEY, 1995, p. 46.

<sup>38</sup> BAILEY, 2016, p. 253.

<sup>39</sup> BAILEY, 1995, p. 47.

<sup>40</sup> BAILEY, 1995, p. 47.

<sup>41</sup> RIENECKER, 2005, p. 184.

<sup>42</sup> BAILEY, 2016, p. 249.

<sup>43</sup> MORRIS, 1983, p. 139.

<sup>44</sup> RIENECKER, 2005, p. 184.

<sup>45</sup> KEENER, 2017, p. 232.

<sup>46</sup> PFEIFFER, Charles; HARRISON, Everett. **Comentário bíblico Moody: Volume 4: Os Evangelhos e Atos.** 2.ed. São Paulo: Batista Regular, 1984, p. 139.

<sup>47</sup> BAILEY, 1995, p. 45.

<sup>48</sup> BAILEY, 1995, p. 45.



apenas como a entrega de algo precioso, mas como uma completa ruptura com sua antiga vida de pecado, anterior ao perdão dado por Cristo.

Além disso, é válido perceber como a ação da mulher se contrapõe completamente à do fariseu. Enquanto Simão claramente humilhava Jesus em sua residência, ela ungiu “os seus pés, demonstrando desta forma a honra que prestava à sua nobre pessoa”.<sup>49</sup> A respeito do contraste entre as formas que Jesus foi tratado, Bailey conclui claramente que “assim, ao mesmo tempo que o gesto de Simão dá a entender que Jesus estava em posição social inferior, o ato da mulher lhe atribui a honra de um nobre na casa de um rei”.<sup>50</sup>

A partir da análise das ações da mulher e do peso de cada uma delas dentro do contexto judaico, não é surpresa que Simão tenha ficado tão revoltado. Ele não consegue perceber nenhuma demonstração de devoção, humildade e amor por parte dela, apenas consegue enxergar suas atitudes imorais que, mediante o toque, estariam contaminando um de seus hóspedes.<sup>51</sup> E este, como o próprio Simão deduziu, não poderia ser um profeta por aceitar qualquer uma daquelas coisas.<sup>52</sup> Diante do pensamento do fariseu, Jesus lhe conta uma parábola, que será o objeto de análise do próximo tópico.

#### 4. A PARÁBOLA MENCIONADA POR JESUS E SEUS ENSINAMENTOS

É importante notar que Simão não disse nenhuma palavra a respeito da mulher ou de Jesus, mas teve apenas “uma pequena conversa de desaprovação consigo mesmo”.<sup>53</sup> Porém, diante da dúvida do fariseu, “Jesus provou que, de fato, era um profeta ao ler os pensamentos de Simão e revelar suas necessidades”.<sup>54</sup> Sobre isso, Rienecker também comenta que “as palavras de Jesus assinalam o que acontecia no coração da pecadora e também o que representam os pensamentos e as perguntas de Simão”,<sup>55</sup> mesmo sem precisar ouvir nada dos dois.

Cristo, então, declara que tem algo a dizer a Simão. Como explica Bailey, “a frase ‘tenho uma coisa a dizer para você’ é uma expressão idiomática clássica do Oriente Médio que introduz uma conversa áspera, a qual o ouvinte talvez não queira ouvir”.<sup>56</sup> Após essas palavras introdutórias, Jesus profere uma parábola, relatada no texto de Lucas 7.41-42, conforme o texto abaixo:

<sup>41</sup> Certo credor tinha dois devedores, um lhe devia quinhentos denários, e o outro, cinquenta. <sup>42</sup> Não tendo nenhum dos dois com o que pagar, perdoou-lhes a ambos.<sup>57</sup>

<sup>49</sup> BAILEY, 1995, p. 47.

<sup>50</sup> BAILEY, 1995, p. 47.

<sup>51</sup> BAILEY, 1995, p. 48.

<sup>52</sup> Sociedade Bíblica do Brasil, 2000.

<sup>53</sup> KUNZ, Claiton André. **As parábolas de Jesus e seu ensino sobre o Reino de Deus**. Curitiba: ADSantos, 2014, p. 57.

<sup>54</sup> LOPES, Hernandes D. **Lucas: Jesus, o homem perfeito**. São Paulo: Hagnos, 2017, p. 222.

<sup>55</sup> RIENECKER, 2005, p. 185.

<sup>56</sup> BAILEY, 2016, p. 254.

<sup>57</sup> Sociedade Bíblica do Brasil, 2000.

Depois de dizer esta parábola, Jesus questiona Simão perguntando qual dos dois devedores teria mais amor pelo credor e o fariseu responde que é aquele que recebeu o perdão da maior dívida. De acordo com o texto, Jesus observa que Simão respondeu corretamente. Além disso, é importante destacar que Jesus também acusa o anfitrião pelas falhas cometidas na recepção. Isto é, segundo Bailey, “um ataque sem precedentes contra a qualidade inferior da hospitalidade oferecida, e este é expresso sem rodeios e em termos claros”.<sup>58</sup>

Dentro do contexto em que a parábola é proferida, não é difícil perceber que o credor é Deus, enquanto que os dois devedores são Simão, sendo este o menor, e a mulher a maior.<sup>59</sup> Na história, os devedores são igualados em sua necessidade, pois, apesar da diferença entre as dívidas, ambos são incapazes de pagar.<sup>60</sup> Porém, também são igualados pela graça recebida, pois são perdoados.<sup>61</sup>

É válido destacar que “o fariseu não era menos pecador que a mulher”<sup>62</sup>, mesmo sendo identificado na parábola como o menor devedor, “mas é a mulher quem reconhece seus muitos pecados e demonstra arrependimento”.<sup>63</sup> Simão é quem pouco ama, pois pouco foi perdoado e de acordo com Bailey, a fala de Jesus pode ser entendida como:

Você, Simão, tem muitos pecados, (alguns deles acabamos de mencionar). Você tem pouca percepção deles, e não se arrependeu. Desta forma, você foi perdoado pouco, e naturalmente, amou pouco.<sup>64</sup>

Bailey segue comentando sobre a explicação de Jesus subsequente à parábola, dizendo que:

Jesus havia acabado de mencionar em termos intensos algumas das falhas (dívidas) de Simão, e elas refletem muito mais do que impropriedades formais como hospedeiro adequado. Pelo contrário, indicam profundos níveis de orgulho, arrogância, dureza de coração, hostilidade um espírito julgador, pequena compreensão acerca do que realmente contamina, rejeição dos pecadores, insensibilidade, incompreensão acerca da natureza do perdão de Deus e machismo.<sup>65</sup>

Dessa forma, fica claro que a falta de amor de Simão é fruto da falta de perdão vinda da falta de arrependimento resultada da ausência da percepção de seu próprio pecado. Como aponta Ryle, as faltas foram cometidas “porque ele não se sentiu sob qualquer obrigação, não tinha consciência de ter recebido o perdão e não possuía qualquer sentimento de dívida para com Cristo”.<sup>66</sup>

---

<sup>58</sup> BAILEY, 1995, p. 55.

<sup>59</sup> BAILEY, 2005, p. 256.

<sup>60</sup> BAILEY, 1995, p. 50.

<sup>61</sup> BAILEY, 1995, p. 50.

<sup>62</sup> LOPES, 2017, p. 223.

<sup>63</sup> LOPES, 2017, p. 223.

<sup>64</sup> BAILEY, 1995, p. 57.

<sup>65</sup> BAILEY, 1995, p. 57.

<sup>66</sup> RYLE, 2018, p. 173.

Enquanto isso, as demonstrações amorosas da mulher são uma evidência de ter recebido o perdão. Ryle também comenta que “seu amor foi o efeito, e não a causa, do perdão que recebeu; a consequência, e não a condição, de seu perdão; o resultado, e não o motivo, de seu perdão; o fruto, e não a raiz, de seu perdão”.<sup>67</sup>

Concordando com essa argumentação, Bailey aponta que, “na verdade, Jesus não perdoa os pecados dela naquela hora. Pelo contrário, ele anuncia um perdão que já tivera lugar no passado”.<sup>68</sup> Esse posicionamento inclusive encontra fundamento nas últimas palavras ditas por Jesus no relato, na clara declaração de que a salvação vem pela fé.<sup>69</sup> Dessa forma, a mulher é misericordiosamente despedida da presença dos que a menosprezaram, recebendo a garantia da paz reconciliadora com Deus por meio de Jesus.<sup>70</sup> Ainda dentro da casa, porém, “Simão está sob uma redoma de vidro e é desafiado a aceitar o perdão oferecido, reagir com amor e rever o padrão de sua visão de mundo”.<sup>71</sup> Da forma com que o relato se encerra, não é apenas o fariseu que deve tomar uma atitude, mas como aponta Bailey, “agora o leitor/ouvinte precisa completar a parábola com a sua reação pessoal ao único agente (Jesus) de Deus de perdão e paz”.<sup>72</sup>

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

É possível verificar e comprovar quão útil é a análise do contexto cultural do Oriente Médio do primeiro século e como ela contribui para um entendimento mais profundo e adequado de uma passagem bíblica. Através da consideração dessas informações, principalmente no que diz respeito às atitudes da mulher pecadora, é possível concluir que as verdadeiras evidências e provas do arrependimento e da conversão são: o humilde reconhecimento de que Cristo é Senhor, um amor genuíno demonstrado a Jesus, a entrega a ele daquilo que se possui de mais valioso e a ruptura completa com a vida de pecado anterior ao encontro com o Salvador. Por outro lado, como pode ser visto em Simão, a falta de amor é fruto da ausência do perdão, que resulta da falta de arrependimento vinda da incapacidade de enxergar o próprio pecado.

## REFERÊNCIAS

BAILEY, Kenneth. **As parábolas de Lucas**. 3.ed. São Paulo: Vida Nova, 1995.

BAILEY, Kenneth. **Jesus pela ótica do Oriente Médio**: estudos culturais sobre os Evangelhos. São Paulo: Vida Nova, 2016.

**BÍBLIA** Sagrada. Traduzida em português por João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada no Brasil. 2.ed. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2000.

---

<sup>67</sup> RYLE, 2018, p. 173.

<sup>68</sup> BAILEY, 1995, p. 56.

<sup>69</sup> BAILEY, 1995, p. 59.

<sup>70</sup> BAILEY, 1995, p. 59.

<sup>71</sup> BAILEY, 2005, p. 262.

<sup>72</sup> BAILEY, 1995, p. 59.

DANIEL-ROPS, Henri. **A vida diária nos tempos de Jesus**. São Paulo: Vida Nova, 1983.

FRANKLIM, Wilson. **O Evangelho de Lucas**: a vida de Jesus. Rio de Janeiro: JUERP, 2007.

GUSSO, Antônio Renato. **Como entender a Bíblia**: orientações práticas para a interpretação correta das Escrituras Sagradas. 3.ed. Curitiba: ADSantos, 2004.

KEENER, Craig. **Comentário histórico-cultural da Bíblia**: Novo Testamento. São Paulo: Vida Nova, 2017.

KUNZ, Claiton André. **As parábolas de Jesus e seu ensino sobre o Reino de Deus**. Curitiba: ADSantos, 2014.

LOPES, Hernandes Dias. **Lucas**: Jesus, o homem perfeito. São Paulo: Hagnos, 2017.

MORRIS, Leon. **Lucas**: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova e Mundo Cristão, 1983.

PFEIFFER, Charles; HARRISON, Everett. **Comentário bíblico Moody**: Volume 4: Os Evangelhos e Atos. 2.ed. São Paulo: Imprensa Batista Regular.

RIENECKER, Fritz. **Evangelho de Lucas**: comentário Esperança. Curitiba: Esperança, 2005.

RYLE, John Charles. **Meditações no Evangelho de Lucas**. 2.ed. São Paulo: Fiel, 2018.

WIERSBE, Warren Wendel. **Comentário Bíblico Expositivo**: Novo Testamento: Volume I. São Paulo: Geográfica, 2006.

# Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878



Ensaio Teológico está licenciada com uma Licença Creative Commons  
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

## A HUMANIDADE DE JESUS NA PERSPECTIVA DA EPÍSTOLA AOS HEBREUS E SUAS IMPLICAÇÕES NA VIDA DO CRISTÃO

The humanity of Jesus from the epistle's perspective to the Hebrews and their implications in the life of the christian

Francis Natan Gonçalves Martins<sup>1</sup>

### RESUMO

Um dos aspectos em destaque na Cristologia da epístola de Hebreus é a humanidade de Jesus, a qual foi expressa em diversos momentos, trazendo ao leitor tanto o senso de identificação de Jesus com os seus como a realidade histórica desta, a qual fez parte do plano de redenção divina. A humanidade de Jesus, além de prover o sacrifício substitutivo em relação a condenação do homem<sup>2</sup> diante de Deus, ofereceu o amparo necessário para o desenvolvimento da caminhada cristã, por parte daquele que se condicionou em tudo à forma humana – com exceção do pecado. A encarnação do Deus Filho atingiu positivamente tanto os mais profundos temores do homem, assim como suas debilidades e condições espirituais.

**Palavras-chave:** Jesus. Encarnação. Humanidade. Homem.

### ABSTRACT

One of the aspects highlighted in the Christology of the epistle of Hebrews is the humanity of Jesus. This is expressed at different times, bringing to the reader both the sense of identification of Jesus with his own and its historical reality, which was part of the divine plan of redemption. The humanity of Jesus, in addition to providing the substitutive

<sup>1</sup> O autor é Bacharel em Teologia pela Faculdade Batista Pioneira e Mestrando em Teologia pelas Faculdades Batista do Paraná. Trabalha como Pastor de Adoração na Primeira Igreja Batista em Ijuí e como Coordenador de Estágios e Gestor de Comunicação e Marketing na Faculdade Batista Pioneira em Ijuí. E-mail: [natanmartins@batistapioneira.edu.br](mailto:natanmartins@batistapioneira.edu.br)

<sup>2</sup> Este artigo utilizará a expressão 'homem' no sentido de humanidade, quando não será feita a indicação.

sacrifice in relation to the condemnation of man before God, offers mankind the necessary support for the development of the Christian journey, coming from the one who has conditioned himself to all human form - except for sin. The incarnation of the Son of God positively affects both the deepest fears of man as well as his weaknesses and spiritual conditions.

**Keywords:** Jesus. Incarnation. Humanity. Man.

## INTRODUÇÃO

A epístola aos Hebreus é um livro com peculiaridades que despertam a curiosidade dos leitores. Uma que requer atenção especial é o fato de que Jesus é referenciado como homem em maior número de vezes que qualquer outra titulação registrada na epístola. Isso se mostra no fato de que o autor – desconhecido – menciona o Senhor pelo seu nome humano, Jesus, sem quaisquer acompanhamentos de títulos por 10 vezes (Hb 2.9; 3.1; 6.20); ao passo que seu título messiânico, Cristo, é referenciado 9 vezes e o composto Jesus Cristo é utilizado 3 vezes. Nota-se que além de desejar encorajar os destinatários à perseverança na fé cristã, o autor estava interessado em expor o Jesus real na história.<sup>3</sup>

Segundo Ladd, “nenhum outro livro do Novo Testamento enfatiza mais a humanidade de Jesus do que Hebreus”.<sup>4</sup> Já Guthrie faz uma colocação mais ponderada: “Algumas das referências mais claras à vida terrestre de Jesus, fora dos Evangelhos, ocorrem nesta Epístola”.<sup>5</sup> Jesus, em sua jornada terrena teve que ser feito semelhante aos homens em todos os sentidos, para que pudesse intervir na situação decaída da humanidade e cumprir o plano redentivo de Deus, resgatando assim os pecadores. Tal condição carrega em si uma mensagem ao homem, não sendo apenas um artifício do plano redentor de Deus.<sup>6</sup> Este artigo ocupará-se com a análise da humanidade de Jesus apontada na referida epístola e a aplicabilidade desta na vida do cristão.

## 1. JESUS CRISTO COMO UM SER HUMANO A PARTIR DA EPÍSTOLA AOS HEBREUS

A epístola aos Hebreus apresenta sem dúvidas uma Cristologia explícita, expondo a pessoa do Deus Filho sob três aspectos, conforme Guthrie: a pré-existência, a humanidade e a exaltação. Como mencionado anteriormente, a presente pesquisa fitará os olhos sob o aspecto humano da Cristologia de Jesus.<sup>7</sup> Embora seja eterno e coparticipante em toda criação, Jesus tornou-se homem, entrando na existência da humanidade, igualando-se em

---

<sup>3</sup> LADD, George Eldon. **Teologia do Novo Testamento**. Tradução de Darci Dusilek, Jussara Simões Árias. São Paulo: Hagnos, 2001, p. 532, 534.

<sup>4</sup> LADD, 2001, p. 532.

<sup>5</sup> GUTHRIE, Donald. **A carta aos Hebreus: introdução e comentário**. Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 1984, p. 45.

<sup>6</sup> LADD, 2001, p. 532.

<sup>7</sup> GUTHRIE, 1984, p. 43.

tudo aos objetos de sua obra redentora - com exceção do pecado, visto que nunca pecou.<sup>8</sup> Discorrer-se-á sobre os aspectos em que Jesus experienciou a humanidade:

### 1.1 Foi gerado em condição humana

Para atender uma necessidade de reconciliação entre Deus e os homens, cumprindo o propósito divino, convinha que Jesus compartilhasse de ambas as naturezas.<sup>9</sup> Por isso, o eterno Deus Filho encarnou (Hb 1.5), sujeitando-se a uma condição inferior até mesmo aos anjos (Hb 2.7).<sup>10</sup> Sendo assim, identificou-se a todas as limitações comuns aos homens, experimentando a humanidade em todos os aspectos (Hb 2.17) – com exceção do pecado.<sup>11</sup> Ao rebaixar-se a esta condição, Jesus mostrou a mesma natureza daqueles a quem haveria de salvar mediante o sacrifício de sua carne (Hb 2.14).<sup>12</sup>

A epístola aos Hebreus não registra quaisquer questionamentos sobre a humanidade encarnada de Jesus. Tal conceito é transparecido com convicção e assertividade nas linhas da carta, quando é mencionada a vinda do Cristo ao mundo (Hb 10.5).<sup>13</sup> Jesus, o Deus Filho, foi totalmente divino e totalmente humano no tempo em que esteve na terra – embora tal conceito pareça contraditório e improvável. Neste sentido, o autor de Hebreus não parecia ter crise alguma ao mencionar em diversos momentos sua dupla natureza.<sup>14</sup>

O objetivo da humanidade de Jesus era que nesta forma Ele poderia ser um real representante dos homens diante de Deus, tornando-se o Sumo Sacerdote perfeito, semelhante àqueles por quem intercederia diante do Pai e por quem se sacrificaria (Hb 2.17).<sup>15</sup>

### 1.2 Padeceu de dificuldades

Embora não se saiba quem foi o autor da epístola, nota-se que este tinha real conhecimento da vida terrena de Jesus e seus sofrimentos (Hb 2.10). O autor parece fazer menção das angústias enfrentadas por Jesus no jardim do Getsêmani em Hebreus 5.7,<sup>16</sup> apontando que Jesus, quanto ser humano, padeceu de reais sofrimentos e angústias, tão grandes que chegaram arrancar-lhe clamores e lágrimas (Hb 5.7). As nuances e detalhes do texto evidenciam que Jesus foi homem na totalidade, experimentando das dores desta condição.<sup>17</sup>

---

<sup>8</sup> PINTO, Carlos Osvaldo Cardoso. **Foco e desenvolvimento no Novo Testamento**. São Paulo: Hagnos, 2008, p. 348.

<sup>9</sup> GUTHRIE, 1984, p. 46.

<sup>10</sup> BRUCE, Frederick F. **Comentário Bíblico NVI: Antigo e Novo Testamento**. Tradução de Valdemar Kroker. São Paulo: Vida, 2008, p. 2097.

<sup>11</sup> GUTHRIE, 1984, p. 46.

<sup>12</sup> LADD, 2001, p. 532.

<sup>13</sup> LADD, 2001, p. 534.

<sup>14</sup> GUTHRIE, 1984, p. 46.

<sup>15</sup> GUTHRIE, 1984, p. 44.

<sup>16</sup> GUTHRIE, 1984, p. 45.

<sup>17</sup> LADD, 2001, p. 532.



Ademais, o autor alude ao ministério terrenal de Jesus, onde a proclamação do seu evangelho é lembrada (Hb 2.3), fazendo questão de anexar no decorrer da escrita o levante dos pecadores contra a sua pessoa e mensagem (Hb 12.3). Jesus padeceu realmente de dificuldades, experienciando isso em sua carne, na condição de homem.<sup>18</sup>

### **1.3 Enfrentou tentações**

Um dos aspectos que evidencia a humanidade de Jesus em Hebreus é a indicação de que este enfrentou tentações comuns aos demais homens. Ao se condicionar à humanidade, Jesus enfrentou as inclinações da carne aos prazeres deste mundo caído.<sup>19</sup> Mas diferente do que se possa achar, afirmando que a condição humana de Jesus o fez pecador, o autor de Hebreus é categórico em defender a impecabilidade do Senhor, o qual foi perfeito em seus caminhos (4.15; 7.26). Embora sujeito a todos os prazeres e satisfações desta carne, Jesus jamais cedeu a tais inclinações; mesmo sendo pressionado pelas tensões e sofrimentos.<sup>20</sup>

Outro detalhe que precisa ser levantado é que a impecabilidade de Jesus não se deu pelo isolamento deste em relação às tensões e ao confronto com a realidade deste mundo;<sup>21</sup> Ele estava sujeito a todo pecado como qualquer outro homem. Sua postura santa foi uma marca de conquista sob as inclinações humanas devido à sua disposição voluntária de coração e mente, o que se abordará no ponto seguinte.<sup>22</sup>

### **1.4 Foi obediente à vontade de Deus**

Jesus enquanto homem tinha ações e reações, o que o autor de Hebreus fez questão de registrar em sua epístola. Isso pode-se notar em Hebreus 2.13, no qual é referenciado o texto de Isaías 8.17-18, mostrando que Jesus fez uso de suas faculdades mentais para colocar confiança em Deus Pai e se relacionar com outras pessoas. Tal confiança não foi uma ação etérea da mente, mas moveu-o a uma devoção reconhecida pelos que o rodeavam, sendo expressa em suas orações audíveis e no temor a Deus (Hb 5.7).<sup>23</sup>

Além disso, a carta aos Hebreus registra a sincera e voluntária obediência do Jesus homem. Texto como Hebreus 2.10 e 5.8-9 evidenciam que embora exposto ao aperfeiçoamento mediante o sofrimento, Jesus encontrou-se irrepreensível e obediente em toda vontade divina. Devido a sua obediência e postura perfeita, pôde oferecer um sacrifício perfeito e se tornar o Sumo Sacerdote absoluto, sendo a fonte de salvação daqueles que a Ele se dispõem à obediência. Sua postura fez parte do plano divino de salvação dos homens.<sup>24</sup>

Vale ressaltar que o fato de Hebreus registrar a sua obediência mediante o sofrimento, não indica uma relutância da pessoa de Jesus para tanto; mas sim, que embora estivesse em

---

<sup>18</sup> GUTHRIE, 1984, p. 45.

<sup>19</sup> BRUCE, 2008, p. 2103.

<sup>20</sup> GUTHRIE, 1984, p. 45.

<sup>21</sup> GUTHRIE, 1984, p. 45.

<sup>22</sup> LADD, 2001, p. 532.

<sup>23</sup> GUTHRIE, 1984, p. 45.

<sup>24</sup> GUTHRIE, 1984, p. 45.

sofrimentos, encontrou-se zeloso pela vontade divina.<sup>25</sup> Sua humanidade era tão real, que Jesus homem teve que demonstrar o significado da obediência mesmo em meio a um ambiente pouco favorável.<sup>26</sup> Ao citar em Hebreus 5.8 que Jesus aprendeu a obedecer, não significa que este estava desprovido de tal possibilidade e conhecimento; mas Ele desenvolveu a obediência em sua condição humana mesmo sendo o Filho de Deus, pois veio ao mundo para isso (Hb 10.7).<sup>27</sup>

### 1.5 Morreu e ressurgiu no corpo

Jesus nasceu em condição humana para morrer e posteriormente ressurgir – tudo, conforme o plano pré-estabelecido por Deus e reconhecido pelo próprio Jesus (Hb 10.5-7).<sup>28</sup> Ele ofereceu-se como o sacrifício perfeito, o qual aniquilaria de uma vez por todas a condenação daqueles que nele cressem. O autor de Hebreus menciona que Cristo adentrou no Lugar Santo celestial e derramou de seu próprio sangue, para assim efetuar a purificação e a salvação eterna dos crentes (Hb 9.12-14; 9.26). A oferta de si mesmo à cruz foi real e histórica, sendo consciente e voluntária (Hb 9.14).<sup>29</sup>

O autor de Hebreus cita a ressurreição de Jesus apenas uma vez, em Hebreus 13.20, mas isso em nada coloca em xeque sua confiança em tal evento. Na realidade, a eficácia da obra redentora de Jesus mencionada em toda a carta se faz efetiva devido a ressurreição de Jesus, de forma corporal e visível.<sup>30</sup> Guthrie afirma que tanto o conceito da ressurreição como o da ascensão de Jesus são expostos pelo autor da epístola como conhecimento básico aos seus leitores, não havendo quaisquer dúvidas.<sup>31</sup>

## 2. IMPLICAÇÕES DA HUMANIDADE DE CRISTO A PARTIR DA EPÍSTOLA AOS HEBREUS

A manifestação de Cristo na forma humana não foi um acaso, mas sim uma condição pré-estabelecida no plano divino como parte da redenção humana. Sua humanidade responde às necessidades mais profundas dos homens; não meramente a nível de lição memorável cognitivamente, mas sim em atuação real no hoje, sendo que esta intervém positivamente na vida do cristão, de tais formas.<sup>32</sup>

---

<sup>25</sup> GUTHRIE, 1984, p. 45.

<sup>26</sup> LADD, 2001, p. 532.

<sup>27</sup> CALVINO, João. **Hebreus**: série de comentários bíblicos. Tradução de Valter G. Martins. São José dos Campos: Fiel, 2012, p. 130-131.

<sup>28</sup> LADD, 2001, p. 532.

<sup>29</sup> ALLEN, Clifton J. **Comentário bíblico Broadman**: Novo Testamento. Tradução de Adiei Almeida de Oliveira. 2.ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1987, vol. 12, p. 83-85.

<sup>30</sup> LADD, 2001, p. 534.

<sup>31</sup> GUTHRIE, 1984, p. 45.

<sup>32</sup> PINTO, 2008, p. 348.

## 2.1 Jesus se compadece do homem nas provações

A epístola aos Hebreus foi escrita e destinada a cristãos que estavam enfrentando perseguições devido a profissão de fé cristã; tal perseguição trazia-lhes sofrimentos, que eram impostos possivelmente por seus compatriotas da fé judaica, que os viam como traidores.<sup>33</sup>

Os cristãos judeus em Hebreus estavam sob perseguição por causa de sua fé. A hostilidade era intensa porque eles eram considerados traidores de sua antiga religião e identidade étnica, e foram dolorosamente tentados a adquirir tranquilidade e aprovação ao comprometerem sua confissão no batismo (10.23) e acomodarem-se às práticas e crenças judaicas. Eles estavam em perigo de se distanciar da revelação principal de Deus em Cristo, de deixarem de entrar no descanso de Deus por não crerem, de ficarem estagnados e de sofrerem a disciplina de Deus.<sup>34</sup>

Ao apontar a humanidade de Cristo, o autor de Hebreus relembra a seus leitores que este também havia padecido de reais perseguições, dores e sofrimentos na carne (Hb 2.10; 5.7), e era capaz de compadecer-se dos seus.<sup>35</sup> Devido a compreensão do peso dos sofrimentos humanos, o Senhor Jesus agora glorificado poderia conceder-lhes forças através de seu Espírito para enfrentar tais mazelas da jornada terrenal. Além do mais, o autor da epístola frisa que os sofrimentos são instrumentos de aperfeiçoamento do cristão e que embora pareçam por demais pesados, redundarão em glória futura, a exemplo de Jesus, que provou de tais dores e posteriormente desfrutou da glória junto ao Pai. Portanto, a experiência de Jesus como homem diante do sofrimento e oposições, deve inspirar os seus discípulos em meio ao caos (Hb 12.3).<sup>36</sup>

## 2.2 Jesus se compadece do homem e concede-lhe Graça nas tentações

Para o autor de Hebreus, a identificação de Jesus com a humanidade e sua impecabilidade devem encorajar os seus a uma busca sincera de Graça neste, visto que Jesus se compadece daqueles que estão sendo tentados, por ter experienciado isso por algum tempo quanto homem.<sup>37</sup> Textos como Hebreus 2.18 e 4.15-16 apontam que Jesus, agora glorificado, se importa com os seus que estão diante das pressões do pecado e devido suas inclinações da carne. Jesus não é um Sumo Sacerdote indiferente às dores dos crentes, mas sentiu na pele tal condição, sendo tentado em todos os tipos de inclinações carnis.<sup>38</sup> Ademais, Allen argumenta:

Quando sofremos, somos tentados a nos afastar de Cristo. Aqueles cristãos, em Hebreus, estavam enfrentando severas perseguições devido à sua lealdade a Jesus. O horror da morte assomava diante deles. Eles eram tentados a recuar e negar sua lealdade a Jesus. A palavra traduzida como socorrer significa, literalmente, “correr ao encontro do clamor”. Quando a

<sup>33</sup> LADD, 2001, p. 529.

<sup>34</sup> PINTO, 2008, p. 346.

<sup>35</sup> SAYÃO, Luiz. **Comentário em áudio rota 66**: Hebreus. NT 4. Áudio 88. São Paulo: RTM, 2008.

<sup>36</sup> PINTO, 2008, p. 348.

<sup>37</sup> PINTO, 2008, p. 352-353.

<sup>38</sup> ALLEN, 1987, p. 41-43.

mais severa tentação de renunciar nossa fé nos ataca, Jesus é capaz de correr para atender ao nosso clamor. Ele nos estabiliza com a mesma força que experimentou no Getsêmani, quando também foi tentado a recuar. Cristo conhece tudo acerca de nossas tentações — cada luta encarniçada, quando Satanás tenta enganar e seduzir, levando-nos para a concupiscência, a desonestidade, a inveja ou a cobiça, a malícia, a preguiça ou o orgulho — e nos oferece o seu poder para resistir-lhes. Um toque de seu Espírito vencedor nos ajudará a prevalecer contra nossas tentações.<sup>39</sup>

Além de oferecer-se como sacrifício substitutivo pelos homens e compadecer-se de suas tentações, Jesus homem, agora glorificado e assentado à direita de Deus Pai, intercede pelos seus diante deste (Hb 7.25). O cristão pode ter esta certeza de que Jesus, que experimentou a mesma humanidade, clama ao Pai em favor dos seus, a fim de oferecer-lhes Graça quando tentados, para que prevaleçam sob estas.<sup>40</sup>

### **2.3 Jesus abriu um caminho por meio de sua morte corporal**

A humanidade estava afastada de Deus, com o relacionamento rompido, devido a sua iniquidade voluntária. Mas Jesus veio ao mundo para restaurar o relacionamento entre Deus e o homem. Para tanto, o mediador desta reconciliação não poderia ser apenas divino, mas alguém que alcançasse ambas as partes com a identificação de natureza. Por isso, Jesus se fez homem, mesmo sendo Deus em essência. Estando em condição humana, ofereceu-se como propiciação que trouxe a paz, proporcionando a resolução da ruptura de relacionamento que havia entre o homem e Deus (Hb 2.17). Nesta condição, Jesus cumpriu o papel de Sacerdote misericordioso e fiel.<sup>41</sup>

No passado, os homens buscavam relacionamento com Deus via mediação sacerdotal, o qual adentrava constantemente o santuário – que representava a presença de Deus entre os homens – pelo derramamento de sangue animal. Mas Jesus, o Sacerdote perfeito, ofereceu-se de uma vez por todas como sacrifício suficiente, derramando o próprio sangue para a purificação de todos os pecados de toda a humanidade. Neste acontecimento, o véu que representava a separação do Deus Santo da humanidade, foi rompido! Jesus, como ser humano perfeito, ofereceu o sacrifício propício através de sua carne e sangue, que abriu um novo e vivo caminho ao Pai àqueles que nele creem (Hb 10.19-20, 22). Portanto, agora os que creram em Jesus e sua obra redentora, podem aproximar-se de Deus com confiança viva!<sup>42</sup>

### **2.4 Jesus santificou os crentes**

Para que os homens pudessem se relacionar com um Deus Santo, necessário seria que estes fossem santos. Mas devido a iniquidade destes, tal condição era impossível. Jesus por sua vez, ofereceu sua vida como sacrifício substitutivo para que as iniquidades dos homens fossem pagas no madeiro, sendo o derramamento de seu sangue uma oferta propiciatória,

---

<sup>39</sup> ALLEN, 1987, p. 42-43.

<sup>40</sup> ALLEN, 1987, p. 71-72.

<sup>41</sup> GUTHRIE, 1984, p. 44-45.

<sup>42</sup> LADD, 2001, p. 533.

desviando assim a ira justa de Deus dos homens (Hb 9.26-28). Sua morte satisfaz a justiça divina, aniquilando em seu próprio corpo o pecado do homem.<sup>43</sup>

Em Hebreus 10.5-12, o autor da epístola destaca que o sacrifício voluntário de Cristo santificou os crentes. Nenhum sacrifício ou oferta humana poderiam conceder-lhes tal condição, mas Jesus, mediante seu sacrifício na carne, tomou sobre si a condenação das iniquidades dos homens, pagando-as na cruz de uma vez por todas.<sup>44</sup> O autor dá ênfase ao fato de que a obra santificadora foi totalmente eficaz, pois afirma que o sacrifício foi oferecido "de uma vez por todas" (v.10), sendo que ao morrer, ofereceu "um único sacrifício pelos pecados" (v.12).<sup>45</sup>

Ademais, mediante o sacrifício humano e perfeito de Jesus, os cristãos podem guardar esta certeza de que seus pecados foram aniquilados, podendo se aproximar de Deus com confiança, pois suas iniquidades não serão mais lembradas, ou seja, requeridas como dívida (Hb 10.17-20). Tal conhecimento deve suscitar alegria e exaltação aos crentes!<sup>46</sup>

## 2.5 Jesus concede vitória sobre a morte

Portanto, visto que os filhos são pessoas de carne e sangue, ele também participou dessa condição humana, para que, por sua morte, derrotasse aquele que tem o poder da morte, isto é, o diabo, e libertasse aqueles que durante toda a vida estiveram escravizados pelo medo da morte (Hb 2.14-15).

Mais um dos benefícios concedidos por Jesus aos seus, mediante a sua humanidade, é a vitória sobre a morte (física e espiritual).<sup>47</sup> O autor de Hebreus indica que o acondicionamento de Jesus à humanidade, proporcionou a este a possibilidade da morte na carne para que Jesus rompesse esta pelo seu incomparável poder. Neste acontecimento, Jesus derrota aquele que tem o poder sobre a morte - Satanás - e concede àqueles que nele creem a vitória sobre aquilo que causava maior temor ao coração humano. Isso só seria possível com a encarnação de Jesus.<sup>48</sup>

Diz-se que Ele compartilhou da mesma natureza dos homens a fim de derrotar aquele que mantém os homens na escravidão à morte (2.14). É pela mesma razão que se diz que convinha que Jesus Se encarnasse (2.10). A qualificação principal do sumo sacerdote era ser como seus irmãos (2.17). De nenhuma maneira mais clara o escritor poderia estabelecer sua lição acerca da necessidade da verdadeira humanidade de Jesus. Para ser um representante, tinha de experimentar o que o homem experimenta. Ninguém mais senão um homem verdadeiro poderia ter feito isto.<sup>49</sup>

<sup>43</sup> ALLEN, 1987, p. 85-87.

<sup>44</sup> WIERSBE, Warren W. **Comentário bíblico Expositivo**: Novo Testamento. Tradução de Susana E. Klassen. Santo André: Geográfica, 2006, vol. 2, p. 406.

<sup>45</sup> LADD, 2001, p. 532.

<sup>46</sup> LAUBACH, Fritz. **Carta aos Hebreus**: comentário esperança. Tradução de Werner Fuchs. Curitiba: Esperança, 2000, p. 94.

<sup>47</sup> SAYÃO, 2008, NT 4, áudio 88.

<sup>48</sup> LAUBACH, 2000, p. 31.

<sup>49</sup> GUTHRIE, 1984, p. 45-46.

A compreensão exposta na epístola aos Hebreus encoraja os cristãos a permanecerem firmes na fé evangélica mesmo frente a realidade da morte física, pois para estes – em Cristo – a morte não significa um fim! Hebreus 6.2 indica que esta compreensão, aliada à esperança da realidade futura da ressurreição dos mortos deve ser um dos fundamentos base da fé cristão ao povo de Deus. O cristão pode ter a certeza de que embora venha a morrer corporalmente, será ressuscitado no tempo devido.<sup>50</sup> Além do mais, Jesus, através de sua morte e ressurreição, conquistou aos seus a vitória sobre a morte espiritual, ou seja, aqueles que nele creem, não serão separados eternamente de Deus por suas iniquidades.<sup>51</sup>

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim como qualquer outro conceito exposto na epístola, a compreensão da Cristologia de Hebreus, através do aspecto da humanidade de Cristo, deve tocar a prática da vida cristã, não sendo apenas um conceito intelectual. Notou-se que a encarnação do Deus Filho, Jesus Cristo, trouxe consigo uma mensagem que se aplica a diferentes áreas e situações da vida do crente. Sendo assim, mostrou-se mais uma vez que Jesus não se preocupou apenas em salvar o ser humano (embora este seja o objetivo maior), mas também oferecer através de sua pessoa amparo para que o indivíduo desenvolva a sua maturidade cristã na jornada terrena. A humanidade de Jesus atingiu positivamente tanto os mais profundos temores do homem, assim como suas debilidades e condições espirituais.

## REFERÊNCIAS

ALLEN, Clifton J. **Comentário bíblico Broadman**: Novo Testamento. Tradução de Adiei Almeida de Oliveira. 2.ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1987. Vol. 12, 458 p.

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada NVI**. Nova versão internacional. Santos: Bíblica, 2000. 992 p.

BRUCE, Frederick F. **Comentário bíblico NVI**: Antigo e Novo Testamento. Tradução de Valdemar Kroker. São Paulo: Vida, 2008. 2272 p.

CALVINO, João. **Hebreus**: série de comentários bíblicos. Tradução de Valter G. Martins. São José dos Campos: Fiel, 2012. 451 p.

GUTHRIE, Donald. **A carta aos Hebreus**: introdução e comentário. Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 1984. 263 p.

LADD, George Eldon. **Teologia do Novo Testamento**. Tradução de Darci Dusilek e Jussara Simões Árias. São Paulo: Hagnos, 2001. 584 p.

LAUBACH, Fritz. **Carta aos Hebreus**: comentário esperança. Tradução de Werner Fuchs. Curitiba: Esperança, 2000. 138 p.

---

<sup>50</sup> LAUBACH, 2000, p. 32, 54.

<sup>51</sup> SAYÃO, 2008, NT 4, áudio 88.

PINTO, Carlos Osvaldo Cardoso. **Foco e desenvolvimento no Novo Testamento**. São Paulo: Hagnos, 2008. 442 p.

SAYÃO, Luiz. **Comentário em áudio rota 66: Hebreus. NT 4. Áudio 88**. São Paulo: RTM, 2008.

WIERSBE, Warren W. **Comentário bíblico Expositivo: Novo Testamento. v.2**. Tradução de Susana E. Klassen. Santo André: Geográfica, 2006. 796 p.



# Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878



Ensaio Teológico está licenciada com uma Licença Creative Commons  
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

## CRISTIANISMO CONSUMISTA: INFLUÊNCIAS DO CONSUMISMO À IGREJA CRISTÃ

Consumerist Christianity: influences of consumerism to the christian church

Guilherme Wurster<sup>1</sup>

### RESUMO

A igreja cristã não escapou da onda consumista que transformou o mundo, muito pelo contrário, passou a fazer parte dela. A relação direta do consumismo com o cristianismo resultou em uma série de fatores que influenciaram o modo de ser cristão. Este artigo tratou acerca destas influências, evidenciados em quatro pormenores da conjuntura consumista do cristianismo: a idolatria ao materialismo, a teologia da prosperidade, os consumidores de igrejas e o comércio cristão.

**Palavras-chave:** Igreja. Consumismo. Idolatria. Teologia da Prosperidade.

### ABSTRACT

The Christian church did not escape the consumerist wave that transformed the world, quite the contrary, became part of it. The direct relationship of consumerism with Christianity resulted in a number of factors that influenced the way of being Christian. This article dealt with these influences, evidenced in four details of the consumerist conjuncture of Christianity: idolatry to materialism, prosperity Theology, consumers of churches and Christian trade.

**Keywords:** Church. Consumerism. Idolatry. Prosperity Theology.

<sup>1</sup> Graduado em Teologia pela Faculdade Batista Pioneira de Ijuí. Bacharelado em Administração pela Fundação Educacional Machado de Assis de Santa Rosa. E-mail: guilhermewurster@outlook.com.

## INTRODUÇÃO

Há um grande debate sobre a diferença entre “consumo” e “consumismo”. Segundo Campbell, o consumismo entrou em vigor na sociedade, quando as atividades relacionadas ao consumo, como a procura, a compra e a utilização de bens e serviços, passou a ser especialmente importante, se não o centro da vida da maioria das pessoas na sociedade contemporânea.<sup>2</sup>

Entretanto, Lipovetsky alega que o consumismo não foi um efeito espontâneo. Muito pelo contrário, ele teve de bater de frente com uma conjuntura social de uso, costumes e mentalidades. O consumismo se impôs, foi vitorioso e se difundiu. Todas as esferas da vida das pessoas passaram a ser regidas de acordo com os princípios do consumismo, inclusive a esfera espiritual.<sup>3</sup>

Conforme Benton, o consumismo almeja ser um novo evangelho, uma boa nova secular, que tem como objetivo proporcionar felicidade ao indivíduo por meio da aquisição de bens materiais.<sup>4</sup> Todos os dias as pessoas são evangelizadas pelo consumismo.<sup>5</sup> Todos os dias, suas cosmovisões são moldadas pelo consumismo, o que acaba por afetar também suas espiritualidades.<sup>6</sup> Benton segue:

Deixe-me também fazer a seguinte pergunta: “O que mais engana os cristãos de hoje? O que faz com que a nossa vida cristã fique lá em baixo?” Parece-me que nem sempre são os grandes pecados, como roubo e adultério, que corrompem a espiritualidade da maioria dos cristãos. O que realmente mina a nossa espiritualidade é que somos pegos pela armadilha dos lugares-comuns da sociedade de consumo. (...) O consumismo nos afasta do foco, e é isto que acorrenta a espiritualidade de muitos de nós.<sup>7</sup>

O objetivo deste artigo é examinar esta influência do consumismo sobre a esfera espiritual, isto é, sobre a igreja cristã. Benton salienta que o ser humano é em sua essência egoísta, sempre gostou de adquirir bens, sendo tentado a viver para o mundo material ao invés de viver para Deus. Se a pessoa possui bens, ela se sente segura em sua autossuficiência. Em muitos casos, como verdadeiros deuses, já que possuir é ter poder. Esta é a realidade do mundo desde o seu início. A diferença que surgiu nos últimos tempos foi a infinidade de opções com as quais as pessoas se depararam para gastar o seu dinheiro.<sup>8</sup> Desta forma, o foco passou a ser cada vez mais somente para esta vida. A eternidade passou a receber cada vez menos valor diante da propaganda materialista do consumismo.<sup>9</sup>

<sup>2</sup> CAMPBELL, Colin. **Eu compro, logo sei que existo**: as bases metafísicas do consumo moderno. In BARBOSA, Lívia; CAMPBELL, Colin (orgs). **Cultura, consumo e identidade**. Rio de Janeiro: FGV, 2006, p. 47.

<sup>3</sup> LIPOVETSKY, Gilles. **A felicidade paradoxal**: ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo. Tradução de Maria Lucia Machado. São Paulo: Cia das Letras, 2007, p. 128-130.

<sup>4</sup> BENTON, John. **Cristãos em uma sociedade de consumo**. Tradução de Sírvley Vieira Amorim Strobel. São Paulo: Cultura Cristã, 2002, p. 37.

<sup>5</sup> BENTON, 2002, p. 151.

<sup>6</sup> BENTON, 2002, p. 15-16.

<sup>7</sup> BENTON, 2002, p. 17.

<sup>8</sup> BENTON, 2002, p. 148.

<sup>9</sup> BENTON, 2002, p. 151.

De acordo com Benton: “o que aconteceu com a contracultura? De que maneira os cristãos estão diferentes?” Em vez de não se amoldar ao padrão deste mundo, os cristãos estão envolvidos de tal forma na promessa do consumismo como qualquer outra pessoa.<sup>10</sup> Segundo Cunha, grande parte do que é considerado cultura cristã se tornou em uma expressão do mercado de consumo e está atualmente integrada ao sistema capitalista globalizado. Isso significa que o consumismo está dando forma ao modo de ser cristão na atualidade.<sup>11</sup> Krüger reitera que o consumismo tem invadido a igreja e sua teologia de forma bem visível.<sup>12</sup> A primeira forma a ser analisada é a idolatria ao materialismo, por muitas vezes imperceptível, mas presente no coração de vários cristãos.

## 1. A IDOLATRIA AO MATERIALISMO

Segundo Keller, qualquer coisa que se torne central e essencial para a vida de uma pessoa é um ídolo, um deus falso em seu coração:

Ídolo é qualquer coisa que você observe e diga, no fundo do coração: Se tiver isso, então sentirei que minha vida faz sentido, então saberei que tenho valor, então me sentirei importante e seguro (...) Se qualquer coisa torna-se mais fundamental do que Deus para sua felicidade, sentido na vida e identidade, então essa coisa é um ídolo.<sup>13</sup>

E para muitas pessoas, o consumo se tornou algo central e essencial para suas vidas. Kraybill afirma que da mesma forma que novos brinquedos cativam as crianças, bens materiais cativam adultos.<sup>14</sup> Conforme Keller, os seres humanos tendem a converter os bens materiais em coisas essenciais. Pensam que os alcançando, encontrarão significância, segurança, proteção e realização em suas vidas. Por isso os colocam no centro das suas vidas, como verdadeiros deuses. Não através de uma adoração externa, como a estátuas, mas uma adoração interna, no coração.<sup>15</sup> McKinley concorda que os seres humanos são constantemente tentados a fazer de suas posses um ídolo. No lugar de procurar sua satisfação em Deus, ficam cada vez mais presos às suas posses, a ponto de confiar nelas o sentido de suas vidas.<sup>16</sup>

De acordo com Keller, deuses alternativos invariavelmente decepcionam. Isso porque as pessoas edificam toda a sua vida, toda a sua felicidade com base em algo que faz bem a ela de início, mas que, ao se tornar supremo em suas vidas, as consomem. Elas passam a viver como se a única coisa que realmente pudesse trazer vida com alegria fosse o ídolo adorado

<sup>10</sup> BENTON, 2002, p. 42.

<sup>11</sup> CUNHA, Magali do Nascimento. **A explosão gospel: um olhar das ciências humanas sobre o cenário evangélico no Brasil**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007, p. 198.

<sup>12</sup> KRÜGER, Harriet Wondracek. **A teologia que vem dos palcos evangélicos**. Curitiba: ADSantos, 2017, p. 94.

<sup>13</sup> KELLER, Timothy. **Deuses falsos: as promessas vazias do dinheiro, sexo e poder, e a única esperança que realmente importa**. Tradução de Jurandy Bravo. São Paulo: Vida Nova, 2018, p. 20-21.

<sup>14</sup> KRAYBILL, Donald B. **O reino de ponta cabeça**. Tradução de Fernanda Milczarek. Bragança Paulista: Mensagem para todos, 2017, p. 154.

<sup>15</sup> KELLER, 2018, p. 16.

<sup>16</sup> MCKINLEY, Mike. **Eu sou mesmo um cristão?** Tradução de Eros Pasquini Jr. São José dos Campos: Fiel, 2012, p. 142.

por elas. Então, quando esse ídolo se transforma em pó, junto vai o sentido da sua vida.<sup>17</sup> Por isso, McKinley afirma que: “A grande maioria não possui coisas; é possuída pelas coisas”.<sup>18</sup>

Conforme Martins, aquilo que as pessoas acumulam revela algo sobre o seu interior.<sup>19</sup> Segundo Keller, o padrão de consumo de uma pessoa revela o seu deus. A maioria das pessoas, inclusive os cristãos, tendem a gastar grandes quantias de recursos para adquirir bens duráveis e não duráveis.<sup>20</sup> Martins complementa que pessoas que dedicam tempo e recursos a fim de juntar bens, revelam que as posses e as riquezas são elementos predominantes em seus corações. E idolatrar posses produz prejuízos piores do que qualquer adversidade financeira, pois é um mau investimento da alma.<sup>21</sup> Para Keller, se Deus fosse realmente a essência de sua vida, esta pessoa não hesitaria em doar quantias extraordinárias ao ministério.<sup>22</sup> Segundo Martins:

A nossa religião está relacionada ao que batalharemos para ter cada vez mais e ao que nos sentimos mais pobres ao perder. Se nossas riquezas são espirituais, não nos sentimos realmente empobrecidos nas privações de bens. Se nosso tesouro está na outra vida, lutamos para acumular recursos vindouros mais que para crescer números na conta bancária.<sup>23</sup>

A idolatria do materialismo saqueou o coração das pessoas e abafou suas vidas espirituais. Com suas vidas espirituais deturpadas, as pessoas passaram a ver a própria fé como uma mercadoria. A teologia da prosperidade é uma das maiores expressões da ganância que tomou conta de muitas igrejas, as quais passaram a focar excessivamente nos ganhos materiais que os cristãos teriam neste mundo. Sendo assim, uma segunda influência do consumismo à igreja cristã é a teologia da prosperidade.

## 2. A TEOLOGIA DA PROSPERIDADE

Segundo Lopes, o que distingue as igrejas pentecostais clássicas das neopentecostais é a prática da teologia da prosperidade.<sup>24</sup> Conforme Krüger, a característica principal de muitas igrejas neopentecostais é a ligação obrigatória entre a prosperidade e o cristianismo.<sup>25</sup> Segundo Sayão, a vitória do capitalismo juntamente com o misticismo do povo brasileiro favoreceu o surgimento de uma teologia popular marcada pela prosperidade. Neste cenário, estar bem com Deus é sinônimo de ser bem-sucedido financeira e materialmente. A teologia da prosperidade prega que a falta de riquezas terrenas é nada menos do que falta de fé ou, ainda, obra do inimigo.<sup>26</sup>

<sup>17</sup> KELLER, 2018, p. 19.

<sup>18</sup> MCKINLEY, 2012, p. 145.

<sup>19</sup> MARTINS, Yago. **No alvorecer dos deuses: desvendando as idolatrias profundas do coração**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020, p. 31.

<sup>20</sup> KELLER, 2018, p. 178.

<sup>21</sup> MARTINS, 2020, p. 31.

<sup>22</sup> KELLER, 2018, p. 178.

<sup>23</sup> MARTINS, 2020, p. 32.

<sup>24</sup> LOPES, Augustus Nicodemus. **O que a Bíblia fala sobre dinheiro**. São Paulo: Mundo Cristão, 2021, p. 7.

<sup>25</sup> KRÜGER, 2017, p. 97.

<sup>26</sup> SAYÃO, Luiz Alberto. **Agora sim! Teologia na prática do começo ao fim**. São Paulo: Hagnos, 2012, p. 22.

De acordo com Lopes, a teologia da prosperidade defende, além da riqueza, a saúde e a longevidade dos cristãos. Estes não devem enfrentar nenhum problema ou dificuldade em suas vidas. Mas, para que Deus lhes dê isso, os cristãos devem investir na obra, através das ofertas, dízimos e doações. Os sacrifícios financeiros obrigariam o Senhor a retribuir abundantemente a fidelidade dos fiéis.<sup>27</sup> Todavia, a teologia da prosperidade erra ao omitir que toda benção material que Deus dá às pessoas é graça e não direito. Deus tem o direito de não responder aos pedidos dos cristãos, não por falta de fé ou de fidelidade, mas pela soberania divina. O conceito de declarar algo não é bíblico. As palavras do homem não têm poder nenhum em si mesmas para levar Deus a abençoar os seus materialmente. E da mesma forma, a fidelidade nos dízimos não é uma condição necessária para as bênçãos materiais. O dízimo tem de ser a expressão da gratidão individual a Deus e não um instrumento de barganha para retribuição.<sup>28</sup>

Botelho afirma que, em muitas igrejas, a ganância se transformou em fé. Os membros destas igrejas são instigados a buscar antes de tudo o sucesso material. Logo, ao invés de aliviar os sobrecarregados, esta teologia gera ainda mais ansiedade e frustração.<sup>29</sup> Conforme Lopes, estas igrejas lançam diversas campanhas todos os anos, a fim de fazer com que seus membros, muitas vezes cegados pela cobiça ou ignorância, contribuam com enormes quantias financeiras. Como a promessa feita não se concretiza, muitos abandonam a igreja, revoltando-se não só com as que pregam a teologia da prosperidade, mas como as igrejas cristãs em geral.<sup>30</sup> Conforme Lopes:

Prolifera em nossos dias os pregadores da conveniência, os embaixadores do lucro em nome da fé. Multiplicam-se neste canteiro fértil da ganância, homens inescrupulosos que mercadejam a palavra de Deus, fazendo da igreja uma empresa, do púlpito um balcão, do evangelho um produto híbrido, do templo uma praça de negócios e dos crentes consumidores. O vetor desses obreiros da iniquidade é o lucro. Pregam para agradar. Pregam para atrair as multidões com uma oferta de riqueza na terra e não de um tesouro no céu. Torcem as Escrituras, manipulam os ouvintes, enganam os incautos, para se locupletarem. Sonegam ao povo a mensagem da cruz, a oferta da graça, a mensagem da reconciliação por meio do sangue de Cristo. Embora esses pregadores consigam popularidade estão desprovidos da verdade. Embora reúnam multidões para ouvi-los, não oferecem aos famintos o Pão do céu. Embora, se vangloriem de suas robustas riquezas acumuladas na terra, são miseravelmente pobres na avaliação do céu.<sup>31</sup>

De acordo com Botelho, muitos líderes eclesiais têm usado a própria Bíblia para defender um conceito de prosperidade diferente daquela defendida por Jesus.<sup>32</sup> Krüger afirma que os líderes destas igrejas enriquecem deliberadamente, com a intenção errônea de

<sup>27</sup> LOPES, 2021, p. 7.

<sup>28</sup> LOPES, 2021, p. 31-33.

<sup>29</sup> BOTELHO, André Lima. **Menos é mais:** O que Jesus ensinou, mas insistimos em não entender. São Paulo: Lampejos, 2017, p. 20.

<sup>30</sup> LOPES, 2021, p. 7-8.

<sup>31</sup> LOPES, Hernandes Dias. **De volta ao Evangelho.** Disponível em: [hernandesdiaslopes.com.br/de-volta-ao-evangelho](http://hernandesdiaslopes.com.br/de-volta-ao-evangelho). Acesso em: 06 mai. 2021.

<sup>32</sup> BOTELHO, 2017, p. 20.

decretar a restituição de Deus, isto é, afirmar que Deus dará o dobro, por exemplo. Eles se utilizam dos ideais da sociedade materialista e consumista para prosperar financeiramente, e com isso trocaram a adoração ao Deus verdadeiro pela adoração ao deus falso da prosperidade. Logo, “o Cristianismo passa a estar atrelado ao consumismo pós-moderno ou hipermoderno, que se adapta ao padrão de valor secular da busca incontrolável pelo bem material, mesmo que a Bíblia o trate como ídolo (Cl 3.5b)”.<sup>33</sup>

Cunha diz que a teologia da prosperidade fez com que líderes de diferentes igrejas passassem a se espelhar na eficiência encontrada no mercado secular, em que um funcionário é estimulado a mostrar bons resultados, a fim de atingir uma maior lucratividade com baixos custos. Desta forma, as igrejas passaram a considerar um pastor eficiente se este apresenta bons resultados, ou seja, se há crescimento no rol de membros e, conseqüentemente um aumento do patrimônio financeiro.<sup>34</sup>

Krüger aponta para o fato de que a religiosidade propagada pelos neopentecostais através da teologia da prosperidade refletiu na fé cristã em uma espécie de consumismo religioso. Os cristãos passaram a agir como consumidores que entram nas igrejas como se entrassem em um mercado para escolher o produto que necessitam para resolver os seus problemas imediatos.<sup>35</sup> Estes são, conforme Gebhards, os consumidores de igrejas.<sup>36</sup>

### 3. OS CONSUMIDORES DE IGREJAS

Benton afirma: “Não é triste ver que até o cristianismo chega a nós em uma embalagem de consumo?”<sup>37</sup> De acordo com Sayão, muitas pessoas passaram a ver a igreja e até mesmo o próprio evangelho como uma mercadoria a ser consumida.<sup>38</sup> Isso porque, conforme Krüger, muitas igrejas se tornaram verdadeiras empresas, onde o pastor mais se assemelha com um gerente empresarial, inclusive nas igrejas tradicionais.<sup>39</sup>

Conforme Augustus Nicodemus Lopes, Jesus preferiu ter discípulos do que consumidores quando este multiplicou os pães em João 6. Quando a multidão, deslumbrada com o milagre, queria proclamar Cristo como rei, ele os rejeitou (vs. 15). No dia seguinte, Jesus se absteve de fazer milagres, pois constatou que a multidão apenas o seguia devido aos seus feitos miraculosos (vs. 26, 30). Jesus escolheu ficar com os doze que o seguiam pelo motivo certo do que ter cinco mil seguidores que o seguiam por causa dos benefícios que obteriam com Cristo.<sup>40</sup>

Segundo Lopes, atualmente prevalece na igreja evangélica uma mentalidade similar à multidão do tempo de Jesus. Muitas pessoas, influenciadas pela febre crescente do consumo,

<sup>33</sup> KRÜGER, 2017, p. 97-98.

<sup>34</sup> CUNHA, 2007, p. 53.

<sup>35</sup> KRÜGER, 2017, p. 98-99.

<sup>36</sup> GEBHARDS. *In*. MACARTHUR, John. **Ouro de tolo?** Discernindo a verdade em uma época de erro. Tradução de Maurício Fonseca dos Santos Junior. São Paulo: Fiel, 2006, p. 179.

<sup>37</sup> BENTON, 2002, p. 94.

<sup>38</sup> SAYÃO, 2012, p. 106.

<sup>39</sup> KRÜGER, 2017, p. 130.

<sup>40</sup> LOPES, Augustus Nicodemus. **Polêmicas na Igreja:** doutrinas, práticas e movimentos que enfraquecem o cristianismo. São Paulo: Mundo Cristão, 2015, p. 88.

assumem um comportamento de consumidores no que se trata das coisas de Deus: querem satisfazer apenas suas necessidades pessoais.<sup>41</sup> Sayão complementa que estas pessoas não se enxergam como servos, não veem o panorama mais amplo do Reino e não compreendem a ideia de corpo. Eles querem tão somente o Pai Meu e não o Pai Nosso.<sup>42</sup> Gebhards salienta: “Servir é o oposto de consumir”.<sup>43</sup> Em outras palavras, Krüger realça: “o Evangelho da Cruz está sendo substituído pelo evangelho do ‘eu’”.<sup>44</sup> Segundo Gebhards, o cristianismo ficou tão saturado da mentalidade consumista que o foco no eu não é mais percebido como um erro.<sup>45</sup> O sociólogo Lipovetsky defende que, desta forma, as igrejas têm se adaptado à felicidade terrena:

A diferença do passado, a Igreja não alega mais as noções do pecado mortal, não exalta mais nem o sacrifício nem a renúncia. O rigorismo e a culpabilização foram muito atenuados, ao mesmo tempo que as antigas temáticas do sofrimento e da mortificação. Enquanto as ideias de prazer e de desejo são cada vez menos associadas à tentação, a necessidade de carregar sua cruz na terra desapareceu. (...) De uma religião centrada na salvação no além, o cristianismo se transformou em uma religião a serviço da felicidade intramundana, enfatizando os valores da solidariedade e do amor, a harmonia, a paz interior, a realização total da pessoa.<sup>46</sup>

Lipovetsky afirma que quando a felicidade terrena é focada, cresce paralelamente a mercantilização das atividades religiosas.<sup>47</sup> Segundo Beale, diversas igrejas da atualidade se voltaram para os ideais consumistas do mercado e passaram a tentar satisfazer aos desejos de autossatisfação idólatra de seus frequentadores.<sup>48</sup> Krüger diz que os cristãos atualmente buscam por experiências e espetáculos cada vez mais frenéticos. Para atender às novas demandas, as igrejas se adaptaram.<sup>49</sup> Lopes afirma que a mentalidade consumista tem moldado a programação de muitas igrejas:

A forma e o conteúdo das pregações, a escolha dos cânticos, o tipo de liturgia e as estratégias para crescimento de comunidades locais. Tudo é feito com o objetivo de satisfazer os apelos emocionais, físicos e materiais dos frequentadores do templo. E, nesse afã prevalece o fim sobre os meios. Métodos se justificam na medida em que se prestam a atrair novos clientes e torná-los mais felizes, satisfeitos e dispostos a continuar ocupando os bancos da igreja.<sup>50</sup>

Deste modo, conforme Beale, a fé cristã foi transformada em algo atraente para o público contemporâneo, que habitualmente está mais preocupado com o seu próprio mundo

<sup>41</sup> LOPES, 2015, p. 88-89.

<sup>42</sup> SAYÃO, 2012, p. 106.

<sup>43</sup> GEBHARDS. *In*. MACARTHUR, 2006, p.188.

<sup>44</sup> KRÜGER, 2017, p. 102.

<sup>45</sup> GEBHARDS. *In*. MACARTHUR, 2006, p. 190.

<sup>46</sup> LIPOVETSKY, 2007, p. 131.

<sup>47</sup> LIPOVETSKY, 2007, p. 131.

<sup>48</sup> BEALE, G. K. **Você se torna aquilo que adora**: uma teologia bíblica da idolatria. Tradução de Marcus Throup. São Paulo: Vida Nova, 2014, p. 290.

<sup>49</sup> KRÜGER, 2017, p. 96.

<sup>50</sup> LOPES, 2015, p. 89.



interior do que com qualquer outra coisa. Isso faz com que, muitas igrejas, mesmo sem perceber, contribuam para a manutenção da egolatria, da idolatria ao ego.<sup>51</sup>

Conforme Lopes, um dos problemas que as igrejas mergulhadas na mentalidade consumista têm de enfrentar é a “síndrome da porta giratória”, em que pessoas em busca de sentido e alívio para suas vidas, ou mesmo em busca de entretenimento, vão à igreja a passeio, como quem vai a um shopping. Escolhem igrejas como quem escolhe o que vai vestir. Se por acaso a igreja não agrada, essas pessoas saem à procura de outra igreja, na qual se sintam confortáveis.<sup>52</sup> Desta forma, as próprias igrejas tendem a produzir muito mais consumidores do que reais discípulos de Cristo, e isso se manifesta nos eventos que elas promovem.<sup>53</sup>

Conforme Sayão, em alguns casos, os consumidores eclesiais até frequentam várias igrejas simultaneamente: “Numa consomem a boa mensagem do culto. Noutra compram o louvor mais animado, e ainda numa terceira desfrutam da escola bíblica para adquirir mais informações”.<sup>54</sup> Desta forma, de acordo com Benton, as igrejas muitas vezes mais se parecem com um supermercado espiritual: “onde as pessoas chegam, pegam o que querem e se vão”.<sup>55</sup> Estão lá para receber e não para oferecer. Querem ter as suas necessidades pessoais satisfeitas e nada além disso.<sup>56</sup> Gebhards afirma:

Em vez de se verem como servos, consideram a igreja como um lugar para se acomodarem e serem servidos. Ao invés de se focalizarem em Deus, eles se voltam para si mesmos. Em vez de considerarem a igreja como um lugar onde Deus é o “consumidor”, eles se veem como o centro das atenções, esperando que suas necessidades sejam supridas.<sup>57</sup>

Segundo Lipovetsky, na sociedade hiperconsumista, até mesmo a espiritualidade se tornou um produto a ser comercializado, mercado de massa, setor a ser gerado e promovido, uma espécie de comércio cristão.<sup>58</sup>

#### 4. O COMÉRCIO CRISTÃO

Segundo Lopes, muitos líderes já se aproveitaram da fé dos crentes para enriquecer ao longo da história da igreja cristã. Foi durante a Idade Média que o lucro com as coisas da fé atingiu patamares estrondosos. A Igreja Católica havia se mesclado com superstições e conceitos religiosos do mundo antigo, o que fez com que grandes desvios teológicos fossem tomados como verdade. Uma doutrina surgida na época era a de que relíquias<sup>59</sup> possuíam poderes miraculosos e até mesmo salvíficos. Essa doutrina desencadeou um comércio de

<sup>51</sup> BEALE, 2014, p. 290.

<sup>52</sup> LOPES, 2015, p. 90.

<sup>53</sup> LOPES, 2015, p. 93.

<sup>54</sup> SAYÃO, 2012, p. 106.

<sup>55</sup> BENTON, 2002, p. 108.

<sup>56</sup> BENTON, 2002, p. 155.

<sup>57</sup> GEBHARDS. In. MACARTHUR, 2006, p. 178-179.

<sup>58</sup> LIPOVETSKY, 2007, p. 132.

<sup>59</sup> RELÍQUIAS - partes de ossos, unhas, cabelo, vestes e objetos pessoais de um mártir cristão. In. LOPES, 2021, p. 67.

falsas relíquias, que eram vendidas para as igrejas ou mosteiros, a fim de chamar a atenção do público:

Eram objetos ligados a Cristo, Maria e aos apóstolos, coisas como o manto de Jesus, o manto da Virgem Maria, frascos com leite da Virgem Maria, cachos de seus cabelos, lascas da cruz de Cristo, frascos com seu sangue, pregos usados em sua crucificação, espinhos de sua coroa, a lança que o traspassou e, o mais famoso, o Santo Sudário, guardado numa catedral em Turim, na Itália.<sup>60</sup>

Lopes afirma que a Igreja Católica incentivava esse comércio, pois trazia muito lucro. No século XVI, os reformadores se revoltaram com estas práticas. João Calvino afirmava que se fossem juntados todos os pedaços da cruz de Cristo, um navio seria lotado. Naquela época não existia um santuário ou igreja europeia que não possuísse uma relíquia. Mas eram relíquias falsas. Em toda a Europa existiam 14 pregos da cruz de Cristo, por exemplo. Imagens de Jesus, Maria e dos santos eram outros itens comercializados. Os católicos devotos adquiriam essas imagens para ter em suas casas ou em seu comércio, pondo em um lugar de destaque. Além disso, crucifixos, rosários, velas, cruces, incensos, medalhas e óleos eram comercializados em massa. Outro comércio destaque da época eram as indulgências.<sup>61</sup> Vendedores de indulgências percorriam toda a Europa oferecendo o serviço.<sup>62</sup>

Conforme Lopes, há uma considerável comparação com a igreja católica medieval e as igrejas neopentecostais. A Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), por exemplo, arrecada milhões de reais todos os anos com a venda de objetos ungidos, tal como o sal grosso, a rosa ungida, fitas e pulseiras, entre outros.<sup>63</sup> Entretanto, as igrejas neopentecostais não são os únicos segmentos do mercado religioso. Tendo em vista o multiforme público cristão, diferentes lojas, de várias denominações, passaram a explorar este nicho. Conforme Giumbelli, as lojas de artigos evangélicos já se tornaram parte da paisagem urbana.<sup>64</sup> Nestas os cristãos podem encontrar além de Bíblias e livros, outros objetos como cartões, peças decorativas, camisetas, pulseiras, bonés, chaveiros, cadernos, adesivos, dentre outras coisas que contêm dizeres cristãos ou referências bíblicas.<sup>65</sup>

Segundo Campos, procurando oferecer produtos a diferentes públicos cristãos, as sociedades bíblicas passaram a desenvolver Bíblias temáticas e personalizadas, tal qual “a Bíblia para adolescentes”, “a Bíblia para mulheres” e “a Bíblia jovem”. Muitas destas Bíblias recebem títulos chamativos, como “a Bíblia do garoto radical”, “a Bíblia da garota de fé”, “a

<sup>60</sup> LOPES, 2021, p. 65-67.

<sup>61</sup> **INDULGÊNCIAS** – perdão dos pecados assinado pelo papa. Na teologia católica, o papa tem jurisdição pessoal sobre o purgatório, podendo conceder abreviação do tempo de sofrimento ou cancelamento desta etapa. As indulgências eram concedidas em troca de doações, boas obras ou serviços prestados à igreja. A prática das indulgências foi um dos estopins para o surgimento da Reforma Protestante. *In*. LOPES, 2021, p. 69.

<sup>62</sup> LOPES, 2021, p. 68-71.

<sup>63</sup> LOPES, 2021, p. 70-71.

<sup>64</sup> GIUMBELLI, Emerson. **Lojas de artigos evangélicos**: uma pesquisa sobre consumo religioso. Florianópolis: Ilha, UFSC, v. 7, n. 1 e 2, 2005, p. 213.

<sup>65</sup> GIUMBELLI, 2005, p. 219.

Bíblia da mulher que ora”, “a Bíblia da mamãe”, “a Bíblia da vovó”, entre outros.<sup>66</sup> Holland afirma que a Bíblia tem passado por diversas cirurgias plásticas na pós-modernidade. Muitas versões mais parecem ser uma adaptação para a cultura popular do que uma cópia fiel das Escrituras.<sup>67</sup> Conforme Piper:

Nada é sagrado. Se o lucro é gordo, as estratégias de propaganda são indiferentes. Se ser cristão está na moda, é isto que eles vão vender (...). Vivemos dias de muita lucratividade no campo da religião. Está aquecido o mercado de livros, discos, cruces de prata, brincos de peixes, abridores de cartas de madeira de oliveira, adesivos para carros, crucifixos, vidrinhos com água do rio Jordão que fazem você ganhar no bingo ou receber seu dinheiro de volta em noventa dias. Vivemos dias lucrativos para quem está no ramo da espiritualidade!<sup>68</sup>

Conforme Cunha, outro segmento que é explorado no meio evangélico e que cresce ano após ano é a indústria fonográfica cristã.<sup>69</sup> De acordo com Lopes, a indústria da música gospel é um segmento cristão que se expande de forma cada vez mais profissional, muitas vezes deixando de lado o propósito inicial de propagar o evangelho, para se tornar um negócio milionário. Assim, os cantores do mundo gospel brasileiro e internacional passaram a cobrar altos cachês para fazer suas apresentações.<sup>70</sup>

Desta forma, percebe-se que, conforme Cunha, o cristianismo passou a ser explorado como um segmento do mercado, seguindo a lógica comercial. Ser cristão tornou-se uma logomarca.<sup>71</sup> Para a autora, a cultura gospel<sup>72</sup> foi a responsável pela criação da comunidade de consumidores cristãos. Isso porque as pessoas encontram no universo cristão valores e sentidos religiosos para suas vidas. Logo, o consumo tornou-se uma nova opção de mediação entre as pessoas e sua fé:

Nesse novo modo de vida religioso, não importam mais a profissão de fé, o rol de membros, a prestação de contas a uma comunidade; o que importa é Deus e o acesso a ele. E isso pode acontecer por meio do consumo e da diversão, elementos que passam a ser interpretados como consagrados, pois levam a Deus.<sup>73</sup>

Desta forma, Cunha salienta que a cultura gospel, sob a óptica sociopolítica, manifesta-se como um fenômeno do capitalismo globalizado, isto é, do consumismo:<sup>74</sup>

<sup>66</sup> CAMPOS, Leonildo Silveira. **Bíblias no mercado**: o poder dos consumidores e a competição entre os editores – o caso da Sociedade Bíblica do Brasil. São Paulo: Rever, ano 12, nº 2, jul./dez. 2012, p. 51-53.

<sup>67</sup> HOLLAND, Rick. *In*. MACARTHUR, 2006, p. 104.

<sup>68</sup> PIPER, John. **Em busca de Deus**: a plenitude da alegria cristã. Tradução de Hans Udo Fuchs. 2. ed. São Paulo: Shedd, 2008, p. 156.

<sup>69</sup> CUNHA, 2007, p. 55-57.

<sup>70</sup> LOPES, 2015, p. 89.

<sup>71</sup> CUNHA, 2007, p. 140-142.

<sup>72</sup> **CULTURA GOSPEL** – Uma cultura religiosa, um modo de vida construído por um segmento cristão brasileiro – os evangélicos. É um modo de viver e experimentar a fé no sagrado dentro do qual há um sistema de significações que resulta de todas as formas de atividade social deste segmento religioso. *In*. CUNHA, 2007, p. 171.

<sup>73</sup> CUNHA, 2007, p. 169-170.

<sup>74</sup> CUNHA, 2007, p. 206.

No momento em que a lógica do capitalismo globalizado – caracterizada pelo permanente consumo de bens materiais (posse), pelos ideais da eficiência e do sucesso e pela conseqüente competição – prevalece como ordenadora da sociedade contemporânea, a cultura *gospel* revela-se sua extensão, ou seja, uma expressão cultural desse capitalismo em versão religiosa. Isto não ocorre somente por meio do culto e dos discursos veiculados pela mídia; outros elementos que caracterizam a cultura *gospel* a descrevem um universo econômico-religioso, como o consumo e o entretenimento. Desse modelo, os cristãos em geral passam a ser interpretados e trabalhados como segmentos do mercado. Já os empresários evangélicos veem-se e agem como sócios do empreendimento de Deus, que é a salvação do mundo. Seus produtos são vistos como sagrados, abençoados por Deus para fazer com que mais pessoas se achem a ele. A base destas interpretações e destas ações encontra-se na premissa de que “consumir não é pecado”.<sup>75</sup>

Benton afirma que o consumo não é mau em si. Não há nada de errado em comprar certas coisas.<sup>76</sup> McKinley salienta que as posses materiais são coisas boas, pois são necessárias para a vida neste mundo.<sup>77</sup> Contudo, muitas vezes, o que uma pessoa possui não passa de uma anestesia. A anestesia não resolve os problemas, não trata os ferimentos. Apenas torna a pessoa menos consciente dos problemas que tem. Toda riqueza é perigosa, pois entorpece a pessoa da necessidade que tem de Deus.<sup>78</sup> Por isso, o sociólogo francês Gilles Lipovetsky ressalta que: “Crer não é consumir. (...) O espírito de fé não pode ser confundido com o espírito pragmático do consumismo”.<sup>79</sup> Segundo McManus, as pessoas se sentem vazias, mesmo possuindo muitas coisas, pois estão se empanturrando de coisas erradas e negligenciando o que realmente importa.<sup>80</sup>

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mateus 6.19-21 diz:

“Não acumulem tesouros sobre a terra, onde as traças e a ferrugem corroem e onde ladrões escavam e roubam; mas ajuntem tesouros no céu, onde as traças e a ferrugem não corroem, e onde ladrões não escavam, nem roubam. Porque, onde estiver o seu tesouro, aí estará também o seu coração.”<sup>81</sup>

Já o consumismo prega o contrário: “Ajuntem tesouros na terra!” Este conflito entre o cristianismo e o consumismo tem gerado muitos cristãos consumistas. Cristãos que são idólatras materiais e nem percebem. Cristãos que buscam a prosperidade nesta terra acima de tudo. Cristãos que pensam que a igreja é um lugar onde eles devem ser servidos e não onde

<sup>75</sup> CUNHA, 2007, p. 202.

<sup>76</sup> BENTON, 2002, p. 42.

<sup>77</sup> MCKINLEY, 2012, p. 137.

<sup>78</sup> MCKINLEY, 2012, p. 144.

<sup>79</sup> LIPOVETSKY, 2007, p. 133.

<sup>80</sup> MCMANUS, Erwin. In. MILLBURN, Joshua Fields; NICODEMUS; Ryan. **Minimalismo já**. Netflix, 2021. Disponível em: <https://www.netflix.com/br/title/81074662>. Acesso em: 10 jun. 2021.

<sup>81</sup> SOCIEDADE BÍBLICA DO BRASIL. **Bíblia Sagrada**. Tradução de João Ferreira de Almeida. Barueri: SBB, 2018, p. 735.

devem servir. Cristãos que se utilizam da fé para enriquecer. Enfim, cristãos que estão com o foco errado.

O consumismo já adentrou nas entranhas da igreja cristã, assim como adentrou nas demais áreas da sociedade. O cristianismo está fortemente influenciado pelo consumismo, mesmo que de forma invisível para a maioria da igreja. Todavia, o consumismo não passa de um falso deus, de um placebo. O único que pode realmente satisfazer o coração do ser humano é Deus. Não são as posses materiais, não é a prosperidade terrena e muito menos a programação de determinada igreja ou a compra de determinado item cristão. O único remédio para os problemas humanos é Deus, e o Senhor não pode ser comprado.

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, Livia; CAMPBELL, Colin (orgs). **Cultura, consumo e identidade**. Rio de Janeiro: FGV, 2006. 204 p.

BEALE, G. K. **Você se torna aquilo que adora**: uma teologia bíblica da idolatria. Tradução de Marcus Throup. São Paulo: Vida Nova, 2014. 320 p.

BENTON, John. **Cristãos em uma sociedade de consumo**. Tradução de Sírley Vieira Amorim Strobel. São Paulo: Cultura Cristã, 2002. 158 p.

BOTELHO, André Lima. **Menos é mais**: o que Jesus ensinou, mas insistimos em não entender. São Paulo: Lampejos, 2017. 64 p.

CAMPOS, Leonildo Silveira. **Bíblia no mercado**: o poder dos consumidores e a competição entre os editores – o caso da Sociedade Bíblica do Brasil. São Paulo: Rever, ano 12, nº 2, jul./dez. 2012. p. 35-61.

CUNHA, Magali do Nascimento. **A explosão gospel**: um olhar das ciências humanas sobre o cenário evangélico no Brasil. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007, 231 p.

GIUMBELLI, Emerson. **Lojas de artigos evangélicos**: uma pesquisa sobre consumo religioso. Florianópolis: Ilha, UFSC, v. 7, n. 1 e 2, 2005. p. 213-236.

KELLER, Timothy. **Deuses falsos**: as promessas vazias do dinheiro, sexo e poder, e a única esperança que realmente importa. Tradução de Jurandy Bravo. São Paulo: Vida Nova, 2018. 192 p.

KRAYBILL, Donald B. **O reino de ponta cabeça**. Tradução de Fernanda Milczarek. Bragança Paulista: Mensagem para todos, 2017. 397 p.

KRÜGER, Hariet Wondracek. **A teologia que vem dos palcos evangélicos**. Curitiba: ADSantos, 2017. 224 p.

LIPOVETSKY, Gilles. **A felicidade paradoxal**: ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo. Tradução de Maria Lucia Machado. São Paulo: Cia das Letras, 2007. 408 p.

LOPES, Augustus Nicodemus. **O que a Bíblia fala sobre dinheiro**. São Paulo: Mundo Cristão, 2021. 124 p.

LOPES, Augustus Nicodemus. **Polêmicas na Igreja**: doutrinas, práticas e movimentos que enfraquecem o cristianismo. São Paulo: Mundo Cristão, 2015, 229 p. E-pub.

LOPES, Hernandes Dias. **De volta ao Evangelho**. Disponível em: [hernandesdiaslopes.com.br/de-volta-ao-evangelho](http://hernandesdiaslopes.com.br/de-volta-ao-evangelho). Acesso em: 06 mai. 2021.

MACARTHUR, John. **Ouro de tolo?** Discernindo a verdade em uma época de erro. Tradução Maurício Fonseca dos Santos Junior. São Paulo: Fiel, 2006. 224 p.

MARTINS, Yago. **No alvorecer dos deuses**: desvendando as idolatrias profundas do coração. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020. 192 p.

MCKINLEY, Mike. **Eu sou mesmo um cristão?** Tradução de Eros Pasquini Jr. São José dos Campos: Fiel, 2012. 189 p.

MILLBURN, Joshua Fields; NICODEMUS; Ryan. **Minimalismo já**. Netflix, 2021. Disponível em: <https://www.netflix.com/br/title/81074662>. Acesso em: 10 jun. 2021.

PIPER, John. **Em busca de Deus**: a plenitude da alegria cristã. Tradução de Hans Udo Fuchs. 2.ed. São Paulo: Shedd, 2008. 296 p.

SAYÃO, Luiz Alberto. **Agora sim!** Teologia na prática do começo ao fim. São Paulo: Hagnos, 2012. 188 p.

SOCIEDADE BÍBLICA DO BRASIL. **Bíblia Sagrada**. Tradução de João Ferreira de Almeida. Barueri: SBB, 2018. 960 p.

STOTT, John W. R. **O discípulo radical**. Tradução de Meire Portes Santos. Viçosa: Ultimato, 2011. 120 p.

# Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878



Ensaio Teológico está licenciada com uma Licença Creative Commons  
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

## A *KENŌSIS* DE JESUS EM FILIPENSES 2.5-8 COMO EXORTAÇÃO À HUMILDADE The kenosis of Jesus in Philippians 2.5-8 as an exhortation to humility

Lucas Rangel de Castro Soares<sup>1</sup>

### RESUMO

Este artigo apresentou a questão *kenótica* presente em Filipenses 2.5-8 como fundamento da prática da humildade cristã. Ele traçou o pano de fundo da epístola endereçada à igreja de Filipos, com atenção às questões introdutórias básicas. Também lidou com questões de forma, contexto literário e tradução do texto. Por fim, o trabalho analisou o trecho em questão, valendo-se de ferramentas exegéticas típicas do método histórico-gramatical e demonstrou a relação existente entre a prática da humildade cristã e o modelo dado por Jesus em sua encarnação.

**Palavras-chave:** Humildade. *Kenōsis*. Cristologia.

### ABSTRACT

This article addressed the *kenotic* question presented in Philippians 2.5-8 as the core for the understanding and practice of Christian humbleness. It traced the background of the epistle to the church of Philippi, focusing on the fundamental introductory issues. It also dealt with form, literary context and text translation. Finally, it analyzed the passage in question using exegetical tools which are typical to the historical-grammatical method to establish the relationship between the practice of Christian humbleness and the model Jesus provided with his incarnation.

**Keywords:** Humbleness. *Kenōsis*. Christology.

<sup>1</sup> Bacharel em Teologia pelo Seminário Bíblico Palavra da Vida (2005) e pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (2008). Especialista em Revitalização e Multiplicação de Igrejas (CPAJ, 2013), em Teologia do Antigo Testamento (FTSA, 2020) e em Teologia do Novo Testamento Aplicada (FABAPAR, 2020). Discente do programa de Mestrado Profissional em Teologia da FABAPAR. Atua como pastor auxiliar na Primeira Igreja Batista de Campo Grande-RJ. E-mail: prlucasrangel@gmail.com.



## INTRODUÇÃO

Muito se tem escrito e falado sobre o auto esvaziamento de Jesus, conforme tratado pelo apóstolo Paulo em sua carta aos Filipenses. O trecho de Filipenses 2.5-8 é conhecido por muitas pessoas apenas pela referência à *κενώσις* (*kenōsis*<sup>2</sup>) de Jesus e toda controvérsia a ela relacionada. Ocorre que esta passagem tem como objetivo central desafiar os cristãos filipenses a praticar a humildade cristã e cultivar a unidade em sua igreja, mesmo diante de dissensões que eram conhecidas por Paulo. A Cristologia presente no texto tem como função fundamentar a exortação. Os filipenses e demais cristãos devem ser humildes por causa e conforme o exemplo dado por Jesus em sua encarnação.

Este artigo, portanto, investigará o trecho de Filipenses 2.5-8 a partir do contexto geral da carta em que está inserido, tratando de questões relacionadas a autoria, data, local de composição, destinatários, mensagem, propósito e estrutura. Em seguida, o olhar se voltará à porção estudada, procurando delimitar o foco da pesquisa, definição e tradução do texto, seu lugar no argumento do autor, sua forma e estrutura literária, procurando analisar o texto em si e como se apresenta dentro do argumento do apóstolo. Feita a ambientação necessária, tanto da epístola em geral quanto do texto alvo em específico, a atenção se voltará a tarefa de comentar a passagem com vistas a levantar dados exegéticos e teológicos que confirmem que Paulo estava a apresentar uma exortação à humildade cristã que, por sua vez, só pode se alicerçar no modelo perfeito de abnegação, identificação e obediência vistos na encarnação do Filho.

Para dar conta de sua proposta, o artigo se valerá das ferramentas do método exegético histórico-gramatical e procurará interagir com autores que lidam tanto com a interpretação quanto com a teologia do texto, em especial com as questões cristológicas envolvidas. Estes esforços visam, de alguma maneira, apontar para a prática contemporânea da humildade cristã, segundo o modelo de Jesus Cristo em sua encarnação.

### 1. VISÃO GERAL DE FILIPENSES

No propósito de analisar de que maneira a passagem de Filipenses 2.5-8 contribui para a fundamentação da humildade cristã, é fundamental o levantamento de dados sobre a carta de Filipenses como um todo, a fim de que toda a análise seja feita a partir de seu mais amplo contexto histórico e literário. Por esta razão, nesta seção, serão apontados aspectos relevantes acerca da autoria, data, ocasião, destinatários, desenvolvimento e argumento básico da carta aos Filipenses.

#### 1.1 Autoria

De modo geral aceita-se que seja uma carta genuína de Paulo. Esta opinião é a conclusão lógica baseada nas evidências internas da carta (Fp 1.1): “Paulo e Timóteo, servos de Cristo

---

<sup>2</sup> As palavras gregas são transliteradas neste trabalho segundo o padrão estabelecido em THE SBL Handbook of Style. 2nd ed. Atlanta: SBL Press, 2014. p. 59.

Jesus, a todos os santos em Cristo Jesus, inclusive bispos e diáconos que vivem em Filipos”. Deve-se entender a presença do nome de Timóteo juntamente com o de Paulo no sobrescrito da carta não como indicativo de coautoria, mas como informação de que o jovem pastor estava na companhia do apóstolo quando da composição da epístola, tendo servido, talvez, como seu ajudante da redação da mesma. Como explicado por Mauerhofer, Timóteo é corremente, não coautor.<sup>3</sup>

Algumas objeções a esta concepção tradicional foram levantadas primeiramente por Baur no seu livro “Paulus”.<sup>4</sup> Este estudioso negou a autoria paulina não somente de Filipenses, mas também de quase todas as demais cartas que sempre foram atribuídas ao Apóstolo. Para fundamentar sua opinião, Baur argumenta que a presença de assuntos referentes à heresia gnóstica, bem como formas avançadas da estrutura eclesiástica apontam para um autor pós-paulino, pois tais assuntos não poderiam fazer parte do discurso apostólico do primeiro século. Estes argumentos não se demonstram consistentes com o conteúdo da carta. Temas tipicamente paulinos estão presentes e os assuntos tidos por Baur como posteriores à época de Paulo se fazem presentes já na igreja cristã do primeiro século (At 6.1-6; 11.30; o mesmo conceito é encontrado em 2 Coríntios 8.9, carta esta que Baur considera genuinamente paulina). Outras objeções à autoria paulina de Filipenses foram levantadas por eruditos da chamada escola de Tübingen, conhecida por seu radicalismo histórico-crítico. Desde o final do século XIX, porém, não tem surgido outras propostas contrárias à autoria paulina que sejam dignas de crédito.<sup>5</sup>

## 1.2 Data e local

Caso se defenda que a carta foi escrita em Éfeso, a data mais provável é entre 52 e 55 a.D., período em que o apóstolo residia em Éfeso. Sabe-se que Paulo estava preso enquanto escrevia a carta. Alguns defendem que Paulo também havia sido preso em Éfeso antes de ser preso em Jerusalém e apelar a César. Sabe-se que Paulo passou um período preso em várias cidades até finalmente chegar em Roma para ser julgado pelo imperador<sup>6</sup>. O fato de haver na carta uma menção a guarda pretoriana pode apontar para Roma como o local de origem da epístola. Neste caso a data mais provável seria 61 a.D. Há controvérsias com relação a expressão *πραιτώριον* se referir a guarda pretoriana ou a sede de alguma província romana. Porém a declaração de Paulo de que ele corria risco de vida indica que o julgamento decisivo estava por vir e tal julgamento teria de ser em Roma realizado pelo próprio imperador. Com base em tais argumentos, é mais razoável aceitar que Filipenses foi escrita em Roma.<sup>7</sup>

<sup>3</sup> MAUERHOFER, Erich. **Uma introdução aos escritos do Novo Testamento**. São Paulo: Vida, 2010, p. 447.

<sup>4</sup> “Foi Ferdinand Christian Baur que, dirigindo um cerco contra a fortaleza da doutrina cristã tradicional, efetuou um assalto contra a autoria paulina de todas as cartas que levam o nome do apóstolo, com exceção de Gálatas, 1 e 2 Coríntios e Romanos”. Citado em HENDRIKSEN, William. **Efésios e Filipenses**. 3.ed. São Paulo: Cultura Cristã, 1992, p. 388.

<sup>5</sup> DE BOOR, Werner. **Carta aos Filipenses: Comentário Esperança**. Curitiba: Esperança, 2006, p. 161.

<sup>6</sup> MAUERHOFER, 2010, p. 453.

<sup>7</sup> PINTO, Carlos Osvaldo C. **Foco & Desenvolvimento no Novo Testamento**. 2.ed. São Paulo: Hagnos, 2014, p. 357.

### 1.3 Destinatários

A cidade de Filipos tem seu nome devido a uma honra a Filipe II da Macedônia. Antes conhecida como Crenides, a cidade teve seu nome alterado devido às obras de ampliação e embelezamento realizadas por Alexandre, o Grande, filho de Filipe II. Sua importância está na sua posição entre Roma e as cidades provinciais da Ásia, ligando o comércio através da estrada romana. Filipos era uma colônia romana e seus habitantes eram na sua maioria soldados romanos aposentados. A ausência de citações do Antigo Testamento e de nomes judeus na carta indica que a igreja de Filipos era constituída na sua maioria de gentios.<sup>8</sup>

### 1.4 Propósito

Numa leitura cuidadosa da carta, é possível identificar que o objetivo do apóstolo Paulo ao escrever aos filipenses era agradecer àquela igreja pela oferta mandada a ele, relatar o que estava acontecendo e encorajá-los a se manterem firmes na fé, com humildade e unidade, alegrando-se diante de tais circunstâncias para que não caíssem nos ensinamentos errôneos dos judaizantes e antinomistas (cf. Fp 3). Além disso, Paulo deseja recomendar Timóteo e Epafrodito à igreja de Filipos. Pode-se assim descrever o propósito da carta como: *Louvar a Deus pelo seu crescimento e encorajá-los à unidade, alegria e fidelidade no serviço a Cristo e uns aos outros.*

### 1.5 Mensagem

Segundo Pinto, a mensagem da epístola aos Filipenses pode ser assim resumida: “A vitalidade contínua do evangelho entre os filipenses e a garantia de que o evangelho continuará a crescer por meio deles”.<sup>9</sup> Termo fundamental para o argumento deste escrito é a alegria. Numa carta de 104 versículos divididos em quatro capítulos, o verbo χαίρω (*chairō*) ou o substantivo χαρά (*chairō*) aparecem 14 vezes em 12 versos.<sup>10</sup> O chamamento do apóstolo é em direção à alegria no Senhor, a despeito dos sofrimentos que possam sobrevir sobre ele mesmo ou sobre seus leitores. Além disso, esta alegria oriunda da salvação em Cristo Jesus deveria produzir disposição para o serviço e a unidade entre os membros da igreja. Tudo isto sem que o cuidado para com os falsos ensinamentos fosse relegado a segundo plano. Desta maneira, a partir da observação do texto e da proposta citada acima, pode-se sintetizar a mensagem da epístola aos filipenses desta maneira: *Uma grata exortação aos filipenses à alegria e unidade, motivadas pelo puro evangelho, no serviço a Deus e uns aos outros.*

### 1.6 Estrutura da carta

**1 - Saudação inicial:** Paulo e Timóteo desejam a graça e a paz de Cristo aos líderes e demais crentes da igreja de Filipos (1.1-2).

---

<sup>8</sup> PINTO, 2014, p. 359.

<sup>9</sup> PINTO, 2014, p. 368.

<sup>10</sup> ALAND, Barbara *et al* (orgs.). *Novum Testamentum Graece*. 28. rev. Auf. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2012.

**2 - Sofrimento (1.3-30):**

- a) Paulo se alegra com a colaboração e piedade dos filipenses, mesmo estando preso (1.3-11).
- b) Paulo se alegra em Cristo a despeito de seu sofrimento e estimula os filipenses a seguirem o seu exemplo (1.12-30).
  - a. Paulo se alegra com a expansão do evangelho mesmo estando preso (1.12-18).
  - b. Paulo se alegra, pois sabe que Cristo será exaltado por sua libertação ou por seu martírio (1.19-26).
  - c. Paulo exorta os filipenses a permanecerem unidos na luta pela fé, ainda que lhes sobrevenha sofrimentos como estava ocorrendo com o Apóstolo (1.27-30).

**3 - Submissão (2.1-30):**

- a) Paulo exorta os filipenses a completarem a sua alegria praticando a humildade como Cristo exemplificou (2.1-11).
- b) Paulo exorta os filipenses a continuarem cultivando a submissão a Deus por causa do exemplo de Cristo para se diferenciar do mundo (2.12-18).
- c) Paulo demonstra a submissão que ele espera dos filipenses nos exemplos de Timóteo e Epafrodito (2.19-30).

**4 - Salvação (3.1-4.1):**

- a) Paulo destaca a alegria de possuir a Salvação pela fé em contraste com a inutilidade dos valores dos judaizantes (3.1-11).
- b) Paulo afirma o caráter dinâmico e transformador da salvação em contraste com o perfeccionismo e a libertinagem (3.12-4.1).

**5 - Santificação (4.2-20):**

- a) Paulo ordena aos filipenses que vivam a santificação através da reconciliação, da amabilidade, da oração e do cuidado com as próprias mentes (4.2-9).
- b) Paulo agradece as ofertas enviadas pelos filipenses, ensinando-os, pelo exemplo, a viverem uma vida de simplicidade e desprendimento (4.10-20).

**6 - Saudação final:** Paulo se despede dos seus leitores com o cumprimento dos que estão com ele e clama pela graça de Deus sobre os seus leitores (4.21-23).

## 2. TEXTO E CONTEXTO DE FILIPENSES 2.5-8

O foco agora é a passagem de Filipenses 2.5-8. Este texto tem sido alvo de muito debate devido à questão *kenótica*. Mais significativa para a análise do texto e suas implicações para a humildade cristã é, porém, a φρόνησις (*phronēsis* “atitude”) *kenótica*. Não se pode perder de vista que, só é possível compreender o auto esvaziamento de Jesus a partir do argumento de Paulo em sua exortação à humildade.

## 2.1 O Texto e sua Tradução

Deve-se justificar os porquês da seleção do texto ora estudado. A delimitação do objeto de análise deste artigo pode suscitar dúvidas, sendo necessária explicação plausível. Em primeiro lugar, destaca-se que Filipenses 2.5-8 não se trata de perícopo completa. Uma nova unidade de pensamento se inicia no primeiro verso do capítulo dois. Até o versículo 11, Paulo exorta os filipenses a completarem a sua alegria praticando a humildade como Cristo exemplificou. Contudo, o argumento desenvolvido na porção maior ganha novo contorno a partir do verso 5 uma vez que o autor inclui em sua exortação um exemplo a ser seguido. Isto pode ter ensejado, inclusive, que algum copista tenha incluído a conjunção γάρ (*gar*) no versículo 5 com o objetivo de estabelecer mais claramente a relação causal entre a preocupação que se deve ter com os outros em detrimento de si mesmo (Fp 2.4) e o imperativo φρονεῖτε (*phroneite*) do verso 5.<sup>11</sup> Por outro lado, no verso 9, o hino iniciado no versículo 6 ganha uma nova direção com a expressão διὸ καί (*dio kai* “Pelo que também”)<sup>12</sup> que serve para deixar claro que a razão dos v. 9-11 é o que foi dito nos v. 5-8. Sendo assim, mesmo inserido numa unidade de pensamento maior, o texto em tela pode ser analisado de forma específica sem prejuízo para sua correta compreensão.

Em segundo lugar, Filipenses 2.5-8 possui um tema específico que não está presente nos trechos anterior e posterior. Nos versos imediatamente anteriores, Paulo explicita sua exortação à humildade e à unidade. O trecho de 9 a 11 trata da exaltação e do senhorio de Jesus Cristo. Tanto a exortação à humildade dos filipenses quanto a exaltação futura do Cristo encontram sua razão de ser na humilhação auto afligida do Filho de Deus, e este é o tema exclusivo da porção objeto deste estudo. Isto faz com que haja uma temática teológica que emerge desta passagem em especial e que justifica seu estudo de forma mais atenta.

O objeto deste estudo, portanto, é o de Filipenses 2.5-8, conforme se apresenta na leitura da vigésima oitava edição de *Novum Testamentum Graece*<sup>13</sup>:

τοῦτο φρονεῖτε ἐν ὑμῖν ὃ καὶ ἐν Χριστῷ Ἰησοῦ, ὃς ἐν μορφῇ θεοῦ ὑπάρχων οὐχ ἄρπαγμόν ἠγῆσατο τὸ εἶναι ἴσα θεῷ, ἀλλ’ ἑαυτὸν ἐκένωσεν μορφὴν δούλου λαβών, ἐν ὁμοιώματι ἀνθρώπων γενόμενος· καὶ σχήματι εὐρεθεὶς ὡς ἄνθρωπος ἐταπείνωσεν ἑαυτὸν γενόμενος ὑπήκοος μέχρι θανάτου, θανάτου δὲ σταυροῦ.

A tradução proposta é:

Tende em vós a atitude que também houve em Cristo Jesus, o qual, embora existisse em forma de Deus, não considerou o ser igual a Deus algo a que devia se apegar; mas esvaziou a si mesmo tomando forma de servo, tornando-se em semelhança de homens, e sendo achado em aspecto

<sup>11</sup> OMANSON, Roger L.; METZGER, Bruce Manning. **A Textual Guide to the Greek New Testament**: an adaptation of Bruce M. Metzger’s Textual commentary for the needs of translators. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2006, p. 403. De qualquer forma, é preferível a leitura que exclui γάρ, uma vez que seria mais difícil justificar sua omissão do que seu acréscimo.

<sup>12</sup> διὸ καί portanto... também, denota que a inferência é auto evidente. ARNDT, William; *et al* (edits.). **A Greek-English lexicon of the New Testament and other early Christian literature**. Chicago: University of Chicago Press, 2000, p. 250.

<sup>13</sup> ALAND; *et al*, 2012.

humano; humilhou a si mesmo, tornando-se obediente até a morte e morte de cruz.<sup>14</sup>

## 2.2 Passagens paralelas

Os temas principais presentes em Filipenses 2.5-11 podem também ser encontrados em outros textos canônicos. Alguns exemplos são dignos de destaque. No texto bíblico de Marcos 10.43-45, fica claro que o Filho do Homem veio como servo. Em seu Reino, o maior é aquele que serve enquanto os que pretendem posições superiores serão servos de todos os demais. O próprio Rei desempenhou serviço sacrificial pela humanidade, e seu ato máximo de serviço foi sua própria morte em favor de muitos. No texto do evangelho de João 13.1-12, observa-se as ações de Jesus ao lavar os pés de seus discípulos encontram eco na descrição paulina da auto-humilhação do Filho de Deus. No texto bíblico da epístola aos Romanos 8.3, a expressão ὁμοίωματι σαρκὸς ἁμαρτίας (*homoiōmati sarkos hamartias* “em semelhança de carne pecaminosa”) está relacionada diretamente à expressão ὁμοίωματι ἀνθρώπων (*homoiōmati anthrōpōn* “em semelhança de homens”). Jesus se identificou plenamente com os pecadores, mas não se tornou um deles. Antes ele mesmo se entregou por sacrifício puro pelos pecados da humanidade. Em Hebreus 2.9-18, o autor destaca a importância da identificação de Jesus com a humanidade que ele veio resgatar. A humilhação do Cristo tem papel fundamental nisto, uma vez que é a base para seu socorro aos que lutam contra o pecado. Também é fundamento para o livramento da morte, porquanto era necessário que ele morresse como homem. E, finalmente, esta humilhação é uma jornada messiânica que referendaria Jesus como o verdadeiro Ungido enviado por Deus segundo as suas promessas do Antigo Testamento.

## 2.3 Tema e estrutura do texto

Conforme, defendido anteriormente, o texto estudado apresenta um tema central que pode ser assim definido: A exortação à humildade tem seu respaldo no exemplo de Jesus em desprender-se e esvaziar-se de sua condição divina, humilhando-se até a morte de cruz.

Este tema é desenvolvido seguindo a estrutura abaixo:

- 1 - A exortação à humildade tem seu respaldo na imitação da atitude de Jesus (Fp 2.5).
- 2 - A exortação à humildade se baseia no exemplo de Jesus (Fp 2.6-8).
  - a) O exemplo de Jesus fundamenta-se na abnegação em relação a sua eterna condição divina (Fp 2.6).
  - b) O exemplo de Jesus inclui seu auto esvaziamento voluntário (Fp 2.7).
    - a. Ao esvaziar-se, Jesus tomou a forma de servo.
    - b. Ao esvaziar-se, Jesus tornou-se semelhante aos homens.
    - c. Ao esvaziar-se, Jesus foi achado em figura humana.
  - c) O exemplo de Jesus envolve obediência até sua morte na cruz (Fp 2.8).

<sup>14</sup> Tradução para o português elaborada pelo autor do artigo a partir do texto de ALAND; *et al*, 2012.

## 2.4 Forma e contexto da passagem

No texto bíblico de Filipenses 2.5-8, Paulo está fazendo uma exortação direta aos seus leitores, fundamentando a sua exortação no exemplo de Jesus. Pode-se dizer que o gênero literário maior é o epistolar, dentro do qual o autor vale-se de linguagem pessoal e direta para instar a igreja de Filipos a viver concordemente segundo o modelo de humildade oferecido pelo próprio Jesus em sua encarnação e morte de cruz. Em meio ao seu argumento, é inserida uma forma poética em plena harmonia com o fluxo de pensamento expresso pelo texto. O trecho de Filipenses 2.6-11 é visto por muitos como sendo um hino cristão antigo que Paulo teria incluído em sua carta para enfatizar seu chamamento à humildade.<sup>15</sup>

Quanto à realidade imediata vivida pela igreja dos filipenses, é perceptível que enfrentava problemas de dissensões causadas por pessoas como Evódia e Síntique (Fp 4.2). Ainda que preso, Paulo afirma poder experimentar grande alegria os conflitos que produziam desunião na igreja de Filipos fossem sanados. Neste propósito, o apóstolo evoca o exemplo do próprio Jesus.

Ao observar o fluxo do argumento da epístola, percebe-se que, no contexto anterior, Paulo trata de sua situação na prisão e como é para ele um privilégio passar por isso, uma vez que tem consciência de que o nome de Cristo será engrandecido pela vida ou pela morte, pois para ele o viver é Cristo e o morrer é lucro (Fp 1.21). Paulo tem em mente que sua vida foi transformada com o propósito de engrandecer a Cristo. Ele se considera um instrumento enquanto Cristo é o mestre. Por isso a morte não o amedronta, afinal é melhor estar com Cristo (Fp 1.23). Ao mesmo tempo, ele conhece seu chamado e tem desejo de estar com os seus irmãos e ajudá-los a crescer. Por esta razão ele está convencido de que continuará com eles.

Paulo demonstra a sua condição de servo de Deus preparado para as circunstâncias que podem lhe sobrevir quando escreve aos filipenses que, não importa o que aconteça, eles devem exercer a cidadania deles de maneira digna do evangelho de Cristo, permanecendo firmes na fé, em um só espírito, lutando unânimes pela fé evangélica sem se deixar intimidar por aqueles que se opõem a eles (Fp 1.27-28). Em Filipenses 1.29, o apóstolo fala do privilégio que seus leitores receberam de não apenas crer em Cristo, mas também sofrer por ele. Paulo, então, relembra do que tem passado e convida os filipenses a encararem como privilégio enfrentar situações semelhantes às que ele enfrentava. A partir deste senso de privilégio, os filipenses deveriam viver unidos, tendo o mesmo amor, o mesmo modo de pensar, um só espírito e uma só atitude. Nada do que fizessem deveria ser por ambição egoísta ou por vaidade, mas com humildade, deveriam considerar os outros em mais alta conta do que si mesmos (Fp 2.2-3).

Ao chegar no texto que é objeto deste estudo, Paulo expõe a atitude do Cristo encarnado com o intuito de exortá-los a terem atitude semelhante. O Filho Divino, majestoso e todo poderoso, veio dos céus e se fez homem, não se apegando à sua condição de igualdade com o Pai. Pelo contrário, preferiu renunciar ao seu direito em favor da humanidade com a

---

<sup>15</sup> HANSEN, G. Walter. **The Letter to the Philippians**. Grand Rapids: Eerdmans, 2009, p. 122-123.



qual se identificou. Seu exemplo de humilhação chegou ao seu ápice em sua morte, sendo esta morte de cruz, a mais vergonhosa e vil forma de execução da época.

O contexto posterior exhibe de maneira poética que, embora tendo sido humilhado pelos homens, Jesus Cristo foi exaltado pelo Pai até a mais alta posição e dele recebeu o nome que está sobre todo o nome. Este é o nome diante do qual tudo e todos, nos céus e na terra, se prostrarão e confessarão o senhorio de Cristo para a glória de Deus Pai.

O exemplo de Cristo deveria servir de estímulo aos filipenses para crescerem na graça e serem testemunhas eficazes no mundo mal. Paulo ressalta como Timóteo e Epafrodito já desempenhavam este propósito em suas vidas. Em seguida, adverte os seus leitores com relação à ameaça judaizante e destaca a importância de, assim como o próprio apóstolo, valorizarem acima de qualquer coisa o conhecimento de Cristo.

Com relação às situações adversas, o apóstolo ensina os filipenses a terem paz. Primeiramente deveria haver paz entre eles próprios como servos de Cristo. Também paz oriunda de uma conduta pessoal digna de um cristão. E, finalmente, os filipenses deveriam desfrutar da verdadeira paz ao passar por qualquer situação que a vida lhes impusesse. Paulo encerra sua epístola com suas saudações finais.

### 3. O AUTO ESVAZIAMENTO DE JESUS: FUNDAMENTO DA HUMILDADE CRISTÃ

Tendo contextualizado a epístola aos filipenses e definido e ambientado a passagem objeto deste artigo, passa-se a comentar o texto com vistas ao estabelecimento da correlação intencionada pelo autor entre a humildade cristã e a κένωσις (*kenōsis*) de Jesus Cristo. É claro que, para o estudo deste texto em especial, ambos os temas somente podem ser compreendidos em conjunto. Desta maneira, a partir do tema geral do trecho estudado, a humildade cristã encontra seu fundamento na ação *kenótica*, de modo que o apóstolo fundamenta nisto sua exortação. Por esta razão, nos pontos que se seguem, os comentários serão postos conforme a estrutura literária da passagem exige. Primeiramente, Paulo indica que a atitude de Jesus é a motivação pela qual os filipenses deveriam buscar humildemente o bem uns dos outros. Em segundo lugar, o texto descreve como a encarnação de Jesus, desde a abnegação subjacente ao ato em si até a obediência final na cruz, passando por seu auto esvaziamento, decorrem exatamente desta mesma φρόνησις (*phronēsis*) que os filipenses (e todos os cristãos) deveriam imitar.

#### 3.1 A atitude de Jesus como motivadora da humildade cristã

Já foi resumido o tema da seção compreendida pelo versículo 5 desta maneira: *a exortação à humildade tem seu respaldo na imitação da atitude de Jesus*. Para deixar claro qual atitude deve ser imitada, o apóstolo constrói a oração principal de forma muito direta: τοῦτο φρονεῖτε ἐν ὑμῖν (*touto phroneite en humin*). O sujeito oculto são os próprios filipenses a quem se escreve, o objeto direto é o pronome τοῦτο cujo referente é a frase ὁ καὶ ἐν Χριστῷ Ἰησοῦ (*ho kai en Christō Iēsou*) que, por sua vez, aponta para o hino cristológico que se inicia no versículo 6. Por fim, vale destacar que a ação principal deve acontecer “em vós”. A atitude,

pensamento ou sentimento que o autor espera que seja desenvolvido deveria ser algo interno e, ao mesmo tempo, evidente na vida dos leitores.

Neste verso (Fp 2.5), o cerne da exortação de Paulo é para que os Filipenses φρονῶσιν (*phronōsin*). A forma verbal contida no texto é φρονεῖτε (*phroneite*) e está conjugada na segunda pessoa do plural do presente do imperativo ativo. Acerca do uso do tempo presente neste tipo de passagem, Daniel B. Wallace destaca que “o uso normal do presente na literatura didática, especialmente quando introduz uma exortação, não é descritiva, mas um preceito geral que tem implicações gnômicas”.<sup>16</sup> Isto significa que não há preocupação com o momento nem a regularidade da ação aqui. Antes, o objetivo do autor é entregar uma exortação de caráter atemporal e geral. Logo, não se pode tomar este mandamento como algo restrito a um tempo específico ou como algo que Paulo pudesse rever no futuro.

O verbo φρονέω (*phroneō*) significa “desenvolver uma atitude baseada em pensamento cuidadoso”.<sup>17</sup> O léxico padrão do grego do Novo Testamento propõe que neste contexto, o verbo poderia exprimir: “deixe que o mesmo tipo de pensamento o domine como dominou Cristo Jesus” ou ainda “tenham entre vocês os mesmos pensamentos que vocês têm em sua comunhão com Cristo Jesus”.<sup>18</sup> Φρονέω (*phroneō*) ocorre 25 vezes no Novo Testamento, dentre as quais 22 no *corpus paulinum*. Ele deriva da raiz φρήν (*phrēn*) cujos termos derivados somam cento e vinte e duas ocorrências no Novo Testamento, conforme pesquisa feita com base na edição mais recente de *Novum Testamentum Graece*.<sup>19</sup> Destas, 77 vezes ocorrem nos textos de Paulo e 11 somente em Filipenses. Conquanto a significativa proporção de ocorrências dos cognatos de φρονέω (*phroneō*) nos escritos paulinos, conforme observa Bertram, o uso que o apóstolo faz do termo não é uniforme:

Em Fp 3.19, Paulo faz referência àqueles cujas mentes estão postas nas coisas terrenas (em contraste cf. v. 14-15; Cl 3.1-2). Rm 11.20 adverte a igreja contra a arrogância. Os crentes não devem ser sábios aos seus próprios olhos (11.25; 12.17), devem, porém, se associar aos humildes. Rm 12.3 recomenda aspiração moderada. Não devemos sonhar tão alto a ponto de errar o alvo. O objetivo de Paulo em Fp 2.2 é uma mente comum, para a qual a confissão de Cristo é o padrão (2.5), numa comunhão que o próprio Cristo instituiu (cf. 4.2). Com esta mente, os crentes rejeitarão outra mensagem (Gl 5.10). Uma mente semelhante também é o tema em 2Co 13.11 e Rm 15.5. “Observância” é o significado de *phroneō* em Rm 14.6. Não devemos observar regras, mas sim fazer julgamentos responsáveis. Maturidade significa pôr de lado raciocínios infantis (1Co 13.11). Em Fp 1.7; 4.10 *phroneō hypér* ou *epí* traz a ideia de “preocupação”, tanto em pensamento quanto em ação.<sup>20</sup>

<sup>16</sup> WALLACE, Daniel B. **Gramática grega**: uma sintaxe exegética do Novo Testamento. São Paulo: Batista Regular, 2009, p. 525.

<sup>17</sup> ARNDT; *et al.*, 2000, p. 1066.

<sup>18</sup> ARNDT; *et al.*, 2000, p. 1066.

<sup>19</sup> ARNDT; *et al.*, 2000, *passim*.

<sup>20</sup> BERTRAM, G. phrēn, áphrōn, aphrosýnē, phroneō, phrónēma, phrónēsis, phrónimos. KITTEL, Gerhard; FRIEDRICH, Gerhard; BROMILEY, Geoffrey W. *In: Dicionário Teológico do Novo Testamento*. São Paulo: Cultura Cristã, 2013, p. 684.

A intenção de Paulo com esta exortação é que os filipenses se disponham à mentalidade necessária para que o chamamento à unidade descrito nos versos anteriores (Fp 2.1-4) possa ser atendido. Pinto destaca que o mandamento contido aqui é de natureza ética e, justamente esta a razão, seu fundamento é a humilhação e a futura exaltação de Jesus que remetem ao seu ensino de que a humildade é o caminho para a grandeza.<sup>21</sup> A relação estabelecida entre os deveres dos cristãos de Filipos e o modelo de Jesus, se justifica por seu senhorio. Hendricksen, sobre isso, afirma que “ele pode ser nosso exemplo pelo fato de ser, precisamente, nosso Senhor. E se ele não é nosso exemplo, então nossa fé é estéril e nossa ortodoxia, morta”.<sup>22</sup>

### 3.2 A encarnação de Jesus como modelo de humildade cristã

Uma vez feita a exortação e introduzido a sua fundamentação, Paulo passa a desenvolver como se deu o exemplo de humildade que deve ser seguido. Os versos 6 a 8 deixam claro que *a exortação à humildade se baseia no exemplo de Jesus*. A apóstolo desenvolve isto descrevendo a abnegação que caracteriza a encarnação, em primeiro lugar. Depois, tratando do auto esvaziamento de Jesus em sua encarnação. E, por fim, demonstrando que o exemplo de Jesus envolve a cruz como expressão radical de sua obediência.

#### 3.2.1 A encarnação como modelo de abnegação

O tema do trecho pode ser resumido assim: *o exemplo de Jesus fundamenta-se na abnegação em relação a sua eterna condição divina*. Este verso 6 exprime uma concessão em relação à condição pré-existente de Jesus e sua atitude na encarnação. A forma ὑπάρχων (*huparchōn*) é empregada como um particípio adverbial concessivo. Segundo Wallace, este uso “subentende que o estado ou ação do *verbo principal* são verdades *a despeito do* estado ou ação do particípio. Sua força normalmente é traduzida melhor por *embora*”<sup>23</sup>. O mesmo autor deixa claro que ainda restam dúvidas acerca desta opção sintática, sendo plausível admitir o uso causal para o particípio em questão.

Wallace afirma com razão que não é possível separar a questão sintática do problema léxico que surge da *hapax legomenon* ἄρπαγμός (*harpagmos*).<sup>24</sup> O léxico padrão do grego bíblico divide a possibilidade de sentidos em três grupos: ou ἄρπαγμός (*harpagmos*) significa *apreensão violenta de propriedade, roubo, ou, como sinônimo de ἄρπαγμα (harpagma), algo sobre o qual se pode reivindicar ou reclamar o direito prendendo fortemente ou agarrando, algo reivindicado, com mudança do abstrato para o concreto*. Sobre este segundo sentido, os lexicógrafos inferem duas nuances. Uma opção é traduzir com *espólio, saque*. Neste caso, somente o contexto e uma compreensão do pensamento de Paulo em geral podem decidir se isso significa segurar firmemente algo já obtido (*res rapta*) ou a apropriação para si de algo

<sup>21</sup> PINTO, 2014, p. 363.

<sup>22</sup> HENDRIKSEN, 1992, p. 472.

<sup>23</sup> WALLACE, 2009, p. 634.

<sup>24</sup> WALLACE, 2009, p. 634.

que é procurado (*res rapienda*). A outra nuance ofereceria como tradução: *uma porção de boa sorte, uma herança inesperada, prêmio, ganho*. Neste caso, porém, permanece a questão se esta sorte inesperada se refere a algo já obtido esperando para ser utilizado ou algo de que ainda não se tem posse. Favorecendo a primeira alternativa, o léxico propõe que, optando-se por esta nuance, o trecho seja traduzido como “não considerou a igualdade com Deus um prêmio a se apegar tenazmente”. Há ainda uma terceira possibilidade de significado para ἄρπαγμός (*harpagmos*), que pode ser considerada menos provável. Neste caso, a tradução da palavra seria *rapto (místico)* e resultaria na versão “considerou que ser como Deus não era um rapto”.<sup>25</sup> Ao sintetizar este dilema, Foerster indica que Jesus não considerou sua condição de “ser igual a Deus” ἄρπαγμός (*harpagmos*) – um “ganho” ou “prêmio” cujo direito deveria ser reivindicado a qualquer custo:

Usado no NT apenas em Fp 2.6, esta palavra significa a. “o ato de apreender”; b. “o que é apreendido”; e c. “algo considerado como ganho ou proveitoso”. Em Fp 2.6 o sentido a. é impossível devido à falta de objeto, enquanto que o sentido b. tornaria dificilmente inteligível. Somos, portanto, deixados com c.: “Ele não considerou o ser igual a Deus um ganho, ou como algo que não devesse deixar, ou a ser utilizado”. Aqueles que favorecem esta primeira nuance fazem referência à tentação de Jesus, mas a referência parece pré-temporal e, portanto, seria mais bem traduzida como: “Ele não o considerou como ganho o ser igual a Deus”, sendo uma referência, não a resistência à tentação, mas a uma abnegação livre (se inesperada).<sup>26</sup>

Outra difícil questão que emerge deste versículo é de natureza cristológica e está relacionada à expressão ἐν μορφῇ θεοῦ ὑπάρχων (*en morphē theou hyparchōn*). Jesus é o próprio Deus ou apenas um com *forma* semelhante a um deus? Henry faz uma análise teológica deste trecho, defendendo que outros textos paralelos indicam a plena divindade de Cristo e podem elucidar este texto:

Aqui está sua natureza divina: *o qual subsistindo em forma de Deus* (v. 6), compartilhando da natureza divina, como o eterno e único primogênito, o Filho de Deus. Isto concorda com João 1.1, *no princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus: é o mesmo que ser a imagem do Deus invisível* (Cl 1.15), e *o resplendor da glória e a expressão exata do seu Ser* (Hb 1.3). *Não foi nenhuma apropriação indevida o ser igual a Deus*; Ele não foi culpado de qualquer invasão do que não lhe pertencia, ou assumir outro direito que não lhe cabia. Ele disse: *eu e o Pai somos um* (Jo 10.30). A tentativa de apropriação mais grave para qualquer homem ou criatura é reivindicar ser igual a Deus, ou professar ser um com o Pai. Isto é, para um homem roubar a Deus, não em dízimos e ofertas, mas nos direitos da Sua Divindade (Mt 3.8). Alguns entendem o *subsistir em forma de Deus – en morphe Theou hyparchon*, como sendo uma referência ao aparecimento de Jesus em uma glória majestosa e divina para os patriarcas e demais judeus debaixo do Antigo Testamento. Isto foi chamado frequentemente de a Glória e o *Shechinah*. A palavra é usada em tal sentido pela LXX. e pelo Novo

<sup>25</sup> ARNDT; *et al.*, 2000, p. 133-134.

<sup>26</sup> FOERSTER, W. harpázō, harpagmós. In: KITTEL, Gerhard; FRIEDRICH, Gerhard; BROMILEY, Geoffrey W. **Dicionário Teológico do Novo Testamento**. São Paulo: Cultura Cristã, 2013, p. 88.

Testamento. Ele apareceu aos dois discípulos, *en hetera morphe* – Em outra forma (Mc 16.12). *Metemorphothe* – ele foi transfigurado perante eles (Mt 17.2). Em tudo isso, *ele não julgou como usurpação o ser igual a Deus*; ele não fez tal reivindicação gananciosamente, nem desejando se promover com tal glória; ele colocou a majestade das suas aparições anteriores de lado enquanto ele estava na terra, este pode ser o sentido da incomum expressão *ouk harpagmon hegesato*.<sup>27</sup>

O significado da palavra μορφή (*morphē*) é o motivo da questão cristológica aqui. Calvino não vê motivo para debate acerca da divindade de Jesus, ainda que não seja necessário apelar para algum tipo de uso extraordinário da palavra neste texto:

*Forma* significa figura ou aparência, como comumente se fala. Prontamente admito isso também; mas é possível encontrar, senão em Deus, tal *forma*, sem que seja ou falsa ou forjada? Assim, [...] a essência divina de Cristo é demonstrada claramente na majestade de Cristo, a qual ele possuía igualmente com o Pai, antes mesmo de se humilhar.<sup>28</sup>

Conforme informa Macleod, contudo, outros estudiosos preferiram atribuir o sentido de “caráter específico” a μορφή (*morphē*), a partir do argumento de Lightfoot de que este seria um significado específico também usado por alguns filósofos gregos. Desta maneira, μορφή (*morphē*) seria uma indicação dos atributos divinos característicos da essência de Deus compartilhada por Jesus<sup>29</sup>. Por mais atraente que a proposta de Lightfoot seja, a visão mais simples apresentada por Calvino e outros é preferível, mesmo suscetível a maiores ataques, sendo, então, μορφή (*morphē*) uma forma perceptível ao observador. Em se tratando de uma manifestação de Deus, “*morphē* não é a essência, mas pressupõe a essência”<sup>30</sup>, uma vez que Deus não se manifestaria de maneira diferente de quem realmente é, sob pena de estar mentindo sobre sua natureza.

Além disso, não se pode deixar de identificar que “embora existisse em forma de Deus” encontra paralelo direto em “o ser igual a Deus”, indicação muito clara acerca da divindade de Jesus. Ele renunciou aos direitos inerentes ao fato de ser igual em natureza a Deus (τὸ εἶναι ἴσα θεῷ *to einai isa theō*), ainda que sua condição pré-encarnacional fosse perceptivelmente divina. Não se trata de mera aparência divina, mas da profunda abnegação do Cristo em, apesar de sempre ter sido e eternamente ser Deus, abrir mão do direito de se manifestar perceptivelmente como é em prol do bem da humanidade. Sendo assim, conclui-se que a exortação de Paulo aos filipenses se baseia no exemplo de Cristo de não se apegar a sua condição perfeitamente divina e de igualdade com Deus Pai. Isso os levaria desenvolver uma atitude de humildade abnegada em prol do bem uns dos outros.

<sup>27</sup> HENRY, Matthew. **Commentary on the Whole Bible**. Grand Rapids: Christian Classics Ethereal Library, 2010, vol. VI, p. 1283-1284. Disponível em: <https://ccel.org/ccel/h/henry/mhc6/cache/mhc6.pdf>. Acesso em: 14 mar. 2022.

<sup>28</sup> CALVINO, João. **Gálatas, Efésios, Filipenses e Colossenses**. São José dos Campos: Fiel, 2010, p. 409.

<sup>29</sup> MACLEOD, Donald. **A pessoa de Cristo**. São Paulo: Cultura Cristã, 2003, p. 229.

<sup>30</sup> MACLEOD, 2003, p. 230.

### 3.2.2 A encarnação como modelo de humilhação

O texto prossegue definindo que a ação modeladora da humildade cristã é a κένωσις (*kenōsis*) do Cristo. O tema evidente do versículo sete é que o exemplo de Jesus inclui seu auto esvaziamento voluntário. Naturalmente esta é uma temática controversa, sobretudo depois do surgimento da chamada Teoria Kenótica no século XIX, cujo primeiro expoente foi Gottfried Thomasius. A partir destes teóricos, a concepção de que o esvaziamento de Cristo envolve algum tipo de perda de sua divindade ganhou força entre os estudiosos.<sup>31</sup>

A resposta conservadora à teoria kenótica não ignora o fato de a encarnação ter implicado em algum tipo de auto esvaziamento do Filho de Deus. A questão é como se deu e do que Jesus se esvaziou. No texto, o objeto direto do verbo ἐκένωσεν (*ekenōsen*) é ἑαυτὸν (*heauton*): ele se esvaziou de si mesmo. Para Wallace, o pronome é uma referência à condição anterior à encarnação descrita no trecho ἐν μορφῇ θεοῦ ὑπάρχων (*en morphē theou huparchōn*), uma vez que o participio concessivo depende tanto de ἡγήσατο (*hēgēsato*) quanto de ἐκένωσεν (*ekenōsen*).<sup>32</sup> Assim, a ação descrita neste último verbo é, necessariamente, uma afirmação de que Jesus esvaziou-se de sua expressão divina perceptível aos outros para assumir sua humanidade. Ele fez isto, contudo, sem perder sua natureza divina. Berkhof afirma: “Quanto ao seu Ser essencial, o Logos era exatamente o mesmo, antes e depois da encarnação”.<sup>33</sup> Também sobre isso, Carlos Osvaldo Pinto declara que “as palavras ἐκένωσεν (*heauton ekenōsen*, “a si mesmo se esvaziou”) descrevem não uma perda ou um decréscimo na essência de Cristo, mas uma suspensão voluntária da manifestação gloriosa de tal essência”.<sup>34</sup>

Ainda no verso 7, o apóstolo Paulo descreve como Jesus se esvaziou. Em primeiro lugar, ao esvaziar-se, Jesus tomou a forma de servo (μορφὴν δούλου λαβὼν *morphēn doulou labōn*). Novamente a palavra μορφή (*morphē*) aparece no argumento paulino e não há por que atribuir um sentido diferente a ela aqui. A aparência externa do Deus-homem refletia a verdadeira posição de servo que ele havia assumido. Jesus decidiu tomar para si uma posição oposta à μορφή θεοῦ (*morphē theou*, cf. Fp 2.6). O δοῦλος (*doulos*) está numa posição de completa rendição e submissão, enquanto Deus controla todo o Universo e nada o subjuga ou sobrepõe. Conforme a mentalidade grega, a posição de servo é extremamente vergonhosa, mas o Senhor de todas as coisas decidiu ocupar esta posição. Desta maneira, o auto esvaziamento do Cristo envolve sua disposição de compartilhar de toda a fragilidade humana ao ponto de ocupar o papel de escravo. Esta μορφή δούλου (*morphē doulou*) reflete as palavras do próprio Jesus ao descrever sua obra salvadora (Mc 10.45).<sup>35</sup> Ao ler esta descrição tão vívida do exemplo de seu Mestre, os filipenses deveriam ser capazes de vivenciar a verdadeira humildade cristã.

Em segundo lugar, ao esvaziar-se, Jesus ἐν ὁμοιώματι ἀνθρώπων γενόμενος (*en homoiōmati anthrōpōn genomenos* “tornou-se semelhante aos homens”). Este trecho trata

<sup>31</sup> MACLEOD, 2003, p. 221.

<sup>32</sup> WALLACE, 2009, p. 635.

<sup>33</sup> BERKHOF, Louis. **Teologia Sistemática**. 4.ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2012, p. 307.

<sup>34</sup> PINTO, 2014, p. 363-364.

<sup>35</sup> PINTO, 2014, p. 363-364.



da humanidade de Cristo, meio pelo qual o próprio Deus se identificou com a raça humana a ponto de se tornar um homem em sua inteireza. Ao mesmo tempo, a plena humanidade do Cristo não faz dele partícipe da queda e seus efeitos. Como explica Hansen, este trecho “preserva tanto a semelhança de Cristo com os seres humanos em sua plena humanidade quanto a diferença dele com a humanidade caída em sua igualdade com Deus e sua obediência sem pecado”.<sup>36</sup> Acerca do uso de ὁμοιώμα (*homoiōma*) nesta passagem, o léxico padrão afirma:

Não há acordo geral sobre o significado em duas passagens relacionadas nas quais Paulo usa esta palavra ao falar da vida terrena de Cristo. As expressões ἐν ὁμοιώματι ἀνθρώπων (Fp 2.7) e ἐν ὁμοιώματι σαρκὸς ἁμαρτίας (Rm 8.3) podem significar que o Senhor em seu ministério terreno possuía uma forma completamente humana e que seu corpo físico era capaz de pecar como os corpos humanos o são, ou que ele tinha a forma de um ser humano e era visto como tal, mas sem perder sua identidade como ser divino mesmo neste mundo. À luz do que Paulo diz sobre Jesus em geral, é provável que ele use nossa palavra para mostrar que Jesus em sua carreira terrena era semelhante a humanos pecadores e ainda não totalmente como eles.<sup>37</sup>

Esta ambivalência de significados para “semelhança de homens”, parece refletir-se até mesmo no *Symbolum Chalcedonense* (451 d.C.) quando define que

Fiéis aos Santos Pais, todos nós, perfeitamente unânimes, ensinamos que se deve confessar um só e mesmo Filho, nosso Senhor Jesus Cristo, perfeito quanto à divindade, e perfeito quanto à humanidade; verdadeiramente Deus e verdadeiramente homem, constando de alma racional e de corpo, consubstancial com o Pai, segundo a divindade, e **consubstancial a nós, segundo a humanidade; em tudo semelhante a nós, excetuando o pecado;** gerado segundo a divindade pelo Pai antes de todos os séculos, e nestes últimos dias, segundo a humanidade, por nós e para nossa salvação, nascido da Virgem Maria, mãe de Deus; um e só mesmo Cristo, Filho, Senhor, Unigênito, que se deve confessar, em duas naturezas, inconfundíveis, imutáveis, indivisíveis, inseparáveis; a distinção de naturezas de modo algum é anulada pela união, antes é preservada a propriedade de cada natureza, concorrendo para formar uma só pessoa e em uma subsistência; não separado nem dividido em duas pessoas, mas um só e o mesmo Filho, o Unigênito, Verbo de Deus, o Senhor Jesus Cristo, conforme os profetas desde o princípio acerca dele testemunharam, e o mesmo Senhor Jesus nos ensinou, e o Credo dos Santos Pais nos transmitiu.<sup>38</sup>

No trecho destacado, o texto grego do credo traz: ὁμοούσιον τὸν αὐτὸν ἡμῖν κατὰ τὴν ἀνθρωπότητα, κατὰ πάντα ἡμῖν χωρὶς ἁμαρτίας (*homoousion ton auton hēmin kata tēn anthrōpotēta, kata panta hēmin chōris hamartias*). A presença de ὁμοούσιον (*homoousion*) destaca que Jesus é plenamente humano assim como é plenamente divino. Quanto à divindade, sua natureza ou essência é a mesma que a do Pai (ὁμοούσιος τῷ πατρὶ *homoousios tō patri*), e, quanto à humanidade, sua natureza é a mesma que a de todas as pessoas. Sendo

<sup>36</sup> HANSEN, 2009, p. 153.

<sup>37</sup> ARNDT; *et al.*, 2000, p. 707.

<sup>38</sup> GRUDEM, Wayne. **Teologia Sistemática**. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 2021, p. 459-460 (grifo nosso).



assim, em Cristo Jesus há plenamente unidas, porém sem mistura ou fusão, duas naturezas (οὐσίαι *ousiai*) em uma única pessoa (ὑπόστασις *hypostasis*). Por sua vez, o adjetivo ὁμοιον (*homoion*) destaca que sua plena humanidade é semelhante à comum entre os homens, não igual. Isto se dá não por contradição na fórmula credal, mas por declaração bíblica de que Jesus é isento da mácula do pecado presente em todos e em cada um dos seres humanos criados. Por isso, Phillip Schaff argumenta que há nuances diferentes entre os dois usos de ὁμοούσιος (*homoousios*) pelo Concílio de Calcedônia: “A *homoousia* de Cristo com o Pai implica unidade numérica, ou identidade de essência (Deus é um no ser ou *monoousios*); A *homoousia* de Cristo com os homens significa apenas unidade genérica, ou igualdade da natureza”<sup>39</sup>. Sendo assim, Hendricksen tem razão ao levantar dois aspectos em que a humanidade de Jesus se diferencia da dos demais homens: Somente a sua natureza humana desde o momento de sua concepção, foi posta em união pessoal com a natureza divina; “e mesmo estando carregada com os resultados do pecado (portanto, sujeita à morte), não era inerentemente pecaminosa”.<sup>40</sup>

Por fim, ao esvaziar-se, Jesus foi achado em figura humana. Há comentaristas que tratam καὶ σχήματι εὐρεθεὶς ὡς ἄνθρωπος (*kai schēmati heuretheis hōs anthrōpos*) juntamente com o trecho anterior e outros que o entendem dependente do verbo principal do verso 8. A leitura mais natural, porém, é a que inclui o particípio εὐρεθεὶς (*heuretheis*) no rol de auxiliares de ἐκένωσεν (*ekenosen*). O vocábulo σχῆμα (*schēma*) pode ser considerado um sinônimo de μορφή, (*morphē*) referindo-se ao aspecto perceptível de alguém. Neste caso, a humanidade de Jesus é ressaltada no sentido de que ao invés de ser reconhecido na glória divina que eternamente lhe pertence, ele preferiu apresentar-se plenamente identificado os homens tanto em natureza quanto em aparência visível.

Macleod parece captar o objetivo do apóstolo com este trecho ao afirmar:

Aqueles que causavam problemas para a igreja em Filipos estavam sofrendo de vanglória. Eles estavam preocupados com sua própria imagem, ansiosos por causar uma boa impressão e sempre prontos por serem reconhecidos como pessoas de influência. Ao contrário, aquele que era realmente alguém colocou a si mesmo em uma posição em que as pessoas o interpretaram completamente mal e o subestimaram. Eles olharam e viram nada mais que um homem. Não havia nada na sua aparência para distingui-lo de qualquer outro homem. Não havia nenhuma áurea, nenhum brilho, provavelmente nem mesmo algo que o tenha feito particularmente bonito ou que chamasse a atenção. Nenhuma cabeça teria se virado ao vê-lo passar. Ele pareceu totalmente ordinário.<sup>41</sup>

Assim, com estas três ações subsidiárias – tomar forma de servo, tornar-se semelhante aos homens e ser achado em aparência humana – Paulo endossa sua exortação aos filipenses com o aspecto prático do exemplo de humildade de Cristo. Ele demonstrou humildade

<sup>39</sup> SCHAFF, Philip. **Creeds of Christendom, with a History and Critical notes**. Grand Rapids: Christian Classics Ethereal Library, 2010, vol. II, p. 62. Disponível em <https://www.ccel.org/ccel/schaff/creeds2.iv.i.iii.html>. Acesso em 22/02/2022.

<sup>40</sup> HENDRIKSEN, 1992, p. 481.

<sup>41</sup> MACLEOD, 2003, p. 233-234.

descendendo à posição mais indigna possível e se identificou como um igual para o bem da humanidade que veio salvar.

### 3.2.3 A encarnação como modelo de obediência

O verso oito deixa claro que o exemplo de Jesus envolve obediência até sua morte na cruz. A atitude voluntária de Jesus mostrou-se uma atitude de grande desprendimento. Paulo destaca que ele se humilhou *ἑαυτὸν (heauton)* até às últimas consequências. Não foi uma doação pela metade, mas o próprio Deus foi até o fim em favor de um propósito maior. A ação de se rebaixar até o fundo do poço foi do próprio Jesus (voz ativa: *ἐταπεινώσεν etapeinōsen*), não por coerção, mas por abnegação. Isso o levou até a situação mais degradante que um homem poderia enfrentar: a humilhante e dolorosa cruz. Ele enfrentou tal situação por obediência incondicional ao plano do Pai. A repetição da palavra *θανάτου (thanatou)* demonstra que a identificação de Jesus com a humanidade chegou ao ponto de estar disposto a enfrentar o mesmo fim que os homens estão sujeitos a enfrentar, ainda que tal fim seja inaplicável à divindade. Hernandes Dias Lopes capta com correção a descendente à qual Jesus se submeteu da glória até a cruz.

Jesus Cristo serviu sacrificialmente e foi obediente até à morte e morte de cruz. Cristo se esvaziou e se humilhou quando se fez homem. Depois desceu mais um degrau nessa escalada da humilhação, quando se fez servo; mas desceu às profundezas da humilhação quando suportou a morte e morte de cruz. Por seu sacrifício, Ele transformou esse horrendo patíbulo de morte no símbolo mais glorioso do cristianismo.<sup>42</sup>

Paulo mostra como este desprendimento incondicional revela a humildade de Cristo que ele esperava ver nos crentes de Filipos. Jesus decidiu não se apegar ao seu direito, se humilhar a uma posição mais baixa, mas também se sujeitou a maior humilhação humana por obediência aos desígnios de Deus. O ponto alto do ministério de Jesus foi a sua maior desonra frente aos homens. A sua maior humilhação foi também o que selou o sucesso de seu empreendimento, o que foi confirmado por sua ressurreição – por causa da sua humilhação o Pai lhe deu o nome que está acima de todo o nome (Fp 2.9).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ideal de humildade que emergiu do exemplo de Jesus Cristo é o padrão que deve ser perseguido pelos cristãos na igreja de Filipos do século I e na realidade contemporânea. O desafio aumenta quando se reflete sobre o contraste entre as implicações do texto estudado e as prioridades autocentradas da geração presente. Segundo os valores propagados pela sociedade destes dias, o exemplo de Jesus representa um exemplo que não deveria ser seguido. O próprio Cristo, porém, deixou claro que no reino dos céus é maior aqueles que se humilham (Mt 18.1) e servem (Lc 22.26), assim como ele fez.

A exortação de Paulo aos filipenses se mostra cada vez mais atual, à medida em que o individualismo cresce no mundo. Enquanto a degradação das estruturas humanas aumenta,

<sup>42</sup> LOPES, Hernandes Dias. **Filipenses**: a alegria triunfante no meio das provas. São Paulo: Hagnos, 2007, p. 132.

os representantes do Reino de Deus devem ampliar o som da sua proclamação através da sua vivência, que escandaliza o mundo, mas reproduz a atitude de Cristo. Enquanto o mundo se entrega à busca desenfreada pela realização pessoal de cada um independente dos meios para alcançá-la, a igreja se mostrará cada vez mais necessária se cada cristão tiver em si a mesma atitude que houve em Cristo Jesus: desprendimento, abnegação e humilhação.

## REFERÊNCIAS

ALAND, Barbara; *et al* (orgs.). **Novum Testamentum Graece**. 28.rev. Auf. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2012.

ARNDT, William; *et al* (edits.). **A Greek-English lexicon of the New Testament and other early Christian literature**. Chicago: University of Chicago Press, 2000.

BERKHOF, Louis. **Teologia Sistemática**. 4.ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2012.

CALVINO, João. **Gálatas, Efésios, Filipenses e Colossenses**. São José dos Campos: Fiel, 2010.

DE BOOR, Werner. **Carta aos Filipenses: Comentário Esperança**. Curitiba: Esperança, 2006.

GRUDEM, Wayne. **Teologia Sistemática**. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 2021.

HANSEN, G. Walter. **The Letter to the Philippians**. Grand Rapids: Eerdmans, 2009.

HENRY, Matthew. **Commentary on the Whole Bible**. Grand Rapids: Christian Classics Ethereal Library, 2010. v. VI. Disponível em:  
<https://ccel.org/ccel/h/henry/mhc6/cache/mhc6.pdf>. Acesso em: 14 mar. 2022.

HENDRIKSEN, William. **Efésios e Filipenses**. 3.ed. São Paulo: Cultura Cristã, 1992.

KITTEL, Gerhard; FRIEDRICH, Gerhard; BROMILEY, Geoffrey W. *In: Dicionário Teológico do Novo Testamento*. São Paulo: Cultura Cristã, 2013.

LOPES, Hernandes Dias. **Filipenses: a alegria triunfante no meio das provas**. São Paulo: Hagnos, 2007.

MACLEOD, Donald. **A pessoa de Cristo**. São Paulo: Cultura Cristã, 2003.

MAUERHOFER, Erich. **Uma introdução aos escritos do Novo Testamento**. São Paulo: Vida, 2010.

OMANSON, Roger L.; METZGER, Bruce Manning. **A Textual Guide to the Greek New Testament: an adaptation of Bruce M. Metzger's Textual commentary for the needs of translators**. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2006.

PINTO, Carlos Osvaldo C. **Foco & Desenvolvimento no Novo Testamento**. 2.ed. São Paulo: Hagnos, 2014.

SCHAFF, Philip. **Creeds of Christendom, with a History and Critical notes**. Grand Rapids: Christian Classics Ethereal Library, 2010. V. II. Disponível em <https://www.ccel.org/ccel/schaff/creeds2.iv.i.iii.html>. Acesso em 22/02/2022.

WALLACE, Daniel B. **Gramática grega: uma sintaxe exegética do Novo Testamento**. São Paulo: Batista Regular, 2009.

# Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878



Ensaio Teológico está licenciada com uma Licença Creative Commons  
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

## O TESOURO LITERÁRIO E TEOLÓGICO DAS 7 FRASES DA CRUZ The literary and theological treasury of the 7 phrases of the cross

Rodrigo Lucheta<sup>1</sup>

### RESUMO

Este artigo consiste em um estudo dos sete versículos que registram as últimas frases de Jesus antes de sua cruel morte na cruz. Os versículos são apresentados na versão Nova Almeida Atualizada e, para uma análise do texto, os contextos histórico e literário são abordados, de forma a serem destacadas as características principais de cada versículo, seu significado e a importância para a Teologia. Em suas últimas palavras, Jesus orou por seus inimigos, salvou um ladrão arrependido, encaminhou sua mãe aos cuidados de seu discípulo de maior confiança, revelou a aflição espiritual e física que suportou para cumprir seu propósito, proferiu um grito de vitória e, por fim, se rendeu absoluta e completamente ao desejo do Pai.

**Palavras-chave:** Teologia. Evangelho. Cruz. Jesus. Bíblia.

### ABSTRACT

This article consists of a study of the seven verses in which the last recorded sentences of Jesus are registered before his cruel death on the cross. The verses are presented in the Nova Almeida Atualizada version and, for an analysis of the text, the historical and literary contexts are approached, in order to highlight the main characteristics of each verse, its meaning and importance for Theology. In his last words, Jesus prayed for his enemies, saved a repentant thief, sent his mother into the care of his most trusted disciple, revealed the spiritual and physical affliction he endured to fulfill his purpose, uttered a cry of victory, and, finally, he surrendered absolutely and completely to the Father's desire.

**Keywords:** Theology. Gospel. Cross. Jesus. Bible.

<sup>1</sup> O autor é bacharelado em Teologia pela Faculdade Batista Pioneira. E-mail: rodrigo.lucheta@hotmail.com

## INTRODUÇÃO

Enquanto esteve pregado na cruz, em suas últimas horas de vida, Cristo nos deixou em suas últimas palavras um tesouro literário e teológico. Sete palavras que carregam um peso imensurável de graça foram proferidas enquanto enfrentava o pico de seu sofrimento. Depois de enfrentar a ira dos judeus e a crueldade dos romanos, Jesus enfrenta o sofrimento da cruz, a forma de punição mais brutal usada pelos romanos para impor o medo sobre as pessoas.<sup>2</sup> Como Beaumont afirma:

O condenado era açoitado e depois forçado a carregar a trave horizontal da cruz (não a cruz inteira) até o local da crucificação. Lá ele era pregado à trave pelos pulsos e em seguida levantado até encaixar em uma estaca vertical presa ao solo tendo seus tornozelos também pregados à estaca. Uma placa descrevendo seus crimes era pregada acima de sua cabeça. A morte chegava lentamente conforme o peso do corpo forçava o diafragma, tornando a respiração quase impossível. O crucificado poderia permanecer nessa condição por vários dias, e algumas vezes os soldados encurtavam esse período quebrando-lhes as pernas.<sup>3</sup>

Porém, em meio a esta circunstância, quando menos se espera, aquele homem realiza um esforço gigantesco com os ombros, empurrando seu peito para frente na tentativa de encher seus pulmões de ar que eram esmagados contra a cruz asfixiando-o, para conseguir falar. Este esforço lhe permitiu proferir as 7 frases da cruz, deixando um tesouro literário e teológico em palavras para o homem. Afinal, que significado essas palavras carregam e qual sua importância para a Teologia? Neste artigo será realizado um estudo das últimas palavras de Jesus antes de sua morte naquela cruz, que mesmo sendo um instrumento de morte tão cruel, acaba se tornando um púlpito, no qual Cristo revelou grandes verdades sobre a sua obra de redenção.

### 1. FRASE DE PERDÃO

As palavras que compõem a primeira frase final de Jesus foram: *“Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem...”* (Lc 23.34). Cristo era alvo de blasfêmias e zombarias. Ele enfrentava a humilhação de ser submetido a este sofrimento pela sua própria criação. Inesperadamente, Jesus proferiu palavras de perdão sobre seus perseguidores que o condenaram injustamente, que segundo a Lei mosaica, pecavam por punir um inocente<sup>4</sup>.

Ele era alvo de palavras de maldição, mas ele rogou ao pai que os perdoasse, pagando o mal com o bem, compensando a maldição com bênção. Cristo carrega essas palavras com sua graça, cumprindo a profecia de Isaías 53.12 que diz: *“...Contudo, levou sobre si o pecado de muitos e pelos transgressores intercedeu”*<sup>5</sup> e mostrando que até para o maior dos

<sup>2</sup> BEAUMONT, Mike. **Guia Prático da Bíblia**. Tradução de Vanderlei Ortigoza Junior. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2012, p. 99.

<sup>3</sup> BEAUMONT, 2012, p. 99.

<sup>4</sup> KEENER, Craig S. **Comentário histórico cultural da bíblia**: Novo Testamento. Tradução de José Gabriel Said, Thomas Neufeld de Lima. São Paulo: Vida Nova, 2017, p. 284.

<sup>5</sup> Isaías 53.12b.

pecadores, seu amor pode abraçá-lo e redimi-lo. Não há ninguém tão perdido no pecado que o amor de Cristo não se interesse por redimir”.<sup>6</sup>

Aqueles homens pecavam por ignorância (At 3.17; 13.27). Mal sabiam eles que aquele era de fato o Criador do universo e que estavam cometendo o maior crime da história. Este é só mais um exemplo de como a falta de conhecimento é destrutiva para o homem (Os 4.6). Porém, o perdão é uma atitude assustadora. Lewis, em sua obra *Cristianismo Puro e Simples*, afirma: “Todos dizem que o perdão é uma atitude maravilhosa até que tenham algo para perdoar”<sup>7</sup>. Isso porque no mandamento de amar ao próximo<sup>8</sup>, os inimigos estão inclusos. Estevão, compreendendo este ensinamento, da mesma forma que Cristo proferiu palavras de perdão em meio ao seu julgamento (At 7.60).

Agindo de acordo com seus ensinamentos sobre amar seus inimigos<sup>9</sup>, Cristo fez na prática o que ensinou em teoria. Amou seus inimigos intercedendo por eles, sendo totalmente coerente com seus ensinamentos, pois, enquanto os fariseus foram cobrados por ensinarem e não praticarem o que ensinavam (Mt 23.3), sua oração dá o perfeito exemplo de alguém que é leal ao que prega. Cristo mostrou que embora a cruz revele a maldade do homem, seu amor se sobressai, mostrando-se muito maior que o pecado, imerecido e impossível de ser comprado.

## 2. FRASE DE SALVAÇÃO

A segunda frase proferida por Jesus, enquanto esteve na cruz foi: “*Em verdade lhe digo que hoje você estará comigo no paraíso*” (Lc 23.43). Um dos homens crucificados com ele reconheceu seu pecado e a inocência de Jesus. Aquele pecador estava arrependido e seu pedido: “Jesus, lembre-se de mim quando vier no seu reino”<sup>10</sup>, em outras palavras, pode ser reescrito: “quando vier como rei”.<sup>11</sup> Jesus respondeu a este pedido sincero vindo de um homem arrependido com uma palavra de salvação, a segunda palavra proferida naquela cruz. Franklim faz a seguinte afirmação acerca da resposta de Jesus:

Jesus concede muito mais do que havia pedido aquele moribundo ladrão. Ele havia pedido para que se lembrasse dele no futuro, mas Jesus concede-lhe uma possessão para aquele mesmo dia antes do pôr-do-sol. Jesus morreu para abrir as portas do céu a todos os pecadores arrependidos.<sup>12</sup>

Mesmo em uma circunstância como a tal, pendurado na cruz em tamanha aflição, o Senhor respondeu a súplica de um homem condenado, dando-lhe uma chance em seus últimos momentos de vida. Jesus fez uma afirmação, que como na palavra anterior, transborda de graça. Diante disso, Ryle, citando a obra “*Notas para Pregação*” de George

<sup>6</sup> RYLE, J. C. **Meditações no Evangelho de Lucas**. Tradução de Expository thoughts on the gospels: Luke. São José dos Campos: Fiel, 2018, p. 538.

<sup>7</sup> LEWIS, C. S. **Cristianismo puro e simples**. Tradução de Gabriele Greggersen. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017, p. 158.

<sup>8</sup> Levítico 19.18; Mateus 22.39.

<sup>9</sup> Mateus 5.43-44; Lucas 6.27-28.

<sup>10</sup> Lucas 23.42.

<sup>11</sup> CARSON, D. A. **Comentário bíblico Vida Nova**. São Paulo: Vida Nova, 2009, p. 1532.

<sup>12</sup> FRANKLIM, Wilson. **O Evangelho segundo Lucas: a vida de Jesus**. Rio de Janeiro: JUERP, 2007, p. 240.



Jennings Davies, afirma: “na cruz um ladrão foi salvo para que ninguém se desespera, mas apenas um para que ninguém se iluda”.<sup>13</sup> É interessante notar que estando entre os dois ladrões, ambos puderam ouvir suas palavras e vê-lo ser condenado injustamente, porém, apenas um é salvo. Enquanto um decidiu se juntar aos zombadores, o outro arrependido é salvo pela graça de Deus.

Esta palavra revela que a salvação não é resultado de boas obras, mas da graça de Deus. Aquele homem não podia fazer absolutamente nada por sua alma estando pendurado em uma cruz, jamais foi batizado, não era membro de uma igreja e nem participou da ceia do Senhor em toda a sua vida, mas para sua felicidade, a salvação vem pela fé, não pela obra de seus braços carnis.<sup>14</sup> A salvação deste homem é evidenciada pelo arrependimento de seus pecados e pela fé em Jesus Cristo.

### 3. FRASE DE CUIDADO

A terceira frase de Jesus na cruz, é composta pelas seguintes palavras: “*Mulher, eis aí o seu filho. Depois, disse ao discípulo: Eis aí a tua mãe*” (Jo 19.26-27). Estas são palavras dirigidas a Maria, sua mãe, e a João, seu discípulo, que estavam presentes no local vendo seu sofrimento. Certamente era o momento mais difícil da vida de Maria, pois o menino que ela carregou em seus braços, estava agora pendurado em uma cruz sofrendo a punição de um criminoso. A profecia registrada em Lucas 2.35 se cumpria, ela estava sendo “traspasada pela espada”.

É muito provável que José, seu pai adotivo, já estivesse morto por não ser mais citado em momento algum nos Evangelhos e nem estar presente no dia da crucificação, o que torna Maria uma viúva. Diante desse fato, a história nos ensina que o cuidado de uma mãe viúva ficava sob a responsabilidade do filho mais velho, no caso Jesus. Caso o filho mais velho viesse a falecer, era comum que seus irmãos mais novos assumissem a responsabilidade de cuidar da mãe viúva.<sup>15</sup> Porém, Jesus delega esta função a seu discípulo amado e de maior confiança. Ele confia sua mãe aos cuidados de João<sup>16</sup>, alguém em quem confiava, pois seus irmãos ainda não criam em sua divindade, e provavelmente não estavam presentes no Calvário no dia da crucificação.<sup>17</sup>

Em tamanho sofrimento enfrentando dores indescritíveis, ele demonstrou nessas palavras que não estava pensando em si mesmo, mas estava preocupado com o futuro de sua família, com o futuro de sua mãe, a quem muito amava. Maria cumpriu seus deveres como

<sup>13</sup> RYLE, J. C. **Simplicidade na pregação**. Tradução de Rodrigo Silva. Foz do Iguaçu: Letras, 2012, p. 15.

<sup>14</sup> RYLE, 2018, p. 541.

<sup>15</sup> KEENER, 2017, p. 364.

<sup>16</sup> A história mostra que João levou a sério esta ordem, pois o próprio versículo 27 afirma que João a manteve sob seus cuidados. Outros dois argumentos a favor disso estão em Atos 1.14, quando os discípulos estavam reunidos à espera de Pentecostes, Maria estava presente, e ainda, segundo a tradição, acreditasse que Maria residia em Éfeso, onde João foi pastor por alguns anos. É importante citar que Maria era a única capaz de salvá-lo da condenação, pelo fato de ser sua mãe. Bastava desmentir o que o Filho havia ensinado e tudo estaria resolvido, mas seu silêncio testemunha sua fé na divindade de seu Filho.

<sup>17</sup> BRUCE, F. F. **João, introdução e comentário**. Tradução de Hans Udo Fuchs. São Paulo: Mundo Cristão, 1987, p. 317.

mãe de maneira excelente, agora, o Filho é quem está cuidando da mãe. Ele realizou um ato de grande obediência colocando sua mãe sob os cuidados de alguém que podia confiar, não a deixando desamparada, revelando que mesmo em meio às piores circunstâncias da vida, sejam elas quais forem, é possível ser obediente e fazer a coisa certa. A obediência sempre terá seu espaço em toda e qualquer situação que a vida apresentar e Cristo deu o perfeito exemplo.

#### 4. FRASE DE AFLIÇÃO ESPIRITUAL

A quarta frase falada por Jesus na cruz é: “*Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?*” (Mt 27.46). Sendo uma citação de Salmos 22.1, ou em outras palavras, uma oração em voz alta, essas são as palavras que revelam o ápice da aflição e do sofrimento de Cristo na paixão. Ele estava enfrentando a ira e o juízo de Deus em um nível extremo. Elas (as palavras da quarta frase falada) revelam uma aflição titânica em um homem que nunca cometeu um único pecado, mas que enfrentou a cruz pelos pecados de outros.

Este é o ponto crucial da paixão de Cristo. Se um filho estiver em dificuldades, seu pai não irá ampará-lo? Um pai em sã consciência abandonaria o filho para morrer? Deus Pai não o amparou, porque foi o próprio Deus Pai quem o enviou para a cruz, tornando seu próprio Filho o substituto do homem pecador naquela cruz. Para que o pecador fosse amparado e acolhido pelo Pai, Cristo foi desamparado e abandonado em uma cruz. Pelo fato de que o pecado separa o homem de Deus, ele teve de suportar a separação naquele momento. Como Souza e McGee afirmam em sua obra “*Através da Bíblia – Mateus*”:

Quando Jesus gritou em alta voz: Deus meu, Deus meu, por que me desamparastes? (v. 46), o Pai ocultou o seu rosto do Filho porque Jesus tinha se tornado pecado por nós. O Filho que conhecia tão bem a intimidade com o Pai; o Filho que conhece o Pai como ninguém o conhece (11.27) estava experimentando o que tinha pedido para não experimentar. Ser abandonado pelo Pai, algo que nunca tinha conhecido antes, era experimentado agora em toda a sua plenitude. Jesus, o Filho de Deus, levava sobre si a maldição de toda a humanidade.<sup>18</sup>

Como Tasker escreve, essas palavras proferidas por Jesus caíram em ouvidos surdos, porém, aos que foram capazes de entender sua profundidade, tomam como uma indicação do sofrimento enfrentado pelo Salvador.<sup>19</sup> A quarta frase da cruz faz nossa mente retornar ao ato salvífico de Cristo, à sua imensurável demonstração de amor e ao seu sacrifício que apaziguou a ira do Pai, quando o cálice da ira que era destinado ao ser humano pecador, foi bebido por ele. Essa palavra é um grito de agonia de alguém que estava desamparado, de um inocente que sofria por uma humanidade corrupta.

Jesus proferiu estas palavras em hebraico, o que fez com que as pessoas presentes no local não compreendessem. Isso pode explicar o fato de alguns pensarem de forma

<sup>18</sup> SOUZA, Itamir Neves; MCGEE, John Vernon. **Através da Bíblia: Mateus**. São Paulo: Rádio Trans Mundial, 2008, p. 381.

<sup>19</sup> TASKER, R. V. G. **Mateus: introdução e comentário**. Tradução de Odair Olivetti. São Paulo: Vida Nova, 1999, p. 211.

equivocada que ele estava chamando por Elias, mas na verdade ele estava gritando de agonia, no auge do seu sofrimento, quando já haviam três horas de escuridão sobre a terra.<sup>20</sup> Por fim, esse grito revelou o âmago de seu propósito, que era carregar o pecado dos homens sobre si e o preço espiritual que foi pago para que isso fosse possível. Se nas palavras que formam a quarta frase de Jesus antes de sua morte foi revelado o seu sofrimento espiritual, na frase seguinte foi revelado o sofrimento físico.

## 5. FRASE DE AFLIÇÃO FÍSICA

A quinta frase de Jesus antes da sua morte foi: “*Tenho sede!*” (Jo 19.28). Sem sombra de dúvidas, estas são as palavras mais simples das sete frases. São palavras comuns que revelam uma necessidade de um homem comum. Porém, mesmo sendo palavras simples, são carregadas de significado. Jesus estava morrendo e, mesmo já tendo enfrentado o Getsêmani, o sinédrio judaico, o pretório romano, o Governador Pilatos, o cruel açoite romano e os cravos, enfrentou mais uma vez o desprezo dos homens. Ele foi submetido a mais uma humilhação.

Se nas palavras anteriores, a aflição espiritual que Cristo enfrentou é revelada, esta revelou a aflição física. Ele permaneceu pregado na cruz durante seis horas<sup>21</sup>, sendo torturado por dores que não mostravam a menor piedade, e estando fraco, provavelmente com a boca e garganta secas, ele pediu água. Para os crucificados, a sede era um enorme tormento<sup>22</sup>, porém, a resposta a este pedido não é água, mas possivelmente como um ato de desprezo, os homens a sua volta colocaram uma esponja encharcada de vinagre<sup>23</sup> pendurada em uma vara. Ele tomou o cálice do sofrimento servido por Deus. Carson afirma, sobre a ligação do Salmo 69.21 com João 19.29-30, que:

Se admitirmos que Jesus sabia que estava cumprindo essa Escritura, presumivelmente ele sabia que, ao confessar verbalmente sua sede, ele precipitaria o esforço dos soldados para lhe dar um pouco de vinagre. Nesse caso, a frase que fala de cumprimento poderia ser traduzida assim: “Jesus, sabendo que tudo estava concluído, para se cumprir a Escritura [que diz ‘... para matar-me a sede deram-me vinagre’] disse: ‘Tenho sede’”.<sup>24</sup>

Há quem diga que Jesus estivesse recitando o Salmo 69 em sua mente naquele momento. É muito provável que esta afirmação seja verdadeira, afinal, Jesus conhecia as Escrituras e as ensinava como ninguém. Certamente estas palavras estavam em sua mente, o que prova que ele sabia o que aquele ato de ter recebido vinagre em sua boca significava. As

<sup>20</sup> WIERSBE, Warren W. **Comentário bíblico expositivo**: Novo Testamento. Tradução de Susana E. Klassen. Santo André: Geográfica, 2006, p. 134-135.

<sup>21</sup> WIERSBE, 2006, p. 356.

<sup>22</sup> RIENECKER, Fritz. **Evangelho de Mateus**: comentário esperança. Tradução de Werner Fuchs. Curitiba: Esperança, 1998, p. 441.

<sup>23</sup> Alguns estudiosos, como Tasker, afirmam que a variante “vinagre” para a palavra *ὄξους*, não é a melhor tradução. Tasker defende que o que foi oferecido a Jesus se tratava de um vinho com narcótico, ou seja, um medicamento para trazer alívio à dor do condenado, segundo um costume misericordioso da época. Já Allen, no comentário bíblico Broadman, afirma que o *vinagre* era um vinho azedo e barato, sendo oferecido como desprezo a Cristo.

<sup>24</sup> CARSON, D. A. **O Comentário de João**. Tradução de Daniel de Oliveira e Vivian Nunes do Amaral. São Paulo: Shedd, 2007, p. 621.

Escrituras estavam se cumprindo e dando testemunho de que o que Deus havia falado por meio dos profetas era verdadeiro, como ele mesmo afirmou: “... *são elas mesmas [as Escrituras] que testificam de mim*” (Jo 5.39b).

Cumprindo a Escritura, Jesus proferiu essas palavras revelando parte de sua agonia física, o preço pago em seu corpo físico para que a humanidade conhecesse a salvação. Embora sejam palavras simples, revelam o sofrimento imensurável de um inocente. Também provam sua natureza humana, deixando claro que mesmo sendo verdadeiramente Deus, ele também é verdadeiramente homem, com necessidades físicas e emocionais como um ser humano comum, o que torna sua verdadeira identidade visível apenas aos olhos da fé.

Aquele homem crucificado entre dois criminosos era Deus e homem simultaneamente, fugindo da compreensão humana. Além disso, as palavras de Cristo dão testemunho de que a fé do cristianismo está baseada em um Evangelho verdadeiro. Não em uma falsa crença na qual Cristo é apenas um espírito, como para os gnósticos ou um homem comum, como para os ateus. Finalmente, elas revelam o preço pago por Cristo com sua aflição física para salvar o homem pecador.

## 6. FRASE DE VITÓRIA

Em sua penúltima frase, registrada em João 19.30, Jesus proferiu um grito de vitória. As palavras são: “*Está consumado*” (Jo 19.30). A sexta frase da cruz traz esperança e alegria, são palavras de vitória. Essa palavra é o marco do cumprimento de uma grande missão que nos permite meditar de forma significativa sobre a salvação. Uma missão dada pelo Pai ao Filho que havia sido cumprida e que agora o Filho declarava ao Pai que havia feito o que lhe foi confiado.

No grego a palavra *Τετέλεσται*<sup>25</sup> “tetelestai” é uma expressão que se refere ao pagamento de uma dívida. Uma tradução literal dessa palavra nos levaria ao termo “pago!”, que se trata de uma expressão comercial usada na época, encontrada em recibos e notas comerciais, semelhantes aos carimbos usados atualmente.<sup>26</sup> A palavra ainda pode ser traduzida por “completo, finalizado, concluído, ...”. Outro uso da expressão “tetelestai”, era quando um servo relatava ao seu senhor que a tarefa que lhe foi encarregada de fazer estava completa. Dizia-se: “Consume o que me fora confiado a fazer”. Era usada também pelo sacerdote, que ao examinar um animal dedicado ao sacrifício, não encontrando nele defeito algum, declarava: “tetelestai”. Outro uso da expressão era quando um artista finalizava uma pintura.<sup>27</sup>

Assim, é possível perceber que Jesus em sua penúltima frase registrada nos evangelhos, revelou muito mais que uma pepita de ouro, mas um tesouro inteiro. Ele está afirmando, sem deixar a menor sombra de dúvida, que a dívida eterna que o ser humano tinha com Deus Pai foi quitada e o preço pago foi seu próprio sangue; ele está afirmando que a missão que lhe foi

<sup>25</sup> SOCIEDADE BÍBLICA DO BRASIL, 2004, p. 427.

<sup>26</sup> TELES, Anderson Luís Jacomelli. **O Cristo crucificado na teologia do Evangelho de João**. 2018. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Faculdades EST, São Leopoldo, 2018, p. 112.

<sup>27</sup> WIERSBE, 2006, p. 496.

dada pelo Pai estava completa e seu dever havia sido cumprido como um servo bom e fiel ao seu Senhor; ele está afirmando ser o Cordeiro de Deus sem defeito algum, perfeito, que está apto para substituir o pecador em sua morte e que foi enviado para o sacrifício para a expiação do pecado humano; ele está afirmando que como grande pintor da história, havia terminado esta obra.

## 7. FRASE DE RENDIÇÃO

As últimas palavras de Jesus naquela cruz foram: "*Pai, em tuas mãos entrego meu espírito*" (Lc 23.46) – Sua última frase foi um grito em voz alta. Um grito que revelou sua total rendição à vontade do Pai. Após completar sua missão, ele entregou seu espírito em um ato de rendição e morreu pelos pecados de uma humanidade corrompida. A palavra *παρατίθεμαι*<sup>28</sup>, traduzida por “entrego”, pode também significar “entregar-se aos cuidados de alguém”.<sup>29</sup> Ele estava literalmente se entregando ao Pai e revelou isso em suas últimas palavras. Essa palavra usada por Lucas ao escrever o seu Evangelho revela que Cristo estava em total confiança, total rendição e total sintonia com o Pai e sua vontade. Aquele que trouxe vida aos que não tinham esperança, como os coxos, os paráliticos, os cegos e os mudos, agora estava enfrentando a morte. Como Rienecker afirma, “encolheu-se o peito que havia abraçado o mundo inteiro com amor”.<sup>30</sup> Ryle destaca:

Nas suas palavras, existe um profundo significado, o qual não somos capazes de esquadrihar. Havia algo misterioso na morte de nosso Senhor que a tornou diferente da morte de qualquer outro ser humano. Aquele que proferiu essas palavras, temos de lembrar com atenção, tanto era Deus como era homem. Suas duas naturezas, divina e humana, estavam unidas de modo inseparável. É lógico que sua natureza divina não poderia morrer.<sup>31</sup>

Ambas as suas naturezas, humana e divina, estavam intrinsecamente unidas e ligadas uma à outra, de modo a ser Deus e homem ao mesmo tempo. A confissão de fé Batista de 1689, no capítulo 8 que trata sobre Cristo, o Mediador, afirma:

Duas naturezas completas, perfeitas e distintas foram inseparavelmente unidas, em uma única pessoa, sem conversão, composição ou confusão. E essa pessoa é verdadeiramente Deus e verdadeiramente homem; no entanto, um só Cristo, o único mediador entre Deus e os homens.<sup>32</sup>

Porém, não foram ambas as naturezas que conheceram a morte, apenas a humana, afinal, Deus é um ser Eterno que não pode morrer. Através dos pecados da humanidade, Cristo conheceu a morte em sua natureza humana e enfrentou aquilo que o pecado recebe por salário, ou em outro termo, por merecimento, mesmo sem jamais ter conhecido o que é pecar.

<sup>28</sup> SOCIEDADE BÍBLICA DO BRASIL, 2004, p. 334.

<sup>29</sup> LOUW, Johannes; NIDA, Eugene. **Léxico: Grego-Português do Novo Testamento em domínios semânticos.** Tradução de Wilson Scholz. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013, p. 413.

<sup>30</sup> RIENECKER, 1998, p. 442.

<sup>31</sup> RYLE, 2018, p. 544.

<sup>32</sup> SPURGEON, C. H. **A confissão de fé Batista de 1689 e um catecismo puritano compilado por C. H. Spurgeon.** Tradução de William e Camila Rebeca Teixeira. 9.ed. São Paulo: O Estandarte de Cristo, 2019, p. 36-37.

Cristo cumpriu sua missão e voluntariamente, como ele mesmo afirmou, entregou-se à morte,<sup>33</sup> para três dias depois vencê-la com a sua ressurreição. Onde pode se encontrar uma obediência semelhante à de Cristo? O Filho estava completamente rendido, em uma perfeita sintonia com a vontade do Pai. Nunca houve, em toda a história, registro de uma obediência como tal. Assim como ele afirma ter entregado sua própria vida de forma voluntária (Jo 10.18), entregou seu espírito às mãos do Pai voluntariamente, mostrando que mesmo no extremo da situação, ele continuava no controle.<sup>34</sup> Quem em algum momento pensou estar no controle se enganou, porque na verdade estava apenas fazendo aquilo que Deus já havia agendado.

Cristo revelou na última frase da cruz, que o plano Divino de redenção do homem pecador estava quase completo, faltava apenas a sua ressurreição para que o mundo testemunhasse de uma forma jamais vista antes a sua Glória e o seu Poder. Embora tenha morrido como um criminoso em uma morte terrível diante dos olhares do mundo em que ele mesmo é o Criador, o Grande Pintor e Escritor da história estava revelando em sua obra, um borbulhar de amor entre o Pai, o Filho e Espírito Santo. Facilmente, como Deus, poderia descer da cruz e salvar-se, como os zombadores pediam. Mas como seu coração estava rendido ao Pai, ele encarou a morte de frente, cumprindo sua missão.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A dimensão da obra realizada por Cristo naquela cruz ultrapassou a capacidade de compreensão humana, pois não há como compreendê-la por completo, ou seja, em sua totalidade. Muito maior do que qualquer ser humano seria capaz de fazer. O que o homem é capaz de compreender é que ela é a obra que virou o jogo para o pecador condenado e perdido em seus pecados, se ele se arrepende e crer. As últimas frases de Jesus antes de sua morte são amostras da grandiosidade de seu feito. Cada uma das sete, quando estudadas, são como os raios de sol que entram pelas frestas de uma janela pela manhã, anunciando que há um dia ensolarado lá fora, que há uma luz muito maior por trás deles. Neste caso, Cristo Jesus e a sua salvação é a intensa luz anunciada através dos raios de luz lançados nas 7 frases da cruz.

Não se pode esquecer do cenário em que elas foram proferidas, do púlpito onde elas foram pregadas, isto é, da cruz. Alister McGrath, citando a obra de P. T. Forsyth, *justification of God [Justificação de Deus]* (1916), destaca:

A cruz não é um tema teológico nem um instrumento judicial, mas a crise moral do universo em uma escala muito superior à guerra. Ela é a teodiceia de Deus que lida com todo o espírito do mundo inteiro com um amor sagrado, um justo juízo e uma graça redentora.<sup>35</sup>

Assim como ela é o instrumento pelo qual Deus decidiu, em sua Soberania, salvar o homem pecador, ela também fala contra o mesmo, revelando toda sua maldade e

---

<sup>33</sup> João 10.18.

<sup>34</sup> LOPES, Hernandes Dias. **João: as glórias do filho de Deus**. São Paulo: Hagnos, 2015, p. 486.

<sup>35</sup> MCGRATH, Alister. **Teologia sistemática, histórica e filosófica: uma introdução à teologia cristã**. Tradução de Marisa K. A. de Siqueira Lopes. São Paulo: Shedd, 2005, p. 484.

pecaminosidade. Nela, Cristo enfrentou um desespero autêntico, um abismo genuíno de dor, um abandono infinito e um sofrimento incomparável ao ter que suportar o peso dos pecados dos seres humanos.<sup>36</sup> O julgamento foi injusto e a pena foi cruel, por crimes que não foram cometidos, mas mesmo com a injustiça e a crueldade do homem tendo alcançado tamanha proporção, ele manteve-se fiel ao que ensinou e fiel ao Pai.

Mesmo em meio a tais circunstâncias Jesus orou por seus inimigos, fazendo exatamente aquilo que ensinou os seus ouvintes a fazer; salvou um pecador revelando que a salvação vem pela fé e não pelas obras; mostrou obediência e responsabilidade absolutas ao confiar sua mãe ao discípulo João; revelou a dimensão do preço pago pela salvação do homem com seu sofrimento espiritual e físico; declarou vitória com a missão que lhe foi dada pelo Pai sendo completa e por último, revelou que seu coração estava completamente rendido ao Pai, se submetendo a seu propósito quando entregou seu espírito e morreu.

Conclui-se que todas as sete frases proferidas por Jesus antes da sua morte não apenas revelam tesouros literários e teológicos devido a profundidade de significados que as palavras carregam, como também confirmam a veracidade dos textos bíblicos, tanto do Antigo quanto do Novo Testamento. Estas frases são um verdadeiro tesouro para a Teologia, permitindo a compreensão mais profunda do ministério de Cristo e de seu sacrifício para a redenção do ser humano pecador.

## REFERÊNCIAS

ALLEN, Clifton J. **Comentário bíblico Broadman: Novo Testamento – Lucas e João**. Tradução de Adiel Almeida de Oliveira e Israel Belo de Azevedo. Rio de Janeiro: JUERP, 1983. 432 p.

BEAUMONT, Mike. **Guia prático da Bíblia**. Tradução de Vanderlei Ortigoza Junior. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2012. 128 p.

BERKOUWER, G. C. **A pessoa de Cristo**. Tradução de A. Zimmermans e P. G. Hollanders. 2.ed. São Paulo: ASTE, 2011. 238 p.

BÍBLIA. **Nova Almeida Atualizada**. Tradução de João Ferreira Almeida. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2018. 960 p.

BRUCE, F. F. **João, introdução e comentário**. Tradução de Hans Udo Fuchs. São Paulo: Mundo Cristão, 1990. 355 p.

CARSON, D. A. **Comentário Bíblico Vida Nova**. São Paulo: Vida Nova, 2009. 2176 p.

CARSON, D. A. **O comentário de João**. Tradução de Daniel de Oliveira e Vivian Nunes do Amaral. São Paulo: Shedd, 2007. 686 p.

FRANKLIM, Wilson. **O Evangelho segundo Lucas: a vida de Jesus**. Rio de Janeiro: JUERP, 2007. 256p.

---

<sup>36</sup> BERKOUWER, G. C. **A pessoa de Cristo**. Tradução de A. Zimmermans e P. G. Hollanders. 2.ed. São Paulo: ASTE, 2011, p. 144.



KEENER, Craig S. **Comentário histórico cultural da Bíblia: Novo Testamento.** Tradução de José Gabriel Said, Thomas Neufeld de Lima. São Paulo: Vida Nova, 2017. 960 p.

LEWIS, C. S. **Cristianismo puro e simples.** Tradução de Gabriele Greggersen. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017. 288 p.

LOPES, Hernandes Dias. **João: as glórias do Filho de Deus.** São Paulo: Hagnos, 2015. 516 p.

LOPES, Hernandes Dias. **Lucas: Jesus, o homem perfeito.** São Paulo: Hagnos, 2017. 711 p.

LOPES, Hernandes Dias. **Mateus: Jesus, o rei dos reis.** São Paulo: Hagnos, 2019. 826 p.

LOUW, Johannes; NIDA, Eugene. **Léxico: Grego-Português do Novo Testamento em domínios semânticos.** Tradução de Vilson Scholz. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013. 786 p.

MCGRATH, Alister. **Teologia sistemática, histórica e filosófica: uma introdução à teologia cristã.** Tradução de Marisa K. A. de Siqueira Lopes. São Paulo: Shedd, 2005. 664 p.

RIENECKER, Fritz. **Evangelho de Mateus: comentário esperança.** Tradução de Werner Fuchs. Curitiba: Esperança, 1998.

RYLE, J. C. **Meditações no Evangelho de Lucas.** Tradução de Expository thoughts on the gospels: Luke. São José dos Campos: Fiel, 2018. 568 p.

RYLE, J. C. **Simplicidade na pregação.** Tradução de Rodrigo Silva. Foz do Iguaçu: Letras, 2012. 63 p.

SOCIEDADE BÍBLICA DO BRASIL: **Novo Testamento interlinear Grego-Português.** Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2004. 992 p.

SOUZA, Itamir Neves; MCGEE, John Vernon. **Através da Bíblia: Mateus.** São Paulo: Rádio Trans Mundial, 2008. 400 p.

SPURGEON, C. H. **A confissão de fé Batista de 1689 e um catecismo puritano compilado por C. H. Spurgeon.** Tradução de William e Camila Rebeca Teixeira. 9.ed. São Paulo: O Estandarte de Cristo, 2019. 154 p.

TASKER, R. V. G. **Mateus: introdução e comentário.** Tradução de Odair Olivetti. São Paulo: Vida Nova, 1999. 229 p.

TELES, Anderson Luís Jacomelli. **O Cristo crucificado na teologia do Evangelho de João.** 2018. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Faculdades EST, São Leopoldo, 2018.

THOMAS, Robert; GUNDRY, Stanley. **Harmonia dos Evangelhos.** Tradução de Valdemar Kroker. São Paulo: Vida, 2007. 320 p.

WIERSBE, Warren W. **Comentário bíblico expositivo: Novo Testamento.** Tradução de Susana E. Klassen. Santo André: Geográfica, 2006. 952 p.

# Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878



Ensaio Teológico está licenciada com uma Licença Creative Commons  
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

## **UMA INVESTIGAÇÃO E EXPLANAÇÃO DA TEOLOGIA PAULINA A PARTIR DE GÁLATAS 3.26-29, 1 CORÍNTIOS 11-14 E 1 TIMÓTEO 2.8-15 SOBRE A ATUAÇÃO DA MULHER NA SOCIEDADE E NO TRABALHO MINISTERIAL**

An investigation and explanation of the pauline Theology based on Galatians  
3.26-29, 1 Corinthians 11-14 and 1 Timothy 2.8-15 on the performance of  
women in society and in ministerial work

Whitson Ribeiro da Rocha<sup>1</sup>

### **RESUMO**

Este trabalho investigou três textos relevantes do apóstolo Paulo que tratam da posição da mulher, tanto na igreja quanto na sociedade, que são: Gálatas 3.26-29, 1 Coríntios 11-14 e 1 Timóteo 2.8-15. No ensino de Gálatas 3.26-29, Paulo desenvolveu um princípio geral e supra cultural de que, na nova comunidade formada em Cristo, todas as distinções sociais de gênero, raça ou posição social estão abolidas e cada pessoa é igual em dignidade a todas as outras. Em Cristo não existe o domínio ou a supremacia do homem sobre a mulher. Nos textos de 1 Coríntios 11-14 e 1 Timóteo 2.8-15, Paulo lidou com problemas locais que envolviam a posição da mulher nas culturas onde viviam. Ao lidar com estes problemas, dentro da cultura do primeiro século, Paulo assumiu uma dupla postura. Em primeiro lugar, ele enfatizou a necessidade de subordinação da mulher ao homem, tanto na igreja quanto na sociedade, porque este era o costume da época e insurgir-se contra ele seria colocar uma “pedra de tropeço” cultural para a evangelização da sociedade. Mas, em segundo lugar, Paulo afirmou que, em Cristo, não existe esta subordinação da mulher ao homem e, pelo contrário, homens e mulheres necessitam-se mutuamente para cumprir o ministério na igreja e no mundo. Que, naquele momento e naquela cultura, a mulher não tenha um papel de liderança, é circunstancial devido à

<sup>1</sup> O autor é Mestrando Profissional em Teologia pela Faculdade Teológica do Paraná, Bacharel em Teologia pela Faculdade Teológica Batista de São Paulo, Bacharel e Licenciado em Filosofia pela USP, Pós-Graduado em Avaliação do Ensino e Aprendizagem pela UNOESTE. Diretor e professor do Seminário Teológico Batista de Presidente Prudente/SP. E-mail: whitsonrocha@gmail.com.

primeira postura. Mas que, ocorrendo mudanças dentro da cultura e a mulher possa liderar, é próprio da salvação que Jesus trouxe e do princípio supracultural de Gálatas 3.26-29.

**Palavras-chave:** Ministério feminino em Paulo. Teologia paulina da mulher. A mulher em Cristo e na sociedade.

## ABSTRACT

This work investigated three relevant texts of the apostle Paul that deal with the position of women, both in the church and in society, which are: Galatians 3.26-29, 1 Corinthians 11-14 and 1 Timothy 2.8-15. In the teaching of Galatians 3:26-29, Paul develops a general and supracultural principle that, in the new community formed in Christ, all social distinctions of gender, race or social position are abolished and each person is equal in dignity to all others. In Christ, there is no dominion or supremacy of man over woman. In the texts of 1 Corinthians 11-14 and 1 Timothy 2:8-15, Paul was dealing with local problems involving the position of women in the cultures where they lived. In dealing with these problems within first-century culture, Paul took a dual stance. First, he emphasized the need for the subordination of women to men, both in the church and in society, because that was the custom of the time and to rebel against it would be to place a cultural “stumbling block” for the evangelization of society. But, secondly, Paul affirmed that, in Christ, there is no such subordination of woman to man and, on the contrary, men and women need each other to fulfill the ministry in the church and in the world. That woman did not have, at that time and in that culture, the leadership role is circumstantial due to the first position. But, when changes occur within the culture and the woman can lead, is characteristic of the salvation that Jesus brought and the supracultural principle of Galatians 3.26-29.

**Keywords:** Women's Ministry in Paul. Pauline Theology of women. Women in Christ and in society.

## INTRODUÇÃO<sup>2</sup>

Para os que creem na inspiração divina e inerrância da Bíblia, a última palavra deve vir dela. O exame das Escrituras, nos textos acerca do assunto abordado, e a consequente teologia derivada devem levar os cristãos a um posicionamento sobre a possibilidade ou não da atuação feminina no seu meio religioso. Este artigo parte do pressuposto de que toda a Bíblia é inspirada por Deus, que a Escritura deve interpretar a Escritura, sempre com o uso da razão e que o apóstolo Paulo é o autor das treze cartas que levam seu nome no Novo Testamento.

Na Bíblia, o apóstolo Paulo é o escritor que mais se manifesta sobre o assunto. Pelo volume de sua escrita e pelo conteúdo teológico que provém de sua pena, Paulo é o escritor bíblico mais citado, tanto a favor quanto contra o trabalho feminino. Por este motivo, este artigo tem como escopo estudar o pensamento paulino acerca do assunto. Neste artigo se trabalhará as interpretações e análises de importantes textos paulinos sobre o assunto.

---

<sup>2</sup> Este artigo está baseado no Trabalho de Conclusão de Curso da Convalidação do diploma de Bacharel em Teologia realizado na Faculdade Teológica Batista de São Paulo em 2015.

Há três textos relevantes sobre assunto que convém analisar: Gálatas 3.26-29, 1 Coríntios 11-14 e 1 Timóteo 2.8-15. Outros textos paulinos serão mencionados, mas os três que seguem constituem a base para uma definição acerca do assunto.

## **1. O ENSINO SOBRE A IGUALDADE DIANTE DE DEUS EM GÁLATAS 3.26-29**

A carta aos Gálatas foi escrita com o propósito de ensinar que a salvação é exclusivamente pela fé em Jesus Cristo. Pregadores judaizantes estavam ensinando que, além da fé em Jesus, era necessária também a obediência da lei de Moisés, inclusive com o rito da circuncisão. A defesa de Paulo do seu evangelho é vigorosa. No capítulo 3, ele diz que a promessa foi dada a Abraão porque ele creu em Deus (v. 6) e os que são da fé em Jesus, esses são filhos de Abraão (v. 7). Isto só se tornou possível porque Cristo resgatou o ser humano da maldição da lei ao morrer no madeiro, conforme determinação da lei (v. 13,14). Pela fé, os gentios recebem a Cristo e a promessa do Espírito. A lei foi dada por Deus para servir como um aio, tutor, até que a vinda de Jesus pudesse levar os seres humanos a crer nele. Neste contexto, ele desenvolve o texto de 3.26-29.

Nos versículos 26,27, ele diz: “Pois todos sois filhos de Deus pela fé em Cristo Jesus. Porque todos quantos fostes batizados em Cristo, vos revestistes de Cristo”.<sup>3</sup> Através da fé, todos são filhos de Deus. A palavra “todos” não deixa dúvida de que qualquer pessoa, independentemente de qualquer condição humana, pode ser salva e desfrutar deste privilégio. A fé em Cristo produziu um novo modo de ser e viver, embora continuem vivendo na mesma sociedade e cultura. A doutrina da salvação pela fé não ficava restrita ao campo doutrinário, metafísico, mas passava a fazer parte da vida prática, do dia a dia, pois “se alguém está em Cristo, nova criatura é” (2Co 5.17).

No versículo 28, do referido texto, há a declaração de Paulo que: “Não há judeu nem grego; não há escravo nem livre; não há homem nem mulher; porque todos vós sois um em Cristo Jesus”. O apóstolo coloca alguns pares divididos por raça, meio social e gênero. O primeiro par lembra a divisão racial que existiu em toda a história do povo de Israel de se considerar o “povo eleito” e, desta forma, diferenciar-se de todos os outros povos. Na fé em Cristo, não existe mais raça (nacionalidade) escolhida. O segundo par é formado pelas normas da sociedade: escravos e livres. Essa divisão social nada significa na fé. Para a época é uma ideia revolucionária, já que a prática da escravidão estava enraizada em todo o mundo antigo. O terceiro par vem da natureza “macho” e “fêmea”, palavras que se caracterizam por definir a sexualidade de cada indivíduo humano. Homens e mulheres ocupam o mesmo patamar na presença de Cristo. Não há mudança humana e externa na vida destas pessoas: o homem continua sendo homem, igualmente a mulher, o escravo continua sendo escravo. Tudo continua sendo absolutamente igual na sociedade. Isso faz parte da teologia paradoxal de Paulo do “já” e do “ainda não” em relação à salvação operada por Cristo que se manifestava numa era atual e na era vindoura simultaneamente. Mas, no que envolve a fé em Cristo, e isso abarca a Igreja, todas as distinções humanas se desfazem e as pessoas são totalmente

---

<sup>3</sup> Todos os textos bíblicos mencionados neste artigo são da Versão Revisada, Imprensa Bíblica Brasileira, 1974.

niveladas em Cristo. Todas elas tornam-se um em Cristo. Ou seja, não apenas são niveladas como também são unidas a ponto de serem um só povo na pessoa de Cristo. A unidade da humanidade é conseguida e vivenciada em Cristo.

Ainda em relação ao versículo 28, Lopes<sup>4</sup> não vê neste texto a abolição da subordinação feminina e de igualdade de funções no ministério pastoral. Argumenta com quatro objeções a utilização deste texto para o ministério pastoral feminino. A primeira objeção diz respeito ao objetivo do texto que é tratar da posição do indivíduo diante de Deus quando crê em Cristo e não das funções que homens e mulheres desempenham na Igreja. A segunda é que Paulo enraíza a subordinação feminina, não na queda, mas na própria criação. A terceira objeção diz respeito à palavra “um” no texto que significa unidade de todos em Cristo e não igualdade de funções. A quarta objeção é que Cristo não aboliu os efeitos do pecado e os castigos quando pecaram. A primeira e a terceira objeções são textuais. De fato, o texto fala da posição em Cristo que foi dada mediante fé nele. A questão é se esta nova posição não traz implicações de caráter prático para a relação homem-mulher. Se, em Cristo, não há homem nem mulher, será que, em Cristo, a mulher permanece subordinada ao homem? Será que, em Cristo, o escravo permanece subordinado ao livre? Ou o grego ao judeu? Paulo está lançando um princípio novo decorrente da posição que os crentes têm em Cristo, qual seja, esta nova posição acabou com as diferenças e os igualou. A aplicação disto nas diversas sociedades se dará conforme as culturas de cada uma delas, mas o princípio está dado e afetará a questão do ministério pastoral feminino nas culturas nas quais isto couber. A segunda e a quarta objeções não são textuais. A ideia de que a subordinação da mulher ao homem começou no Éden ou na queda é muito discutida na teologia e não há pensamento único acerca desse assunto entre os teólogos que creem na inspiração das Escrituras. Se, de fato, Cristo não aboliu nesta era os efeitos do pecado, também é certo que ele iniciou um novo tipo de vida cujos propósitos podem, dentro das possibilidades culturais, ser vividos na presente sociedade. Se a cultura permite à Igreja vivenciar na prática o “nem homem nem mulher em Cristo” nesta era, por que não se viveria?

No versículo 29, do texto enfatizado, se as pessoas são de Cristo, logo são a semente prometida por Deus a Abraão e herdeiros de todas as bênçãos desta promessa. Não há diferenciação nestes privilégios entre uns e outros, entre homens e mulheres.

O texto de Gálatas 3.26-29, por ser doutrinário e trazer princípios relativos à salvação em Jesus Cristo, é um texto que deve governar outros textos que indiquem aparentes contradições com este ou demonstrem fatos locais e culturais, pois

esta é uma passagem crucial que tende a citar como a que governa a interpretação de todos os demais textos relevantes, ou ao contrário, a ser minimizada quanto às suas implicações. [...] Gálatas 3.28 deve ser visto como um contraste com o status inferior geralmente dado às mulheres nos dias de Paulo. É uma afirmação dramática que não deve ser desprezada, nem diluída com o objetivo de manter uma posição restritiva. Gálatas 3.28 aplica-se a

<sup>4</sup> LOPES, Augustus Nicodemus. Ordenação feminina: o que o Novo Testamento tem a dizer. **Sola Scriptura**. Disponível em <http://solascriptura-tt.org/EclesiologiaEBatista/OrdenacaoFeminina-Nicodemus.htm>. Acesso em: 06 jun. 2015, p. 5-7.

relacionamentos sociais dentro da igreja, e não meramente ao âmbito espiritual da soteriologia. Ao mesmo tempo, não significa que todas as distinções estão eliminadas. Nem uma declaração positiva como Gálatas 3.28, nem uma restritiva, como 1 Timóteo 2.12, devem ser consideradas à parte da revelação bíblica total sobre o assunto.<sup>5</sup>

Mickelsen, seguindo nesta mesma linha de pensamento, escreve que

o erudito do Novo Testamento, F. F. Bruce declarou em seu comentário de Gálatas 3.28: “Paulo estabelece aqui o princípio básico: se as restrições sobre esta questão se encontrarem noutras passagens das cartas paulinas (...), essas terão de ser entendidas em relação a Gálatas 3.28, e não vice-versa”.<sup>6</sup>

O que Paulo apresenta no trecho de Gálatas 3.26-29 é a grande salvação que Jesus conquistou na cruz e que tem validade eterna. Tanto na história quanto na eternidade, os filhos e filhas de Deus serão um, sem superioridade ou inferioridade entre eles.

## 2. O ENSINO SOBRE QUESTÕES RELATIVAS AO CULTO EM 1 CORÍNTIOS 11-14

Os capítulos 11-14 de 1 Coríntios tratam de questões relativas ao culto cristão. Visto que havia problemas em relação a alguns aspectos, Paulo escreveu no sentido de orientar a igreja. Em 1 Coríntios 11.2-16, ele tratou da questão do uso do véu por parte das mulheres no culto público. Em 1 Coríntios 11.17-34, da celebração da Ceia do Senhor. No capítulo 12, de 1 Coríntios ele falou dos dons espirituais. 1 Coríntios 13 é o grande capítulo sobre o amor. Em 1 Coríntios 14.1-25, ele discutiu acerca do dom de línguas e profecias no culto. E, finalmente, em 1 Coríntios 14.26-40 acerca da ordem e decência no culto cristão. Há dois textos que falam mais acerca da posição da mulher na igreja, a saber: 1 Coríntios 11.2-16 e 14.26-40.

O contexto cultural que permite entender esses textos é o seguinte: as mulheres não participavam nos cultos das sinagogas, ao passo que elas tinham grande atividade nos cultos pagãos, mas geralmente associadas a rituais de prostituição cultural. No culto cristão, a mulher tinha parte ativa, tanto quanto o homem e as congregações eram mistas. Em público, a mulher devia usar um véu, em respeito ao seu marido e à cultura da época. Há um cuidado social de Paulo para com a figura da mulher, mas

o trecho relativo a 1 Cor 11,2-11 levanta algumas situações complexas concernentes à situação de Paulo envolvendo a disputa por autoridade. O velamento das mulheres, contudo, não foi somente uma questão de falta de decoro ou oriunda dos fatos de alguns membros da comunidade de Corinto se sentirem constrangidos pela atuação das mulheres, mas o próprio ato de profetizar era visto como uma experiência direta com o divino, o que concedia autoridade a quem o fizesse.<sup>7</sup>

<sup>5</sup> LIEFELD, Walter. L. “Um ponto de vista do ministério diversificado: vossos filhos e vossas filhas profetizarão” in: CLOUSE, Robert G.; CLOUSE, Bonnidell (org.). **Mulheres no ministério**. São Paulo: Mundo Cristão, 1996, p. 166,168.

<sup>6</sup> MICKELSEN, A. Ivera. “Um ponto de vista igualitário: não há homem nem mulher em Cristo” in: CLOUSE, Robert G.; CLOUSE, Bonnidell (org.). **Mulheres no ministério**. São Paulo: Mundo Cristão, 1996, p. 250.

<sup>7</sup> SILVA, Roberta Alexandrina da. O problema do 1 Coríntios 11,1-6 e a questão de gênero na igreja de Corinto. **Romanitas – Revista de Estudo Grecolatinos**, Vitória/ES, n. 1, 2013, p. 16.



No texto de 1 Coríntios 11.2-16, Paulo começa dizendo que os louva porque eles mantêm as tradições conforme ele as deu. Convém lembrar que, naquele momento, eles não tinham ainda o Novo Testamento, que estava em formação. O ensino das tradições abarcava os costumes éticos e sociais advindas do próprio Evangelho. No versículo 3, de 1 Coríntios ele diz: “quero, porém, que saibais que Cristo é a cabeça de todo homem, o homem a cabeça da mulher e Deus a cabeça de Cristo”. A palavra (*kephalé*, *κεφαλή*)<sup>8</sup> cabeça é interpretada em dois sentidos: a de “autoridade, liderança” ou como “fonte”. Liefeld<sup>9</sup> acerca destes dois possíveis sentidos diz que os tradicionalistas entendem que a palavra cabeça sempre quer dizer governo ou autoridade e assim a interpretam em 1 Coríntios 11.2-16 e Efésios 5.22-23 acerca das mulheres. Outros eruditos dizem que a palavra cabeça significa fonte. Conforme o tipo de interpretação, estas podem levar a ideias fortemente conflitantes. Mesmo que o significado de “cabeça” seja a de autoridade deve-se notar que ela é funcional, pois Deus sendo o cabeça de Cristo não indica superioridade ontológica. Ainda sobre o significado do termo “cabeça”, Mickelsen afirma que

o dicionário mais abrangente da língua grega daquele período de que dispomos hoje, em inglês, é o compilado por Liddell, Scott, Jones e McKenzie, cobre a língua grega clássica e o coine (*Koiné*), de 1.000 a.C. até cerca de 600 d.C. – portanto, um período de quase mil e seiscentos anos, incluindo a Septuaginta (tradução grega do Antigo Testamento). O dicionário relaciona cerca de vinte e cinco possíveis significados figurados para *kephale* (“cabeça”) os quais eram usados na literatura grega antiga. Entre estes significados estão: “topo”, “beirada”, “ápice”, “origem”, “fonte”, “boca”, “ponto inicial”, “coroa”, “término”, “consumação”, “soma” e “total”. Essa lista *não* inclui nosso emprego comum em inglês com o sentido de “que tem autoridade sobre”, “líder”, “diretor”, “graduação superior” e outros sentidos semelhantes.<sup>10</sup>

Nos versículos 4-6, do texto em questão, Paulo recomenda que todo homem que orar ou profetizar, que o faça com a cabeça descoberta, caso contrário envergonharia a si próprio. Este é um costume cultural da época. Acerca das mulheres, Paulo diz que toda mulher que ora ou profetiza com a cabeça descoberta desonra a si própria, pois

nos dias de Paulo, mulher sem véu, com cabelos soltos ou curtos, era considerada infame. O uso do véu perpassava várias culturas, entre elas a judaica e a greco-romana, que dominavam o ambiente à época. Por isto, as honradas deviam ter o cabelo longo, preso e bem penteado. O cabelo solto era visto como um estímulo erótico, por isso, usá-lo solto em público era um ultraje ao pudor, pois era considerada uma parte privada do corpo, que só o esposo podia olhar [...] é provável que as mulheres-profetas achassem que podiam desempenhar seu papel na liturgia com a cabeça descoberta, pois a

<sup>8</sup> Para as transliterações foi usado o DICIONÁRIO INTERNACIONAL DE TEOLOGIA DO NOVO TESTAMENTO. São Paulo: Vida Nova, 1983. 4 vols.

<sup>9</sup> LIEFELD, 1996, p. 161.

<sup>10</sup> MICKELSEN, 1996, p. 235 (grifo do autor).



casa, lugar onde também se celebrava o culto cristão, não era um lugar público.<sup>11</sup>

Observe-se que as mulheres tinham a liberdade de orar e profetizar no culto cristão (v. 5), mas que deveriam fazê-lo conforme os costumes sociais de sua época. As atividades de orar e profetizar no culto público era permitido às mulheres e, sem dúvida, isso implicava que havia uma igualdade no culto em relação aos dois gêneros. Como a profecia é uma atividade muito importante no culto, conforme o capítulo 14, presume-se que na igreja, todos são iguais. No entanto, eles viviam num mundo que tinha uma cultura patriarcal. Daí a necessidade das mulheres de seguirem o costume da época. No versículo 7, deste texto citado, Paulo diz: “Pois o homem, na verdade, não deve cobrir a cabeça, pois é a imagem e glória de Deus, mas a mulher é a glória do homem”. É uma obrigação do ser humano não misturar os papéis culturais de homem/mulher. Não deve haver nem confusão nem mudança. Paulo enxergava nessa atitude da cultura de cobrir ou não a cabeça uma forma boa e correta de expressar uma verdade bíblica da criação: Deus criou o homem e deste formou a mulher. É esta verdade que ele enfatizou nestes versículos, 8-10. Paulo considerou correta a atitude cultural na qual a mulher demonstrava “submissão” tanto a seu marido como aos homens em geral ao adotar o sistema de divisão masculino/feminino dentro da sociedade patriarcal na qual viviam. No entanto, esta “submissão” não impedia que a mulher orasse e profetizasse no culto público, o que seria sinal de autoridade.

Nos versículos 2-10, de 1 Coríntios, Paulo estava falando da necessidade de se seguir os costumes culturais para que não houvesse vergonha no culto cristão. Mas, nos versículos 11 e 12, de 1 Coríntios, ele deu uma guinada no texto: “todavia, no Senhor, nem a mulher é independente do homem, nem o homem independente da mulher, pois assim como a mulher veio do homem, assim também o homem nasce da mulher, mas tudo vem de Deus”. Paulo estava falando da cultura, mas agora ele começou dizendo: “todavia, no Senhor”, o que indica que ele falou que a nova ordem criada em Cristo libertou o ser humano das amarras culturais de cada povo. Nesta nova ordem, homens e mulheres são iguais: um não vive sem o outro; homem e mulher se complementam e por isso devem viver juntos em unidade. Na criação, a mulher é tirada para fora do homem, mas no nascimento, o homem é tirado para fora da mulher. Isso restabelece o equilíbrio e a unidade. Então, ele diz: “mas tudo vem de Deus”. Tanto o homem como a mulher foram criados com sexualidades diferentes por desejo do próprio Deus e esta convivência de interdependência e igualdade é o desejo e a proposta dele para a Igreja.

Nos versículos 13-16, de 1 Coríntios, Paulo voltou ao dia a dia e disse que havia costumes na sociedade dos coríntios acerca do que é decoroso e honroso na relação homem/mulher e que a igreja cristã deveria se submeter a fim de não prejudicar a sua boa presença na comunidade. O princípio que Paulo segue está bem explicitado em 1 Coríntios 10.32-33: “não vos torneis causa de tropeço nem a judeus, nem a gregos, nem a igreja de Deus; assim como

---

<sup>11</sup> FOULKES *apud* MATOS, Keyla Carvalho. **Protagonismo e resistência de mulheres no discurso de Paulo em 1 Coríntios 11 e 14**. Goiânia, 2004. 179 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião). Goiânia: Universidade Católica de Goiás, 2004, p. 91-92.

também eu em tudo procuro agradar a todos, não buscando o meu próprio proveito, mas o de muitos para que sejam salvos”.

Há algumas conclusões acerca do texto do “véu das mulheres” (1 Co 11.2-16). A primeira é que existe uma forma de relacionamento homem/mulher ditada pela sociedade em que cada igreja cristã se encontra. Esta forma de relacionamento define os papéis culturais de masculino e feminino dentro da sociedade. O objetivo da sociedade e, convergentemente, de Paulo, é que estes papéis não se misturem, mas continuem distintos. Onde estes papéis são deliberadamente afrontados não pode haver oração, profecia ou mesmo culto público que transmita a mensagem do evangelho para a sociedade. Daí a ordem paulina de cobertura para a mulher no culto e da não cobertura para o homem. A segunda conclusão é que, paradoxalmente, no Senhor, sem os costumes específicos das sociedades, o relacionamento homem/mulher é de igualdade e complementariedade. As mulheres podem orar e profetizar da mesma forma que os homens e têm parte ativa nos cultos tanto quanto os homens. Eles são iguais na criação e na redenção. Essa é a nova sociedade que Deus está formando.

No capítulo 12 de 1 Coríntios, Paulo falou a respeito dos dons espirituais. Dentre os vários ensinamentos que o apóstolo dá, destaca-se o v. 11: “mas um só e o mesmo Espírito opera todas estas coisas distribuindo particularmente a cada um como quer”. Ou seja, na distribuição dos dons, o Espírito é quem decide que dom dará a cada um. A decisão é dele e não humana. Não há, no texto, nenhuma menção de que ele restringiu dons devido ao sexo da pessoa. Paulo citou o dom de profecia (v. 10) e já havia dito que mulheres profetizavam (11.5). No versículo 25, deste texto ele disse que a divisão dos dons é “para que não haja divisão no corpo, mas que os membros tenham igual cuidado uns dos outros”. A igreja era composta de homens e mulheres. O que ele queria dizer com “igual cuidado uns dos outros”? Não pensava ele numa igreja de iguais ao invés de uma igreja hierarquizada na qual a mulher sempre ocupava um lugar subalterno? O versículo 27, deste texto, diz: “ora, vós sois o corpo de Cristo, e individualmente seus membros”. Na visão paulina, a igualdade entre homens e mulheres na igreja é superior a qualquer hierarquização trazida pelos costumes sociais.

No capítulo 13, Paulo exaltou o amor como a atitude principal que deveria caracterizar a igreja e o indivíduo cristão. Falando acerca da relação entre os dons e o amor, ele disse: “e ainda que eu tivesse o dom de profecia, e conhecesse todos os mistérios e toda a ciência, e ainda que tivesse toda a fé, de maneira tal que transportasse os montes, e não tivesse amor, nada seria” (13.2). Pode-se ter qualquer dom, inclusive o pastoral, mas sem amor, ele nada vale. Falando acerca das características do amor, Paulo disse, no versículo 5: “não se porta inconvenientemente, não busca os seus próprios interesses”. A ideia é que a pessoa que ama não envergonha os outros. Era uma questão de amor que as mulheres de Corinto não envergonhassem socialmente os homens, cultuando com a cabeça descoberta. Mas, era igualmente importante, que os homens amassem as mulheres de sua comunidade, não buscando apenas os interesses masculinos, mas também os delas.

No capítulo 14.1-25, de 1 Coríntios, Paulo demonstrou que o dom de profetizar (trazer uma mensagem de Deus compreensível e racional) é superior ao dom de línguas (trazer uma mensagem de Deus de forma incompreensível). Quando falou da profecia, ele disse: “mas o

que profetiza fala aos homens para edificação, exortação e consolação” (v. 3). Profetizar, entre outras coisas, era uma forma de ensino. Nos versículos 23 e 24 de 1 Coríntios, ele disse: “se, pois, *toda a igreja* se reunir num mesmo lugar, e *todos* falarem em línguas, e entrarem indoutos e incrédulos, não dirão porventura que estais loucos? Mas se *todos profetizarem*, e algum incrédulo ou indouto entrar, *por todos* é convencido e *por todos* é julgado” (grifo nosso). Observa-se que toda a igreja pode profetizar, o que significa homens e mulheres.

No texto de 1 Coríntios 14.2-40, Paulo orientou como deveria ser um culto público. Há vários princípios elencados: o culto deve ser variado e com a participação de todos; tudo deve ser feito para edificação; deve ser dinâmico e com ordem e decência. Os versículos 33b a 35 parecem restringir às mulheres o direito de falar e ensinar na igreja, pois nestes está escrito:

Como em todas as igrejas dos santos, as mulheres estejam caladas nas igrejas; porque não lhes é permitido falar; mas estejam submissas como também ordena a lei. E, se querem aprender alguma coisa, perguntem em casa a seus próprios maridos; porque é indecoroso para a mulher o falar na igreja (1Co 14.33b-35).

Há três ordens nestes versículos, todas dirigidas às mulheres: “silenciai”, “subordinem-se” (voz reflexiva) e “perguntai”. Numa primeira leitura, Paulo ordenou que, nos cultos públicos, a mulher ficasse em silêncio e não falasse nada. O aprendizado delas, quando houvesse dúvidas, seria feito em casa perguntando a seus maridos. Como interpretar este texto, se nos textos anteriores de 1 Coríntios 11-14, ele deu liberdade às mulheres de orar e profetizar em público e de participar ativamente no culto? Segundo Mickelsen<sup>12</sup>, há duas possibilidades: a primeira seria uma orientação paulina para que as mulheres deixassem de fazer perguntas a seus maridos no culto, e a segunda ou Paulo fizesse menção de um ensino dos judaizantes para que as mulheres ficassem em silêncio nos cultos. Quando Paulo fala de lei, não há nada sobre isto no Antigo Testamento. Então, de que lei se trata? Mickelsen levanta várias hipóteses, mas diz que não temos condições de saber porque pouco conhecemos daquela época, mas termina dizendo que estes versículos não podem anular tudo que Paulo falou sobre o valor do ministério feminino, tanto nesta carta quanto na menção a Priscila, Febe e outras colaboradoras de seu ministério. Foh<sup>13</sup>, analisando este texto, diz que o verbo usado junto com “silêncio” nesta passagem tem a conotação de ausência de fala, mas não de silêncio absoluto. Quando em 1 Coríntios 14.28-30, ele fala em ficar em silêncio, fica claro que o crente pode fazer outras coisas no culto como cantar ou orar. O texto de 1 Coríntios 14.34 diz que a lei ordena às mulheres a submissão e não proíbe o uso do dom de profetizar. Mesmo assim, o verbo do v. 34 é reflexivo, o que significa que a decisão parte da mulher no sentido de estar subordinada. Conforme os costumes culturais da época, não era permitido que as mulheres fizessem perguntas ou falassem em estudos acadêmicos.

Como visto acima, estudiosos divergem sobre a interpretação do texto, mas não afirmam que o silêncio da mulher é absoluto, como parece ser a orientação do texto à primeira

<sup>12</sup> MICKELSEN, 1996, p. 242-243.

<sup>13</sup> FOH, Susan T. “Um ponto de vista da liderança masculina: o cabeça da mulher é o homem” in: CLOUSE, Robert G.; CLOUSE, Bonnidell (org.). **Mulheres no ministério**. São Paulo: Mundo Cristão, 1996, p. 101-102.

vista. Culver<sup>14</sup>, que advoga a ideia conservadora de que a mulher deve permanecer em silêncio na igreja, interpreta este texto assim: “parece que a ideia é no que concerne ao ato de *ensino público* na igreja, as mulheres deveriam estar em silêncio” (grifo do autor). Outra observação é que o “silêncio” da mulher sempre é acompanhado de explicações possíveis sobre o que acontecia na época em que o texto foi escrito, quer seja intérprete conservador, quer seja igualitário.

Outro problema na interpretação destes textos é se o culto e sua liturgia no primeiro século eram exatamente iguais aos cultos atuais com uma liderança e liturgias formais. Ridderbos<sup>15</sup> afirma acerca dos cultos públicos citados por Paulo que não temos informações suficientes para determinar se e até que ponto estas reuniões estavam sob a orientação específica de pessoas designadas para este propósito. Ele afirma que tanto em 1 Coríntios 11.17ss como no capítulo 14, fica claro que não há uma ordem fixa nos cultos e que parece haver uma escassez de liderança. Daí Paulo dizer que Deus não é de confusão (v. 33). O que fica claro é que Paulo fala a toda a igreja e não apenas a alguns, que as reuniões não são reuniões hierárquicas, mas têm um caráter plenamente congregacional.

Nas discussões atuais sobre os textos paulinos, há uma tendência de transportar a hierarquia e a liturgia dos cultos atuais para interpretar os cultos do I século. Aqueles eram cultos bastante informais, realizados nas casas de pessoas da comunidade, e contando com a participação de muitos como se infere de 1 Coríntios 14.26. Os cultos tinham a participação ativa de mulheres, inclusive na oração e profecia (1Co 11.5).

Na questão da participação da mulher no culto, percebe-se em 1 Coríntios 11-14 que elas participam de forma ativa. Paulo não tolhe essa participação, mas diz que, mesmo no culto, as mulheres devem seguir as regras culturais, como o uso do véu, por exemplo. Mas há outro texto no qual ele também se encontra orientando acerca da participação feminina no culto e isso se encontra em 1 Timóteo 2.8-15.

### **3. O ENSINO SOBRE A NOVA VIDA EM CRISTO EM 1 TIMÓTEO 2.8-15**

Outro texto bastante controvertido sobre o assunto é 1 Timóteo 2.8-15. A primeira carta de Paulo a Timóteo tem como objetivo orientar o jovem pastor na sua tarefa de organizar a igreja. Uma das razões de preocupação de Paulo era em relação aos falsos ensinamentos que grassavam em Éfeso nesta época: “Como te roguei, quando partia para a Macedônia, que ficasse em Éfeso, para advertires a alguns que não ensinassem doutrina diversa” (1.3). Éfeso era uma cidade caracterizada pelo templo à deusa Diana (Ártemis) e onde Paulo passou por grande perigo de vida ao pregar o evangelho (At 19.23-41). A adoração dessa deusa envolvia a prostituição cultural.

É nesse ambiente de heresias e promiscuidade que é preciso entender o texto de 1 Timóteo 2.8-15. No versículo 8, deste texto, Paulo demonstrou seu desejo de que os homens em todo lugar levantassem mãos santas, sem ira e nem contenda. O que caracteriza o homem

<sup>14</sup> CULVER, Robert D. “Um ponto de vista tradicional: que as mulheres fiquem em silêncio” in: CLOUSE, Robert G.; CLOUSE, Bonnidell (org.). **Mulheres no ministério**. São Paulo: Mundo Cristão, 1996, p. 38.

<sup>15</sup> RIDDERBOS, Herman. **A Teologia do apóstolo Paulo**. 2.ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2014, p. 534.

cristão não é a dominação, mas a plena vivência de uma santidade prática que busca Deus e sua vontade e não discussões humanas carregadas de ira. “A preocupação de Paulo para com homens e mulheres não se focaliza nos aspectos externos, mas na condição do coração que causa os sinais externos”.<sup>16</sup>

Dos versos 9-15, do texto em análise, o apóstolo fala às mulheres. No verso 9, ele começou com a expressão “do mesmo modo”. Isso significa que o objetivo do ensino que foi dado ao homem, agora é dado à mulher: uma vida de santidade prática. Nos versos 9 e 10, ele fez um contraste entre a exterioridade e a interioridade da mulher:

quero, do mesmo modo, que as mulheres se ataviem com traje decoroso, com modéstia e sobriedade, não com tranças ou com ouro, ou pérolas ou vestidos custosos, mas (como convém a mulheres que fazem profissão de servir a Deus) com boas obras.

Os cabelos trançados, ouro, pérolas e roupas caras faziam parte tanto das mulheres da alta sociedade como também das prostitutas, inclusive as cultuais. Mickelsen<sup>17</sup> fala o seguinte deste contexto:

a maior parte das mulheres gregas casadas usava uma *catastola*, um roupão que descia até os pés, preso por um cinto. Um traje  *muito* modesto. A respeito de quem Paulo estava escrevendo? Aqui devemos levar em consideração o contexto histórico e cultural, bem como o contexto literário. Em Éfeso, com seu templo enorme erguido à deusa Artemis, havia centenas de sacerdotisas sagradas que provavelmente também serviam como prostitutas cultuais. Também havia centenas de *hetaerae*, mulheres gregas mais educadas, acompanhantes regulares e com frequência parceiras sexuais extramaritais de homens gregos das classes superiores. É possível que algumas dessas mulheres se tenham convertido e estivessem usando suas roupas caras, indecorosas na igreja. Visto que as *hetaerae* com frequência eram professoras respeitáveis de homens na Grécia (muitas delas são mencionadas na literatura grega), com toda probabilidade estavam tornando-se professoras depois de ingressar na igreja. Aparentemente, a falta de castidade e modéstia era um problema real entre algumas mulheres da igreja de Éfeso, pois Paulo menciona duas vezes nesta seção (1Tm 2.9,15) ser necessária a castidade (no grego, *sophrosyne*).

O pedido de Paulo foi que as mulheres cristãs fossem diferentes delas. Em primeiro lugar, não dando tanto valor ao que é externo embora declare que as suas vestimentas devem ser bem arrumadas e caracterizadas pelo decoro social e autocontrole. Este comportamento acerca do vestuário é conveniente para mulheres piedosas (tementes a Deus). Mas, acima de tudo, o que deve caracterizá-las socialmente é a prática de todo tipo de boas obras. A preocupação delas deve ser fazer o bem às pessoas.

Neste contexto, poderia ocorrer que as mulheres assumissem a liderança e o ensino da igreja cristã. Preocupado com o sistema de sua época, que é patriarcal, Paulo continuou sua orientação no versículo 11, a saber: “a mulher aprenda em silêncio com toda a submissão”. Aqui há um aspecto positivo e um problema de tradução. O aspecto positivo é que a mulher

<sup>16</sup> FOH, 1996, p. 96.

<sup>17</sup> MICKELSEN, 1996, p. 246.

cristã pode “aprender”. O que era negado em outras religiões da época, nas quais as mulheres eram usadas como objetos ou completamente ignoradas. Já no cristianismo valorizava-se a mulher como pessoa que pode aprender e crescer intelectualmente. Aprender não é só para os homens, é para todos. O problema de tradução encontra-se na palavra traduzida como “silêncio”. No texto grego, “*esukia*” pode significar “silêncio”, mas o melhor sentido é tranquilidade, calma: “a palavra expressa a tranquilidade em geral”.<sup>18</sup> A mulher deveria aprender, não em silêncio, mas com tranquilidade, ou seja, com toda a submissão. Não cabia a ela, pelo seu comportamento, usar a igreja para fazer a mudança de sua sociedade patriarcal. Até porque Paulo sabia que este comportamento traria enorme prejuízo para a igreja na sua tarefa de evangelizar o mundo de então.

Continuando em sua orientação, Paulo fez duas restrições às mulheres no versículo 12, a saber: “pois não permito que a mulher ensine, nem tenha domínio sobre o homem, mas que esteja em silêncio”. A primeira restrição é que ele não permitia que a mulher ensinasse. A segunda restrição é que a mulher não poderia dominar o homem. O verbo normal da língua grega para exercer autoridade é “*exousiazō*”. Aqui Paulo não usou esta palavra, mas o verbo “*authentēō*”. Este verbo é usado somente aqui em todo o Novo Testamento. É traduzido como “exercer autoridade, dominar, ser um autocrata, ser dominador”.<sup>19</sup> “Essencialmente, *authentēō* significa ‘atirar-se’ e em geral tem um sentido negativo [...] outro conceito primitivo era ‘originar’ algo ou ‘ser responsável’ por alguma coisa”<sup>20</sup>. Por que Paulo usou uma palavra tão diferente ao invés de usar a palavra comum para o exercício da autoridade? O restante da frase, ao invés de “mas que esteja em silêncio” poderia ser “mas ser (viver) em tranquilidade”, pois trata-se da mesma palavra “*esukia*” do versículo anterior. As duas restrições: não ensinar e não comandar homens são típicas de sua sociedade.

Para dar base escriturística para as duas restrições impostas à mulher, o apóstolo citou o exemplo de Adão e Eva. Os versículos 13-14, do referido texto, dizem assim: “porque primeiro foi formado Adão, depois Eva. E Adão não foi enganado, mas a mulher, sendo enganada, caiu em transgressão”. As razões para que a mulher não ensine e nem domine sobre homens vem de dois exemplos históricos: 1º) Adão foi formado primeiro e depois Eva, que veio dele; 2º) Adão não foi enganado, mas Eva foi e bem enganada, tornando-se transgressora das ordens de Deus. Estes exemplos bastam para justificar que, em sua cultura, a mulher submetesse-se ao homem.

Paulo poderia ter terminado sua argumentação no versículo 14 e seu objetivo teria sido atingido. No entanto, ele escreveu o versículo 15 com um sentido aparentemente enigmático: “salvar-se-á, todavia, dando à luz filhos, se permanecer com sobriedade na fé, no amor e na santificação”. Obviamente, esta salvação do versículo 15 não é um ensino geral porque se assim fosse, mulheres que não gerassem filhos não poderiam ser salvas e, além disso, a salvação seria pelas obras. A salvação do versículo 15 está descrita deste modo para se

<sup>18</sup> RIENECKER, Fritz; ROGERS, Cleon. **Chave linguística do Novo Testamento grego**. Vida Nova: São Paulo, 1985, p. 460.

<sup>19</sup> RIENECKER; ROGERS, 1985, p. 460.

<sup>20</sup> MICKELSEN, 1996, p. 247.



contrapor aos versículos 13 e 14. Em 1 Coríntios 11.2-10, quando também falou da submissão social da mulher ao homem, Paulo “compensou” esta situação da mulher escrevendo os versículos 11 e 12, nos quais dizia que “no Senhor, nem a mulher é independente do homem, nem o homem independente da mulher; pois assim como a mulher veio do homem, assim também o homem nasce da mulher, mas tudo vem de Deus”. Outro exemplo do apóstolo fazendo esta “compensação” encontra-se em 1 Coríntios 7.1-6, quando ele falou das relações sexuais no casamento. No versículo 1, ele falou “bom seria que o homem não tocasse em mulher”, olhando do ponto de vista masculino. Quando se esperava que ele falaria da dominação masculina também nas relações sexuais, ele escreveu o versículo 4: “a mulher não tem autoridade sobre o seu próprio corpo, mas sim o marido; e também da mesma sorte, o marido não tem autoridade sobre o seu próprio corpo, mas sim a mulher”. Paulo fez o mesmo tipo de “compensação” aqui. O versículo 15 é um contraponto aos versículos 13-14. As razões da mulher ser subordinada na sociedade e, conseqüentemente, na igreja, têm como primeiro argumento que Eva foi formada de Adão (v. 13). O contraponto é que a mulher gera filhos, dentre os quais homens. Eles vêm delas. O segundo argumento é que Eva foi enganada; a resposta no versículo 15 é que o engano se desfaz quando a mulher, na salvação de Jesus Cristo, permanece na fé, no amor e na santificação (todas estas são qualidades necessárias na salvação) e tudo isto com sobriedade (grego: *sofrosyne*) que “significa basicamente o autodomínio nos desejos físicos [...] é aquele autocontrole interior habitual, com seu domínio constante sobre todas as paixões e desejos”.<sup>21</sup> Uma mulher que vive a salvação com fé, amor e santificação, controlando seus desejos e paixões é o exato contrário de uma Eva enganada. O ensino aqui é que a nova vida em Cristo, a salvação do versículo 15, concede à mulher um lugar reabilitado que havia perdido na queda e pela qual sofre a consequência de subordinar-se na sociedade. A salvação de Jesus devolve-lhe a mesma igualdade com o homem e, neste âmbito (a Igreja), não existe mais a superioridade masculina e nem a subordinação da mulher, pois “em Cristo Jesus, não há homem nem mulher”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O apóstolo Paulo é o grande formulador teológico do Novo Testamento. Numa visão tradicional ele escreveu treze cartas. Através desses escritos é possível entender muito do pensamento cristão, pois encontra-se neles a base da fé. No entanto, Paulo não escreveu tratados de teologia. Ele simplesmente escreveu a igrejas e pessoas tão somente para orientar acerca de problemas que eles estavam enfrentando. Ele construiu sua teologia a partir de problemas práticos e dá respostas aos problemas em seu tempo e sua época, mas também formula, além da doutrina, princípios teológicos que valerão para todo tempo e época.

O apóstolo Paulo formulou princípios gerais e universais que nivelaram homem e mulher na nova ordem de salvação criada por Jesus e vivenciada na Igreja. Nesta nova ordem, todos os dons são dados pelo Espírito Santo a todos os crentes, independente do gênero. Em alguns assuntos, ele teve que adaptar estes princípios às condições culturais de sua época, como por

<sup>21</sup> RIENECKER; ROGERS, 1985, p. 460.



exemplo, a monogamia/poligamia, a escravidão e a liderança feminina na igreja. Neste sentido, Paulo tanto reafirmou a prática cultural de sua época quanto deu margem para uma mudança de postura em virtude da mudança de cultura, rumo aos princípios gerais e universais expostos em outros textos.

A investigação nos escritos e teologia do apóstolo Paulo acerca da possibilidade do ministério feminino, tanto na igreja quanto na sociedade, apontou caminhos para desvendar seu pensamento. Há três textos relevantes nos escritos paulinos: Gálatas 3.26-29, 1 Coríntios 11-14 e 1 Timóteo 2.8-15. No primeiro texto (Gl 3.26-29), Paulo expressou um princípio bíblico extremamente importante que ultrapassa a área da soteriologia: “em Cristo Jesus, não há homem nem mulher”. Este é um princípio que, pelo seu valor, regerá as demais orientações. Nos outros textos (1Co 11-14 e 1Tm 2.8-15), ele restringiu a atuação das mulheres na igreja, em especial na área da liderança pastoral. Ele assim o faz com base no respeito à cultura da época que era fortemente patriarcal. Mas, mesmo nestes textos, ele compensou a situação subordinada da mulher, lembrando acerca dos princípios e posição dos que estão “em Cristo”.

Por fim, os princípios superiores da teologia paulina levam ao entendimento de que a mudança da cultura da sociedade leva a uma nova postura da Igreja. Se, no primeiro século, era vergonhoso para a mulher falar em público e liderar homens, tal vergonha não existe mais. Pelo contrário, hoje é vergonhoso proibir a mulher de fazer tais coisas. Continuam de pé os princípios paulinos de que não se deve colocar “pedras de tropeço culturais” para que as pessoas venham a Cristo e que nele “não há homem, nem mulher”.

A cultura brasileira atual, seguindo uma tendência do Ocidente, valoriza a mulher dentro da sociedade através de suas leis. Obviamente, por causas históricas, falta ainda uma conscientização de toda sociedade, especialmente dos homens, a fim de que haja uma plena igualdade de direito e de práxis. O que causa tristeza em muitos cristãos é que a Igreja que segue Jesus, ao invés de liderar este movimento em favor da plena igualdade de direitos entre homens e mulheres, permanece, em grande parte, atrelada ao patriarcalismo cultural e usando as próprias Escrituras para subordinar eternamente a mulher ao homem. Que a voz do apóstolo Paulo ecoe nos ouvidos da Igreja dizendo: “Não há judeu nem grego; não há escravo nem livre; não há homem nem mulher; porque todos vós sois um em Cristo Jesus”. Isto é eterno.

## REFERÊNCIAS

BÍBLIA. Português. **A Bíblia Sagrada – Velho Testamento e Novo Testamento**. João Ferreira de Almeida. Versão Revisada. Rio de Janeiro: Imprensa Bíblica Brasileira, 1988.

CULVER, Robert D. “Um ponto de vista tradicional: que as mulheres fiquem em silêncio” in: CLOUSE, Robert G.; CLOUSE, Bonnidell (org.). **Mulheres no ministério**. São Paulo: Mundo Cristão, 1996.

**DICIONÁRIO INTERNACIONAL DE TEOLOGIA DO NOVO TESTAMENTO**. São Paulo: Vida Nova, 1983. 4 vols.

FOH, Susan T. “Um ponto de vista da liderança masculina: o cabeça da mulher é o homem” in: CLOUSE, Robert G.; CLOUSE, Bonnidell (org.). **Mulheres no ministério**. São Paulo: Mundo Cristão, 1996.

LIEFELD, Walter L. “Um ponto de vista do ministério diversificado: vossos filhos e vossas filhas profetizarão” in: CLOUSE, Robert G; CLOUSE, Bonnidell (org.). **Mulheres no ministério**. São Paulo: Mundo Cristão, 1996.

LOPES, Augustus Nicodemus. **Ordenação feminina**: o que o Novo Testamento tem a dizer. **Sola Scriptura**. Disponível em <http://solascriptura-tt.org/EclesiologiaEBatista/OrdenacaoFeminina-Nicodemus.htm>. Acesso em: 06 jun. 2015.

MATOS, Keyla Carvalho. **Protagonismo e resistência de mulheres no discurso de Paulo em 1 Coríntios 11 e 14**. Goiânia, 2004. 179 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2004.

MICKELSEN, Alvera. “Um ponto de vista igualitário: não há homem nem mulher em Cristo” in: CLOUSE, Robert G.; CLOUSE, Bonnidell (org.). **Mulheres no ministério**. São Paulo: Mundo Cristão, 1996.

RIDDERBOS, Herman. **A Teologia do apóstolo Paulo**. 2.ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2014.

RIENECKER, Fritz e ROGERS, Cleon. **Chave linguística do Novo Testamento grego**. Vida Nova: São Paulo, 1985.

SILVA, Roberta Alexandrina da. O problema do *1 Coríntios* 11,1-6 e a questão de gênero na igreja de Corinto. **Romanitas – Revista de Estudo Grecolatinos**, Vitória/ES, n. 1, p. 13-22, 2013.

# Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878



Ensaio Teológico está licenciada com uma Licença Creative Commons  
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

## EPÍSTOLA AOS ROMANOS: AUXÍLIOS PARA A IGREJA – NOÇÕES INTRODUTÓRIAS

Epistle to the Romans: support for the church - introductory notions

Flaviano Nogueira Siedeliske<sup>1</sup>

### RESUMO

O presente artigo apresentou um roteiro de pesquisa e análise a respeito da Epístola aos Romanos. Ao longo da pesquisa, foram trabalhadas questões como autoria, datação e destinatários da carta, além de uma breve análise arqueológica que contribuiu para seu estudo. O objetivo do trabalho foi fornecer algumas bases para a igreja interpretar a Epístola aos Romanos, além de apresentar um modelo de análise que pode ser usado nas demais epístolas do Novo Testamento. Dentre os resultados obtidos destacam-se: 1) a afirmação da autoria paulina; 2) a datação da segunda metade da década de 50 d.C. para sua escrita e 3) a composição tanto judaica quanto gentílica de seus destinatários.

**Palavras-chave:** Romanos. Paulo. Introdução. Interpretação.

### ABSTRACT

This article presents a script for research and analysis on the Epistle to the Romans. Throughout the research, topics such as authorship, dating and recipients were studied, as well as a brief archaeological analysis that contributed to the study. The purpose of this study was to provide some bases for the Church to interpret the Epistle to the Romans, in addition to presenting a model of analysis to be used in the other New Testament epistles. Among the results obtained, the following stand out: 1) the affirmation of Pauline authorship; 2) the dating of the writing in the second half of the 50s A.D.; and 3) the both Jewish and Gentile composition of the recipients.

<sup>1</sup> Graduando em Teologia pela Faculdade Batista do Paraná (FABAPAR); Pós-Graduado em Teologia e Interpretação Bíblica pela Faculdade Batista do Paraná (FABAPAR); Licenciado em Letras pelas Faculdades Integradas Santa Cruz de Curitiba (FADESC); E-mail: [Flavianosiedeliske@gmail.com](mailto:Flavianosiedeliske@gmail.com).

**Keywords:** Romans. Paul. Introduction. Interpretation.

## INTRODUÇÃO

A Epístola aos Romanos é uma das maiores obras literárias da história, por isso é uma das mais estudadas em diversas áreas do conhecimento – teologia, história, direito – e uma das mais apreciadas pelos líderes religiosos para a elaboração de estudos e sermões.

Todavia, como não se pode interpretar Romanos sem algumas noções preliminares da obra, este trabalho tem como objetivo desenvolver um roteiro de pesquisa sobre questões como *autoria, data e época e destinatários* da epístola; para tanto ajudar a Igreja na interpretação de Romanos, como para fornecer uma espécie de modelo para ser usado na análise de outras epístolas do Novo Testamento.

A justificativa para a escolha de Romanos para a elaboração desse roteiro de análise se dá pela importância de seu autor e de seu conteúdo. Paulo, tido como autor da epístola, foi “o maior evangelista, o maior teólogo, o maior missionário e o maior plantador de igrejas de toda a história do cristianismo”<sup>2</sup>; o apóstolo ainda foi o maior líder e o maior mestre do cristianismo depois do próprio Jesus.<sup>3</sup> A importância de Romanos também é destacada, pois, juntamente com Gálatas e 1 e 2 Coríntios, está entre os chamados “escritos principais” do apóstolo Paulo<sup>4</sup>, ou as “epístolas maiúsculas”<sup>5</sup>, ou, ainda, as “grandes cartas evangélicas”<sup>6</sup>; sendo ela a mais longa, mais teologicamente significativa e mais sistemática das epístolas de Paulo<sup>7</sup>, constituindo os “mais profundos tesouros da Escritura”.<sup>8</sup> Ou seja, a importância tanto da obra quanto do autor é tanta que se torna impossível descrever em poucas palavras.

Dessa maneira, os resultados obtidos com a pesquisa poderão ser diversos, desde a afirmação da autoria paulina até a apresentação de evidências arqueológicas que contribuem para o estudo da epístola. Todavia, buscar-se-á dar início a uma formulação de roteiro de pesquisa para o auxílio do intérprete bíblico, seja ele do meio acadêmico ou eclesiástico.

### 1. QUESTÕES REFERENTES A AUTORIA DE ROMANOS

Investigar a autoria de uma epístola é essencial para sua interpretação, pois a verificação da vida, as experiências, o estilo e a teologia do autor podem ajudar enormemente o intérprete do texto. Assim, essa seção se destina a apresentar quem é o autor de Romanos, as provas e os questionamentos dessa autoria, sua cidade natal, profissão, características, sua experiência de conversão e os outros livros que o mencionam ou foram escritos por ele.

<sup>2</sup> LOPES, Hernandes Dias. **Paulo, o maior líder do cristianismo**. São Paulo: Hagnos, 2009, p. 9.

<sup>3</sup> BLOMBERG, Craig L. **Introdução de Atos a Apocalipse**: uma pesquisa abrangente de Pentecostes a Patmos. São Paulo: Vida Nova, 2019, p. 123; GARDNER, Paul. “Paulo”, In: GARDNER, Paul. **Quem é quem na Bíblia Sagrada**. São Paulo: Vida, 2005, p. 522.

<sup>4</sup> POHL, Adolf. **Carta aos Romanos**: comentário Esperança. Curitiba: Esperança, 1999, p. 17.

<sup>5</sup> BRUCE, F. F. **Paulo o apóstolo da graça**: sua vida, cartas e teologia. São Paulo: Shedd, 2003, p. 12.

<sup>6</sup> CARSON, D. A. “Lendo as cartas”, In: CARSON, D. A. [et al.]. **Comentário bíblico**: Vida Nova. São Paulo: Vida Nova, 2009, p. 1671.

<sup>7</sup> CARSON, D. A.; MOO, Douglas J.; MORRIS, Leon. **Introdução ao Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1997, p. 267; PATE, C. Marvin. **Romanos**. São Paulo: Vida Nova, 2015, p. 6.

<sup>8</sup> CALVINO, João. **Romanos**. São José dos Campos: Fiel, 2014, p. 31.

### 1.1. Informações e características do autor

A própria epístola denuncia quem é seu autor quando o mesmo se apresenta como “Paulo, servo de Jesus Cristo” (Rm 1.1).<sup>9</sup> A afirmação da autoria paulina também possui evidências externas à Bíblia, sendo Marcion “o primeiro escritor conhecido a reconhecer a autoria paulina de Romanos”.<sup>10</sup> Desde então, como explicam Carson, Moo e Morris, a autoria de Romanos por parte de Paulo não tem sido contestada seriamente<sup>11</sup>, e as poucas contestações serão trabalhadas adiante.

Paulo é um personagem ímpar na história do cristianismo. Sua importância rendeu-lhe, para alguns, o título de “o segundo fundador do cristianismo”.<sup>12</sup> Nascido por volta do ano 10 d.C.<sup>13</sup> na cidade de Tarso, Gundry explica que ele possuiria um *praenomen* (primeiro nome), um *nomen gentile* (nome do meio) e um *cognomen* (cognome sobrenome), sendo que só o último (*Paullus*) é informado nas Escrituras.<sup>14</sup> A escolha de seu cognome pode ser por causa de seu nome judaico, Saulo (*Sha’ul*), escrito, no Novo Testamento, como *Saoul* ou *Saulos*<sup>15</sup>, esse último pode ter sido escolhido por causa de Saul, o primeiro rei de Israel e o personagem benjamita de maior destaque, sendo essa a tribo de Paulo.<sup>16</sup>

Paulo afirma que nasceu na cidade de Tarso (At 21.39; 22.3), atual sul da Turquia<sup>17</sup>, na época capital da província romana da Síria-Cilícia e considerada a principal cidade daquela região desde o segundo milênio a.C.<sup>18</sup> Além da prosperidade e da isenção da tributação romana, Tarso era uma cidade culta, havendo em seus territórios escolas de retórica e filosofia estoica, além de uma grande universidade.<sup>19</sup> Bruce demonstra que Tarso possuía, também, certa importância histórica, pelos seguintes motivos: 1) foi salva de um incêndio por Alexandre, o Grande, em 333 a.C.; 2) adotou o nome de Juliópolis em 47 a.C., devido uma visita de Julio César e 3) celebrou o encontro de Antônio e Cleópatra em 41 a.C.<sup>20</sup> Destaca-se, também, sua economia e comércio, pois a cidade produzia um material conhecido como *cilicium*, utilizado na fabricação de tendas e produtos têxteis.<sup>21</sup>

<sup>9</sup> Todas as citações bíblicas seguirão a tradução ARA – Almeida Revista e Atualizada.

<sup>10</sup> LOPES, Hernandes Dias. **Romanos**: o evangelho segundo Paulo. São Paulo: Hagnos, 2010, p. 17.

<sup>11</sup> CARSON; MOO; MORRIS, 1997, p. 17.

<sup>12</sup> CARSON; MOO; MORRIS, 1997, p. 241. Craig Blomberg (2019, p. 123) comenta que, dentre alguns cétricos, Paulo tem sido reconhecido não como o segundo fundador do cristianismo, mas sim como seu verdadeiro fundador. Leandro Karnal, em harmonia ao pensamento de Paul Johnson, argumenta que Paulo é o fundador do cristianismo porque seus escritos são anteriores aos evangelhos (KARNAL, Leandro. **Todos contra todos**: o ódio nosso de cada dia. Rio de Janeiro: LeYa, 2017, p. 81-82).

<sup>13</sup> Blomberg (2019, p. 123) chega a essa conclusão devido o uso da palavra *neanios* (jovem) em Atos 7.58. Segundo o autor, tal palavra designava alguém entre 18 e 22 anos, então, como Estevão foi apedrejado entre 30 e 32 d.C., Paulo deve ter nascido por volta do ano indicado.

<sup>14</sup> GUNDRY, Robert Horton. **Panorama do Novo Testamento**. 3.ed. atual. e ampl. São Paulo: Vida Nova, 2008, p. 386.

<sup>15</sup> BRUCE, 2003, p. 34.

<sup>16</sup> BRUCE, 2003, p. 37.

<sup>17</sup> GARDNER, 2005, p. 506.

<sup>18</sup> CARSON; MOO; MORRIS, 1997, p. 242; BRUCE, 2003, p. 28.

<sup>19</sup> BLOMBERG, 2019, p. 123.

<sup>20</sup> BRUCE, 2003, p. 28-29.

<sup>21</sup> CARSON; MOO; MORRIS, 1997, p. 242; BRUCE, 2003, p. 30.

Provavelmente é devido à produção do *cilicium* em sua cidade natal que Paulo seguiu a profissão de *skenopoios*, ou seja, “fazedor de tendas”, como informado por Lucas no texto bíblico de Atos 18.3. Profissão essa que desenvolvia mesmo quando envolvido com suas viagens missionárias e seu ministério (1Co 4.12; 2Ts 3.8).

Lopes elenca sete principais características do apóstolo Paulo, a saber<sup>22</sup>: 1) sua origem judaica (At 22.3; Fp 3.4-5); 2) sua fé judaica (Gl 1.14; Fp 3.5); 3) sua instrução por Gamaliel (At 22.3); 4) sua cultura secular (At 17.28, 26.24; Tt 1.12; 2Pe 3.15-16); 5) seu farisaísmo (At 26.5; Gl 1.14; Fp 3.5-6); 6) sua membresia no sinédrio (At 23.6); e, 7) sua cidadania romana (At 16.35-40; 22.25-28). Das características elencadas acima, destacam-se três: seu farisaísmo, sua instrução por Gamaliel e sua cidadania romana.

Como “hebreu de hebreus” (Fp 3.5), Paulo seguia com zelo a fé judaica, sendo membro de sua seita mais severa, a dos fariseus. Tal zelo resultou em inúmeras perseguições por parte do mesmo aos primeiros cristãos, como relatado em Atos 8.3, 1 Coríntios 15.9 e Filipenses 3.6. Também devido seu farisaísmo, Paulo é instruído por Gamaliel (At 5.34), um respeitado mestre judeu conhecido por “o Ancião” e neto de Hillel, que fundou uma ramificação do farisaísmo.<sup>23</sup> Por fim, sobre sua cidadania romana, Bruce presume que algum ascendente de sua família pode ter prestado serviços ao Império Romano.<sup>24</sup>

A conversão de Paulo ao cristianismo certamente foi uma das mais – senão a mais – importantes da história do cristianismo. A conhecida história de sua viagem para Damasco e seu encontro com Cristo é relatada em Atos 9.3-6; 22.6.12 e 26.12-15. A tradição aponta que é nesse episódio que ocorreu a conversão de Paulo ao cristianismo, e essa posição é defendida por autores como Lopes<sup>25</sup> e Gardner.<sup>26</sup> Todavia, não são todos os estudiosos que compartilham dessa ideia. Blomberg, por exemplo, afirma que, com praticamente toda certeza, Paulo não mudou de religião na estrada de Damasco. O autor sugere que, devido sua mudança de crenças, comportamento e pertencimento de grupo, o até então Saulo apenas migrou do judaísmo farisaico para o judaísmo messiânico. Blomberg comenta, ainda, que o encontro de Paulo com Cristo não resultou na conversão do primeiro, mas num chamado para sua missão.<sup>27</sup>

Autores como Bruce e Pate entendem que houve, nesse episódio, uma mescla das duas posições: no seu encontro com Cristo em Damasco ocorreu a conversão de Paulo, que não pode ser separada de seu chamado para a missão.<sup>28</sup> O foco dessa pesquisa não é apresentar um estudo exaustivo desse tema, todavia, é interessante notar as diferentes posições a respeito de um dos momentos mais importantes para a história cristã.

<sup>22</sup> LOPES, 2009, p. 11-15.

<sup>23</sup> GARDNER, Paul. “Gamaliel”, In: GARDNER, Paul. **Quem é quem na Bíblia Sagrada**. São Paulo: Vida, 2005, p. 236.

<sup>24</sup> BRUCE, 2003, p. 33.

<sup>25</sup> LOPES, 2009, p. 27. O autor apresenta três evidências da conversão de Paulo no relato da estrada de Damasco (p. 32): 1) primeiramente, pela vida de oração iniciada naquele momento (At 9.10-11); 2) seguida pelo recebimento do Espírito Santo (v. 17); e, finalmente, 3) pelo recebimento do batismo (v. 18).

<sup>26</sup> GARDNER, 2005, p. 508.

<sup>27</sup> BLOMBERG, 2019, p. 128, 129.

<sup>28</sup> BRUCE, 2003, p. 72; PATE, 2015, p. 2.

## 1.2. Evidências internas e externas da autoria paulina

Quando se fala em “evidências internas”, busca-se encontrar fundamento para a defesa da hipótese de que Paulo é o autor de Romanos dentro da própria Bíblia. A primeira prova já foi comentada acima, em que o próprio autor de apresenta em Romanos 1.1. Keener comenta, ainda, que em Romanos, Gálatas, 1 e 2 Coríntios, Filipenses, 1 Tessalonicenses e Filemon raramente é contestada a autoria paulina, principalmente por questões de temática e estilo.<sup>29</sup>

Já as “evidências externas” são extra-bíblicas, como no caso de Marcion, que já reconhecia Paulo como autor de Romanos. Nicodemus afirma que no segundo século d.C. a Epístola aos Romanos já era citada e usada pelos pais da igreja que lhe atribuíam a autoria paulina.<sup>30</sup> Como exemplo disso tem-se Clemente de Roma (1Clemente 32.2, 35.5, 50.6), Inácio de Antioquia (Carta aos Efésios 19.3) e Policarpo de Esmirna (Carta aos Filipenses, capítulo 6).

## 1.3. Os questionamentos da autoria paulina e menção em outros escritos

Os quase inexistentes questionamentos da autoria paulina de Romanos se concentram basicamente no capítulo 16, devido às inúmeras menções de pessoas que Paulo faz nesse trecho da epístola.<sup>31</sup> Posteriormente, será demonstrado que Paulo nunca esteve na igreja de Roma, dessa maneira, alguns encontram dificuldade no fato dele conhecer tantas pessoas daquela igreja, e teorizam que, talvez, esse trecho não tenha sido escrito pelo apóstolo.

Todavia, esse fato pode ser facilmente explicado tendo em vista que a fama de Paulo e suas relações claramente ultrapassaram as fronteiras geográficas da época, além de que o apóstolo poderia desejar enfatizar o conhecimento que já possuía dos membros daquela igreja, para assim fortalecer seu relacionamento.<sup>32</sup> Dessa maneira, não há razões para afirmar que Paulo não escreveu o último capítulo de Romanos, excetuando, obviamente, o verso 22.

A tradição cristã aponta Paulo como o autor de treze das epístolas do Novo Testamento. Blomberg demonstra que, quando se trata da autoria paulina, nas epístolas de Gálatas, Romanos, 1 e 2 Coríntios, 1 Tessalonicenses, Filemom e Filipenses ela não é contestada; enquanto que nas epístolas de 2 Tessalonicenses<sup>33</sup> e Colossenses<sup>34</sup> ela é pouco contestada.

<sup>29</sup> KEENER, Craig S. **Comentário histórico-cultural da Bíblia**: Novo Testamento. São Paulo: Vida Nova, 2017, p. 505.

<sup>30</sup> NICODEMUS, Augustus. **O poder de Deus para a salvação**: a mensagem de Romanos 1-7 para a igreja de hoje. São Paulo: Vida Nova, 2019, p. 18.

<sup>31</sup> CRANFIELD, C. E. B. **Comentário de Romanos versículo por versículo**. São Paulo: Vida Nova, 2005, p. 11.

<sup>32</sup> GUNDRY, 2008, p. 480.

<sup>33</sup> Como explica Howard Marshall, as questões levantadas contra a autoria paulina de 2 Tessalonicenses tem a ver com algumas “discordâncias” com 1Tessalonicenses a respeito da volta de Cristo, com a falta de alusões pessoais de Paulo, repetição de expressões de 1Tessalonicenses, diferenças na linguagem e pensamentos (MARSHALL, I. Howard. “2Tessalonicenses”, In: CARSON, D. A. [et al.]. **Comentário bíblico Vida Nova**. São Paulo: Vida Nova, 2009, p. 1933).

<sup>34</sup> Em Colossenses, as críticas à autoria paulina são referentes à linguagem, estilo e teologia da epístola (O’BRIEN, Peter T. “Colossenses”, In: CARSON, D. A. [et al.]. **Comentário bíblico Vida Nova**. São Paulo: Vida Nova, 2009, p. 1895).



Todavia, nas epístolas de Efésios,<sup>35</sup> 1 e 2 Timóteo e Tito<sup>36</sup> a autoria paulina é duramente contestada.<sup>37</sup>

Além de suas próprias cartas, a principal fonte da vida de Paulo é o livro de Atos. Nesse escrito de Lucas é relatado o passado de Paulo (7.58; 8.3), sua conversão e chamado para a missão (9.1-19; 22.4-11; 26.9-18), suas três viagens missionárias (13-14; 15.36-18.22; 18.23-20.38), sua profissão (18.1-4) e suas prisões e defesas até chegar a Roma (21-28).

## 2. DATA E ÉPOCA DO TEXTO AO ROMANOS

Para entender o contexto por trás de uma epístola, é necessário que se estude o possível ano em que a mesma foi escrita e, conseqüentemente, quais as características de tal época. Assim, o trecho a seguir apresentará um estudo sobre o lugar e ano em que Paulo provavelmente escreveu Romanos, além de elencar os principais líderes seculares do período e o contexto de perseguição que os mesmos proporcionaram para a igreja.

### 2.1. Lugar e ano da escrita

Lucas relata, em Atos 20.2-3, que Paulo permaneceu na Grécia, na província romana da Acaia, durante o período de três meses, e os estudiosos têm defendido que foi nesse período que o apóstolo escreveu a Epístola aos Romanos.<sup>38</sup> Os argumentos que favorecem essa posição relacionam-se com pessoas, tais como: 1) Paulo fala que seu hospedeiro era Gaio (16.23), que era natural de Corinto, capital da província da Acaia (1Co 1.14)<sup>39</sup>; 2) ele recomenda Febe, uma irmã da igreja da Cencreia, que ficava ao lado de Corinto (16.1-2)<sup>40</sup> e 3) menciona Erasto (16.23), futuro comissário de obras públicas de Corinto.<sup>41</sup>

Quanto à data da autoria de Romanos, Blomberg afirma que, como Paulo foi preso quando chegou em Jerusalém (At 21.33), permanecendo ali por dois anos até 59 d.C., até que Festo sucedeu o governador Félix (At 24.27), deve-se inferir que a escrita de Romanos se deu por volta de 57 d.C.<sup>42</sup> Outros autores, como Carson, Moo e Moris, Fee e Stuart e Bruce

<sup>35</sup> Segundo Max Turner, os estudiosos que contestam a autoria paulina de Efésios defendem que ela é uma composição posterior de algum discípulo ou admirador de Paulo, por causa de suas frases longas e litúrgicas, além da dependência ao conteúdo de Colossenses (TURNER, Max. "Efésios", In: CARSON, D. A. [et al.]. **Comentário bíblico Vida Nova**. São Paulo: Vida Nova, 2009, p. 1836).

<sup>36</sup> Sobre as epístolas pastorais, a desconfiança da autoria surge pelos seguintes motivos: 1) referências históricas na carta; 2) menção a posições de liderança eclesiástica; 3) referências a falsos ensinos; 4) posição doutrinária divergente à de Paulo; e 5) linguagem e estilo das epístolas (GUTHRIE, Donald. "As Cartas Pastorais", In: CARSON, D. A. [et al.]. **Comentário bíblico Vida Nova**. São Paulo: Vida Nova, 2009, p. 1940-1942).

<sup>37</sup> BLOMBERG, 2019, p. 147.

<sup>38</sup> CRANFIELD, 2005, p. 13.

<sup>39</sup> GUNDRY, 2008, p. 477; MURRAY, John. **Romanos**. São José dos Campos: Editora Fiel, 2003, p. 14.

<sup>40</sup> MOO, Douglas J. "Romanos", In: CARSON, D. A. [et al.]. **Comentário bíblico Vida Nova**. São Paulo: Vida Nova, 2009, p. 1678.

<sup>41</sup> GUNDRY, 2008, p. 478.

<sup>42</sup> BLOMBERG, 2019, p. 231.

defendem essa datação<sup>43</sup>, sendo que outros estudiosos situam a escrita no mesmo período, variando entre 55 e 59 d.C.<sup>44</sup>

## 2.2. Liderança secular e o histórico de perseguição aos cristãos

Assumindo que a Epístola aos Romanos foi escrita em 57 d.C., ou em algum ponto da segunda metade da década de 50 d.C., tem-se que o Imperador reinante desse período era Nero (54-68). No entanto, outro imperador também ganha importância para o estudo de Romanos: Cláudio (41-54).<sup>45</sup>

Apesar de Nicodemus defender que, aparentemente, a igreja de Roma não sofria perseguições quando Paulo escreveu essa epístola, essa temática faz parte dos primórdios da igreja cristã.<sup>46</sup> Como mencionado acima, o Imperador Cláudio é importante para o estudo da Epístola aos Romanos por um motivo: o mesmo expulsou os judeus de Roma, o que impactou todo o contexto da igreja romana (At 18.2, 11.28). Como registra o historiador Suetônio (c.75-160), em sua obra *Vita Claudii*, XXV.4, “visto que os judeus, instigados por Cresto, estavam continuamente provocando distúrbios, [Cláudio] os expulsou de Roma [...]”.<sup>47</sup> Apesar de manter uma política aberta com as diferentes religiões do império<sup>48</sup>, aparentemente sua política foi menos aberta aos judeus e, conseqüentemente, aos judeus cristãos.<sup>49</sup>

Todavia, a perseguição aos cristãos ocorreu com mais força alguns anos depois, sob a figura do Imperador Nero. O historiador Tácito, em sua obra *Annales*, XV.44, apresenta a realidade da perseguição após o incêndio a Roma, em 64 d.C.:

Mas os empenhos humanos, as liberalidades do imperador e os sacrifícios aos deuses não conseguiram apagar o escândalo e silenciar os rumores de ter sido ordenado o incêndio de Roma. Para livrar-se de suspeitas, Nero culpou e castigou, com supremos refinamentos de crueldade, uma casta de homens detestados por suas abominações e vulgarmente chamados de *cristãos*. Cristo, do qual seu nome deriva, foi executado por disposição de Pôncio Pilatos durante o reinado de Tibério. Reprimida durante algum tempo, essa superstição perniciosa voltou a brotar, já não apenas na Judeia, seu berço, mas na própria Roma, receptáculo de quanto sórdido e degradante produz qualquer recanto da terra. Tudo, em Roma, encontra seguidores. De início, pois, foram presos todos os que se confessavam cristãos. Depois, uma multidão enorme foi condenada não por causa do

<sup>43</sup> CARSON; MOO; MORIS, 1997, p. 270; FEE, Gordon; STUART, Douglas. **Como ler a Bíblia livro por livro**: um guia confiável para ler e entender as escrituras sagradas. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2019, p. 313; BRUCE, F. F. **Romanos**: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 1979, p. 14.

<sup>44</sup> Outras datas defendidas pelos estudiosos são 55-56 d.C. (POHL, 1999, p. 20), 56 d.C. (WIERSBE, Warren W. **Comentário Bíblico Expositivo**: Novo Testamento: volume 1. Santo André: Geográfica, 2006, p. 668), 55-57 d.C. (CRANFIELD, 2005, p. 13), 55-58 d.C. (KEENER, 2017, p. 506; PATE, 2015, p. 1, 8), 57-58 d.C. (LOPES, 2010, p. 18) e 57-59 d.C. (NICODEMUS, 2019, p. 21).

<sup>45</sup> GUNDRY, 2008, p. 39.

<sup>46</sup> NICODEMUS, 2019, p. 20.

<sup>47</sup> BETTENSON, Henry. **Documentos da Igreja Cristã**. São Paulo: ASTE, 2007, p. 28.

<sup>48</sup> GARDNER, Paul. “Cláudio”, In: GARDNER, Paul. **Quem é quem na Bíblia Sagrada**. São Paulo: Vida, 2005, p. 113.

<sup>49</sup> Gardner (2005, p. 113) comenta que o problema do Império Romano com os judeus já começara com o antecessor de Cláudio, o Imperador Calígula, que, ao colocar uma estátua sua no Templo de Jerusalém, ofendeu profundamente a crença e religião judaica.

incêndio, mas acusada de ser o opróbrio do gênero humano. Acrescenta-se que, uma vez condenados à morte, eles se tornavam objeto de diversão. Alguns, costurados em peles de animais, expiravam despedaçados por cachorros. Outros morriam crucificados. Outros ainda eram transformados em tochas vivas para iluminar a noite [...]. Suscitou-se, assim, um sentimento de comiseração até para com homens cujos delitos mereciam castigos exemplares, pois se pressentia que eram sacrificados não para o bem público, mas para a satisfação da crueldade de um indivíduo.<sup>50</sup>

Inclusive, faz-se importante ressaltar que foi durante o período de perseguição de Nero aos cristãos que Pedro e Paulo foram martirizados.<sup>51</sup> Assim, sobre a época em que a epístola foi escrita, destaca-se a situação da igreja frente às perseguições: aquela que começou timidamente a dar as caras no governo de Cláudio, pouco antes da escrita de Romanos, chegou ao seu ápice com a investida de Nero, alguns anos após a escrita da epístola. Pode-se dizer que Romanos foi escrita num período de transição entre imperadores e do crescimento da perseguição para com a igreja, ressaltando sua importância para o fortalecimento da fé dos cristãos que sofreriam tais perseguições nos anos porvir.

### 3. O INÍCIO DO TRABALHO E OS DESTINATÁRIOS DO TEXTO AOS ROMANOS

A Epístola aos Romanos não é um texto escrito no vácuo: Paulo não desejava apenas escrever um texto sobre suas convicções teológicas, mas Romanos possuía destinatários. Assim, a seguir, serão explicados o surgimento e a composição da igreja de Roma, destinatários da epístola aqui analisada.

A tradição católica aponta como fundador da igreja em Roma o apóstolo Pedro. Essa tradição perdura desde cerca de 180 d.C., quando Irineu identificava tal apóstolo, juntamente com Paulo, como os fundadores; posteriormente, o *Catalogus Liberianus*, de 354 d.C. também atribuía a fundação a Pedro, além de apresentá-lo como o primeiro bispo daquela igreja.<sup>52</sup> Entretanto, como defendem Blomberg e Gundry, essa tradição não encontra provas internas ou externas à Bíblia, sendo que, provavelmente, apóstolo algum fundou tal igreja.<sup>53</sup>

A hipótese mais aceita é a dos cristãos anônimos<sup>54</sup>: provavelmente o cristianismo em Roma floresceu da atuação de pessoas anônimas na história, sejam cristãos em viagem cuidando de seus negócios<sup>55</sup>, ou por judeus e prosélitos romanos presentes no Pentecostes (At 2.10).<sup>56</sup> Logo, fica evidente a importância da atuação dos cristãos anônimos no início do cristianismo, pois o movimento de evangelismo do primeiro século vai muito além do nome de Paulo ou dos demais apóstolos.

<sup>50</sup> BETTENSON, 2007, p. 27, grifo do autor.

<sup>51</sup> GUNDRY, 2008, p. 39.

<sup>52</sup> CARSON; MOO; MORRIS, 1997, p. 271.

<sup>53</sup> BLOMBERG, 2019, p. 321; GUNDRY, 2008, p. 475.

<sup>54</sup> POHL, 1999, p. 19.

<sup>55</sup> CRANFIELD, 2005, p. 13.

<sup>56</sup> GUNDRY, 2008, p. 476. Sobre essa questão, é interessante a posição de Pohl (1999, p. 19), pois o início da igreja de Roma possivelmente se deu por volta de 40 d.C., uma década antes da primeira viagem missionária de Paulo. Assim, como comenta o autor, “não foi ele [Paulo] o primeiro missionário na Europa; nem foi em Filipos que se constituiu a primeira igreja europeia” (p. 19).

Além disso, há outra questão, provavelmente, o ponto mais interessante a respeito do contexto da igreja de Roma, ou seja, sua composição seria de judeus cristãos ou gentios? Para responder essa questão, é necessário entender algumas coisas. Primeiro, como comentado anteriormente, o Imperador Cláudio decretou que todos os judeus fossem expulsos de Roma por causa de distúrbios populares causados por um tal de *Chrestus*. A maioria dos historiadores defende que, na verdade, esses distúrbios foram causados por *Christus*: o evangelho de Cristo já causava confusões entre judeus cristãos e gentios cristãos.<sup>57</sup> Assim, infere-se que, originalmente, a igreja romana consistia em judeus e gentios convertidos ao cristianismo, que viviam em conflito por causa do evangelho de Cristo.

Todavia, quando os judeus foram expulsos, a parte judia da igreja também foi, pois os romanos não teriam feito distinção entre judeus e judeus cristãos.<sup>58</sup> Assim, com a liderança judia longe, a parte gentílica da igreja precisou se organizar, liderar a igreja e realizar um movimento de evangelismo dentro do próprio meio gentio, crescendo muito no período em que os judeus estavam longe. Quando Cláudio faleceu em 54 d.C., seu decreto foi revogado, e, então, os judeus romanos retornaram, encontrando o quadro de sua igreja consideravelmente modificado, e, provavelmente, desejando ter novamente suas funções de liderança.<sup>59</sup>

Dessa forma, os destinatários que Paulo tem em mente ao escrever a Epístola aos Romanos são tanto judeus cristãos quanto gentios cristãos, sendo sua provável maioria composta pelo grupo dos gentios<sup>60</sup>; também vale ressaltar o conflito étnico-teológico que existia entre os grupos.

#### 4. ANÁLISE ARQUEOLÓGICA

Tratando-se de arqueologia, são dois os destaques que ajudam para a interpretação e confiabilidade do que é relatado na epístola. O primeiro deles é o já citado texto do historiador Suetônio, em seu *Vita Claudii*, XXV.4: “Visto que os judeus, instigados por Cresto, estavam continuamente provocando distúrbios, [Cláudio] os expulsou de Roma [...]”.<sup>61</sup> Essa é uma evidência importante por se tratar de um texto histórico extra-bíblico que conta algo já relatado nas escrituras (At 18.2) e que mostra em qual contexto a igreja de Roma se encontrava quando Paulo escreveu sua epístola.

O segundo ponto arqueológico importante relaciona-se com o local de escrita da obra: Corinto. Na cidade de Corinto foi encontrada uma inscrição datada do primeiro século após Cristo em que está escrito: “Erasto, comissário das obras públicas, lançou este pavimento a sua própria custa”.<sup>62</sup> Estudiosos têm afirmado que este *Erasto* de quem a inscrição e refere é a mesma pessoa que Paulo referêcia em Romanos 16.23: “Saúda-vos Erasto, tesoureiro da

<sup>57</sup> BLOMBERG, 2019, p. 321.

<sup>58</sup> CARSON; MOO; MORRIS, 1997, p. 272.

<sup>59</sup> POHL, 1999, p. 19; BLOMBERG, 2019, p. 321.

<sup>60</sup> CARSON; MOO; MORRIS, 1997, p. 274; MURRAY, 2003, p. 20.

<sup>61</sup> BETTENSON, 2007, p. 28.

<sup>62</sup> GUNDRY, 2008, p. 478.

cidade [...]”, que pode ter subido de cargo na cidade após a escrita de Romanos. Logo, uma inscrição de um evento extra bíblico demonstra a localização em que Paulo escreve a Epístola aos Romanos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desta pesquisa alguns resultados puderam ser obtidos e alguns pontos foram abordados que facilitaram a interpretação da Epístola aos Romanos. Primeiramente, observou-se que o autor da epístola é o apóstolo Paulo, apesar das divergências causadas pelo número de citações pessoas do capítulo 16; e essa informação possui evidências internas e externas à Bíblia.

Quanto à datação da Epístola, demonstrou-se que a mesma foi escrita na segunda metade da década de 50 d.C., provavelmente em 57 d.C., num período de transição de imperadores (Cláudio e Nero) e crescimento da perseguição à igreja. Os destinatários de Romanos eram tanto judeus quanto gentios convertidos ao cristianismo – sendo sua maioria composta pelo último grupo –, que, em seu anonimato, fundaram a igreja de Roma cerca de uma década antes da primeira viagem missionária de Paulo.

Por fim, dentre os materiais arqueológicos que contribuem para a interpretação da Epístola, destacam-se: 1) o texto *Vita Claudii*, de Suetônio; e 2) a inscrição com o nome de Erasto (Rm 16.23) em Corinto.

Dessa maneira, percebe-se que o conteúdo introdutório da Epístola aos Romanos é vasto: são várias opiniões sobre autoria, datação, destinatários, etc. Todavia, esta pesquisa objetivou desenvolver uma linha de interpretação bem embasada que pudesse: 1) auxiliar o corpo de Cristo na análise de tal epístola e 2) servir de modelo para a análise das demais epístolas do Novo Testamento.

## REFERÊNCIAS

BETTENSON, Henry. **Documentos da Igreja Cristã**. São Paulo: ASTE, 2007.

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**. Traduzida em português por João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada no Brasil. 2.ed. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

BLOMBERG, Craig L. **Introdução de Atos a Apocalipse**: uma pesquisa abrangente de Pentecostes a Patmos. São Paulo: Vida Nova, 2019.

BRUCE, F. F. **Paulo o apóstolo da graça**: sua vida, cartas e teologia. São Paulo: Shedd, 2003.

BRUCE, F. F. **Romanos**: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 1979.

CALVINO, João. **Romanos**. São José dos Campos: Fiel, 2014. (Comentários Bíblicos).

CARSON, D. A. “Lendo as cartas”, In: CARSON, D. A. [et al.]. **Comentário bíblico Vida Nova**. São Paulo: Vida Nova, 2009, p. 1667-1677.

CARSON, D. A.; MOO, Douglas J.; MORRIS, Leon. **Introdução ao Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1997.

CRANFIELD, C. E. B. **Comentário de Romanos versículo por versículo**. São Paulo: Vida Nova, 2005.

FEE, Gordon; STUART, Douglas. **Como ler a Bíblia livro por livro: um guia confiável para ler e entender as escrituras sagradas**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2019.

GARDNER, Paul. **Quem é quem na Bíblia Sagrada**. São Paulo: Vida, 2005.

GUNDRY, Robert Horton. **Panorama do Novo Testamento**. 3.ed. atual. e ampl. São Paulo: Vida Nova, 2008.

GUTHRIE, Donald. “As Cartas Pastorais”, In: CARSON, D. A. [et al.]. **Comentário bíblico Vida Nova**. São Paulo: Vida Nova, 2009, p. 1940-1943.

KARNAL, Leandro. **Todos contra todos: o ódio nosso de cada dia**. Rio de Janeiro: LeYa, 2017.

KEENER, Craig S. **Comentário histórico-cultural da Bíblia: Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2017.

LOPES, Hernandes Dias. **Paulo, o maior líder do cristianismo**. São Paulo: Hagnos, 2009.

LOPES, Hernandes Dias. **Romanos: o evangelho segundo Paulo**. São Paulo: Hagnos, 2010. (Comentários expositivos Hagnos).

MARSHALL, I. Howard. “2 Tessalonicenses”, In: CARSON, D. A. [et al.]. **Comentário bíblico Vida Nova**. São Paulo: Vida Nova, 2009, p. 1932-1939.

MOO, Douglas J. “Romanos”, In: CARSON, D. A. [et al.]. **Comentário bíblico Vida Nova**. São Paulo: Vida Nova, 2009, p. 1678-1745.

MURRAY, John. **Romanos**. São José dos Campos: Fiel, 2003. (Comentário Bíblico Fiel).

NICODEMUS, Augustus. **O poder de Deus para a salvação: a mensagem de Romanos 1-7 para a igreja de hoje**. São Paulo: Vida Nova, 2019.

O'BRIEN, Peter T. “Colossenses”, In: CARSON, D. A. [et al.]. **Comentário bíblico Vida Nova**. São Paulo: Vida Nova, 2009, p. 1894-1919.

PATE, C. Marvin. **Romanos**. São Paulo: Vida Nova, 2015. (Série Comentário Expositivo).

POHL, Adolf. **Carta aos Romanos: Comentário Esperança**. Curitiba: Esperança, 1999.

TURNER, Max. “Efésios”, In: CARSON, D. A. [et al.]. **Comentário bíblico Vida Nova**. São Paulo: Vida Nova, 2009, p. 1836-1870.

WIERSBE, Warren W. **Comentário bíblico expositivo: Novo Testamento: volume 1**. Santo André: Geográfica, 2006.

# Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878



Ensaio Teológico está licenciada com uma Licença Creative Commons  
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

## A INFLUÊNCIA DA PÓS-MODERNIDADE E O DESAFIO DE PASTOREAR The influence of post-modernity and the challenge of shepherding

Leandro Hins de Brito<sup>1</sup>

### RESUMO

A pesquisa a seguir apresentou de forma resumida como a pós-modernidade tem se apresentado, tanto no contexto secular quanto no eclesial. Abordou pontos de como essa “era” tem fornecido aos seus consumidores e espectadores um mundo onde quase tudo é relativo e condicionado ao momento. Mostrou, de forma resumida, como a influência da pós-modernidade afetou a religião e o cristianismo. Também como o ministério pastoral foi impactado pelas novas tendências secularizadas e como o pastor deveria se portar diante das mesmas. Mostrou que, acima de qualquer condição imposta pelos novos padrões sociais, que o pastor deveria estar sensível à voz de Deus, pois está cuidando das ovelhas do Cordeiro.

**Palavras-chave:** Influência. Pastorear. Pós-Modernidade.

### ABSTRACT

The following research summarized how postmodernity has been presented, both in the secular and in the ecclesiastical context. It addressed points on how this “era” has provided its consumers and viewers with a world where almost everything is relative and conditioned to the moment. It showed, in a summarized way, how the influence of post-modernity affected religion and Christianity. Also how pastoral ministry was impacted by new secularized trends and how the pastor should behave in the face of them. He showed that, above any condition imposed by the new social standards, that the shepherd should be sensitive to the voice of God, because he is taking care of the sheep of the Lamb.

**Keywords:** Influence. Shepherd. Post-Modernity.

<sup>1</sup> O autor é Bacharel em Teologia pela Faculdade Batista Pioneira e pós-graduando em Neuropsicopedagogia e Psicanálise Clínica. E-mail: Leandrohins@gmail.com



## INTRODUÇÃO

Ao longo da história da humanidade alguns assuntos sempre aguçaram o senso de curiosidade dos seres humanos. Nesse sentido, a pós-modernidade está acompanhada de novos desafios. Quando se fala em desafios, com certeza gera anseio compreender o desconhecido. Sabe-se, porém, que o mundo tem passado por muitas mudanças em todas as esferas da sociedade.

Por ser um assunto que transita entre duas cosmovisões – secular e cristã – existem desafios a serem analisados. Desta maneira, percebe-se a importância de abordar o tema proposto. No entanto, a pesquisa não pretende abordar profundamente toda a questão, apenas apresentar um breve panorama a respeito do mesmo, visto que o tema possui muitas linhas de estudo e divergências de opiniões.

Desta forma, este artigo terá como objetivo inicial discorrer sobre a cosmovisão do termo pós-modernidade e suas convicções e do conceito de pastoreio, palavra cujo significado possui dupla característica e aplicabilidade. Na sequência, abordar-se-á a influência da pós-modernidade na religião, analisando aspectos do mundo moderno e do pós-moderno. Além disso, serão apresentados alguns impactos que a religião sofreu. Finalizando, apresentar-se-á o desafio de pastorear diante das mudanças que foram se apresentando ao longo dos séculos.

### 1. COSMOVISÃO DE PÓS-MODERNIDADE E PASTOREIO

Abordar questões relacionadas ao contexto atual nem sempre será uma tarefa simples, tendo em vista que o conhecimento se multiplica e se aperfeiçoa quase que diariamente. Mesmo assim, de forma breve apresentar-se-á o conceito de modernidade, pós-modernidade e pastoreio.

#### 1.1 Modernidade

Inicialmente, antes mesmo que começasse a pós-modernidade, o período entre os séculos XIX e XX, foi marcado como a Era da Modernidade. Período que ficou conhecido por três grandes domínios: filosofia, arte e cultura. Dentro dessa divisão, a religião não era mais a detentora hegemônica do conhecimento.<sup>2</sup> O termo “modernidade” é de grande complexidade, pois trata-se de uma era moderna com exigências normativas, permitindo a superação de pendências em relação às tradições políticas e religiosas. Liga-se amplamente ao progresso da sociedade, como também a grupos específicos e classes. Em contrapartida, também houve perda de raízes e declínio da cultura moral.<sup>3</sup>

Opiniões em relação ao início do período da era moderna variam. Muitos consideram o Renascimento (XIV e XV), enquanto outros relacionam a modernidade ao período do

<sup>2</sup> SCHACH, Vanderlei A. **A inflação da Palavra de Deus na pós-modernidade**. Ijuí: Seminário Teológico Batista de Ijuí, 2003, p. 41. TCC de Bacharel em Teologia,

<sup>3</sup> RENDTORFF, Trutz; GISEL, Pierre (Org.). MODERNIDADE. **Enciclopédia do protestantismo**: teologia, eclesiologia, filosofia, história, cultura, sociedade, política. Tradução de Norma Cristina G. São Paulo: Hagnos, 2016, p. 1197-1198.

Iluminismo (XVIII), que ficou marcado como Século das Luzes. O que muitos reconhecem é que houve mudança significativa de paradigmas, afetando profundamente as cosmovisões, as crenças, o mundo acadêmico e grande parte dos afazeres humanos. Todas essas mudanças tiveram influências importantes sobre o cristianismo, iniciando pela Europa e América do Norte e posteriormente chegando aos países do hemisfério sul.<sup>4</sup>

Como discorre Schach, o modernismo tentou afirmar, de modo geral, que a ciência e a filosofia poderiam suplantam a tendência humanista do pensamento religioso. O referido autor menciona que, no pensamento moderno, acredita-se que a nova antropologia é moderna quando leva ao extremo a luta contra a religião e mais precisamente contra o cristianismo, sendo estes temas centrais das obras de Nietzsche e Freud.<sup>5</sup> De maneira sutil o modernismo invadiu o campo da religião, apresentando-se de modo enganoso e disfarçado, tentando sustentar que o universo é resultado da evolução. De modo geral, o modernismo tentou provar que os fatos sobrenaturais apresentados na Bíblia não passavam de mitos e lendas.<sup>6</sup> Segue-se, então, a uma nova época chamada Pós-modernidade.

## 1.2 Pós-Modernidade

Historicamente, o movimento pós-moderno surgiu em meados de 1950 e 1960, ganhando força em 1970. Iniciou como um movimento conservador à modernidade, expresso na literatura e artes e, posteriormente avançou para a sociedade de modo geral. Tamanho foi seu impacto que passou a modelar e caracterizar a época em que se vive, desde então.<sup>7</sup> A pós-modernidade irrompeu no mundo mediante o vazio deixado pela modernidade, visto que suas pressuposições fundamentais entraram em crise. Os planos modernos de promover a paz social e de proporcionar melhores condições de vida através da ciência, da tecnologia e do progresso se dissolveu como bolas de ar.<sup>8</sup>

A pós-modernidade é percebida como um aprofundamento das tendências contraditórias do modernismo, bem como o instinto e o prazer liberados até às suas últimas consequências, desconstruindo as tensões estruturais da sociedade e o domínio da política, cultura e economia. Nesse sentido, as supostas verdades absolutas são totalmente deixadas de lado.<sup>9</sup> Schach observa que a pós-modernidade é um tanto quanto difícil de descrever, visto que o ser humano está dividido em relação a suas convicções, futuro, ideologia e, principalmente, sobre a religião. Mediante isso, tenta encontrar sentido para seus anseios nas múltiplas opções oferecidas, mas, nem mesmo assim, consegue escolher ou definir o que realmente quer.<sup>10</sup> Em relação às verdades concretas percebem-se também que:

---

<sup>4</sup> SALINAS, Daniel; ESCOBAR, Samuel. **Pós-modernidade: novos desafios à fé cristã**. 2.ed. São Paulo: ABU, 2002, p. 14.

<sup>5</sup> SCHACH, 2003, p. 9-10.

<sup>6</sup> SCHACH, 2003, p. 10.

<sup>7</sup> ANDERSON, Perry. **As origens da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999, p. 33.

<sup>8</sup> MARTINS, Jaziel Guerreiro. O espírito e a cosmovisão da pós-modernidade. **Revista Via Teológica**, n. 6. Curitiba. 2002, p. 36.

<sup>9</sup> SADOVIK, Iuri de Brito. **O significado do casamento na sociedade pós-moderna**. Ijuí: Faculdade Batista Pioneira, 2018, p. 45. TCC de Bacharel em Teologia.

<sup>10</sup> SCHACH, 2002, p. 10-11.

Verdades absolutas são totalmente descartadas do pensamento pós-moderno. Além disso, não existe conhecimento neutro, pois o que era apresentado na modernidade como verdade objetiva, estava, na verdade, carregado de bagagem ideológica, tal como o patriarcalismo, o racionalismo, entre outros. Essas abordagens pós-modernas deixam pouco espaço para qualquer noção de que haja uma ordem no mundo real independentemente da construção humana.<sup>11</sup>

Alguns escritores sugerem que é preciso fazer uma diferenciação entre os termos pós-modernidade e pós-modernismo. Bauman define da seguinte maneira: “pós-modernidade significa uma sociedade ou um tipo de condição humana, enquanto pós-modernismo sugere uma visão de mundo que pode emergir, mas não necessariamente, da condição pós-moderna”.<sup>12</sup> Observa-se ainda que:

No modernismo, havia a ideia de que existia uma metanarrativa<sup>13</sup>, um enredo abrangente e um significado para a vida, mas sem um metanarrador. Não havia necessidade de alguém que falasse. A realidade era vista totalmente como algo material. Nada sobrenatural era necessário. Qualquer sentido moral nessa narrativa era somente aquele que pudesse ser estabelecido pela razão objetiva; nenhum Deus era necessário. Tratava-se na essência de um sistema ateu. [...] Ao se revoltar contra isso, o pós-modernismo foi além, dizendo que, na verdade, não só não existe um metanarrador como tampouco existe uma metanarrativa. A única coisa que existe é a narrativa do indivíduo. Além disso, à medida que o significado abrangente sai de cena e a metanarrativa desaparece, o eu se torna fragmentado e tende a tomar a própria definição da comunidade à sua volta. O ‘eu’ no pós-modernismo é completamente incapaz de ser julgado por qualquer outro, exceto nos termos de poder. O ‘eu’ se torna a última palavra; o ‘eu’ é divinizado.<sup>14</sup>

Uma das características da pós-modernidade é dizer *não* as verdades absolutas, mas relativizar tudo à sua volta. Desse modo, a tendência é contrapor-se ao absolutismo cristão. Além do mais, dentro do conceito de pós-modernidade a verdade torna-se aquilo em que é vantajoso crer.<sup>15</sup> Dentro do pensamento pós-modernista, tudo é relativo, a rejeição de absolutos induz a repudiar qualquer conceito de verdade universal.

O indivíduo pós-moderno é um produto cultural definido pela sociedade. Suas emoções, ações e a interpretação de si mesmo são pré-definidas pela sociedade. Deste modo, o ser humano passa a produzir um ambiente propício para a negação da culpa e das responsabilidades. Cada vez que uma pessoa ou grupo tenta dizer que possui uma verdade, principalmente a verdade religiosa, resulta-se em uma repreensão, por acreditarem que a única verdade é que não existe verdade absoluta, tudo é uma questão de escolhas.<sup>16</sup>

---

<sup>11</sup> SADOVIK, 2018, p. 13.

<sup>12</sup> FONTENELLE, Isleide Arruda. **Pós-modernidade: trabalho e consumo**. São Paulo: Cengage, 2008, p. XII.

<sup>13</sup> METANARRATIVA: termo literário e filosófico que significa: a narrativa contida dentro ou além da própria narrativa.

<sup>14</sup> SADOVIK, 2018, p. 13.

<sup>15</sup> MARTINS, Jaziel Guerreiro. Pós-modernidade e teologia. **Revista Via Teológica**, n. 7. Curitiba. 2003, p. 80.

<sup>16</sup> SALINAS, 2002, p. 30-33.

Mediante essa complexidade e fragmentação do que é absoluto, bem como daquilo que relativo ou mesmo produto de um ambiente cultural, surge a necessidade de melhor compreender o papel do pastoreio.

### 1.3 Conceito de pastor/pastorear

Pastor é relacionado com a palavra bispo, ou mesmo com pastor do rebanho de Cristo. No Novo Testamento, especificamente os textos de Atos 20.17-28,<sup>17</sup> Tito 1.5-7 e 1 Timóteo 3.1-7, descrevem algumas funções e características que eles deviam ter. O pastor é visto como celebrante principal do culto, pastor principal do rebanho, ou mesmo como administrador principal do povo de Deus.<sup>18</sup>

Há dois sentidos para definir a palavra pastor no contexto bíblico: aquele que pastoreava ou guardava o gado ou ovelha; também, aquele que auxilia a comunidade local por meio do ensino e da exortação. Gênesis 49.24 faz menção pela primeira vez em relação a Deus como Pastor.<sup>19</sup> Segundo Youngblood, um pastor dedicado oferece proteção, direção, consolo, mas muitas vezes também oferece a vara e o cajado, com a intenção de reconduzir a “ovelha” de volta a seu grupo.

Pastorear não é manipular pessoas para usá-las em seus projetos de poder pessoal. Pastorear não é meramente administrar uma instituição ou gerenciar um grupo de pessoas, como se a igreja fosse uma empresa, em que o que importa são metas e números. Pastorear não é tyrannizar pessoas, dominando suas vontades, corações e mentes, sem respeito por sua dignidade e integridade. Pastorear é guiar, alimentar, dessedentar, curar, ensinar, restaurar, apoiar, fazer crescer, consolar, encorajar e estimular. Pastorear é servir, e não ser servido.<sup>20</sup>

Pastor é aquele que cuida do rebanho (Ovelhas). Nesse sentido, o Antigo Testamento apresenta, em uma linguagem figurada, Deus como o Pastor líder de Israel (Sl 80.1; Ez 34.14). O Novo Testamento fala de Jesus como o bom pastor que dá a vida pelas ovelhas (Jo 10.11). A Bíblia menciona a palavra pastor pela primeira vez na passagem relacionada a Abel (Gn 4.2). Muitos reis e líderes que governaram Israel também foram chamados de pastores (Jr 6.3; 49.19; 23.4).<sup>21</sup> Ao observar a conceituação de pastoreio, fica aparente que é algo a ser desenvolvido com muita sabedoria. O desafio é como desenvolver isso frente a um contexto em que a religião está diante daquilo que é considerado relativo. Tendo em vista esta questão, o capítulo seguinte fará alguns apontamentos.

<sup>17</sup> SOCIEDADE BÍBLICA DO BRASIL. **Bíblia Sagrada**. Nova Almeida Atualizada. Tradução João F. de Almeida. São Paulo: SBB, 2018, p. 855-856.

<sup>18</sup> HORN, C. III; KLOOSTER, F. H. BISPO. In: **Enciclopédia Histórica-Teológica da Igreja Cristã**. Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 2009, v.1. p. 195.

<sup>19</sup> SILVA, Claudemir Pedroso da. (org). **Minidicionário bíblico**. São Paulo: Equipe DCL, 2012, p. 323.

<sup>20</sup> MACRI, Sylvio. **Pastoreia as minhas ovelhas**. Disponível em: <http://www.prazerdapalavra.com.br/colunistas/sylvio-macri/6806-pastoreia-as-minhas-ovelhas-sylvio-macri>. Acesso em: 21 out. 2020

<sup>21</sup> YOUNGBLOOD, Ronald F.; BRUCE, F. F.; HARRISON, R. K. **Dicionário ilustrado da Bíblia**. Tradução de Lucília M. Pereira. São Paulo: Vida Nova, 2004, p. 1083.

## 2. A PÓS-MODERNIDADE E A RELIGIÃO

Grandes desafios surgiram nos últimos séculos, e de certa forma, impactaram diretamente na maneira como o ser humano se relaciona com o outro e individualmente. Alguns fatores como o pluralismo, o relativismo, a fé mística e a religiosidade baseada em recompensa, estas e outras questões, influenciaram diretamente na maneira como a igreja se encontra frente ao cenário pós-modernista.

### 2.1 Reflexo de um mundo moderno e pós-moderno

Podem ser observados claramente alguns fatores que acompanham e influenciam o mundo no século XXI. Dentre eles, o pluralismo ideológico, cultural e religioso, a relatividade histórica e também a crise da modernidade. Dentro desse processo, conhecido também como advento da globalização, o sistema midiático destacou-se de forma transformadora e global. A internet, as transmissões ao vivo derrubaram as fronteiras da falta de conhecimento, de modo que muitas barreiras e preconceitos fossem quebrados. Os denominados grandes centros do mundo foram derrubados de seu eixo central.<sup>22</sup>

As influências sofridas pelas mudanças da era moderna no cristianismo já haviam sido complexas. A modernidade, por um lado, serviu tanto como aliada, como também inimiga do cristianismo. Schleirmancher considerava que os conceitos bíblicos, tais como os milagres, a encarnação, a morte substitutiva e sacrificial de Cristo, eram inadequados ao indivíduo moderno. Mesmo dentro do protestantismo mais conservador ocorreram mudanças significativas: teologias escapistas, movimentos espirituais baseados em experiências sensoriais, visões e manifestações subjetivas.<sup>23</sup>

No entanto, nem toda influência do modernismo foi ruim. Alguns homens, como John Wesley (1703- 1791), Jonathan Edwards (1703-1758), Charles Spurgeon (1834-1892), dentre outros, não deixaram de anunciar o despertar espiritual.<sup>24</sup>

Cunha observou as mudanças ocorridas entre a era do modernismo e dos pós-modernismo, da seguinte maneira:

Se na modernidade a filosofia era primordialmente otimista, na pós não é pessimista, mas cínica; se na modernidade o Estado laico se tornaria árbitro das injustiças humanas, na pós ele precisa diminuir por perdulário, autoritário, burocrático e corrompido; se na modernidade o deicídio era vertente teológica seriamente considera por teólogos; na pós discute-se um macro ecumenismo; se na modernidade, a razão, o método e o experimento empírico desfariam a ignorância das multidões ainda escravizadas pelas superstições místicas da Idade Média, na pós abriu-se caminho para o saber intuitivo, para a inteligência emocional e para verdades não racionais; na

<sup>22</sup> CUNHA, Paulo R. **A sedução**: os efeitos da pós-modernidade na espiritualidade. Curitiba: Esperança, 2006, p. 15.

<sup>23</sup> SALINAS, 2002, p. 21.

<sup>24</sup> SALINAS, 2002, p. 21-22.

modernidade a tecnologia abria estradas para um mundo melhor; na pós, ela é vilã do ambiente.<sup>25</sup>

Ramos menciona que é preciso compreender melhor essa cosmovisão do mundo atual. Para que isso ocorra, seria necessária uma valorização das novas tecnologias de comunicação, visto que são decorrentes do novo modelo proposto pela pós-modernidade. Ainda, é muito importante compreender o cenário capitalista financeiro, as novas formas de comunicação, via internet, e, diante disso, ficar atento às novas comunidades virtuais.<sup>26</sup>

No entanto, referindo-se à espiritualidade pós-moderna, observa-se que o ser humano não está preocupado com a verdade absoluta. Os valores morais tornaram-se relativos, místicos e genéricos. O que pode ser claramente observado, é que a ortodoxia bíblica é extremamente divergente. Quando comparada com a era pré-moderna e moderna, a religião tinha a ver com crenças do que realmente era real. Ou Deus existia ou não, ou Jesus ressuscitou dos mortos ou permaneceu nos sepulcros. Entretanto, na pós-modernidade, a religião tem muito mais a ver com escolhas, preferências: eu vou acreditar naquilo que me faz bem.<sup>27</sup>

Difícilmente será possível negar que o ambiente no qual o indivíduo está inserido não o influencia. Tudo que é visto, lido, ou que se assiste ou apenas se ouve, tem o poder de influenciar. Essa “era” também se consolidou como a “era da linguagem” tem, por conseguinte, o marketing ditando a postura da sociedade. Sendo assim, como a igreja é formada por diferentes grupos de pessoas, está altamente exposta a sofrer influências. Mesmo pessoas que expressam sua fé por meio de alguma religião, estão sujeitas a serem influenciadas. De algum modo a sociedade pós-moderna está invadida pela filosofia humanista, que tem por objetivo colocar o ser humano no centro de tudo.<sup>28</sup> Toda esta influência recebida do cenário pós-moderno, levou a religião a mudanças.

## **2.2 Mudanças no meio religioso com a chegada da pós-modernidade**

Poderia esse sistema pós-moderno conviver com a fé? Tendo em vista que o perfil das pessoas pós-modernas muito se assemelha a um sistema de navegação, uma vez que estão sempre à procura de algo novo e dificilmente conseguem se identificar com a religião institucionalizada, vista como representante de uma época passada e que não é capaz de suprir os anseios humanos. Pode-se dizer que não! Levando em consideração que o compromisso com uma doutrina já não faz tanto sentido, o que muitos estão de fato procurando é uma alternativa que lhes forneça de maneira imediatista segurança, que atenda as demandas da clientela. Essa postura se configura numa substituição de crença por atitude de busca.<sup>29</sup>

---

<sup>25</sup> CUNHA, 2006, p. 19-20.

<sup>26</sup> RAMOS, Robson. **Evangelização no mercado Pós-moderno**. 2.ed. Viçosa: Ultimato, 2009, p. 87-89.

<sup>27</sup> RAMOS, 2009, p. 90-91.

<sup>28</sup> CUNHA, 2006, p. 27-28.

<sup>29</sup> RAMOS, 2009, p. 90.

A igreja, de modo geral, tornou-se secularizada, o reflexo disso é descrito muito bem na obra: *A Teologia que vem dos palcos evangélicos*. A autora descreve, no segundo capítulo de sua obra, a relação da pós-modernidade com o termo teologia e com o cristianismo. Nesse sentido, ela menciona alguns fatores que influenciam a forma como os cristãos interpretam a mensagem das Escrituras.<sup>30</sup> Dentre esses fatores: desilusão, fase em que o indivíduo encontra-se decepcionado pela falta de comprovação científica das promessas feitas pelo modernismo, o qual, de certa forma também afetou a teologia. Diante disso, as pessoas se tornam alvos fáceis de novas facções religiosas, sociais e políticas.<sup>31</sup>

Outros fatores passam a ganhar força, por exemplo o ceticismo, que contribuiu com o ateísmo. O pluralismo<sup>32</sup> é outro fator que ganha destaque, contribuindo para que a espiritualidade do ser humano seja analisada dentro dos conceitos de realização e satisfação pessoal, induzindo as pessoas a desenvolverem outro aspecto: o individualismo.<sup>33</sup> Frente ao aspecto do individualismo, destacam-se vários fatores: a religião limita-se ao mundo pessoal e mágico da autoajuda; a religiosidade baseia-se na libertação, na alegria, na vitória; em igreja protestante, o culto recebe influências de elementos estranhos à Bíblia.<sup>34</sup>

A era pós-moderna caracteriza-se pela pluralização, termo mencionado no parágrafo anterior. Cunha, ao comparar a igreja como um sistema de mercado, acerta o alvo em cheio. Ele menciona que, da mesma forma como as pessoas, de modo geral, estão se tornando exigentes em relação a diversos segmentos mercadológicos, muitos fiéis são consumidores espirituais e muitas igrejas são verdadeiros balcões de ofertas celestiais.<sup>35</sup>

Ainda, ele menciona que, frente à pós-modernidade, os púlpitos perderam a centralidade da mensagem de Cristo.

(...) o efeito da pluralidade de mercado já mencionada. O estabelecimento que atrai aquele que tem de tudo e algo mais. A religiosidade praticada atualmente tem sido afetada pesadamente por igrejas que mais se assemelham a um shopping center, ou loja de conveniências. Tudo para atrair o maior número de consumidores. O que deveria ser uma união de força para evangelizar o mundo passou a ser uma competição. Qual é o problema nisso tudo? (...) o desvio do primeiro foco do evangelho, a preocupação com o destino da alma humana. Não se fala mais contra o pecado, de ética e muito menos do destino das almas ou da volta de Jesus

<sup>30</sup> KRÜGER, Harriet Wondracek. **A teologia que vem dos palcos evangélicos**. Curitiba: ADSantos, 2017, p. 85.

<sup>31</sup> KRÜGER, 2017, p. 86-87.

<sup>32</sup> PLURALISMO: Pluralização é o processo pelo qual o número de opções na esfera privada se multiplica rapidamente em todos os níveis, em especial no nível das cosmovisões, da fé e das ideologias. Em que as pessoas adquirem um certo grau de exigência, entendendo que o mercado depende delas para crescer, gerando assim, uma nova necessidade: a busca por excelência para atrair novos consumidores. A grande questão na pluralidade tanto é ser o resultado de pseudonecessidades quanto geradora de novas necessidades, sendo estas desnecessárias. Ou seja, as pessoas passam a ter necessidades que não passam de simples vícios, categorizando uma geração de meros consumidores infieis e insatisfeitos. CUNHA, 2006, p. 51-52.

<sup>33</sup> KRÜGER, 2017, p. 87-88.

<sup>34</sup> KRÜGER, 2017, p. 90.

<sup>35</sup> CUNHA, 2006, p. 54.



Cristo. Esse tipo de mensagem não dá ibope. Só se fala em benção e vantagens (geralmente financeira e material) para os que creem.<sup>36</sup>

Ainda analisando questões relacionadas ao pluralismo, Salinas observa que, na era pós-moderna, nenhuma religião tem o direito de declarar-se correta e aos demais falsas. No entanto, o que se anuncia é que todas as religiões são iguais. Esta pluralidade tem afetado de modo significativo a abordagem evangélica diante do mundo. Está se perdendo o conceito de crença em um Ser Supremo e o sedimento cristão está desaparecendo. Nesse meio, muitas pessoas estão vivendo sem nenhum contato real com Jesus. A mensagem de Cristo como o único caminho é rejeitada ou simplesmente incompreensível à mente pós-moderna.<sup>37</sup>

Juntamente com o pluralismo, surge também o que é conhecido na era pós-moderna como relativismo. Este, por sua vez, tenta impor que tudo que o ser humano pode saber acerca das realidades e as relações entre diferentes partes, é relativo ao tempo e à pessoa. Salinas observa o seguinte acerca do relativismo:

O relativismo produz indivíduos que, querendo ser “politicamente corretos”, encontram-se sem opiniões pessoais (no momento que dou uma opinião, estou impondo a minha cosmovisão), sem segurança ontológica (não sei quem sou e seria uma arrogância querer sabê-lo), sem base epistemológica (não sei se é possível conhecer algo ou ter certeza) e sem princípios éticos universais (o que é certo para mim não tem que ser certo para você).<sup>38</sup>

O relativismo dificulta o diálogo que contribui com a verdade. Cada indivíduo busca crer na sua verdade. No âmbito da religião, o importante é buscar uma espiritualidade que funcione para o indivíduo, como se fosse um sistema de “bufê”. Salinas ainda menciona que, na sociedade pós-moderna, a religiosidade pode ser descrita como: antropocêntrica, cômoda, céptica, emocional e anti-intelectualista, e que em muitos casos acaba no “aleluia e glória a Deus”. Diante de tantos argumentos, percebe-se claramente que a pós-modernidade exerce seguramente grande influência sobre a fé bíblica, mas principalmente no compromisso particular de cada cristão.<sup>39</sup> Em meio a esse contexto pluralizado encontra-se o desafio do pastor em conduzir a igreja em uma perspectiva bíblica. Esse será o foco do próximo ponto deste artigo.

### **3. O DESAFIO DE PASTOREAR NO SÉCULO XXI**

Muitas mudanças apresentaram-se no decorrer do século, estas que vieram acompanhadas de grandes desafios em diferentes áreas da sociedade. Entre esses desafios encontra-se o de conduzir uma igreja dentro dos princípios e valores da Bíblia, sendo que esta permaneça fiel a Palavra, mas que de alguma maneira seja relevante a sociedade a sua volta, isso, sem perder o seu propósito. Esse será o destaque dos pontos que seguem.

---

<sup>36</sup> CUNHA, 2006. p. 54-55.

<sup>37</sup> SALINAS, 2002, p. 35-36.

<sup>38</sup> SALINAS, 2002, p. 37.

<sup>39</sup> SALINAS, 2002, p. 37-38.

### 3.1 Breve contextualização do cenário do século XXI

Certo é que no século XXI muitas mudanças aconteceram também nas igrejas evangélicas. Nesse sentido, surgem também muitas perguntas quanto ao ministério pastoral da atualidade, a saber: O que o pastor deve fazer? Como moldar o ministério contemporâneo de acordo com os mandatos bíblicos? A igreja vive uma fase de transição, incerteza, inquietação, necessitando de um redirecionamento. De fato, a igreja vive um momento de contraste entre modelos ministeriais, não algo relacionado ao tradicional versus o contemporâneo, mas o bíblico contra o não bíblico. Não é de surpreender que funções pastorais definidas pelas Escrituras tenham sofrido sérias pressões.<sup>40</sup>

Um dos grandes problemas das igrejas é que muitas não possuem uma “cosmovisão cristã”.<sup>41</sup> Sendo assim, percebe-se que sutilmente mudanças foram acontecendo nas igrejas. Então surge a pergunta: quais foram as mudanças que contribuíram para a mudança de mentalidade da igreja

São muitos os pormenores a serem observados frente à nova mentalidade que foi sendo formada em decorrência das transformações dos últimos séculos. Percebem-se claramente os impactos no pensamento cristão da atualidade, ora devido à mentalidade pós-moderna e ora por causa das orientações teológicas.

O pós-modernismo apresenta-se como um desafio enorme à fé cristã, muitas questões têm sido colocadas entre o evangelho e a cultura: as ideologias, a informalidade (igrejas que surgem e em pouco tempo desaparecem), o relativismo, hedonismo, uma enorme explosão de sentimentos (arrepios, unção, músicas que alimentam o ego, etc.).<sup>42</sup> Desde o tempo em que Jesus disse que edificaria a sua igreja, muita coisa mudou. A sociedade mudou constantemente em suas gerações e a igreja de maneira alguma ficou estagnada no tempo. Manter-se relevante no local em que está inserida é uma grande missão.

Embora seja uma árdua missão e necessite contextualizar-se numa sociedade que vive em constante mudança, o maior desafio é continuar direcionando a igreja para que seja luz do mundo e o sal da terra, mantendo os princípios e valores espirituais e morais. Além disso, perguntas como: por qual, ou quais motivos as pessoas têm frequentado essa ou aquela igreja, será que elas têm refletido e influenciado na formação espiritualidade sadia voltada para Deus?<sup>43</sup>

<sup>40</sup> MACARTHUR Jr, John. **Redescobrimo o Ministério Pastoral**. Rio de Janeiro: CPAD, 1998, p. 21-28.

<sup>41</sup> LIMA, Daniel Barros. **COSMOVISÃO CRISTÃ**. A cosmovisão cristã vai colocar o entendimento do universo como criação de Deus, e todas as esferas de conhecimento, possíveis de estarem presentes na humanidade, como procedentes do Deus único e verdadeiro, Senhor do universo, comunicadas a nós por Cristo “... no qual estão escondidos todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento” (Cl 2:3). Por isso é necessário que cada cristão, tenha uma boa compreensão deste tema. Porque precisará também orientar os novos na fé nesse entendimento. Cosmovisão cristã, também, tem tudo a ver com o estudo da Educação; Ciência; Filosofia; Governo; Economia, Arte, Tecnologia, etc, pois são áreas de conhecimento e de atividades humanas que, para serem adequadamente compreendidas e exercitadas, não podendo ser dissociadas dos princípios contidos nas Escrituras. LIMA, Daniel Barros. **Cosmovisão cristã: a transformação da mente cristã na contemporaneidade**. **Protestantismo em Revista**. São Leopoldo: v. 36. Jan./abr. 2015, p. 49-50.

<sup>42</sup> SALINAS, 2002, p. 59-76.

<sup>43</sup> CUNHA, 2006, p. 92-93.

Coccaro menciona que a contextualização tem sido alvo de vários estudos. Segundo alguns escritores, ela tem sido uma das chaves para o ministério eficaz nos dias de hoje, principalmente em grandes centros urbanos e culturais. No entanto, não se pode superadaptar o evangelho a nossa cultura nem subadaptá-lo a novas culturas. Pelas seguintes questões:

Primeiro, corre-se o risco de cair no relativismo ou no liberalismo; no segundo, a consequência é o conservadorismo cultural. Portanto, os dois perigosos extremos no que tange à contextualização são: a subadaptação e a superadaptação da mensagem. No primeiro caso, reside o medo de qualquer contextualização. Alguns cristãos, temendo o sincretismo, optam por permanecer longe da cultura local. O evangelho é pregado sem sensibilidade cultural. Tais pessoas gostam de dizer que contextualizar significa dar às pessoas o que elas querem ouvir. Por outro lado, pode haver uma obsessão com a contextualização. Esta segunda posição é igualmente danosa à comunicação do evangelho. Para seus defensores, todas as culturas são vistas como igualmente boas, não podem ser julgadas e devem ser preservadas a todo custo. No entanto, o encontro acrítico entre evangelho e cultura ofusca o papel da igreja como a luz do mundo bem como anula seu caráter contracultural no meio da sociedade.<sup>44</sup>

Brito, referindo-se ao livro de Eugene Peterson, *“A Vocação Espiritual do Pastor”*, observa que no momento atual que a igreja está vivenciando, cada vez menos se fala sobre o preparo e formação pastoral e cada vez mais na formação de líderes. Essa linha de pensamento, segundo ele, vem corrompendo a vocação. Essa mentalidade faz com que a igreja passe a refletir mais as estruturas eficientes do mercado e menos a imagem da glória de Deus; entretanto, ele observa que há um clamor das ovelhas.<sup>45</sup>

No mundo pós-moderno percebe-se que as ovelhas estão à procura de um pastor que as guie. Diante disso, surgem os falsos mestres, líderes “espirituais” de todos os lados e todos os gostos, que na verdade mais se parecem com verdadeiros gurus e guias e que são intitulados como: mestres, mentor, bispo, profeta, apóstolo, missionário, pastor e outros.<sup>46</sup>

Embora tenha que contextualizar a mensagem anunciada, se a igreja atual quiser alcançar as gerações futuras, não pode parar no tempo, é preciso empregar todo o esforço possível para continuar a escrever a história da Igreja. Contudo, será necessário ter cuidado para não desfazer o que legitimamente foi deixado pelos que deram a vida por causa do Evangelho, para que chegasse até onde chegou.<sup>47</sup> Diante disso, compreende-se também que um grande desafio do pastor para com a igreja é:

... ser um organismo vivo (...) (a igreja não é uma simples organização ou instituição religiosa, mas um organismo vivo – o corpo de cristo), composta e formada, formada por indivíduos que participam efetivamente da

<sup>44</sup> COCCARO, Giuliano Letieri. Pregando num “mar de mudanças”: contribuições a partir do conceito de contextualização de Newbiggin. **FIDES REFORMATA** XXI, n 2. 2016, p. 12.

<sup>45</sup> BRITO, Neilson Xavier. Salmo 23.4: uma proposta de modelo pastoral para momentos de crise. **Revista Ensaios Teológicos**. v. 2, n. 01. Ijuí: Junho/2016, p. 99.

<sup>46</sup> CUNHA, 2006, p. 88.

<sup>47</sup> CUNHA, 2006, p. 94

sociedade da qual existem, vivenciando as questões mais diversas, mas que, têm uma postura diferente, pois isso mesmo, têm uma relação consciente com Ele, se direcionam pela palavra de Deus – a Bíblia – e procuram ser guiados e orientados pelo Espírito Santo e, têm em Jesus Cristo, não apenas um referencial, mas Seu Senhor, Salvador e Mestre e, por isso mesmo, se tornam “luz do mundo” em que vivem.<sup>48</sup>

Coccaro descreve que qualquer tentativa de contextualizar a boa-nova, sem ações apropriadas, pode destruir o testemunho da igreja. Mesmo a pregação que se preocupa com aspectos da contextualização na mensagem não é uma garantia de que o sermão irá realizar as expectativas<sup>49</sup>, compreender o mundo e o momento é um dos desafios da teologia pastoral prática e enfrentar os riscos da fragilidade humana.<sup>50</sup> Diante desse cenário surge a pergunta de qual deve ser a conduta do pastor? Esse é o destaque do próximo subponto.

### **3.2 A conduta do pastor**

Schach discorre a respeito da postura do pastor quanto ao bom andamento da igreja. Ele menciona que atualmente muitos pastores estão fazendo curso, seminários especiais e lendo muita coisa sobre o crescimento da igreja. No entanto, ele observa que a melhor maneira de contribuir para com o bom andamento da igreja é, “pregar a Palavra com autoridade, além disso, chamar os cristãos a viverem uma vida de completa obediência a Cristo”.<sup>51</sup> O anseio com o crescimento da igreja chega a ser tão intenso que muitas vezes se esquece que a denominação de ovelhas dada ao fiel é apenas ilustrativa.<sup>52</sup>

Apesar de saber que as ovelhas possuem características que podem ser aplicadas aos seguidores de Cristo, de fato os fiéis são muito mais do que ovelhas. São pessoas que precisam de outras pessoas, tendo em vista o desenvolvimento de bons relacionamentos com o próximo e conseqüentemente com Deus. Contudo, há muitos pastores que deixaram de ser parte do corpo da igreja, passando a ser um profissional, uma espécie de especialista em assunto sobre o corpo de Cristo. Muitos desses só aparecem nos púlpitos, entram e saem pelas portas dos fundos, quando muito, só se encontram com seus membros no gabinete.<sup>53</sup>

É de extrema importância que o pastor esteja muito atento ao relacionamento entre os “bancos e púlpito”, (ouvintes e pregador). Jamais se deixar levar pela influência e por aquilo que os ouvintes gostariam de ouvir. O pastor, na função de mensageiro de Deus, deve anunciar a mensagem totalmente direcionado por Deus. Nesse sentido, Schach faz a seguinte observação:

Se uma pessoa se ofende ao ouvir as Escrituras, isso é problema dela. Se ela se ofende com a doutrina bíblica, com padrões ou com a disciplina eclesiástica, isso também é problema dela, pois tal pessoa se ofende com Deus. Mas, se ela se ofende com nosso comportamento ou modo de agir –

---

<sup>48</sup> CUNHA, 2006, p. 95.

<sup>49</sup> COCCARO, 2016, p. 19-20.

<sup>50</sup> BRITO, 2016, p. 101.

<sup>51</sup> SCHACH, 2003, p. 78.

<sup>52</sup> CUNHA, 2006, p. 161.

<sup>53</sup> CUNHA, 2006, p. 161.

sem importar o que o quanto estes sejam bons e aceitáveis em si – então, o problema dessa pessoa se torna o nosso problema. Não se trata de uma questão de lei, mas de amor; e o amor sempre demanda mais do que a lei.<sup>54</sup>

Porém, o pastor não deve desconsiderar a situação dos seus interlocutores; ele está ciente para que tipo de público que está ministrando a palavra: crentes, descrentes, leigos ou doutores. Isso não quer dizer que os ouvintes não irão querer controlar o púlpito, mas que compete ao ministrante avaliar as condições e a posição dos seus ouvintes.<sup>55</sup>

O pregador deve pregar de maneira clara para que as pessoas entendam o que ele quer transmitir. Isso se torna ainda mais importante em sociedades pós-cristãs ou em contextos de intenso analfabetismo bíblico. O pastor deve evitar o “cristianês”, visto que uma das dificuldades na compreensão da mensagem é que os pregadores não estão falando a língua do público. Por exemplo, ele escolhe a palavra “pecado”, aplicada a certos comportamentos, e mostra algumas expressões semelhantes para comunicar o sentido do pecado para as pessoas: “separação de Deus”, “alienação do Criador”, “a condição de estar desconectado de Deus” e “errar o alvo da perfeição divina”, esse tipo de vocabulário deve ser evitado. Fato é que as pessoas que vivem nesse contexto atual e secularizado, incluindo os próprios membros da igreja, na maioria das vezes não compreendem o vocabulário religioso.<sup>56</sup>

Um grande perigo de alguns pastores no contexto atual é de conduzirem a igreja como se fosse uma empresa, e quando menos espera, os mesmos gostam da ideia de ser profissionais de sucesso aos olhos do mundo. No contexto empresarial, as pessoas têm o objetivo de construir carreira gloriosa e alcançar altas posições. No entanto, o conceito de sucesso de um pastor é definido por Deus. Nesse sentido, um pastor bem-sucedido não é aquele que faz e acontece, mas aquele que está no lugar onde Deus gostaria que ele estivesse e vivendo em total obediência à vontade soberana daquele que o chamou.<sup>57</sup>

Infelizmente, a nação está vivendo uma crise de caráter institucional, uma falta de credibilidade sem fim. Não muito distante das instituições denominadas seculares, a crise de moralidade atingiu de forma vergonhosa as instituições religiosas. Muitos líderes religiosos têm enriquecido de forma ilícita em nome da fé. Homens sem escrúpulos atrás de púlpitos, fazendo da igreja uma empresa lucrativa. Para a vergonha de muitos, surgiu até a expressão: “pequenas igrejas, grandes negócios; grandes igrejas, lucros estrondosos.”<sup>58</sup>

Muitas vezes motivados pelo sucesso e pelo desejo de suprir as expectativas dos outros, muitos pastores são engolidos pela obsessão pelo sucesso, quando menos percebem estão sem forças e doentes espiritualmente. Quando isso não é o bastante, causam também grandes danos à família, tendo em vista que, anteriormente, ficaram obstinados por eventos e cumprir tarefas que os afastassem do seu lar. Nesse contexto de administrar a igreja e a

<sup>54</sup> SCHACH, 2003, p. 80.

<sup>55</sup> SCHACH, 2003, p. 80.

<sup>56</sup> COCCORO, 2016, p. 20-21.

<sup>57</sup> BUHR, João Rainer. **O sofrimento do pastor**: um mal silencioso enfrentado por Paulo e por pastores até hoje. Curitiba: Esperança, 2017, p. 69-70.

<sup>58</sup> LOPES, Hernandes Dias. **De pastor a pastor**: princípios para ser um pastor segundo o coração de Deus. São Paulo: Hagnos, 2008, p. 27-48.

família, uma das ferramentas indispensáveis para um pastor não se perder no tempo e não se deixar sufocar pela demanda é ter uma agenda que lhe permita administrar o seu tempo.<sup>59</sup>

Certamente, Deus deseja usar um obreiro trabalhador, difícil dia será o último dia para aquele que não trabalhou arduamente em seu ministério, pois terá que prestar contas a Deus por aquilo que Dele recebeu. Os pastores que desejarem uma vida ministerial fácil também não são dignos do púlpito cristão. Não deve ser um pregador preguiçoso, nem ser antiquado, inútil, sem que nada de novo brote da sua alma para alimentar as pessoas. Deve ser um estudante constante e usar a inteligência em seu ensino; acima de tudo, deve colocar seu coração e mente na transmissão da mensagem. Sempre a sua última mensagem deve lhe parecer como se tivesse lhe entregando a vida.<sup>60</sup>

O pastor precisa ensinar continuamente a Palavra com fidelidade, deve ter sempre em mente que é um discipulador e um mentor que deve nutrir as ovelhas de Cristo. Lopes, descrevendo o compromisso do pastor, observa que o pastor deve cuidar de todo o rebanho e não apenas das ovelhas dóceis (At 20.28). Além disso, ele deve ter em mente que o pastor não é o dono do rebanho, mas um servo. Ele ainda observa que o pastor jamais deverá impor-se arbitrariamente como líder do rebanho, mas lembrar que foi o Espírito Santo quem o constituiu bispo para pastorear.<sup>61</sup>

O texto de Lucas 15.1-7 descreve a ovelha perdida. Ao analisar essa passagem, Falcão descreve:

O pastor não deve estar incomodado com a falta que a centésima ovelha faz ao rebanho, mas com a falta que o rebanho faz para a centésima ovelha. Ao partir em busca da ovelha perdida, o pastor não está preocupado com a integridade do rebanho, mas com a integridade da ovelha. O sofrimento de que a ovelha padece (frio, fome, feridas, ameaças dos predadores, solidão) deve sensibilizar o pastor e levá-lo a tomar iniciativa de ir buscá-la. Você não estará agindo para manter ou melhorar a sua imagem de pastor, mas para restaurar a imagem de Cristo na alma da ovelha tresmalhada.<sup>62</sup>

Brito, ao avaliar o comportamento das “ovelhas”, concluiu que a ovelha é um animal vulnerável, que não tem meios próprios para defesa; é uma presa fácil para qualquer animal feroz (1Pe 5.8). O pastoreio é vital, tanto no coletivo, quanto no individual. O pastor precisa ter em mente que exercer o ministério pastoral é o teste final do chamado para ser pastor. Não é uma tarefa fácil. Os pastores existem por causa das ovelhas/igreja. Isso implica amar as ovelhas.<sup>63</sup>

---

<sup>59</sup> BUHR, 2017, p. 60-61.

<sup>60</sup> SPURGEON, Charles. **Conselhos para obreiros**: o príncipe dos pregadores orienta os ministros da igreja. Trad. Daniel Santos e Lucília Marques. São Paulo: Vida Nova, 2015, p. 59-60.

<sup>61</sup> LOPES, 2008, p. 127-128.

<sup>62</sup> SOBRINHO, João Falcão. **Agora sou pastor**: orientações e concelhos práticos para pastores. Curitiba: ADSantos, 2011, p. 59.

<sup>63</sup> BRITO, 2016, p. 106.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisando o contexto da pós-modernidade, frente à mentalidade que foi sendo formada na sociedade de modo geral, bem como no aspecto religioso, conclui-se que, embora haja desafios ante a missão de pastorear, o pastor, acima de qualquer outra coisa, necessita de conhecer o “seu Pastor”. O apóstolo Pedro (1Pe 2.25) apresenta uma análise sobre qual é a condição do homem sem Cristo: “Porque éreis desgarrados como ovelhas; mas agora tendes voltado/vos convertestes ao Pastor (ποιμένα - *poiména*) e Bispo (επισκοπον - *épískopo*) da vossa alma”.<sup>64</sup> Conhecer a Deus é de fundamental importância para a vida.<sup>65</sup>

A igreja é a noiva do Cordeiro, a menina dos olhos de Deus, a qual ele comprou com o preço do sangue de Seu único filho. O pastor deve cuidar com muito zelo da igreja, deve ser um guardião do rebanho e ficar atento para com as heresias que estão sendo ensinadas na contemporaneidade. Acima de tudo, o pastor deve ser totalmente obediente à Palavra de Deus, manter uma vida devocional ativa e não apenas nos fins de semana. “Pastorear uma igreja sem ler continuamente a Bíblia é como dirigir um navio sem consultar frequentemente o mapa dos oceanos”<sup>66</sup>, correndo o risco de ser levado por qualquer vento de doutrina que é apresentado na atualidade.

## REFERÊNCIAS

ANDERSON, Perry. **As origens da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999. 165 p.

BRITO, Neilson Xavier. Salmo 23.4: uma proposta de modelo pastoral para momentos de crise. **Revista Ensaios Teológico**. v. 2, n. 01. Ijuí: Junho/2016. p. 98-111.

BUHR, João Rainer. **O sofrimento do pastor: um mal silencioso enfrentado por Paulo e por pastores até hoje**. Curitiba: Esperança, 2017. 160 p.

COCCARRO, Giuliano Letieri. Pregando num “mar de mudanças”: contribuições a partir do conceito de contextualização de Newbigin. **FIDES REFORMATATA XXI**, n 2. 2016. p. 9-34.

CUNHA, Paulo R. **A sedução: os efeitos da pós-modernidade na Espiritualidade**. Curitiba: Esperança, 2006. 192 p.

FALCÃO SOBRINHO, João. **Agora sou pastor: orientações e concelhos práticos para pastores**. Curitiba: ADSantos, 2011. p. 59.

FONTENELLE, Isleide Arruda. **Pós-modernidade: trabalho e consumo**. São Paulo: Cengage, 2008. 104 p.

HORN, C. III; KLOOSTER, F. H. BISPO. In: **Enciclopédia Histórica-Teológica da Igreja Cristã**. Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 2009. Vol. 1, 510 p.

<sup>64</sup> SOCIEDADE BÍBLICA DO BRASIL, 2018, p. 930.

<sup>65</sup> BRITO, 2016, p. 106.

<sup>66</sup> FALCÃO SOBRINHO, 2011, p. 136-137.



KRÜGER, Harriet Wondracek. **A teologia que vem dos palcos evangélicos**. Curitiba: ADSantos, 2017. 224 p.

LIMA, Daniel Barros. Cosmovisão cristã: a transformação da mente cristã na contemporaneidade. **Protestantismo em Revista**. São Leopoldo: v. 36. Jan./abr. 2015. p. 48-63.

LOPES, Hernandes Dias. **De pastor a pastor: princípios para ser um pastor segundo o coração de Deus**. São Paulo: Hagnos, 2008. 167 p.

MACARTHUR Jr, John. **Redescobrimo o ministério pastoral**. Rio de Janeiro: CPAD, 1998. 452 p.

MARTINS, Jaziel Guerreiro. Pós-modernidade e teologia. **Revista Via Teológica**, n. 7. Curitiba. 2003. 144 p.

MARTINS, Jaziel Guerreiro. O Espírito e a cosmovisão da pós-modernidade. **Revista Via Teológica**, n. 6. Curitiba. 2002. 123 p.

RAMOS, Robson. **Evangelização no mercado pós-moderno**. 2.ed. Viçosa: Ultimato, 2009. 112 p.

RENDTORFF, Trutz; GISEL, Pierre. (Org.). MODERNIDADE. **Enciclopédia do protestantismo: teologia, eclesiologia, filosofia, história, cultura, sociedade, política**. Tradução de Norma Cristina G. São Paulo: Hagnos, 2016. 1936 p.

SADOVIK, Iuri de Brito. **O significado do casamento na sociedade pós-moderna**. Ijuí: Faculdade Batista Pioneira, 2018. 45 p. TCC de Bacharel em Teologia.

SALINAS, Daniel; ESCOBAR, Samuel. **Pós-modernidade: novos desafios à fé cristã**. 2.ed. São Paulo: ABU, 2002. 97 p.

SCHACH, Vanderlei A. **A inflação da Palavra de Deus na pós-modernidade**. Ijuí: Seminário Teológico Batista de Ijuí, 2003. 103 p. TCC de Bacharel em Teologia.

SILVA, Claudemir Pedroso da (Org). **Minidicionário bíblico**. São Paulo: Equipe DCL, 2012. 512 p.

SOCIEDADE BÍBLICA DO BRASIL. **Bíblia Sagrada**. Nova Almeida Atualizada. Trad. João F. de Almeida. São Paulo: SBB, 2018. 960 p.

YOUNGBLOOD, Ronald F.; BRUCE, F. F.; HARRISON, R. K. **Dicionário ilustrado da Bíblia**. Tradução de Lucília M. Pereira. São Paulo: Vida Nova, 2004. 1443 p.

# Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878



Ensaaios Teológicos está licenciada com uma Licença Creative Commons  
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

## AO RESGATE DA ARTE: EM BUSCA DE UMA NOVA SIGNIFICÂNCIA DA ARTE PARA O CRISTIANISMO BRASILEIRO<sup>1</sup>

To the rescue of art: looking for a new meaning for art into the Brazilian  
Christianism

Letícia Caroline Mantelli Kuss<sup>2</sup>

### RESUMO

A pesquisa tratou da relação entre o cristão e a arte em geral, em especial da necessidade de se resgatar o entendimento do propósito, bem como do uso da arte pela igreja hoje. No primeiro ponto foram delineados fundamentos da arte, com definições e abrangências do termo, tipos de arte e algumas das suas funções. Nele foi vista a complexidade da arte, como existem muitas categorias artísticas e sua importância e presença na vida. No segundo ponto foi feito um panorama histórico da arte cristã da Igreja Primitiva à Reforma Protestante e, em seguida, foi dado um parecer sobre a arte no século 21. Por meio dele, notou-se o bom desenvolvimento da arte até a Reforma, na qual a relação entre a arte e a fé se tornou conflituosa, sendo incentivada por um lado e vetada por outro. As consequências que se seguiram respingam até os dias de hoje na arte, mostrando falta de entendimento bíblico e negligência.

Palavras-chave: Arte. Arte cristã. Artista cristão. História da arte cristã. Arte e a Bíblia.

### ABSTRACT

The research discussed the relations between the Christian and the general arts, especially the need of rescuing the understanding of the purpose, as well as the use of the art by today's church. On the first point the foundations of art were outlined, with definitions and the scope of the term, kinds of art and some of its functions. In it the

<sup>1</sup> Este artigo é parte de um trabalho de Conclusão de Curso, concluído pela autora na Faculdade Batista Pioneira em 2021.

<sup>2</sup> Bacharela em Teologia pela Faculdade Batista Pioneira. E-mail: [letikuss99@gmail.com](mailto:letikuss99@gmail.com)

complexity of art is observed, as well as there are many artistic categories, and its importance and presence in life. On the second point an historical overview of the Christian art from the Primitive Church to the Protestant Reformation was made, and an opinion about the art on the twentieth-first century was given. Through this chapter, the good development of the art till the Reformation was noted, when the relation between art and faith became conflictive, encouraged by one side while vetoed by the other. The consequences that followed sprinkle on the arts until today, showing lack of biblical understanding and negligence.

**Keywords:** Art. Christian art. Christian artist. Christian art history. Art and the Bible.

## INTRODUÇÃO

Esta pesquisa será voltada para uma visão da arte de maneira geral, sendo incluídas suas mais diversas variedades. Ela começará de forma mais abrangente, tratando dos fundamentos da arte, para que tanto suas definições e abrangências, como tipos e funções sejam tratados. E a partir dessa compreensão, o foco será voltado à história da arte cristã, desde a Igreja Primitiva até a Reforma Protestante, dando um salto para a situação da arte no Século XXI.

Os problemas corolários a serem abordados para o bom desenvolvimento do assunto serão: Quais são os fundamentos da arte, incluindo sua definição, seus tipos e funções? Como as artes de desenvolveram na história da igreja cristã? E o que aconteceu para que o uso de alguns tipos de arte no culto e como influência social fosse minimizada? Qual a situação da arte feita por cristãos atualmente?

Os propósitos ao responder as perguntas acima são: através de conceituar o que é a arte, quais seus tipos e suas funções, buscando primeiramente compreender de maneira mais tangível sua essência. Após isso, sua conexão com a história da igreja cristã em seus usos e desusos encaminharão para que seja possível o entendimento da situação do artista e sua arte atualmente.

Assim, no presente artigo, o primeiro ponto da pesquisa será dedicado à pesquisa dos fundamentos da arte, para se ter uma noção mínima do que ela compreende. Definições de alguns autores serão levantadas a respeito do assunto e em relação a quem é o artista. A seguir, serão apresentados alguns tipos de arte, juntamente com uma explicação sobre cada um deles, seu uso, sua importância e impacto. Para finalizar este ponto, serão levantadas algumas das funções da arte, salientando sua relevância em diversos aspectos da vida.

No ponto dois será abordado um trecho da história da arte cristã, entrando no desenvolvimento e no uso dos tipos de arte em cada época: a Idade Antiga, a qual aborda sobre a Igreja Primitiva e a Era Romana; em sequência se adentrará na Idade Média e como foi a arte com a igreja oficial durante seu domínio, introduzindo no final uma nova época: a Renascença e a Reforma Protestante. Nesta parte, serão analisadas as perspectivas sobre a arte por parte dos principais reformadores (Lutero, Calvino e Zwinglio), delineando algumas das influências que deixaram para o protestantismo sobre o assunto. Por fim, nesse ponto ainda será dado um parecer sobre a arte no século 21 no ocidente e no Brasil, através da opinião de artistas e autoridades na área, para que a situação atual seja percebida.

## 1. FUNDAMENTOS DA ARTE

Pode-se perceber como o termo “arte” é abrangente simplesmente ao se perguntar “o que é arte?” As respostas serão muito variadas. Por isso, é necessário definir os termos, assim como alguns dos tipos de arte que existem. Compreender suas funções é outra questão primordial, pois salienta sua relevância às vezes não reconhecida. Portanto, esses temas são abordados na sequência.

### 1.1 Definições e abrangências da expressão arte

#### 1.1.1 Arte

Não é possível definir “arte” como um conceito qualquer ou colocar em uma única frase o que ela realmente significa.<sup>3</sup> São várias as alternativas para conceituá-la, devido à época, contexto sociocultural e aos próprios artistas de cada tempo. De igual forma, não é possível fazer limitações quanto ao estilo ou interesse para chegar ao que é arte.<sup>4</sup>

Sua derivação do latim *ars, artis*, tem o significado de “maneira de ser ou de agir, profissão, habilidade natural ou adquirida”. De acordo com essa ideia, a arte possui o sentido de fazer, executar manualmente. Um segundo entendimento que se teve no passado e continua é a arte como “conhecimento, visão ou contemplação”. E, ainda, arte é considerada uma forma de expressão.<sup>5</sup>

A quantidade de significados que os dicionários apresentam sobre essa palavra é suficiente para entender a complexidade que ela carrega. O dicionário Aulete, em uma de suas definições, apresenta arte como uma prática criadora da alma humana que pretende retratar experiências por meio de uma produção estética, sensitiva e emocional, assim como assimila quem a aprecia.<sup>6</sup>

Outro dicionário bem-conceituado, Michaelis, traz noções interessantes, inicialmente apresentando uma visão filosófica e histórica da arte ao entrar em concepções da estética – um dos campos de estudo da arte. Em uma delas, a estética da criação, chama a arte de “capacidade do homem de criar o belo”, como efeito de sua própria produção, aptidão e percepção, utilizando a capacidade inspirativa. É inclusive, uma forma de exteriorizar sentimentos com a capacidade de domínio sobre a matéria e a mente, possuindo um fim útil ou não. Outra definição do mesmo dicionário, de acordo com a visão estética contemporânea, arte é uma exteriorização geradora e sequência de construção que produz a transformação dos sons, da linguagem, das cores, afinal, da realidade em si, em artefatos artísticos. Diz

<sup>3</sup> FUKS, Rebeca. Afinal, o que é arte? *In. Cultura Genial*. [S.l.]: 7Graus. Disponível em: <https://www.culturagenial.com/o-que-e-arte/>. Acesso em 22 fev. 2021.

<sup>4</sup> IMBROISI, Margaret; MARTINS, Simone. O que é Arte. *In. História das Artes*. [S.l.: S.n.], 2021. Disponível em: <http://www.historiadasartes.com/olho-vivo/o-que-e-arte/>. Acesso em: 22 fev. 2021.

<sup>5</sup> IMBROISI, [S.l.: S.n.]. Disponível em: <http://www.historiadasartes.com/olho-vivo/o-que-e-arte/>

<sup>6</sup> AULETE DIGITAL. Arte. *In. Aulete*. [S.l.]: Lexicon Editora Digital, 20-?. Disponível em: <https://www.aulete.com.br/arte>. Acesso em: 10 mar. 2021.

respeito também ao desenvolvimento de um sentido novo e diferente tanto à obra quanto para a realidade.<sup>7</sup>

Em algumas definições dadas pelas artistas e educadoras Imbroisi e Martins, arte pode ser retratada como criação do ser humano de princípios estéticos, como a beleza, o equilíbrio, a harmonia, entre outros. Desses valores, a beleza diz respeito à harmonia de formas e proporções, por isso agrada os sentidos e surte admiração aos espectadores.<sup>8</sup> O equilíbrio e a harmonia em cores, sons, disposição de materiais e quaisquer outros elementos a compor uma arte, incutem sua apreciação e encantamento. Esses processos criativos resumem o que os artistas sentem e experimentam emocionalmente, sua história, como a sociedade e cultura em que estão inseridos.

Seguindo a linha de pensamento das referidas autoras, arte é uma capacidade, uma habilidade, bem como um talento, criado ou desenvolvido pelo homem<sup>9</sup>, para criar algo por meio do manuseio de materiais e dos mais diversos meios. Por intermédio da arte, o artista pode se expressar, transmitir o que pensa, suas sensações e percepções da vida. Respalado por essa cosmovisão artística, formar uma obra única, diferente de qualquer outra, mesmo não sendo talvez algo novo ou inédito. Arte diz respeito a técnicas e procedimentos, inclusive ao composto de obras de uma época histórica definida, como de diferentes nações, povos, culturas e dos movimentos artísticos marcantes em cada um, *idem*.<sup>10</sup>

Gombrich, diz que, na verdade, arte em si não existe, mas sim, artistas. Não que seja proibido chamar diferentes atividades de “arte”, porém, antes, deve-se ter em consideração que essa palavra pode significar diversas coisas bem diferentes. De acordo com ele, “Arte com A maiúsculo não existe”.<sup>11</sup>

Esse pensamento vem ao encontro da arte conceitual e da teoria pós-moderna, que diz que qualquer coisa pode ser considerada arte.<sup>12</sup> Dessa forma, a arte torna-se arte pela arte, sem uma função específica. A busca pelo sentido da arte hoje em dia mostra que ela está em crise.<sup>13</sup>

Por fim, uma definição adicional traz arte como um gama altamente diverso de atividades humanas envolvidas em criar artefatos, obras de arte visuais, auditivas ou de performance que expressam a imaginação, bem como habilidade técnica do autor. Além disso, tem a pretensão que sejam apreciadas por sua beleza ou poder emocional. A arte pode ser

<sup>7</sup> MICHAELIS. Arte. *In.* **Michaelis**. [S.l.: Melhoramentos Ltda, 20-?] Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=arte>. Acesso em 10 mar. 2021.

<sup>8</sup> AULETE DIGITAL. Beleza. *In.* **Aulete**. [S.l.: Lexicon Editora Digital, 20-?] Disponível em: <https://www.aulete.com.br/beleza>. Acesso em 10 mar. 2021.

<sup>9</sup> Homem neste artigo refere-se ao ser humano e não envolve questões de gênero.

<sup>10</sup> IMBROISI, [S.l.: S.n.]. Disponível em: <http://www.historiadasartes.com/olho-vivo/o-que-e-arte/>

<sup>11</sup> GOMBRICH, Ernst H. **A história da arte**. 16.ed. Rio de Janeiro: LTC, 2000, p. 1.

<sup>12</sup> LUMEN LEARNING. What is Art? *In.* **Lumen Boundless Art**. Montreal: Pressbooks, 2021, Disponível em: <https://courses.lumenlearning.com/boundless-arthistory/chapter/what-is-art/>. Acesso em: 04 mar. 2021.

<sup>13</sup> ROOKMAAKER, Hans R. **A arte não precisa de justificativa**. Trad. Fernando Guarany Jr. Viçosa: Ultimato, 2010, p. 18.

caracterizada em termos de mimese, ou seja, sua representação da realidade, expressão, comunicação de emoção ou outras qualidades.<sup>14</sup>

### 1.1.2 Artista

Um artista pode ser definido, de acordo com o dicionário Aulete, como alguém dedicado a uma atividade artística, que possui sensibilidade e apreciação pela arte.<sup>15</sup> Pode ser, também, segundo o dicionário Michaelis, aquele que se empenha nas artes e até vive por meio delas, como, por exemplo, cantor, escritor, ator etc. Ademais, pode ser um indivíduo que trabalha com atividades que envolvem criação e interpretação.<sup>16</sup> Outra definição interessante, do dicionário Webster, traz o artista como aquele que cria a arte, valendo-se de habilidades adquiridas e imaginação para suas criações.<sup>17</sup> Uma definição simplificada para quem o artista é poder ser: uma pessoa envolvida em alguma(s) da(s) mais variadas atividades que estão relacionada a criar arte.<sup>18</sup>

Esse termo, contudo, nem sempre teve o significado que apresenta atualmente, passando por diversas transformações. A tradição integrava as composições dos artistas, da qual faziam parte: modelos, compreensão de técnicas, equipamentos e o manejo delas. Não havia antigamente a busca pela originalidade tão aclamada hoje. A beleza, a habilidade e a qualidade eram os fatores de valorização e as diretrizes que os artistas possuíam.<sup>19</sup>

Na Grécia e Roma antigas, a palavra mais próxima para “arte” que era usada tem o significado de competência em qualquer área da arte ou ofício. O padrão ao qual eles equiparavam a arte era ao nível do trabalho manual. Mesmo assim, havia tipos de arte que eram vistos com mais estima e outros com grau social menor. Tudo dependia das musas mitológicas nas quais esses povos acreditavam trazer inspiração para a criação.<sup>20</sup>

Já na Idade Média, “artista” significava algo parecido com “artesão” ou estudante de arte. Ainda antes de 1400, Leon Battista Alberti formulou a divisão entre artes “menores” e “maiores”, de acordo com a capacidade e habilidade intelectual dos artistas, em detrimento das de um artesão.

Foi durante o Renascimento, no século XVI, que a função do artista e das artes começou a se transformar em alguns países europeus.<sup>21</sup> A lacuna entre as artes finas e de aplicação foram solidificadas pelas academias europeias, e continua até hoje de alguma forma. A

<sup>14</sup> LUMEN LEARNING, 2017. Disponível em: <https://courses.lumenlearning.com/boundless-arthistory/chapter/what-is-art/>.

<sup>15</sup> AULETE DIGITAL. Artista. In. **Aulete**. [S.l.: Lexicon Editora Digital, 20-? Disponível em: <https://www.aulete.com.br/artista>. Acesso em 10 mar. 2021.

<sup>16</sup> MICHAELIS. Artista. In. **Michaelis**. [S.l.: Melhoramentos Ltda, 20-? Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/artista/>. Acesso em 12 mar. 2021.

<sup>17</sup> MERRIAM-WEBSTER. Artist. In. **Merriam-Webster**. Springfield: Incorporated, 2021. Disponível em: <https://www.merriam-webster.com/dictionary/artist>. Acesso em: 13 de mar. 2021.

<sup>18</sup> LUMEN LEARNING, 2017. Disponível em: <https://courses.lumenlearning.com/boundless-arthistory/chapter/what-is-art/>.

<sup>19</sup> ROOKMAAKER, 2010, p. 12, 13.

<sup>20</sup> LUMEN LEARNING, 2017. Disponível em: <https://courses.lumenlearning.com/boundless-arthistory/chapter/what-is-art/>.

<sup>21</sup> ROOKMAAKER, 2010, p. 13.

diferença entre elas é que artes finas são intencionadas ao estímulo intelectual, enquanto as artes aplicadas empregam o design e a estética em objetos usados no dia a dia.<sup>22</sup>

Pode-se observar assim que, até o século XVIII, o artista era mais considerado como um artesão. Depois disso, de acordo com Rookmaaker, esse conceito passou a ser trocado por outro que o considera tanto um sábio talentoso como um excluído socioeconômico.<sup>23</sup> Existe, desde então, uma grande crise nas artes. Os artistas vivem na pressão entre produzir o que é de gosto do povo para não passarem fome ou produzirem algo bom e original na tentativa de ganhar reconhecimento e provisão financeira. Para muitos deles, o significado da arte se tornou a procura por conhecimento próprio, a expressão do que está no mais profundo. Porém, pode trazer uma busca individualista e solitária.<sup>24</sup>

Hoje, querendo ou não, o conceito do pós-modernismo está em voga. Da mesma forma que ele prega que qualquer coisa pode ser considerada como arte, qualquer um pode ser um artista.<sup>25</sup> Porém, esse assunto está longe de ser fechado.

## 1.2 Tipos de arte

Tendo em vista a dificuldade em definir com exatidão o que é arte, pode parecer ainda mais complexo delinear os tipos de arte com precisão sem deixar algum de lado. Com o passar do tempo, em cada cultura surgem tanto variações artísticas, como novas categorias, principalmente devido ao desenvolvimento tecnológico.

Considerava-se existir sete tipos de arte. Conforme Fuks, no livro “As Belas Artes” (1747), Charles Batteux (1713-1780), categorizou as diferentes manifestações artísticas do seguinte modo: pintura, escultura, arquitetura, música, poesia, eloquência e dança. Cerca de um século depois, Ricciotto Canudo (1879-1923), escreveu uma obra chamada “Manifesto das Sete Artes”, trouxe a seguinte classificação das artes: música, dança, pintura, escultura, teatro, literatura e cinema. Com o passar do tempo, novas modalidades surgiram e foram acrescentadas a essas listas, são elas: a fotografia, os quadrinhos, os games e a arte digital.<sup>26</sup>

Há quem faça divisões diferentes, considerando como categorias tradicionais: a literatura (incluindo poesia, drama, história, oratória, entre outros), artes visuais (pintura, desenho, escultura etc.), artes gráficas (pintura, desenho, design, dentre outras formas), artes plásticas (escultura, modelagem), artes decorativas (trabalhos em esmalte, design de móveis, mosaico, etc.), artes cênicas (teatro, dança, música), música (como composição), e arquitetura (incluindo design de interiores).<sup>27</sup>

<sup>22</sup> LUMEN LEARNING, 2017. Disponível em: <https://courses.lumenlearning.com/boundless-arthistory/chapter/what-is-art/>.

<sup>23</sup> ROOKMAAKER, 2010, p. 9.

<sup>24</sup> ROOKMAAKER, 2010, p. 17.

<sup>25</sup> LUMEN LEARNING, 2017. Disponível em: <https://courses.lumenlearning.com/boundless-arthistory/chapter/what-is-art/>.

<sup>26</sup> FUKS, Rebeca. Tipos de arte. In. **Cultura Genial**. [S.l]: 7Gaus. Disponível em: <https://www.culturagenial.com/tipos-de-arte/>. Acesso em 22 fev. 2021.

<sup>27</sup> ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA. The arts. In. **Encyclopaedia Britannica**. Chicago: Incorporated, 2018. Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/the-arts>. Acesso em: 31 mar. 2021.



Para sistematizar estas divisões, algumas das artes apresentadas acima foram divididas entre 4 grupos, a saber: 1) literatura; 2) artes visuais; 3) gráficas e decorativas; e 4) artes auditivas e cênicas. A seguir será possível conhecê-las mais de perto:

### 1.2.1 Literatura

A literatura pode ser definida como um conjunto de trabalhos escritos<sup>28</sup>, sejam em prosa ou verso.<sup>29</sup> Tradicionalmente, esse termo era usado para trabalhos distintos, que se valiam de imaginação e excelência estética, intencionalmente produzidos pelo autor.<sup>30</sup> Porém, é uma definição em trânsito. Houve épocas em que o termo “literatura” era aplicado a todos os livros e tipos de escritas; outras que era de modo restrito àquelas que utilizavam imaginação. E atualmente, há novamente uma visão mais inclusiva do que pode ser considerado literatura.<sup>31</sup>

Trabalhos literários refletem e mostram muito os tipos de sociedade no decorrer dos tempos. Por isso, possuem uma função histórica valiosíssima para o conhecimento de uma sociedade e da linguagem utilizada por ele. Sem contar que muitas obras são consideradas artefatos culturais. Mas além de informações do passado, a literatura serve para introduzir o leitor a um mundo diferente, novo e repleto de experiências.<sup>32</sup> Sem contar que a literatura como arte é uma organização de letras, palavras, sentenças e sentidos que intuem o prazer ao leitor, elevando sua alma e mente, e até transformando e reafirmando valores e conceitos sociais.<sup>33</sup> Alguns tipos de literatura são: poesia, drama e oratória.

Um das formas mais clássicas de literatura é a poesia. Caracteriza-se por seu uso em versos e linhas, contrastando com a prosa, feita em sentenças e com uma sintaxe diferente. Ademais, possui qualidades estéticas e rítmicas, que trazem beleza e uma sonoridade quase cantada para a linguagem.<sup>34</sup> Apesar disso, poemas podem igualmente seguir uma forma livre, sem estrutura ou rimas formais,<sup>35</sup> seguindo rimas de ideias e até com representações diferenciadas usando as palavras, com formações de desenhos.<sup>36</sup>

Drama, na literatura, é uma composição que tem a intenção de representar a vida em algum aspecto, um personagem ou narrar uma história. A forma que um drama é expresso

<sup>28</sup> LUMEN LEARNING. Defining literature. In. **Lumen**: introduction to Literature. Montreal: Pressbooks, 2021. Disponível em: <https://courses.lumenlearning.com/introliterature/chapter/defining-literature/>. Acesso em: 06 mar. 2021.

<sup>29</sup> MERRIAM-WEBSTER. Literature. In. **Merriam-Webster**. Springfield: Incorporated, 2021. Disponível em: <https://www.merriam-webster.com/dictionary/literature>. Acesso em: 13 de mar. 2021.

<sup>30</sup> REXROTH, Kenneth. Literature. In. **Encyclopedia Britannica**. Chicago: Incorporated, 2020. Disponível em: <https://www.britannica.com/art/literature>. Acesso em: 23 mar. 2021.

<sup>31</sup> LUMEN LEARNING, 2021. Disponível em: <https://courses.lumenlearning.com/introliterature/chapter/defining-literature/>.

<sup>32</sup> LOMBARDI, Esther. What Literature Can Teach Us. In. **ThoughtCo**. New York: Dotdash, 2021. Disponível em: [thoughtco.com/what-is-literature-740531](https://www.thoughtco.com/what-is-literature-740531). Acesso em: 22 mar. 2021.

<sup>33</sup> REXROTH, 2020. Disponível em: <https://www.britannica.com/art/literature>

<sup>34</sup> LUMEN LEARNING, 2021. Disponível em: <https://courses.lumenlearning.com/introliterature/chapter/defining-literature/>.

<sup>35</sup> COLLINS, Billy. **What is poetry**. In. Master Class. EUA: MasterClass, 2021. Disponível em: <https://www.masterclass.com/articles/poetry-101-learn-about-poetry-different-types-of-poems-and-poetic-devices-with-examples#what-is-meter-in-poetry>. Acesso em: 16 mar. 2021.

<sup>36</sup> LUMEN LEARNING, 2021. Disponível em: <https://courses.lumenlearning.com/introliterature/chapter/defining-literature/>.

pode variar entre verso ou prosa. Sua particularidade mais evidente é o tipo de história que se desenrola entre conflitos e emoções por meio de ações e conversas entre as personagens. Ainda, costuma ser escrito e planejado para que saia do papel e seja reproduzido através da performance teatral.<sup>37</sup>

A oratória como conhecida tradicionalmente pode ser definida como a arte de falar provida de grande eloquência, persuasão e efetividade para o público.<sup>38</sup> A percepção que a audiência tem sobre essa arte é instantânea e causa reações por vezes planejadas. Muitos daqueles que se tornaram grandes líderes usavam da oratória, como por exemplo no meio político.<sup>39</sup>

### 1.2.2 Artes visuais (gráficas e decorativas)

Esse novo e extenso conjunto de artes capta o olhar das pessoas e evoca grande magnitude de emoções por meio da obra desenvolvida com habilidade e criatividade. Apesar disso, uma definição do que representam de fato é impossível, em razão de todas as categorias que esse grupo contém, além das clássicas.<sup>40</sup> Cada um desses tipos de arte contém sua importância e função, em muitos casos, bem diferenciados uns dos outros.

A lista de categorias existentes aqui não pretende ser exaustiva, levando em consideração o desenvolvimento contínuo e a criação de novos módulos. Assim sendo, alguns tipos de artes visuais, incluindo artes gráficas e decorativas, são: pintura, desenho, escultura, design, arquitetura e fotografia.

A pintura consiste na aplicação de tinturas, pigmentos e outros elementos, normalmente por meio de pincéis, em uma superfície, de maneira a compor uma imagem. Em grandes pinturas, é interessante a percepção de como é possível transcender a mera representação ou imitação da realidade, podendo refletir condições imateriais da condição humana, como psicológicas, mentais e até espirituais.<sup>41</sup>

A arte que elabora através de técnicas que utilizam marcadores, como grafite, tinta, giz entre outros materiais para originar uma imagem em uma superfície como o papel, se chama “desenho”. Essa forma de arte foi umas das primeiras a ver tanto objetos quanto pensamentos e emoções como conceitos a serem representados visualmente.<sup>42</sup>

A escultura consiste em transformar materiais duros ou maleáveis em uma forma que represente algo real ou figurado, que ficará em formato tridimensional. São vários os tipos de

<sup>37</sup> MERRIAM-WEBSTER. Drama. *In*. **Merriam-Webster**. Springfield: Incorporated, 2021. Disponível em: <https://www.merriam-webster.com/dictionary/drama>. Acesso em: 14 de mar. 2021.

<sup>38</sup> MERRIAM-WEBSTER. Oratory. *In*. **Merriam-Webster**. Springfield: Incorporated, 2021. Disponível em: <https://www.merriam-webster.com/dictionary/oratory>. Acesso em: 14 de mar. 2021.

<sup>39</sup> BAIRD, A. Craig. Oratory. *In*. **Encyclopedia Britannica**. Chicago: Incorporated, 2019. Disponível em: <https://www.britannica.com/art/oratory-rhetoric>. Acesso em: 30 Mar. 2021.

<sup>40</sup> ENCYCLOPEDIA BRITANNICA. Art. *In*. **Encyclopedia Britannica**. Chicago: Incorporated, 2020. Disponível em: <https://www.britannica.com/art/visual-arts>. Acesso em: 24 mar. 2021.

<sup>41</sup> LUMEN LEARNING. Painting. *In*. **Lumen: introduction to art concepts**. Montreal: Pressbooks, 2021, Disponível em: <https://courses.lumenlearning.com/atd-sac-artappreciation/chapter/reading-painting/>. Acesso em: 11 mar. 2021.

<sup>42</sup> HUTTER, Heribert R. Drawing. *In*. **Encyclopedia Britannica**. Chicago: Incorporated, 2020. Disponível em: <https://www.britannica.com/art/drawing-art>. Acesso em: 29 mar. 2021.

substâncias usadas como argila, pedra, madeira e vidro. E esses designs podem ser feitos tanto com esses elementos independentemente como em superfícies, molduras, entre outros.<sup>43</sup>

Uma arte amplamente desenvolvida hoje em dia é o *design*. Apesar da extensão do termo, alguns significados que se podem dar para essa arte são: um esboço planejado que mostra as características mais relevantes de um projeto para que seja executado; a disposição de elementos ou detalhes em uma obra; um “padrão decorativo”; a arte criativa que faz designs estéticos ou utilitários.<sup>44</sup> Alguns tipos de *design* são: *design* de interiores, *design* gráfico, *design* de moda, *web design*, entre outros. A arquitetura é também um tipo de *design*. Distinta das habilidades associadas apenas a construções, a arquitetura é uma arte e uma técnica que serve tanto para fins utilitários quanto para estéticos no design de estruturas.<sup>45</sup>

Por fim, há a fotografia, que pode ser explicada como o método que usa luz combinada com radiação para, usualmente, registrar imagens daquilo que pertence ao mundo real e que tem sensibilidade a essa luz. Esta arte tem o poder de captar momentos instantaneamente e mostrar ângulos da vida e da natureza nunca vistos pelo homem.<sup>46</sup>

### 1.2.3 Artes auditivas e cênicas

Essa categoria artística envolve mais do que apenas a visão, há outros sentidos despertados. Tirando a música em si, sozinha, a qual é possível ser só ouvida, as demais categorias envolvem mais de um sentido, e todas, normalmente, envolvem música. A técnica e a metodologia são aspectos importantes, principalmente por envolver representação teatral em algumas delas e um tipo de arte dramática igualmente.<sup>47</sup> Esses tipos de arte costumam envolver performance que se desenvolvem dentro de um tempo específico e algumas também costumam ser ao vivo, apresentadas diante de uma audiência.<sup>48</sup> As categorias gerais desses tipos de arte são: música, teatro, dança e cinema.

A música consiste em uma combinação de sons, tanto vocais quanto instrumentais, incluindo melodia, harmonia, ritmo e timbres em prol da busca por uma composição bela e expressiva, que mexa com os sentimentos dos ouvintes.<sup>49</sup> Os músicos irão interpretar uma obra já escrita ou compor, utilizando os meios apresentados de forma prévia e normalmente a partir de algum estilo já conhecido como o *jazz*, o *rock*, a música clássica, o samba, entre

<sup>43</sup> ROGERS, Leonard R. Sculpture. In. **Encyclopedia Britannica**. Chicago: Incorporated, 2020. Disponível em: <https://www.britannica.com/art/sculpture>. Acesso em: 29 mar. 2021.

<sup>44</sup> MERRIAM-WEBSTER. Design. In. **Merriam-Webster**. Springfield: Incorporated, 2021. Disponível em: <https://www.merriam-webster.com/dictionary/design>. Acesso em: 18 de mar. 2021.

<sup>45</sup> SCRUTON, Roger, (et al). Architecture. In. **Encyclopedia Britannica**. Chicago: Incorporated, 2021. Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/architecture>. Acesso em: 23 mar. 2021

<sup>46</sup> NEWHALL, Beaumont, (et al). History of photography. In. **Encyclopedia Britannica**. Chicago: Incorporated, 2020. Disponível em: <https://www.britannica.com/technology/photography>. Acesso em: 26 mar. 2021

<sup>47</sup> MICHAELIS. Arte. In. **Michaelis**. [S.l.]: Melhoramentos Ltda, 20-?. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=arte>. Acesso em 10 mar. 2021.

<sup>48</sup> WAINWRIGHT, Lisa S. Performance art. In. **Encyclopedia Britannica**. Chicago: Incorporated, 2011. Disponível em: <https://www.britannica.com/art/performance-art>. Acesso em: 23 mar. 2021

<sup>49</sup> EPPERSON, Gordon. Musi. In. **Encyclopedia Britannica**. Chicago: Incorporated, 2020. Disponível em: <https://www.britannica.com/art/music>. Acesso em: 25 mar. 2021.

outros. O poder de influência que a música contém é muito grande, e não é à toa que ela é muito usada para os mais diversos fins.<sup>50</sup>

Já o teatro, combinado com o drama literário, visa trazer textos para a performance ao vivo, englobando as devidas personagens, caracterizações e cenários para que a peça tenha um senso de realidade e o drama seja coerente com o planejado, evocando as devidas reações. Estas são despertadas tanto pela visão como audição dos espectadores, podendo também alcançar o intelecto, de acordo com a obra e, certamente com as diferentes emoções.<sup>51</sup>

A dança é o movimento feito pelo corpo humano de acordo com um ritmo (normalmente) musical e contínuo. Esse balanço corporal tem o objetivo de expressar emoções, ideias, conceitos, liberar energia ou se deixar levar pelo movimento em deleite. Quando atrelado à técnica, o impulso poderoso que a dança carrega tem a capacidade de transformá-la em uma arte muito mais expressiva, instigante e intensa. Assim ela é coreografada e os *performers*, através de suas habilidades adquiridas e naturais, a executam com o uso de todo seu corpo, incluindo expressões faciais.<sup>52</sup>

Há ainda a arte cinematográfica, que é uma forma de arte que utiliza a luz e a fotografia. Por meio da forma rápida e sucessiva com que uma série de fotos é tirada, se tem a ilusão do movimento contínuo, o qual é considerado um fenômeno chamado “persistência retiniana”. Assim, essa arte utiliza esse mecanismo para fazer as mais distintas criações. Por envolver várias percepções humanas, a efetividade do filme em emocionar é muito alta. Existe uma grande complexidade nessa arte por tudo que ela envolve, principalmente dos outros tipos de artes, exigindo assim inúmeras habilidades técnicas.<sup>53</sup>

Após uma sucinta amostra de todos esses tipos e estilos diferentes de arte de forma categorizada, é importante ressaltar que na prática elas costumam ser complementares. Ainda mais na atualidade, elas são usadas mais juntas do que separadas, pelo poder maior de influência que podem alcançar, e pelo fato que não se tem a obrigatoriedade de usar apenas uma por vez.

### 1.3 Principais funções da arte

Atribuir qualquer função para a arte como algo mandatário e significativo para todas as artes de modo geral é tanto difícil como perigoso. Diferente de outros tipos de produção, com objetivos e metas específicas, não parece existir uma necessidade de uso prático na arte. Mesmo assim, algumas possibilidades funcionais podem ser levantadas.<sup>54</sup>

<sup>50</sup> FUKS, 2021. Disponível em: <https://www.culturagenial.com/tipos-de-arte/>.

<sup>51</sup> GUTHRIE, Tyrone, *et al.* Theatre. In. **Encyclopedia Britannica**. Chicago: Incorporated, 2020. Disponível em: <https://www.britannica.com/art/theatre-art>. Acesso em: 27 mar. 2021.

<sup>52</sup> MACKRELL, Judith R. Dance. In. **Encyclopedia Britannica**. Chicago: Incorporated, 2020. Disponível em: <https://www.britannica.com/art/dance>. Acesso em: 25 mar. 2021.

<sup>53</sup> MANVELL, Roger, *et al.* Film. In. **Encyclopedia Britannica**. Chicago: Incorporated, 2020. Disponível em: <https://www.britannica.com/art/motion-picture>. Acesso em: 25 mar. 2021.

<sup>54</sup> FUKS, 2021. Disponível em: <https://www.culturagenial.com/tipos-de-arte/>.

Um propósito essencial e comum na maioria das artes é a intenção de apelar e conectar com a emoção humana. Porém, em razão da amplitude dos tipos de arte, suas funções podem ser separadas em várias categorias. Alguns classificam como: utilitária, decorativa, terapêutica, comunicativa e intelectual.<sup>55</sup> Outros, como Claude Lévi-Strauss, vão dividir em mais categorias: expressão da imaginação, função ritual e simbólica, comunicação, entretenimento, mudança política, causas sociais, propósitos psicológicos e curativos, propaganda e comercialização.<sup>56</sup>

Há ainda, quem faça a divisão das funções da arte em um sentido mais subjetivo. Essak divide-as em: pessoal, social e física. Todas as artes possuem pelo menos uma dessas funções, senão várias delas combinadas. O autor ainda comenta sobre um ponto importante para o entendimento de uma arte: o contexto. Tirar qualquer coisa de seu contexto original costuma impedir seu entendimento pretendido e levar a incompreensão. Assim, esse é um fator a se levar em consideração.<sup>57</sup>

Pode-se perceber assim que há diferentes vertentes quando se fala em funções da arte. Essas divergências são devido a relação da sociedade com a arte. Com isso, de acordo com Imbroisi e Martins, é possível perceber duas correntes de ideias quanto ao uso da arte. A primeira diz que as artes não vêm de necessidades práticas, sendo independentes da questão utilitária. A corrente seguinte defende que só pode existir arte com alguma função ou sentido.<sup>58</sup>

Ernst Ficher, em seu livro “A Necessidade da Arte”, diz o seguinte sobre essa discussão funcional que ela apresenta, ressaltando dois lados importantes da arte: “A arte é necessária para que o homem se torne capaz de conhecer e mudar o mundo. Mas a arte também é necessária em virtude da magia que lhe é inerente.”<sup>59</sup>

A seguir, serão explanadas algumas das funções citadas anteriormente:

### 1.3.1 Emocionar e embelezar

Provocar emoções é algo presente praticamente em qualquer um dos tipos de arte, sem dúvida. A arte com frequência busca se conectar com as emoções do ser humano. Os artistas podem estimular as pessoas ao expressar sua arte, como, por exemplo, criando emoções, fé religiosa, interesse, criatividade, memórias, curiosidade, pensamentos, questionamentos, conversações, e assim por diante.<sup>60</sup>

<sup>55</sup> LUMEN LEARNING, 2021. Disponível em: <https://courses.lumenlearning.com/boundless-arthistory/chapter/what-is-art/>.

<sup>56</sup> LUMEN LEARNING. Purposes of Art. *In. Lumen: introduction to art concepts*. Montreal: Pressbooks, 2021, Disponível em: <https://courses.lumenlearning.com/sac-artappreciation/chapter/oer-1-2/>. Acesso em: 17 mar. 2021.

<sup>57</sup> ESAAK, Shelley. The Most Important Functions of Art. *In. ThoughtCo*. New York: Dotdash, 2020. Disponível em: [thoughtco.com/what-are-the-functions-of-art-182414](https://www.thoughtco.com/what-are-the-functions-of-art-182414). Acesso em: 29 mar. 2021.

<sup>58</sup> IMBROISI, Margaret; MARTINS, Simone. Pra que serve a arte. *In. História das Artes*. [S.l.: S.n.], 2021. Disponível em: <https://www.historiadasartes.com/olho-vivo/praque-serve-a-arte/>. Acesso em 19 Mar 2021.

<sup>59</sup> IMBROISI, 2021. Disponível em: <https://www.historiadasartes.com/olho-vivo/praque-serve-a-arte/>.

<sup>60</sup> LUMEN LEARNING, 2021. Disponível em: <https://courses.lumenlearning.com/sac-artappreciation/chapter/oer-1-2/>.

Uma das funções pode ser embelezar a vida, mesmo que o conceito de beleza seja um tanto subjetivo e ser relativo ao que cada apreciador de uma arte considere belo.<sup>61</sup> Não é simples definir o que faz a arte bela, contudo, há um instinto humano básico por harmonia, equilíbrio e ritmo que pode ser considerado como beleza. A beleza na arte costuma aludir a interações que são agradáveis aos sentidos, como entre linha, cor, som, textura, tamanho, movimento e formato.<sup>62</sup>

### 1.3.2 Entreter e ter utilidade

Para vários tipos de arte a função de entreter está presente. Ela produz emoções, transforma o humor e pode trazer tranquilidade, relaxamento e entretenimento ao que a aprecia.<sup>63</sup> Há tipos de arte que são produzidos pensados quase exclusivamente nesse quesito, como por exemplo, os videogames, ramo que tem se desenvolvido intensamente nos últimos tempos.<sup>64</sup>

A arte pode ser útil para finalidades que não são necessariamente artísticas. Ela pode ser usada como um meio para chegar a outro objetivo.<sup>65</sup> Além disso, pode se referir a objetos que são projetados com senso estético, mas que são feitos para servir a uma função utilitária, como por exemplo, uma cadeira.<sup>66</sup>

### 1.3.3 Comunicar e ensinar

Boa parte dos meios de comunicação possui uma intenção planejada para alcançar as pessoas. Na arte, é uma das funções mais básicas e essenciais. Pode comunicar tanto informações científicas como emoções e histórias. Se ela não comunica nada, não pode ser considerada arte.<sup>67</sup>

A arte tem propriedades muito vigorosas quando associadas com o ensino, seja direta ou indiretamente. Ela pode ser grande agente de modificações culturais e pessoais. Se usada, por exemplo, em uma escola como complemento ou meio facilitador de conteúdo, leva a uma compreensão muito mais apurada e memorável. Como também ela pode ser usada para disseminar ideias, princípios ou ideologias. Um exemplo de como isso acontece é a Idade Média, período no qual a maioria do povo era analfabeto, sendo assim, a arte teve o papel de ensinar histórias bíblicas e preceitos religiosos.<sup>68</sup>

Um dos propósitos indiretos da arte é produzir história. É possível compreender muito sobre uma cultura ou sociedade de uma época através da produção artística recorrente

<sup>61</sup> FUKS, 2021. Disponível em: <https://www.culturagenial.com/o-que-e-arte/>.

<sup>62</sup> LUMEN LEARNING, 2021. Disponível em: <https://courses.lumenlearning.com/sac-artappreciation/chapter/oer-1-2/>.

<sup>63</sup> LUMEN LEARNING, 2021. Disponível em: <https://courses.lumenlearning.com/sac-artappreciation/chapter/oer-1-2/>.

<sup>64</sup> FUKS, 2021. Disponível em: <https://www.culturagenial.com/o-que-e-arte/>.

<sup>65</sup> IMBROISI, 2021. Disponível em: <https://www.historiadasartes.com/olho-vivo/pra-que-serve-a-arte/>.

<sup>66</sup> LUMEN LEARNING, 2021. Disponível em: <https://courses.lumenlearning.com/sac-artappreciation/chapter/oer-1-2/>.

<sup>67</sup> LUMEN LEARNING, 2021. Disponível em: <https://courses.lumenlearning.com/sac-artappreciation/chapter/oer-1-2/>.

<sup>68</sup> IMBROISI, 2021. Disponível em: <https://www.historiadasartes.com/olho-vivo/pra-que-serve-a-arte/>.



naquele tempo. Isso acontece porque a arte acaba representando a realidade de sua geração, seja por demonstrar valores, ideologias, costumes ou na busca do exagero na criação de obras para ressaltar um acontecimento e até na elaboração de realidades melhores do que a que se está inserida.<sup>69</sup>

A arte reflete muito da realidade social e o artista busca muito dialogar com a sociedade através dela. Nessa função, aspectos coletivos, ou seja, ao contrário de apenas um ponto de vista individual, são ressaltados. É possível o grupo se relacionar de alguma forma com uma arte nesse formato e intuito.<sup>70</sup> Dentro desse propósito pode-se despertar uma reflexão individual ou coletiva, sobre a condição humana ou sobre a sociedade.<sup>71</sup> Neste sentido, é necessário o estudo da arte e sua relação com a história do cristianismo e da própria igreja, assunto a ser abordado no próximo ponto.

## 2. UM PANORAMA HISTÓRICO DA ARTE CRISTÃ

Já foi afirmado que a arte tem parte na produção da história e o artista dialoga muito com a sociedade. Agora é importante colocá-la dentro da história para entender um pouco da sua trajetória e desenvolvimento. Como o foco da pesquisa é arte cristã, será abordado a seguir um período em que a arte foi produzida nesse meio: na Igreja Primitiva, na Idade Média até a Reforma Protestante. Por questões de extensão, não foi abordado o período da Reforma até os dias de hoje, mas questiona-se: como foi a evolução da arte cristã? O que aconteceu na história e quais foram as suas influências para os dias de hoje? Qual é a situação da arte feita pelo cristão no século XXI? Isso será abordado a seguir.

### 2.1 Idade Antiga

#### 2.1.1 Arte na Igreja Primitiva

A música foi expressão artística que sempre acompanhou a igreja de alguma forma durante toda a sua história. No início da formação da Igreja Cristã, já estavam presentes hinos e cânticos, muitos herdados do Judaísmo, certamente.<sup>72</sup> O culto consistia basicamente na leitura e exposição da Palavra, música e orações.<sup>73</sup> A adoração possivelmente era somente vocal e congregacional.<sup>74</sup>

Na primeira época da fé cristã, que foi se desenvolvendo de forma discreta, inclusive no período das catacumbas, a arte cristã não apresentava elementos muito originais. Era uma arte que imitava temas e artistas pagãos. As catacumbas eram decoradas com afrescos à moda romana, porém seus conceitos eram mudados para uma simbologia cristã.

<sup>69</sup> IMBROISI, 2021. Disponível em: <https://www.historiadasartes.com/olho-vivo/pra-que-serve-a-arte/>.

<sup>70</sup> ESAAK, Shelley. The Most Important Functions of Art. In: **ThoughtCo**. New York: Dotdash, 2020. Disponível em: [thoughtco.com/what-are-the-functions-of-art-182414](https://www.thoughtco.com/what-are-the-functions-of-art-182414). Acesso em: 29 mar. 2021.

<sup>71</sup> FUKS, 2021. Disponível em: <https://www.culturagenial.com/o-que-e-arte/>.

<sup>72</sup> MARTIN, Ralph P. **Adoração na igreja primitiva**. Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 1982, p. 47, 49.

<sup>73</sup> MARTIN, 1982, p. 80.

<sup>74</sup> HUSTAD, Donald P. **Jubilate!**: a música na igreja. Tradução de Adiel Almeida de Oliveira. São Paulo: Vida Nova, 1986, p. 95.



No século IV, quando o imperador Constantino reconheceu o cristianismo, os templos começaram a ser construídos, onde os cultos eram realizados. A configuração dos templos já diferiu das construções dos romanos e se espalhou por muitos lugares esse estilo de construção.<sup>75</sup>

### 2.1.2 A era romana

Entre os anos de 527 e 843, que foi o período entre Justiniano e a crise iconoclasta<sup>76</sup> (batalha das imagens), a construção artística foi representada pelo dogmatismo. Isso deu à arte arquitetônica uma força simbólica singular e as igrejas foram feitas de forma cupular. Em 726 foi o ano em que se originou, por fim, a crise iconoclasta e foram promulgadas ordens com a proibição de imagens.<sup>77</sup>

Essa crise quebrou a tradição figurativa que a arte bizantina tinha e deixou suas marcas na arquitetura e na escultura. Os artistas foram proibidos de decorar as igrejas com santos. O que ainda se mantinha na arte figurativa eram os Saltérios e livros de oração, sobretudo nos monastérios. Houve a emigração de diversos monges artistas em decorrência dessa crise.<sup>78</sup>

Ao mesmo tempo que o Cristianismo ganhou liberdade no ano 313 com o imperador Constantino e seu Edito de Tolerância, não se soube usar dessa liberdade de maneira apropriada. Não se pode negar, no entanto, o alto desenvolvimento artístico que houve nessa época, adentrando na Idade Média, pois com as produções arquitetônicas, criação de imagens e produção simbólica, além de esculturas, essa área se desenvolveu como nunca, com respaldo e ajuda financeira.<sup>79</sup>

## 2.2 Idade Média

### 2.2.1 A igreja oficial

No ano 800, ano em que Carlos Magno foi coroado pelo Papa Leão III, houve um acentuado desenvolvimento da cultura. Uma academia literária foi criada na corte, onde eram produzidos objetos artísticos manuscritos ilustrados através de oficinas. A tarefa de ilustrar textos religiosos, ainda feitos à mão na época, era realizada por artistas especializados em pintura e que tinham a capacidade de produzir em espaços reduzidos.<sup>80</sup>

Com a morte de Magno, os mosteiros tiveram um papel importante no desenvolvimento da arte. Além da ilustração de manuscritos, havia oficinas de arquitetura, escultura, pintura, cerâmica, ourivesaria, fundição de sinos, fabricação de vidros, entre outros. Era o espaço em que os estudantes de diversas expressões artísticas se preparavam para o trabalho em catedrais e casas de pessoas mais importantes.<sup>81</sup>

---

<sup>75</sup> NONELL, J. Bassegoda. **Atlas de história da arte**. Tradução de Maria T. Romano. Rio de Janeiro: Ediciones Jover, 1980, p. 24.

<sup>76</sup> Foi um acontecimento caracterizado pela proibição da adoração, juntamente com a destruição de imagens sacras.

<sup>77</sup> NONELL, 1980, p. 26.

<sup>78</sup> NONELL, 1980, p. 28.

<sup>79</sup> KRÜGER, Harriet Wondracek. **A teologia que vem dos palcos evangélicos**. Curitiba: ADSantos, 2017, p. 46, 47.

<sup>80</sup> PROENÇA, Graça. **Descobrimos a história da arte**: livro do professor. São Paulo: Ática, 2005, p. 45.

<sup>81</sup> PROENÇA, 2005, p. 45.

A igreja valia-se da escultura e da pintura para o ensino bíblico e de valores naquela época, sendo que a maioria dos cristãos eram analfabetos. Os portais dos templos eram os lugares onde essa arte era produzida normalmente. Havia muita beleza, tanto na arquitetura quanto nas artes que tinham o objetivo de ajudar aqueles que por ali passavam a pensar sobre o sentido de suas vidas.<sup>82</sup>

Dos séculos IX ao XIII, surge e se desenvolve a arte românica. Os claustros e mosteiros eram lugares repletos de esculturas, como um museu.<sup>83</sup> A pintura românica teve seu desenvolvimento principalmente na decoração mural, utilizando-se a técnica do afresco.<sup>84</sup> O tipo de pintura feito era sobre o gesso fresco ou em cima de uma tábua.<sup>85</sup> Apenas temas religiosos eram registrados, assim, não havia espaço para o profano ou irreligioso como paisagens e animais. As principais características dessa pintura eram o colorismo e o deformismo. O primeiro diz respeito ao uso de cores uniformes, sem variações de tons, luz ou sombra. O segundo traduz as ideias religiosas e a interpretação mística dos artistas diante da realidade.<sup>86</sup>

A igreja de Roma em seu auge de poder apoiou financeiramente as artes de forma grandiosa, principalmente a pintura e a escultura. Eram feitas muitas encomendas para os templos com a finalidade de decorar com temas religiosos os lugares onde eram feitos os momentos de adoração ou onde tinham atividades da igreja.<sup>87</sup>

Foram poucos os monumentos que foram preservados desse período. Entretanto, pode-se determinar as influências que esses artefatos tiveram: o paleocristianismo<sup>88</sup> romano e o bizantino trazido pelos bárbaros, como também o paleocristianismo sírio, armênio e anatólio transportado pelos muçulmanos, além do monarquismo copto-egípcio e a cultura que já estava presente. Essas diversas influências artísticas existiram conjuntamente até que com Carlos Magno resultaram na arte carolíngia. A maior paixão desse momento foi a ourivesaria, superando até os mosaicos.<sup>89</sup>

A arte produzida pela igreja na Idade Média expõe histórias bíblicas, dogmas e atividades eclesiais. Nesse período, sem dúvida, a maior parte das produções artísticas se voltavam para Deus e buscavam trazer benefícios para todos, tanto servos quanto nobres. A expressão artística existiu nesse tempo em nível amador e profissional e ambos produziam artes belíssimas.<sup>90</sup>

As artes produzidas para os templos não tinham apenas o objetivo de serem belas e enfeitar o espaço, mas tinham uma função litúrgica visual, que ensinava às pessoas a Bíblia,

---

<sup>82</sup> PROENÇA, 2005, p. 47.

<sup>83</sup> NONELL, 1980, p. 46.

<sup>84</sup> PROENÇA, 2005, p. 48, 50.

<sup>85</sup> NONELL, 1980, p. 46.

<sup>86</sup> PROENÇA, 2005, p. 48, 50.

<sup>87</sup> ALMEIDA, Amanda. **E a arte? O que a Reforma tem a ver com ela?** In. *Ultimato*. Viçosa: Ultimato, 2016. Disponível em: <https://www.ultimato.com.br/conteudo/e-a-arte-o-que-a-reforma-teve-a-ver-com-ela#arte+na+igreja>. Acesso em: 15 abr. 2021.

<sup>88</sup> Arte cristã primitiva.

<sup>89</sup> NONELL, 1980, p. 40.

<sup>90</sup> HUSTAD, 1986, p. 26.

principalmente considerando o fato de que as missas eram em latim, e o povo não entendia, nem era alfabetizado em sua grande parte. Temas como a criação, o nascimento e a morte de Cristo eram representados. Mesmo sendo questionável o modo como era movido o sistema religioso, não se deve desprezar as ricas tradições artísticas presentes nele.<sup>91</sup>

Uma arte importante nesse período foi a arte gótica. No início do desenvolvimento dela, a ideia do simbolismo e da abstração são trocadas pelo naturalismo, vendo o mundo como algo a ser estudado, admirado e copiado. As esculturas deixam de possuir a rigidez românica, deixando-a mais humana. A arquitetura muda, apresentando traços mais imaginativos e verticais, sendo percebidas por suas pontas compridas e nervuras que as acompanham. As grandes peregrinações são substituídas por visitas a catedrais enormes e com vidraças lindas e alegres.<sup>92</sup>

As catedrais góticas possuem um interior bem iluminado graças à claridade vinda das janelas altas, das janelas laterais das naves e aos vitrais enormes localizados atrás do altar. Juntamente com as colunas graciosas, os vitrais contribuem para trazer leveza ao ambiente, além de deixá-lo mais colorido.<sup>93</sup>

Havia um trabalho muito rico em manuscritos ilustrados. Um deles eram as iluminuras, trabalho nos cabeçalhos, títulos ou letras capitulares. Objetos preciosos também eram utilizados pelos artistas em suas obras, principalmente dos séculos 12 ao 15. A pintura gótica começou a ganhar novas características no século 15, como o realismo, procurando reproduzir uma obra com natureza morfológica mais fiel possível ao real.<sup>94</sup>

### **2.2.2 O fim da Idade Média e a Renascença**

Depois do enfraquecimento do poder católico, seu patrocínio para os artistas também diminuiu e as encomendas passaram a ser mais pessoais, como retratos e paisagens, que antes não eram produzidos. Além disso, a vida diária dos cristãos passou a ser outro tema representado nas obras.<sup>95</sup>

Dessa forma, foi crescendo um movimento intermediário, que auxiliou na busca de mudanças na igreja e na cultura: a Renascença. Ela foi uma reação contra a opressão da igreja e uma maneira de valorizar as artes e a ciência que ajudassem a tirar o povo dessa “era das trevas”. Foi uma contribuição para a Reforma Protestante.<sup>96</sup>

O valor predominante dessa época foi o Humanismo: como oposição ao sobrenatural e ao divino, valorizou-se mais o ser humano e a natureza, e dentro disso houve uma volta à cultura greco-romana. Sob essa influência, os artistas da época expressavam em sua arte a

<sup>91</sup> ALMEIDA, 2016. Disponível em: <https://www.ultimato.com.br/conteudo/e-a-arte-o-que-a-reforma-teve-a-ver-com-ela#arte+na+igreja>.

<sup>92</sup> NONELL, 1980, p. 48.

<sup>93</sup> PROENÇA, 2005, p. 56, 57.

<sup>94</sup> PROENÇA, 2005, p. 58.

<sup>95</sup> ALMEIDA, 2016. Disponível em: <https://www.ultimato.com.br/conteudo/e-a-arte-o-que-a-reforma-teve-a-ver-com-ela#arte+na+igreja>.

<sup>96</sup> KRÜGER, 2017, p. 51.

racionalidade e a dignidade do homem. O artista também se tornou mais livre em suas produções, podendo trabalhar como um criador independente.<sup>97</sup>

### 2.3 A arte cristã e a Reforma Protestante

Em meio às mudanças culturais e econômicas que a Renascença trouxe surge, como comentado anteriormente, a Reforma Protestante, período em que a Igreja Católica foi questionada por seus desvios doutrinários e em suas práticas através das 95 teses de Martinho Lutero. Com a divisão resultante dessa ação, formou-se a Igreja Protestante, que se voltou à Bíblia e buscou reformular, de acordo com ela, a forma de ser um cristão e de ser igreja.<sup>98</sup>

Com tudo o que a Reforma Protestante alcançou de bom e autêntico, trouxe também pontos conflituosos. Um deles é a relação entre a arte e a fé. Isso é notável com o declínio de produção das artes em comparação com o período anterior. Uma das primeiras mudanças que ocorreram foi a proibição de decoração dos templos, sem símbolos, esculturas, pinturas, enfim, retirando toda a expressão sensitiva que se podia encontrar no catolicismo. Muito dessa objeção pela expressão artística estava relacionada com a proibição de fabricar ídolos, mesmo que o destaque desse mandamento esteja em não adorá-los, não em deixar de produzir arte.<sup>99</sup>

Uma das principais questões entre os reformadores era de as imagens poderem provocar a idolatria, se colocadas nas igrejas. Outro era da crença de que o dinheiro investido nas artes seria gasto de melhor forma, se fosse dado aos pobres. A terceira questão envolvia a crença dos financiadores da arte sacra em estarem contribuindo para sua própria salvação. As obras impressas foram as que fugiram da proibição que a iconoclastia trouxe, pois se pensava que era menos arriscado à idolatria.<sup>100</sup>

A mudança que ocorreu da arte quase exclusivamente eclesiástica para secular, repercutiu na diminuição do mecenato e deixou os artistas a procurarem outros patrocinadores, até o governo.<sup>101</sup>

#### 2.3.1 A arte na Reforma Luterana

A Reforma trouxe muita discussão acerca as artes. Lutero tinha uma teologia anti-iconoclasta, mostrando grande apreciação artística. Ele acreditava que as artes tinham sua contribuição com a fé e a política. Além disso, como escreveu no prefácio do Hinário de Wittenberg, ele não acreditava que o Evangelho deveria devastar as artes, mas que todas deveriam ser usadas a serviço de Deus.<sup>102</sup>

Sua apreciação pela arte pode-se ver pela inclusão da música inserindo "cantos sacros alemães", canções mais populares, fazendo o uso das quatro vozes e de instrumentos.<sup>103</sup> Ele

<sup>97</sup> PROENÇA, 2005, p. 64, 66.

<sup>98</sup> LINDBERG, Carter. **História da Reforma**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017, p. 432, 433.

<sup>99</sup> ALMEIDA, 2016. Disponível em: <https://www.ultimato.com.br/conteudo/e-a-arte-o-que-a-reforma-teve-a-ver-com-ela#arte+na+igreja>.

<sup>100</sup> LINDBERG, 2017, p. 432, 433.

<sup>101</sup> LINDBERG, 2017, p. 433.

<sup>102</sup> LINDBERG, 2017, p. 432, 433.

<sup>103</sup> KRÜGER, 2017, p. 54, 55.

tinha uma visão mais aberta sobre as artes e a produção de imagens, esculturas e da música, entendendo seu papel e como ela poderia ainda estar presente na igreja e ser produzida: não sendo adorada, mas servindo de memorial e beleza.<sup>104</sup> Em termos arquitetônicos, o protestantismo adotado na Inglaterra e na Holanda trouxe como reação à Roma uma arquitetura purista e classicista.<sup>105</sup>

O desenvolvimento literário da Reforma em diversos campos, inclusive na gramática, foi enorme. Principalmente devido ao fato de que as reformas foram "acontecimentos literários" que tinham apoio das línguas do povo. Lutero foi aclamado por sua atividade literária. Muitas literaturas nacionais tiveram sua influência com os reformados e o seu objetivo de ajustar a fé às línguas vernaculares (do povo).<sup>106</sup>

A igreja luterana possuía um retábulo que trazia um ar de santidade da qual participavam todos. Ele ajudava a guiar a experiência religiosa simplesmente por trazer o ensino da salvação, com função pedagógica, não como objeto idólatra. Além disso, Lutero usou de forma rica a música a serviço de Cristo, envolvendo com ela toda a congregação.<sup>107</sup> Bach está entre os músicos luteranos.<sup>108</sup>

### **2.3.2 A arte na reforma de Calvino e Zwínglio**

Nas reformas de Zwínglio e Calvino essas questões artísticas foram diferentes. Zwínglio proibiu todas as formas de cânticos e lacrou os órgãos, com o pressuposto de que a música fosse uma distração para a adoração e que o necessário para um culto puro era apenas a Palavra. Ele foi um dos reformadores mais extremos, vetando a arte na igreja, sendo ou não produzida por e para os cristãos. O engraçado é que ele era instrumentista e até constituiu uma orquestra na cidade.<sup>109</sup>

A liturgia que Calvino trouxe para a Reforma também foi desprovida de qualquer manifestação artística, ornamentos, pinturas, imagens, enfim, tudo o que pudesse incitar a distração do povo foi retirado. A única autoridade e o centro de tudo era a Palavra de Deus. Um tempo depois, foi acrescentada a música, porém ela só poderia ser cantada, sem auxílio de nenhum instrumento musical, sem influência de ritmos profanos e apenas com trechos da Palavra e dos credos como letra. Assim, salmos eram metrificados e se cantava de forma monofônica.<sup>110</sup>

A linha de pensamento dos reformadores de que todas as coisas estavam debaixo do senhorio de Cristo, não apenas as orações, rituais cúlticos ou estudos da Palavra, trouxe um novo ponto de vista sobre os elementos não religiosos da vida, podendo contribuir para a arte igualmente. Em razão disso, ao fazer sua arte o artista não mais precisaria estar preocupado

<sup>104</sup> ALMEIDA, 2016. Disponível em: <https://www.ultimato.com.br/conteudo/e-a-arte-o-que-a-reforma-teve-a-ver-com-ela#arte+na+igreja>.

<sup>105</sup> NONELL, 1980, p. 70.

<sup>106</sup> LINDBERG, 2017, p. 432.

<sup>107</sup> LINDBERG, 2017, p. 434.

<sup>108</sup> LINDBERG, 2017, p. 435.

<sup>109</sup> ALMEIDA, 2016. Disponível em: <https://www.ultimato.com.br/conteudo/e-a-arte-o-que-a-reforma-teve-a-ver-com-ela#arte+na+igreja>.

<sup>110</sup> KRÜGER, 2017, p. 55, 57.

nem limitado a produzir apenas obras com temas religiosos, mas expressões que glorifiquem a Deus, com valores eternos. Rembrandt é um exemplo de artista protestante que seguiu nesse caminho.<sup>111</sup>

Contudo, apesar dessa perspectiva, ainda continuou a tensão entre o protestantismo e as artes, principalmente por causa da divisão entre o secular e o sagrado que permaneceu entre eles. A apreciação a uma arte sem fins explicitamente divinos era de difícil compreensão para as pessoas.<sup>112</sup>

O esforço desses reformadores na eliminação de qualquer forma de idolatria, limitou a arte à esfera secular. As imagens, segundo eles não levariam a outra atitude, senão à idolatria. Mesmo assim, nas artes visuais ainda havia meios de edificação, como a representação de cenas do Antigo Testamento e propagandas, tais como xilogravuras satíricas.<sup>113</sup>

### 2.3.3 Influências pós-Reforma nas artes

Aqueles artistas que se firmaram na fé Reformada passaram por um grande impacto econômico, principalmente porque antes o mecenato os sustentava. Assim, as produções artísticas, por onde a reforma passava, eram impactadas significativamente.<sup>114</sup>

Pode-se perceber que a iconoclastia é uma reação pendular à religião dualista entre espírito e matéria e aos medievais com suas adorações à imagem. O aspecto verbal era tão fortemente frisado pela Reforma que o visual foi deixado de lado.<sup>115</sup> Sem contar que o motivo ético que apresentavam é que dar ajuda aos pobres é superior e melhor do que decorar igrejas. O calvinismo dava ênfase nessa questão dizendo que a moderação, a piedade e as virtudes compõem a autêntica decoração da igreja ao contrário de materiais caros. Isso teve um efeito de "moralização da beleza".<sup>116</sup>

No século XVIII, o movimento puritano seguiu as ênfases litúrgicas de Calvino, buscando a simplicidade, sem música instrumental, nem coral e sem simbolismos.<sup>117</sup> Como a Reforma calvinista foi a mais reativa contra a igreja católica, ela teve mais influência nas tradições evangélicas atuais.<sup>118</sup>

Além de um mero posicionamento contra as artes, houve muitas manifestações religiosas destruindo e queimando obras artísticas pela Europa toda. Há estudiosos que afirmam que a Reforma "foi o pior desastre artístico que aconteceu" em muitos lugares e um deles foi a Inglaterra. Tradição de gerações de artistas findaram devido à falta de demanda de obras de arte.<sup>119</sup>

---

<sup>111</sup> ALMEIDA, 2016. Disponível em: <https://www.ultimo.com.br/conteudo/e-a-arte-o-que-a-reforma-teve-a-ver-com-ela#arte+na+igreja>.

<sup>112</sup> ALMEIDA, 2016. Disponível em: <https://www.ultimo.com.br/conteudo/e-a-arte-o-que-a-reforma-teve-a-ver-com-ela#arte+na+igreja>.

<sup>113</sup> LINDBERG, 2017, p. 436, 437.

<sup>114</sup> LINDBERG, 2017, p. 437.

<sup>115</sup> LINDBERG, 2017, p. 437.

<sup>116</sup> LINDBERG, 2017, p. 438.

<sup>117</sup> HUSTAD, 1986, p. 114.

<sup>118</sup> HUSTAD, 1986, p. 117.

<sup>119</sup> ALMEIDA, 2016. Disponível em: <https://www.ultimo.com.br/conteudo/e-a-arte-o-que-a-reforma-teve-a-ver-com-ela#arte+na+igreja>.

Assim, por um lado houve renovação de pensamento e liberdade de entendimento, mas também houve proibição, restrição e divisões. Isso repercute até hoje, mais de 500 anos depois, em seus conflitos, aceitações e proibições, principalmente nas artes.<sup>120</sup> É possível dizer que a Reforma teve uma participação quase decisiva na secularização da arte ocidental, em razão de sua descentralização e pela diminuição de seu uso eclesiástico.<sup>121</sup>

## 2.4 Um parecer sobre a arte cristã no século XXI

### 2.4.1 A arte Ocidental

De acordo com Jonas Madureira, a arte ocidental está em crise. O homem não tem mais padrão de beleza, muito em razão do relativismo. Em consequência disso, a arte evangélica perdeu o bom senso, não tendo mais quase nenhuma preocupação estética.<sup>122</sup>

Essa crise que existe no meio das artes não vem de si mesma, mas tem uma expressão mais profunda que não afeta apenas ela, mas sim todas as áreas da sociedade: um problema espiritual.<sup>123</sup> Barreiras são criadas pelos cristãos para a comunicação do evangelho pela pregação de que o mundo e as pessoas são de Deus e que ambos importam, mas na prática não há a vivência desses princípios.<sup>124</sup>

O cristão tem se dado por satisfeito com sua arte muito antecipadamente. Tem aproveitado o que o mundo produz, modificado aspectos óbvios e acreditado ser o suficiente.<sup>125</sup> Além disso, com a intenção de produzir uma arte que seja evangélica, muitos artistas cristãos têm "prostituído" sua arte, ou seja, reduzindo-a e limitando-a apenas à esfera religiosa. Assim, é frequente ver a arte tornar-se insincera e inferior por se esforçar em uma direção que não lhe pertence, a de comunicar uma mensagem que deve vir através da pregação.<sup>126</sup>

Rookmaaker (1922-1977), grande referencial sobre a arte e o cristão, acredita que a arte está morrendo. Ele diz que a arte está, basicamente, centrada na realidade e perdeu a elevada qualidade romântica. Em seu lugar está a antiarte e a composição supérflua. Isso se encontra na arte minimalista, na arte de Fontana, na "música" (ou silêncio) de John Cage.<sup>127</sup> Tudo começou com o Iluminismo, a busca do homem por autonomia, com o uso apenas dos próprios sentidos e razão.<sup>128</sup>

Os artistas cristãos, desde o século 18 precisam lidar com difíceis tensões, tanto perante a igreja quanto pela sociedade em que estão inseridos. Normalmente eles não têm muito

<sup>120</sup> ALMEIDA, 2016. Disponível em: <https://www.ultimato.com.br/conteudo/e-a-arte-o-que-a-reforma-teve-a-ver-com-ela#arte+na+igreja>.

<sup>121</sup> LINDBERG, 2017, p. 438, 439.

<sup>122</sup> MADUREIRA, Jonas. O cristão e a arte. In. **Academia da devoção**. São José dos Campos: Seminário Martin Bucer, 2018. Vídeo. Disponível em: <https://plataforma.martinbucer.com/course/view.php?id=18>. Acesso em 15 abr. 2021.

<sup>123</sup> ROOKMAAKER, Hans R. **A arte não precisa de justificativa**. Trad. Fernando Guarany Jr. Viçosa: Ultimato, 2010, p. 20.

<sup>124</sup> ROOKMAAKER, 2010, p. 25.

<sup>125</sup> ROOKMAAKER, 2010, p. 35.

<sup>126</sup> ROOKMAAKER, 2010, p. 37.

<sup>127</sup> ROOKMAAKER, Ultimato, 2015, p. 207.

<sup>128</sup> ROOKMAAKER, Ultimato, 2015, p. 208.



apoio da sua comunidade, nem da família, nem da igreja. Muitos os consideram radicais ou imprestáveis.<sup>129</sup>

A cultura do ocidente está tão arraigada ao materialismo e ao consumismo que perdeu o senso estético. A arte foi retirada da posição central na vida de muitos. Em lugar de ser parte da vida de toda a sociedade ela converteu-se em um símbolo de status social e recreação. Há a tendência de fazer distinção do que é belo e estético das demais ocupações da vida.<sup>130</sup>

#### 2.4.2 A arte no Brasil

Segundo Marinoni, fundador do IACA (Instituto de Adoração, Cultura e Arte), a cultura do Brasil tem refletido muito pouco os princípios cristãos mesmo com a expressividade significativa de evangélicos no país.<sup>131</sup> A igreja está em processo de entender que a vida não está dividida entre o sagrado e o profano. Existe ainda a visão de que áreas da vida são menos santas. Por isso, o envolvimento do cristão com a cultura tem sido fraco, e é nesta área que ele devia atuar para transformá-la.<sup>132</sup> Portanto, pode-se perceber que o cristão atual tem uma relação complicada com a cultura. Ele não tem conseguido chegar a um equilíbrio saudável. Muitas vezes ele acaba apenas vivendo em uma bolha e não aceitando nem interferindo na sociedade.<sup>133</sup>

Borges, músico cristão brasileiro, diz que há um bom tempo tem notado a falta de conhecimento de arte por parte de muitos pastores, além da ausência de preocupação com a cultura. Por outro lado, vê muitos artistas sem interesse e aprofundamento teológico, o que poderia dar à sua arte um senso mais profundo.<sup>134</sup>

O mesmo autor traz também a indignação com o povo evangélico no geral, envolvendo todas as denominações de um tempo para cá: a dificuldade em acatar as expressões culturais. Há uma necessidade de que tudo o que envolve cultura tenha que ser evangelístico, adjetivando como “cristã” a dança, a música, o teatro, entre outros. Quando isso realmente vira adjetivo, há grandes possibilidades de ser ruim ou pobre. Cristãos têm criado seus guetos particulares de artistas, com versões evangélicas das coisas produzidas pelo mundo. Mesmo buscando não ser mundano, mesmo assim se tornam, copiando o que eles fazem, além o fazer muito mal.<sup>135</sup> O entendimento de que se pode produzir artes sem expor claramente que aquilo

<sup>129</sup> ROOKMAAKER, 2010, p. 9, 10.

<sup>130</sup> HUSTAD, 1986, p. 24.

<sup>131</sup> MARINONI, Renato (et. al). **O poder da arte para o Evangelho**. In. #Adoração. [S. l.]: Transmundial/IACA, 2020. PODCAST. Disponível em: <https://www.transmundial.org.br/radio/programas/adoracao/o-poder-da-arte-para-o-evangelho>. Acesso em 14 abr. 2021.

<sup>132</sup> MARINONI, 2020. Disponível em: <https://www.transmundial.org.br/radio/programas/adoracao/o-poder-da-arte-para-o-evangelho>.

<sup>133</sup> MARINONI, Renato (et. al). **O cristão e a cultura**. In. #Adoração. [S. l.]: Transmundial/IACA, 2020. PODCAST. Disponível em: <https://www.transmundial.org.br/radio/programas/adoracao/o-poder-da-arte-para-o-evangelho>. Acesso em 14 abr. 2021.

<sup>134</sup> BORGES, Gerson. **Como ser evangélico sem deixar de ser brasileiro**. In. Ultimato. Viçosa: Ultimato, 2015. Disponível em: <https://www.ultimato.com.br/conteudo/como-ser-evangelico-sem-deixar-de-ser-brasileiro>. Acesso em: 21 abr. 2021.

<sup>135</sup> BORGES, 2015. Disponível em: <https://www.ultimato.com.br/conteudo/como-ser-evangelico-sem-deixar-de-ser-brasileiro>.

é cristão, mas, através da arte, levar uma cosmovisão cristã às pessoas, é outro processo que a igreja passa atualmente.<sup>136</sup>

Indo na mesma direção, Madureira comenta que o zelo muito cuidadoso, excessivo sobre as artes fez com que, por exemplo, a música gospel ficasse quase como uma cópia ou paródia das músicas feitas pelos não cristãos. Isso gerou um dualismo: fez com que só se pensasse que é possível "curtir a beleza" se ela tiver uma relação explícita com a Bíblia. Assim, se perdeu a influência na cultura, pois deixou-se de produzir a beleza da criação, não apenas da Palavra de Deus, mas de realidades por ela apresentadas. Deixou-se de produzir cultura e formou-se uma subcultura evangélica: arte só para cristãos. Segmentou-se a arte somente para o povo cristão.<sup>137</sup>

Costa explica que as igrejas até têm tentado usar e desenvolver alguns tipos de arte. Porém, ainda existe muito preconceito, principalmente por parte das igrejas tradicionais, pela crença de que a arte é do mundo. Por isso, a única arte que costuma ser mantida é a música. Quando há produção artística na igreja, é comum que seja para uso próprio, ou seja, arte que fica dentro das quatro paredes e não faz diferença fora dela.<sup>138</sup>

A culpa de uma cultura artística estar ruindo a esse ponto, segundo Rookmaaker, não é apenas culpa daqueles que são contra Deus, mas também dos cristãos. O cristão não protestou e entregou o campo das artes para o mundo, e o condenou por ser mundano, e até pecaminoso. Num tempo em que as artes tomam proporções cada vez maiores com a tecnologia, ela tem sido insípida, enquanto poderia representar muito mais. O cristianismo possui a resposta, porém continua em seu silêncio, sem querer ouvir os problemas desta época. Jesus não só salva, como redime o pecador e dá respostas para este mundo.<sup>139</sup> A arte só passou a ser considerada "do mundo", porque foram os cristãos que permitiram que isso acontecesse, não exercendo mordomia por ela.<sup>140</sup>

Rookmaaker ainda diz que o artista tem um papel "profético" com sua arte, de representar o que a realidade apresenta. Nos últimos tempos essa representação tem sido do caos e da irracionalidade, mostrando a crise da sociedade. Com ela se pode ver o que é a arte de um homem sem Deus.<sup>141</sup> Para ver isso, não é preciso ir longe, pode-se ver pelos filmes, livros, galerias de arte e músicas atuais.<sup>142</sup>

O artista cristão pode ser um produtor artístico, levando as pessoas a diversas expressões transculturais e a serem edificadas através delas. Um exemplo positivo de trabalho é o Jeová Nissi, grupo de teatro cristão que tem desenvolvido um trabalho e hoje possuem um espaço próprio no qual várias pessoas têm a oportunidade de assisti-los. É uma referência a

<sup>136</sup> MARINONI, 2020. Disponível em: <https://www.transmundial.org.br/radio/programas/adoracao/o-poder-da-arte-para-o-evangelho>.

<sup>137</sup> MADUREIRA, 2018. Disponível em: <https://plataforma.martinbucer.com/course/view.php?id=18>.

<sup>138</sup> PAES, Carlito; COSTA, Sidney. **Ministério de adoração na igreja contemporânea**. São Paulo: Vida, 2003, p. 139.

<sup>139</sup> ROOKMAAKER, 2015, p. 235.

<sup>140</sup> PAES; COSTA, 2003, p. 139.

<sup>141</sup> ROOKMAAKER, 2015, p. 217-218.

<sup>142</sup> ROOKMAAKER, 2015, p. 233.

ser seguida, pois faltam lugares onde a sociedade como um todo possa participar, assistir e apreciar a arte cristã.<sup>143</sup>

Ramos afirma que o Brasil, como o mundo, também tem sido dominado por uma cultura narcisista, a qual tem influenciado diversas áreas da sociedade. Com isso, ao invés de expressar a realidade da fé e da vida, a arte tem sido mercantilizada como experiências emocionais e subjetivas. Perde-se assim o "senso objetivo de beleza". Dessa forma, a arte deixa de existir propositando significados eternos, e se detém à realidade interior do artista, reforçando o "eu" e desenvolvendo tendências individualista e egocêntricas. Com essa preocupação de atender aos desejos narcisistas, a arte no cristianismo brasileiro tem aberto tanto espaço para o emocional que não sobra lugar para a cruz.<sup>144</sup>

Algo que interfere muito nas produções artísticas é questão financeira. Marinoni diz que o cristão em geral tem o costume ruim de querer que tudo seja de graça. Quando uma arte vem de um cristão, existe resistência e grande desvalorização. Essa é uma mentalidade que precisa mudar. Mas o contrário, do superfaturamento às custas do evangelho, também deve ser evitado. Esse equilíbrio deve partir dos dois lados: do artista e do espectador.<sup>145</sup> Em adição, o investimento nas artes tem sido ínfimo.<sup>146</sup>

Existe o desafio de fazer arte e trabalhar com ela, principalmente pelo Brasil ser um país que não valoriza isso, de uma forma geral. Há grande diferença de tratamento em relação a outros países. Falta essa educação artística aos brasileiros, inclusive cristãos.<sup>147</sup>

Madureira também traz que muitos cristãos acham que qualquer coisa serve, como se Deus não se importasse com a beleza e a estética, por isso, fazem os cultos de qualquer jeito, incluindo a adoração, o templo, e assim por diante. A desculpa que se tem usado é baseada no texto de 2 Samuel 17, que diz que "Deus não vê a aparência, mas sim o coração". E com isso se interpreta errado o sentido da passagem, pois quem vê assim não observou a criação de Deus com afinco: Deus criou um mundo belo, com detalhes, cores, harmonia. Deus não se preocupa apenas com o coração, mas com o todo.<sup>148</sup>

Madureira completa seu pensamento dizendo que é perceptível uma volta do povo evangélico ao gnosticismo: um desprezo pelo material e supervalorização da alma, do que está no coração. Porém, a teologia evangélica leva a buscar a integralidade: o interior e o exterior para a glória de Deus.<sup>149</sup>

O mesmo autor ainda diz que, por vezes se usa Deus como pretexto para fazer um espetáculo a si mesmo, ao próprio gosto, que muitas vezes é mau gosto. Há música de má qualidade, arquitetura sem interesse com a excelência estética. Ademais, não tem havido uma

<sup>143</sup> MARINONI, 2020. Disponível em: <https://www.transmundial.org.br/radio/programas/adoracao/o-poder-da-arte-para-o-evangelho>

<sup>144</sup> RAMOS, Leonardo (et. al): org. **Fé e cultura cristã contemporânea**. Viçosa: Ultimato, 2009, p. 202, 203.

<sup>145</sup> MARINONI, 2020. Disponível em: <https://www.transmundial.org.br/radio/programas/adoracao/o-poder-da-arte-para-o-evangelho>

<sup>146</sup> MADUREIRA, 2018. Disponível em: <https://plataforma.martinbucer.com/course/view.php?id=18>

<sup>147</sup> MARINONI, 2020. Disponível em: <https://www.transmundial.org.br/radio/programas/adoracao/o-poder-da-arte-para-o-evangelho>

<sup>148</sup> MADUREIRA, 2018. Disponível em: <https://plataforma.martinbucer.com/course/view.php?id=18>.

<sup>149</sup> MADUREIRA, 2018. Disponível em: <https://plataforma.martinbucer.com/course/view.php?id=18>.

preocupação de como se apresentar à sociedade: com excelência, bons argumentos e base sólida. Não tem se dado a devida importância à arte.<sup>150</sup>

O mais complicado é o argumento que se pode usar qualquer tipo de arte, desde que seja para a evangelização. Desse modo, segundo Madureira, se reduziu toda a produção artística à evangelização. Não é errado ser usado para esse fim, pode ser usado. O que não deveria é reduzir a arte a apenas essa utilidade. Consequências disso foram as limitações de muitos artistas, de toda sua capacidade, só à pregação.<sup>151</sup>

Portanto, o que tem marcado as artes e as iniciativas culturais nesse século, de acordo com Schaeffer, autor e diretor cinematográfico cristão, é sua "dependência da mediocridade". Isso tem trazido consequências amargas, destruindo esses instintos para criar que Deus deu. E com o abandono da criatividade e expressões artísticas do homem, se perde uma grande parte da influência na sociedade, e a capacidade de ser o "sal da terra" é tremendamente afetada.<sup>152</sup>

Nessa mesma linha de pensamento, Marinoni afirma que o cristão tem feito muita arte de má qualidade, por preguiça e até por medo, por não querer se envolver com cursos "seculares", ao invés de buscar ser a diferença lá. Não se deve criar uma arte que dá vergonha de apresentar, por ser malfeita. É preciso profissionalismo e preparação dos artistas. Muitos ficaram para trás por falta dessa busca, porém está se formando uma geração que vai atrás disso tudo e está com o coração em Cristo, sabendo a hora de atuar.<sup>153</sup>

Além de perder a oportunidade de dar uma resposta ao mundo com produções que contêm princípios cristãos, o cristão tem criticado e reclamado demais ao invés de fazer alguma coisa. A crítica se torna tão influente que se acaba apontando para aquilo e fazendo esse trabalho conhecido. Neste sentido, Renato Marinoni comenta: "Até quando vamos ficar boicotando, falando mal, ao invés de responder com uma arte bem-produzida e falar: beleza, fiquem aí vocês com essa, aqui está a nossa resposta: olha essa arte que a gente fez".<sup>154</sup>

Tendo em vista a influência que a arte exerceu e exerce sobre todo o trabalho eclesial, é necessário um estudo a respeito da relação da mesma com o cristão, a sociedade e sobre sua aplicação prática e espiritual.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a realização desta pesquisa, foi possível chegar a várias considerações e novas perspectivas sobre a arte e a história da arte cristã. Percebeu-se a amplitude e a complexidade do tema, bem como sua relevância para o cristão e a necessidade de aprofundamento sobre ele.

<sup>150</sup> MADUREIRA, 2018. Disponível em: <https://plataforma.martinbucer.com/course/view.php?id=18>.

<sup>151</sup> MADUREIRA, 2018. Disponível em: <https://plataforma.martinbucer.com/course/view.php?id=18>.

<sup>152</sup> SCHAEFFER, Frank. **Viciados em mediocridade: cristianismo contemporâneo e as artes**. São Paulo: W4, 2019, p. 20.

<sup>153</sup> MARINONI, 2020. Disponível em: <https://www.transmundial.org.br/radio/programas/adoracao/o-poder-da-arte-para-o-evangelho>.

<sup>154</sup> MARINONI, 2020. Disponível em: <https://www.transmundial.org.br/radio/programas/adoracao/o-poder-da-arte-para-o-evangelho>.

Na busca por fundamentos da arte, percebeu-se o quanto sua definição é controversa e abrange várias questões, ficando ela a cargo das diferentes visões dos estudiosos do assunto, da época e da atuação dos artistas em cada tempo. Mesmo assim, pode-se dizer que a arte é uma capacidade ou habilidade do homem de criar, expressando e comunicando algo através da mesma usando os mais diversos meios.

Pôde-se perceber que existem muitos tipos diferentes de expressões artísticas, assim como surgem novos tipos e outros vão mudando no decorrer do tempo. Com uma breve descrição dos tipos de arte mais conhecidos e utilizados, pôde-se notar sua presença marcante na vida das pessoas, bem como suas influências e, ainda, como cada área tem seus desafios aos artistas. Quer se perceba ou não, a arte está presente em praticamente tudo, pois é uma forma de expressão do ser humano, de embelezar, de emocionar, de entreter, de ensinar e comunicar. Com isso, chega-se às suas funções, que são várias e não podem ser taxativas, nem usadas como padrão universal, mas dependem muito do artista e seus objetivos. Por fim, a arte em toda a sua complexidade de significação, riqueza de ramificações e funções que abrilhantam a vida é muito maior do que o valor que tem recebido.

O caminho histórico da arte cristã percorrido nesta pesquisa teve como objetivo analisar seu andamento desde a Igreja Primitiva, já na era cristã, e mostrou como houve uma preocupação pelas produções artísticas por parte da comunidade. Apesar da Idade Média ser considerada por muitos como a "Idade das Trevas", em relação à arte é possível afirmar que foi o período em que a igreja se encontrou em seu auge artístico, com uma produção muito rica e apoio aos artistas eclesiásticos.

Apesar de tudo o que foi positivo e autêntico na Reforma Protestante, ela foi conflituosa em relação à arte, como foi revelado através desta pesquisa. Alguns reformadores foram a favor da arte, levando artistas a experimentarem a liberdade de criar inerente ao ser humano. Mas outros a vetaram radicalmente, deixando os templos e cultos praticamente desprovidos de arte. Esse dualismo que se formou trouxe consequências até os dias atuais.

Percebe-se que na atualidade a arte está em crise no meio cristão. Muitos não a usam por não entenderem a sua necessidade e a sua importância, enquanto outros não sabem se podem ou não usá-la e nem como. Outros ainda a usam de maneira medíocre. Há sim arte boa feita por cristãos, mas sua expressividade é baixa no Brasil em razão do cristão fazer arte de forma tímida e vacilante ainda. O que a pesquisa relevou também é que tudo isso envolve uma falta de entendimento bíblico a respeito do assunto.

Isso posto, o assunto não se encerra aqui, mas demanda e provoca pesquisas futuras e mais aprofundadas. Que lições podem ser aprendidas com o período histórico da Reforma Protestante até o dia de hoje, que não foi abordado nesta pesquisa? Como podem ser usados cada tipo de arte em específico na estrutura e na liturgia da igreja? As pessoas estão preparadas para aceitar o uso das artes na igreja ou isso ainda é um tabu? Esses são apenas alguns dos questionamentos que podem ser levantados acerca do tema.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Amanda. E a arte? O que a Reforma tem a ver com ela? **Ultimato**. Viçosa: Ultimato, 2016. Disponível em: <https://www.ultimato.com.br/conteudo/e-a-arte-o-que-a-reforma-teve-a-ver-com-ela#arte+na+igreja>. Acesso em: 15 abr. 2021.
- AULETE DIGITAL. **Aulete**. [S.l.]: Lexicon Editora Digital, 20-?. Disponível em: <https://www.aulete.com.br/>. Acesso em: 10 mar. 2021.
- BORGES, Gerson. Como ser evangélico sem deixar de ser brasileiro. **Ultimato**. Viçosa: Ultimato, 2015. Disponível em: <https://www.ultimato.com.br/conteudo/como-ser-evangelico-sem-deixar-de-ser-brasileiro>. Acesso em: 21 abr. 2021.
- Encyclopedia Britannica**. Chicago: Incorporated, 2019. Disponível em: <https://www.britannica.com/>. Acesso em: 30 Mar. 2021.
- ESAAK, Shelley. The Most Important Functions of Art. **ThoughtCo**. New York: Dotdash, 2020. Disponível em: [thoughtco.com/what-are-the-functions-of-art-182414](https://www.thoughtco.com/what-are-the-functions-of-art-182414). Acesso em: 29 mar. 2021.
- FUKS, Rebeca. **Cultura Genial**. [S.l.]: 7Graus. Disponível em: <https://www.culturagenial.com/o-que-e-arte/>. Acesso em 22 fev. 2021.
- GOMBRICH, Ernst H. **A história da arte**. 16.ed. Rio de Janeiro: LTC, 2000. 449 p.
- GONZÁLEZ, Justo L. **Cultura e evangelho: o lugar da cultura no plano de Deus**. São Paulo: Hagnos, 2011. 151 p.
- HUSTAD, Donald P. **Jubilate!**: a música na igreja. Tradução de Adiel Almeida de Oliveira. São Paulo: Vida Nova, 1986. 310 p.
- IMBROISI, Margaret; MARTINS, Simone. **História das artes**. [S.l.: S.n.], 2021. Disponível em: <http://www.historiadasartes.com/olho-vivo/>. Acesso em: 22 fev. 2021.
- KRÜGER, Harriet Wondracek. **A teologia que vem dos palcos evangélicos**. Curitiba: ADSantos, 2017. 223 p.
- LINDBERG, Carter. **História da reforma**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017. 525 p.
- LOMBARDI, Esther. What Literature Can Teach Us. **ThoughtCo**. New York: Dotdash, 2021. Disponível em: [thoughtco.com/what-is-literature-740531](https://www.thoughtco.com/what-is-literature-740531). Acesso em: 22 mar. 2021.
- LUMEN LEARNING. **Lumen**. Montreal: Pressbooks, 2021, Disponível em: <https://courses.lumenlearning.com/>. Acesso em: 06 mar. 2021.
- MADUREIRA, Jonas. **O cristão e a arte**. Academia da devoção. São José dos Campos: Seminário Martin Bucer, 2018. Vídeo. Disponível em: <https://plataforma.martinbucer.com/course/view.php?id=18>. Acesso em 15 abr. 2021.

MARINONI, Renato (et. al). **O cristão e a cultura**. #Adoração. [S. l.]: Transmundial/IACA, 2020. PODCAST. Disponível em:  
<https://www.transmundial.org.br/radio/programas/adoracao/o-poder-da-arte-para-o-evangelho>. Acesso em 14 abr. 2021.

MARINONI, Renato (et. al). **O poder da arte para o Evangelho** - parte 2. #Adoração. [S. l.]: Transmundial/IACA, 2020. PODCAST. Disponível em:  
<https://www.transmundial.org.br/radio/programas/adoracao/o-poder-da-arte-para-o-evangelho>. Acesso em 14 abr. 2021.

MARINONI, Renato (et. al). **O poder da arte para o Evangelho**. #Adoração. [S. l.]: Transmundial/IACA, 2020. PODCAST. Disponível em:  
<https://www.transmundial.org.br/radio/programas/adoracao/o-poder-da-arte-para-o-evangelho>. Acesso em 14 abr. 2021.

MARTIN, Ralph P. **Adoração na igreja primitiva**. Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 1982. 165 p.

MERRIAM-WEBSTER. **Merriam-Webster**. Springfield: Incorporated, 2021. Disponível em:  
<https://www.merriam-webster.com/dictionary/>. Acesso em: 13 de mar. 2021.

MICHAELIS. **Michaelis**. [S.l.]: Melhoramentos Ltda, 20-? Disponível em:  
<https://michaelis.uol.com.br/>. Acesso em 10 mar. 2021.

NONELL, J. Bassegoda. **Atlas de história da arte**. Trad. Maria T. Romano. Rio de Janeiro: Ediciones Jover, 1980. 80 p.

PAES, Carlito; COSTA, Sidney. **Ministério de adoração na igreja contemporânea**. São Paulo: Vida, 2003, 178 p.

PROENÇA, Graça. **Descobrimos a história da arte**: livro do professor. São Paulo: Ática, 2005. 248 p.

ROOKMAAKER, Hans R. **A arte e a morte de uma cultura**. Tradução de Valéria Lamim D. F. Viçosa: Ultimato, 2015. 279 p.

ROOKMAAKER, Hans R. **A arte não precisa de justificativa**. Tradução de Fernando Guarany Jr. Viçosa: Ultimato, 2010. 80 p.



# Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878



Ensaio Teológico está licenciada com uma Licença Creative Commons  
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

## A NECESSIDADE DO EVANGELHO PARA OS SURDOS

MANHÃES, Marília Moraes. **Clamor do silêncio**  
I: evangelização discipuladora de surdos.  
Rio de Janeiro: JMN, 2019. 136p.

Eduardo Leimann Balaniuk<sup>1</sup>

Diante da necessidade de evangelização discipuladora para surdos, a editora Missões Nacionais traz à luz a obra intitulada “*Clamor do silêncio I: evangelização discipuladora de surdos*”, de Marília Manhães. A obra não fica apenas no âmbito teórico, mas cada página traz ensinamentos práticos de levar a mensagem de Cristo para as comunidades surdas. Manhães é mestre em missiologia e estudos teológicos pelo *Southeastern Baptist Theological Seminary (USA)*. Coordena Missões com Surdos de Missões Nacionais desde 2000. A autora já escreveu vários livros sobre a evangelização de surdos, assunto também abordado na presente obra.

A autora introduz o livro destacando a sua vontade em buscar ajudar as igrejas e obreiros que desejam atuar na evangelização de surdos. Isso acontecerá quando a estratégia de relacionamento discipulador acontecer. Nesta breve introdução, Manhães destaca que este livro é apenas o primeiro de dois volumes. No primeiro capítulo “O povo surdo diante da grande comissão”, a autora busca elucidar o mandamento de Jesus para que não seja feito apenas para um grupo, mas para todos os grupos de pessoas. Isso se dará através da força missionária envolvida também na anunciação do Evangelho entre os surdos.

O tema sobre o povo surdo é relatado em diversas partes da história, por isso o segundo capítulo busca descrever a breve história dos surdos. A importância do cuidado ao surdo era vista desde o Antigo Testamento, através das Leis dada ao povo de Israel, Deus manifestava cuidado a cada ser humano, independente da condição física. Este cuidado também foi

<sup>1</sup> O autor é mestre em Teologia pelas Faculdades Batista do Paraná. Bacharel em Teologia pela Faculdade Batista Pioneira em Ijuí. E-mail: eduardo@batistapioneira.edu.br

descrito no Novo Testamento quando Jesus dá dignidade para as pessoas com deficiência. Manhães aponta para a língua visuoespacial como ponto positivo e a obrigação da oralidade como ponto negativo para a vida dos surdos na história. Destacando como as comunidades surdas expressam sua identidade por meio das experiências visuoespaciais, a autora mostra que tudo isso reforça o desafio missiológico de ir até as comunidades surdas para fazer discípulos entre eles.

Compreendendo a cosmovisão do surdo é o terceiro capítulo descrito pela autora. Manhães trata a visão de mundo das comunidades surdas e suas implicações para a prática missionária. Sobre isso a autora mostra que o povo surdo se caracteriza como uma sociedade culturalmente distinta que carece de ações missionárias contextualizadas entre os surdos. Uma vez que os surdos encontram facilidade em se comunicar com seus pares, eles tendem a se aglomerar em focos etnográficos. Manhães aponta que este fenômeno faz parte da cultura surda e corresponde ao sentimento de pertencer a um grupo. Além disso, entender a cosmovisão do indivíduo surdo é saber que o mundo em que está inserido acontece de forma visuoespacial.

Para que a ação missionária com a comunidade surda possa ser efetiva, é necessário conhecer as barreiras existentes, por isso no terceiro capítulo a autora escreve sobre vencendo as resistências. Neste capítulo, trata-se que o povo surdo anseia por ser tratado com igualdade e ter a liberdade de se expressar em sua própria língua. Manhães descreve que a comunidade surda pode entender as necessidades espirituais e ensinamentos bíblicos através do discipulado cristão, o qual deve ser exercido por cada cristão.

Entender o surdo e a comunicação que ele utiliza é fundamental para que o Evangelho seja anunciado com clareza e comece a fazer parte desta comunidade. Pensando nisso, a autora apresenta uma breve introdução à língua brasileira de sinais (Libras). Segundo Manhães, aprender e colocar em prática os aspectos linguísticos da Libras fornece total compreensão aos seus usuários. Assim, a comunicação fluida através da língua de sinais é essencial para a manutenção da dignidade das comunidades surdas. A autora enfatiza que para anunciar o Evangelho deve-se primeiro amar e aprender a língua de sinais.

Evangelização discipuladora de surdos é o sexto capítulo desta obra. Manhães aponta para a urgência de que o Evangelho seja feito não apenas pelo ouvinte com o surdo, mas entre os surdos com os surdos. Para uma eficaz multiplicação de discípulos de Cristo, é importante conhecer a cultura da comunidade surda, a qual refere-se a três áreas: cognitiva, afetiva e avaliativa. A autora ainda enfatiza que explicar o Evangelho, cuidar de vidas e formar líderes são dimensões do discipulado à luz da Grande Comissão. Dessa forma, ter em Cristo o modelo de testemunho e de vida cristã para que seja feita a vontade de Deus.

Além da importância de entender as dimensões do discipulado e a cultura surda, o relacionamento discipulador com surdos é o tema do capítulo sete. A autora destaca que desenvolver um relacionamento discipulador é criar vínculos intencionais com o surdo, com a intenção de torná-lo discípulo de Jesus. Manhães apresenta seis elementos do relacionamento discipulador: relacionar, acolher, interceder, zelar, ensinar o Evangelho,

solicitar contas. Tudo isso acontecerá quando o líder discipulador conseguir auxiliar o surdo a permanecer firme na Palavra e motivá-lo a ser um discípulo multiplicador.

Manhães apresenta que ao se tornar discípulo de Cristo, é importante que o surdo participe de grupos de estudo da Bíblia para que possa se fortalecer em relacionamentos discipuladores e cresça em entendimento da Bíblia. A autora trata deste assunto no oitavo capítulo da obra, promovendo o conceito de pequeno grupo multiplicador como estratégia para o cumprimento da Grande Comissão.

Manhães encerra esta obra com o nono capítulo descrevendo a evangelização discipuladora da criança surda e *coda* (criança ouvinte, filha de pais surdos). Quanto a este tipo de ensino, cabe ao líder ficar atento ao modo como a criança se comunicará, a fim de que, efetivamente, seja discipulada. Então, a autora conclui a obra mostrando que as igrejas precisam estar atentas ao clamor dos milhões de surdos no Brasil. Ainda na parte final apresenta apêndices para auxiliar em projetos de alcance de surdos e guia para colocar em prática este livro.

Nesta obra, Manhães utiliza sua experiência pessoal com o trabalho na comunidade surda para mostrar que a evangelização de surdos é possível. Manhães frequentemente mostra a terminologia evangelização discipuladora destacando a definição do termo com a ideia de não apenas falar, mas andar junto com a pessoa. A autora utiliza uma linguagem clara e a forma como está elaborada a distribuição dos capítulos colabora para a leitura da obra. Este livro é recomendado para pessoas interessadas em ministério com surdos, mas também para pastores, seminaristas e cristãos em geral que desejam compreender a proposta de um clamor evangelístico para milhões de surdos no Brasil.

# Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878



Ensaio Teológico está licenciada com uma Licença Creative Commons  
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

## A IMPORTÂNCIA DO PLANEJAMENTO PRÁTICO PARA EDUCAÇÃO CRISTÃ BÍBLICA NA IGREJA

DOMINGUES, Gleyds. **Diretrizes para a educação cristã bíblica**: por uma nova proposta educacional. Curitiba: Emanuel, 2018.

Jucineuza de Alencar Pereira Chaves Cavalcanti<sup>1</sup>

Gleyds Silva Domingues é pedagoga, teóloga e educadora cristã. É mestre em Educação e doutora em Teologia. Possui também Pós-Doutorado em Educação e Religião. Como pesquisadora atua no Núcleo Paranaense de Pesquisa em Religião (NUPPER), no Grupo de Pesquisa em Laboratório, Currículo e Formação de Professores (LAPPUC), no Grupo de Pesquisa Práxis Educativa na Formação e no Ensino Bíblico e no Grupo de Pesquisa Interpretação, Atualização e Transmissão dos Ensinos Bíblicos. É palestrante nas seguintes temáticas: literatura infantil, formação do leitor, prática educativa, cosmovisão e didática. Atualmente é professora das Faculdades Batista do Paraná. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Gestão e Formação de Professores. É casada com Emanuel e mãe de Ana Carolina e Paulo Henrique.

Este livro, lançado em sua primeira edição no ano de 2018, pela Editora Emanuel, tem por objetivo apresentar uma reflexão construtiva sobre a necessidade de ser priorizado no âmbito das igrejas cristãs uma proposta de educação cristã com ênfase numa cosmovisão cristã bíblica e ética, que funcione como base para a formação educacional dos cristãos para

<sup>1</sup> Graduada em Licenciatura Plena em Pedagogia pela Universidade Federal do Maranhão; Pós-graduada em Psicopedagogia pela Universidade CEUMA; Pós-graduada em Docência no Ensino Religioso nas Faculdades Batista do Paraná; Pós-Graduada em Educação Inclusiva pelo Centro Universitário Estácio de Ribeirão Preto; Pós-Graduada em Gestão da Educação pela Faculdade Alagoana de pesquisa, educação e Cultura FAPEC/FAT; Mestranda em Teologia Profissional pelas Faculdades Batista do Paraná. E-mail: [jucineuzaalencar@gmail.com](mailto:jucineuzaalencar@gmail.com)

a vivência diária em sociedade. Nesta perspectiva, a autora pretende apresentar uma proposta educacional com suporte de valores e princípios cristãos, para a atuação eclesial na contemporaneidade.

Ao apresentar a dedicatória no início da obra, a autora destaca a importância dos seus mestres que investiram na sua formação ministerial e também a importância de sua família neste processo de construção e publicação da obra em destaque. Gleyds Domingues coloca que “é a Educação Cristã, sentido que se completa, numa perspectiva essencialmente bíblica” (p. 5).

O prefácio da obra, escrito pela doutora Clélia Peretti, professora da PUC-PR, destaca a importância da cosmovisão cristã presente na obra, com foco teoreferente, funcionando como fundamento e proposta para o diálogo do cristão com outras visões de mundo presentes no meio social. Para a prefaciadora, “o princípio da educação cristã bíblica e pensar o ser humano – a imagem e semelhança de Deus e sua capacidade de ser renovado à imagem de Deus” (p. 7). O foco da educação cristã por princípios é o desenvolvimento da fé, enfim, a maturidade cristã. Isso dentro do contexto eclesial voltado para a convivência e influência cristã na sociedade.

Com a intenção de facilitar a leitura, a autora divide a obra em três partes bem estruturadas com subtemas que discorrem em detalhes sobre a temática maior, que possibilitam melhor compreensão da educação cristã por princípios. O sumário mostra, além de sua dedicatória, o prefácio do livro e a seção inicial chamada de “Uma Reflexão”, seguindo-se toda a temática presente em cada uma das partes que têm por título: Onde Estamos?; De Onde Partimos?; Para Onde Vamos?. Na primeira parte são explorados os subtemas: visão de mundo; por uma cosmovisão cristã teoreferente; as imagens construídas na sociedade atual; os significados da primeira imagem; a influência do pós-modernismo; a família e a sociedade; um olhar sobre a comunidade eclesial; ausência de sentido; a educação cristã e a perspectiva cristã da ética. Na segunda parte são abordados o processo educativo; os elementos constitutivos de sua prática; o lugar do discurso; o processo comunicacional. Na última seção os subtemas são a tentativa de construção do caminho aos caminhos; por uma educação cristã por princípios; a proposta educacional e o currículo; composição curricular; eleição das dimensões curriculares; o compromisso de educadores. Por fim, são apresentadas reflexões finais acerca do tema com finalidade de deixar contribuição e deixar abertura à novas pesquisas na área.

Para possibilitar melhor fixação do conteúdo proposto em cada capítulo, observa-se a presença aleatória ao longo do livro de retângulos em destaque com recortes de textos que chamam a atenção no decorrer da leitura do livro. Ainda se visualizam imagens específicas com propósito de dinamizar a transmissão de conteúdo da pesquisa em questão. As notas de rodapés ao longo dos capítulos propõem além de referências pesquisadas, explicações em detalhes de termos em destaque na escrita da obra. Gráficos explicativos e comparativos em locais específicos também irão contribuir para a transmissão de conhecimento proposto pela literatura.

Vale ressaltar que o endosso do livro, presente na contracapa, extraído do prefácio da obra, destaca que o livro convida o leitor “a mergulhar no ‘espírito’ das páginas do livro, num processo educativo, com o intuito de despertar o que está adormecido na sociedade, ativar o protagonismo do próprio grupo e suas potencialidades”. Neste espaço conclui-se que “viver com esperança é uma forma de manter acesa a chama da educação cristã bíblica”.

A parte introdutória do livro apresenta uma reflexão inicial acerca da educação e do processo educativo. É feito destaque a educação cristã bíblica e referendado a proposta integral (física, afetiva, cognitiva, espiritual) de formação humana, “possibilitando o aprendente olhar com criticidade para a sociedade, a fim de filtrar conceitos, posturas e valores que se mostram contrários à verdade revelada” (p. 14). O objetivo autoral é reforçar a importância do comprometimento com as Escrituras na vivência social. Ainda são apresentados vários textos bíblicos ligados à educação e feito destaque a instituição família “como espaço de ensino e aprendizagem por excelência que não pode ser desprezada” (p. 17). A autora finaliza a seção inicial reforçando a necessidade de se viver com esperança e foco na educação cristã bíblica.

A primeira parte da obra tem por objetivo responder a pergunta: “Onde Estamos?”. Para tanto, a pesquisadora faz uso de vários subtemas distribuídos ao longo desta seção maior. O subtema que apresenta conceitos e características da visão de mundo tem responsabilidade de mostrar que existem uma multiplicidade delas, e que as mesmas estão relacionadas ou são construídas a partir da associação com o “tempo, à cultura, às crenças, ao lugar, à história, ao grupo social e ao próprio contexto em que cada sujeito está inserido” (p. 20). A proposta de uma cosmovisão cristã teorreferente é apresentada e conceituada nesta seção. Ela reforça que seu pressuposto de partida é Deus como “Criador de todas as coisas, incluindo matéria e espírito” (p. 26). As imagens construídas pela sociedade atual e a influência da leitura de mundo pós-moderna estão no seguimento da primeira parte, com o intuito de levantar preocupação diante daquilo que a visão contemporânea tem imposto a sociedade com proposta líquida, relativa e de descrédito a proposta bíblica de visão de mundo e vivência em sociedade. Nesta proposta, “os valores são subjetivos, ou seja, cada um escolhe e decide como quer viver. Não há espaço para ação e intervenção de um Deus pessoal na história e na vida dos homens e da sociedade” (p. 36). Ainda é abordado nesta seção a relação da família com a sociedade e apresentado um olhar sobre a comunidade eclesial. Domingues reforça que “a educação cristã bíblica precisa ser alimentada, experimentada, vivenciada e valorizada na vida” (p. 47). A autora finaliza a seção, fazendo destaque a defesa dos princípios bíblicos que são imutáveis e referendando a ética na proposta cristã da educação com objetivo de impactar o “pensar, sentir, fazer e agir do ser humano” (p. 55).

A segunda parte da obra tem por objetivo maior responder a pergunta: “De Onde Partimos?”. Esta seção apresenta como ponto de partida a proposta da educação cristã bíblica. O livro de Deuteronômio em seu capítulo seis na Bíblia Sagrada é referendado como base para a proposição. A partir desta passagem, a autora coloca sobre a questão familiar no processo educacional que “o papel destinado aos pais no processo formativo deve ser levado em consideração, uma vez que é por sua influência que as novas gerações são formadas no

contexto de uma fé prática e vivencial” (p. 64). O processo educativo sobre saberes e competências é trabalhado nesta seção. Aqui é abordado acerca do ato de construção e produção de saberes (p. 68). Ainda é dado ênfase, nesta parte da obra, nos elementos constitutivos da prática educativa. São mencionados os personagens presentes neste processo, que são: o professor, o aluno, a comunidade e a escola. É trabalhado a questão da gestão do processo educativo e os resultados esperados. Por fim, a seção finaliza fazendo destaque à importância do discurso dentro do contexto de ensino aprendizagem. O processo de comunicação é mencionado e ressalta a importância da transmissão do ensino e a recepção por parte do educando. “O ato comunicativo é por excelência interacional” (p. 78).

Na terceira e última seção do livro a pergunta a ser respondida é “Para Onde Vamos?”. Aqui é levantada a bandeira por uma educação por princípios, defendendo uma cosmovisão cristã bíblica que entenda a vida de maneira plena, sem separação entre o espiritual e o secular, numa proposição de ações humanas que refletem a glória de Deus. O amor a Deus e ao próximo é destacado e a excelência prática da cosmovisão cristã deve alcançar o saber, o fazer e o ser (p. 92). Aqui é retomado o foco na formação integral do ser humano, tendo por base os princípios da Palavra de Deus. Também é conceituada a Educação por Princípios: “é uma maneira de ensinar e aprender que coloca a Bíblia no coração de cada matéria e ensina o aluno como aprender e pensar por princípios” (p. 94). A autora ainda apresenta a proposta educacional ligada ao currículo a ser construída e aplicada com propósito da formação humana. Domingues propõe um eixo central permeado por dimensões específicas na construção do currículo educacional. Nesta composição, enfatiza que o currículo precisa estar ligado à realidade para possibilitar um melhor enfrentamento das lutas e desafios impostos pela vivência social. As dimensões curriculares apresentadas pela autora são: “origem da vida; sentido, missão e propósito do ser humano; continuidade e terminalidade da vida; ética” (p. 109-110). É dado ainda ênfase no compromisso dos educadores no processo de ensino aprendizagem e finalizada a seção com a proposta da educação cristã bíblica que é “o projeto e a proposta educativa; os princípios eternos; a cosmovisão teoreferente; e o compromisso dos educadores no processo formativo” (p. 111).

A autora conclui a sua exposição, apresentando reflexões consideradas mais que considerações finais. Nesta parte reforça que “a cosmovisão cristã bíblica estabelece pressupostos de fé que irão fazer parte da vida de homens e mulheres, os quais respaldam suas decisões, seus comportamentos, suas atitudes, ou seja, sua visão de mundo” (p. 117). Ainda destaca a importância da formação do ser humano como proposta principal da educação cristã bíblica, fazendo destaque a instituição da família como local de origem do processo educacional.

Após as referências bibliográficas pesquisadas para a construção do conteúdo da obra em questão, visualiza-se ainda um índice por temas específicos que facilitará futuras pesquisas realizadas na área da educação cristã bíblica. Nesta seção, observa-se palavras-chave dentro de uma sequência alfabética, sendo destacadas com páginas em que as mesmas aparecem na obra.



É uma obra que presenteia o público de forma geral e todo estudante de eclesiologia e educação cristã nos seminários confessionais e até não confessionais cristãos em todo Brasil. A obra contribui com a divulgação de uma proposta educacional contemporânea embasada nas Escrituras Sagradas, com a finalidade de possibilitar a formação mais equilibrada e coerente do ser humano, segundo os princípios eternos da Palavra de Deus, proporcionando uma vivência melhor em sociedade.

O livro “Diretrizes para a educação cristã bíblica: por uma nova proposta educacional” de Gleyds Silva Domingues é uma obra a ser apreciada por todo professor, estudante de Teologia e Educação Cristã, pastores, educadores, líderes e membros de igreja local que deseja ter um conhecimento profundo acerca dos princípios bíblicos presentes na educação cristã com foco de construção de visão de mundo teorreferente, ou seja, dirigido por Deus.

## NORMAS PARA PUBLICAÇÃO

Serão aceitos, para avaliação pela comissão editorial/consultiva, artigos científicos, resenhas de literatura, relatos de casos, comunicações breves, e outros artigos que estejam relacionados aos objetivos de divulgação da Revista. O material é encaminhado aos consultores e revisores, que decidirão sobre a conveniência da publicação, de forma integral ou parcial, encaminhando ao autor sugestões e possíveis correções. Os artigos serão analisados no sistema *Double Blind Review* (dupla avaliação cega, ou seja, autores e pareceristas permanecem anônimos durante o trabalho de edição), sendo necessária para a publicação a aprovação de pelo menos dois pareceristas.

Os artigos deverão ser enviados em formato de arquivo digital para o e-mail [marivete@batistapioneira.edu.br](mailto:marivete@batistapioneira.edu.br)

A Revista Ensaios Teológicos foi licenciada com uma *Licença Creative Commons*. O seu conteúdo é compartilhado no sistema Open Journal Systems, mas com determinadas restrições. A licença indica que há permissão para download e compartilhamento, desde que atribuam crédito à revista e ao autor de cada conteúdo, sem que seu conteúdo seja alterado e sem permissão para fins comerciais.



Ensaios Teológicos está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição – Não Comercial – Sem Derivações - 4.0 Internacional

### Digitação

O texto deverá ser digitado com o uso do editor de texto “Microsoft Word for Windows”, em formato A4 (21,0 x 29,7), com margem esquerda de 2,5 cm e margens direita, superior e inferior de 2,0 cm, fonte “Times New Roman”. No caso de uso de fonte especiais, especialmente das línguas originais, deve-se informar a fonte utilizada e enviá-la juntamente com o artigo.

### Resumo / Abstract

O resumo e sua tradução para o inglês, o abstract, não podem ultrapassar 250 palavras, com informações que permitam uma adequada caracterização do artigo como um todo. No caso de artigos científicos, o resumo deve informar o objetivo, a metodologia aplicada e os resultados principais. Deverão ser apresentadas de 3 a 5 palavras-chave (keywords) logo após ao Resumo e Abstract.

### Texto principal

O título do artigo deverá ser escrito em negrito, letras maiúsculas, centralizado, fonte tamanho 16. Os subtítulos deverão ser alinhados à esquerda (sem recuo), negrito e fonte

tamanho 12. O texto padrão também deve ser em fonte tamanho 12, com espaçamento simples entrelinhas. Citações deverão ser digitadas em fonte tamanho 11, com recuo da margem esquerda de 4,0 cm, e notas de rodapé digitadas em fonte tamanho 10. No decorrer do texto, as referências deverão ser feitas em nota de rodapé, sendo que a primeira ocorrência deverá ser completa e as subseqüentes deverão obedecer ao padrão “AUTOR, data, página”.

Recomenda-se que os artigos contenham de 30 a 50 mil caracteres (incluídos os títulos, notas e espaços). As abreviaturas utilizadas devem obedecer às convenções universais e, quando for o caso, abreviaturas não convencionais poderão ser usadas, seguidas de sua forma em extenso, entre parêntesis, na sua primeira citação.

### **Referências**

A lista de referências efetivamente utilizadas no artigo deverá ser apresentada ao final, em ordem alfabética por sobrenome de autores, de acordo com a Norma ABNT/NBR-6023 da Associação Brasileira de Normas Técnicas. Obras anônimas tem sua entrada a partir do título do artigo ou pela entidade responsável por sua publicação. A referência deve ser alinhada à esquerda, sem recuo para a sua segunda linha.

### **Resenhas**

Resenhas deverão ser de obras literárias recentes (máximo 3 anos de publicação) e devem conter no máximo duas páginas em A4, fonte Times New Roman, tamanho 12. Devem conter título criativo, referência completa da obra, síntese dos temas abordados e crítica da obra ao final da mesma.